



MV SIS DICATVM

HO SEITIMO liuro da histo

ria do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses.

Feyto por Fernã Lopez de Castanheda.

Com priuilegio Real.

1554.



Priuilégio que ho muyto alto, z muyto poderoso Rey dom João ho terceiro deste nome deu a Fernão lopez de Castanbeda pera os liuros da historia do descobrimento z conquista da India pelos Portuguezes.



Qelrey faço saber a quãtos este meu aluara virem q̄ Fernão lopez de castanbeda/ bedel da facultade das artes da vniuersidade de Coimbra me enuiou dizer q̄ ele tinha feytos dez liuros da historia da India/ q̄ começauão do descobrimento dela: dos q̄es tinha impressos á sua custa ho primeyro liuro/ z queria imprimir os outros. E porq̄ auia mais de vinte annos que andaua ocupado no fazer da dita historia: z tinha levado nisso muyto trabalho/ z feyto muyto gasto de sua fazenda: me pedia q̄ ouuelle por bem/ q̄ pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não ele Fernão lopez, nê os vèder, nê trazer de fora do reyno polo tempo/ z sob as penas q̄ me bẽ parecesse. E visto seu requerimento, z auêdo respeyto ao trabalho q̄ tem levado em fazer os ditos liuros/ z a despesa q̄ nisso tẽ feyta/ me praz q̄ por tempo de dez annos q̄ se começarão da feytura deste em diante/ pessoa algũa de qlquer qualidade que seja/ não possa imprimir/ nê mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India/ nê cada hũ deles, nê os possa trazer/ nê mãdar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez/ ou quẽ seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor/ ou liureiro, ou pessoas q̄ os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vèder, ou teuer em sua casa, ou trouuer imprimidos de fora do reyno/ perder os volumes q̄ lhe forem achados z pagar cincoenta cruzados, ametade pera os catiuos, z a outra metade pera quẽ os acular. E este se imprimira no principio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo ql mando a todos os corregedores/ iuyzes, z iusticias/ officiaes z pessoas de meus reynos z senhorios q̄ assi ho cumprãõ z goardẽ/ z façãõ inteiramente cõprir z goardar/ porq̄ assi ho ey por bẽ. E este me praz q̄ valha/ z tenha forza z vigor/ como se fosse carta feyta em meu nome por mim assinada z passada por minha chancelaria: posto q̄ este não seja passado pola dita chancelaria/ sem embargo das ordenações do segundo liuro, q̄ ho cõtraíro dispõe. João de scyras ho fez em Almeirim/ a q̄toze dias de Junho de. **M. D. LIII.** Manuel da costa ho fez escrever.

Prologo no Seytimo liuro da

historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioão ho Terceiro deste nome nosso Senhor, Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné & da conquista, nauegação & comercio de Ethiopia, Arabia, Persia & da India.

Por Fernão lopez de Castanheda.



Entença he de Tulio nas suas tusculanas, muyto alto & muyto poderoso Rey nosso senhor q̄ ahõrra cria as artes & desejos da gloria da virtude, nos acendemos pera a ganhar. Sentença verdadeiramente muyto digna de ser notada principalmente dos principes & dos senhores: porque se eles não fauorecerem com hõrras & merces as boas cousas que seus vassallos fazem, assi nas armas, como nas letras: como em qualquer outro genero de officios virtuosos com que a republica he ilustrada, não auerá nhũa pessoa que se de a eles, nem os siga. E porq̄ nos tempos antigos, as façanhas nas armas, a sciencia das letras, os singulares engenhos nas artes macanicas: se estimarão tanto dos principes & das republicas em que se fazião, & se galardouão muyto bé: Ouue antre os Gregos, & antre os Romãos, & antre os Barbaros tantos & tão singulares capitães: tão efforçados cauleyros, tão excelentes sabios & letrados de tanta erudição, & officiaes tão perfeytos em todas as artes macanicas, como largamente contão as historias antigas & modernas, com que deixo dalegar por breuidade. E despois que este fauor de hõrras & merces cessou de se fazer antre estas nações, aos que forão excelentes nas artes que digo se forão elas perdendo, que nem ouue mais capitães, nem cauleyros, & falecerão os sabios & letrados: nem ouue mais officiaes que nas artes macanicas se prezassem de terem as perfeições que os antigos teuerão. E conhende. V. A. isto Principe prudentissimo, desejando dennobrecer seus reynos & senhorios, trabalha tanto com sua suprema liberalidade de fazer merces aos homes que em todas as artes que digo sam singulares, pelo que muytos trabalham por ho serem nelas: & por isso tem. V. A. tanta copia deles, não semente

seus naturais mas estrangeiros, que de muyto longe correm à fama de
suas merces grandissimas. O que tambem me deu animo pera sair có
a mostra de meu engenho, & trazer coele a luz: couza de tanto seruiço
de V. A. & honrra de seus reynos como he esta historia do descobrimé
to & conquista da India pelos Portugueses. Couza de tanta admiração
& tão digna de se publicar, que quãdo a Raynha nossa senhora vio ho
primeyro liuro, disse a dona Maria de noronha que lho deu. Que cou-
za tamanha como aquela, mais cedo se ouuera de publicar, & não ou-
uera destar escondida tanto tempo, & de ser auida por muyto miracu-
loza nos reynos estrangeiros: he impressã parte dela em Frãça & se im-
prime em Italia: polo que mereço merce pois fuy ho primeyro Portu-
gues que tomey tão honrrada empresa, & lhe dey fim tanto a minha
custa como nosso senhor Deos he testemunha: que por sua infinita mi-
sericordia tenha por bem de alongar por muytos años a vida de V. A.
com acrescentamento de seu real estado pera que fauoreça com merces
a seus vassallos, com que os prouoque a fazerem couzas porque mere-
ção sempre de serem tão nomeados polo mundo como sam.

Ho septimo liuro da historia do

descobrimento & conquista da India pelos Portugueses

Em que se conté o que eles fizerão governando a Lo

po vaz de sam payo, por mádado do muy alto

& muyto poderoso rey dō Ioão nosso

senhor, ho terceyro deste nome,

Feyto por Fernão lopez

de Castanheda.



Capitolo primeiro. De como foy aberta a terceyra socessam

Em que hia Lopo Vaz de sam Payo.



Nterra

do dom Anriq de
nefes / ajuntarãse
todos os capitã
es, fid. lgos & pes
soas principays na igreja de Ca
nanor / com Afonso mexia védor
da fazenda, que hi acertou de star:
& ho licenciado João de soiro ouuí
dor géral da India / pera abzirê a
segunda subcessão da governança
da India / que logo Afonso mexia
abriu perante todos. Em que se a
chou q socedia Pero mazcarenhas
que estava por capitão de Malaca
donde não podia vir se não dali a
onze meles por amor da moução /
Com o que todos ficarão cõfusos
por a India ter necessidade d gouer
nador / assi por el rey de Calicut es
tar de guerra, & tambê el rey de Cã
baya: como por esperarê por rumes
no Mayo seguinte / ou em Setêbro
E como Afonso mexia praticasse cõ
algũs quẽ enlegerião por governa
dor em ausencia de Pero mazcare
nhas: disse João de soyro q estava
na pratica / que se poderã saber quẽ

era ho da terceira subcessam: q esse
pois el rey confiava dele a governã
ça da India a governaria melhor q
outrê & a esse deuião denleger q ago
uernasse em ausencia de Pero maz
carenhas. Dq logo contrariou dō
Uasco deça reprouando muyto tal
parecer: porq ho da terceira subces
sam na ora q fosse recebido por go
uernador, posto que ate a vinda de
Pero mazcarenhas ficava igoal co
ele ê todos os seus poderes, assi na
ustica, como na fazenda / do q se na
India seguiria grãde diuisam: por
o que não se deuia dabzir a terceira
nem el rey ho auia dauer por hẽ. E
tambê o que fosse nela despois q te
uesse posse da governança, a não que
reria alargar a Pero mazcarenhas
& seria muyto grãde reuolta. E de
ste parecer forão algũs fidalgos. E
porê Afonso mexia ho não quis to
mar: dizendo que pera se escusarê to
dos aqueles inconueniêtes juraria
o q fosse na terceira subcessam nos
sanctos euãgelhos / & assi assinaria
hũ auto q disso faria: que tanto que
Pero mazcarenhas chegasse á In
dia lhe alargarã a governança. E
ele meimo Afonso mexia / & todos os

capitães e fidalgos da Índia juraram também que ho farião fazer / e coisso ficaria a cousa segura. E que a todos pareceo bem / e assi ho jurão e assinarão em hũ auto q̄ disse fez Uicete pegado q̄ era secretario, e assinado ho auto Afonso mexia, a brio a terceira subcessão em que se achou que sucedia Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim. E sabido que ele auia de gouernar ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, tornou Afonso mexia a jurar que vindo Pero mazcarenhas de Malaca faria que logo lhe Lopo vaz de são Payo entregasse a gouernança da Índia / e ho mesmo tornão a jurar os outros todos: e assi ho assinarão em outro auto que Uicete pegado tornou a fazer destes juramentos / aos tres dias de feuerreiro de mil e quinhētos e vinte seis. Isto feyto partirão se todos pera Cochim onde Afonso mexia entregou a gouernança da Índia a Lopo vaz de são Payo pera q̄ a gouernasse ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca / jurado primeyro ele Lopo vaz de são Payo de ho fazer assi, e assinado em hũ auto q̄ disse fez Uicete pegado / q̄ também foy assinado per Afonso mexia / e per todos os capitães e fidalgos q̄ se ali acharão e pelo ouuidor geral.

Capit. ij. De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio de Bacanoz.



Atregue Lopo vaz de são Payo da gouernança da Índia despachou pera Bē

gala Ruy vaz pereira e deu a capitania do seu galeão a Manuel de Brito / e assi mãdou Jorge cabral por capitão mór de certos paraós as ilhas de Baldiua pa fazer presas / que também se partito logo. E estes despachados, fezse Lopo vaz presstes pera ir correr a costa do Malabar / porque soubesse elrey de Calicut que posto que dõ Anrrique era falecido q̄ auia quē lhe auia de dar que fazer, e partito se de Cochim a seis dias de feuerreiro e foy na galé bastarda de q̄ era capitão dõ Vasco delima e forão capitães das velas grossas a fora os dos catures e bargantis Diogo da silueira / dom Afonso de menesses / Manuel de Brito / Manuel de macedo / Antonio da silua / Anrrique de macedo / Diogo de mezquita e Lopo de mezquita. E de Cochim foy ho gouernador corredo a costa ate Cananoz se achar nenhũ paraó de Calicut, por q̄ os mais como disse estauão dentro no rio de Bacanoz / e algũs outros por esses rios q̄ não ouiaão d sair. Estando Lopo vaz em Cananoz tomando mantimētos, lhe foy dada hũa carta de dom Jorge telo que acodisse, por q̄ os paraós q̄ ali estauão se q̄rião partir, e ele com a gēte q̄ tinha não era poderoso pera lhes impedir a partida, por os mouros q̄ estauão neles serē doze mil, e vido Lopo vaz a grossa gēte que os mouros erão / mãdou logo chamar Christouão de souza e Antonio da silueira q̄ estauão em Boa pera que se juntassem coele com a mais gente q̄ podessē levar: por ele ter pouca pera hũ feyto tão importãte como

aquele / e porque auia ainda de fazer algũa detença por amor dos mantimentos que tomaua / mandou a Manuel de Brito que se fosse entre tanto a iutar com Dom Jorge pelo. E tomados os mantimentos / Lopo vaz de sam Payo se partio pera horio de Bacanoz: onde chegado soube como os mouros estauã grãdemente fortalecidos / não somete de muyta artelbaria em estancias ao longo do rio / mas cõ estacadas dum cabo e do outro cõ que estreitarão tanto horio que a nossa frota não podia ir senã a fio: e õ hũas estacadas as outras estauã dados cabos por debaixo dagoa pera que os nossos nauios ecalhassem neles e não podessem passar. E cõ tudo Lopo vaz determinou de pelejar com os mouros e queimar lhe os paraõs e não esperar por Christo. não de souza nem por Antonio da silueira se tardassem: e pera pelejar com as estancias dos mouros mandou armar quatro bateis õ mãtas que tirauão senhos tiros grossos pera irem diãte / e apos eles as outras velas. E vendo que não chegauão Christouão de souza nem Antonio da silueira não quis mais esperar / porque não parecesse aos mouros quelhes auia medo: e determinado de os cometer fez alarde de sua gente / que achou serem se tezentos e tantos homens. E chamado a conselho pera consultar cõ os capitães e outras pessoas ho modo de que cometeria os inimigos foy muyto contrariado dos mais que não pelejasse com os mouros / alegando que pera a grande força

de gente e bartelbaria que eles tinham não tinha ele muyto pouca: e que não se auia da venturar ho governador da India em cousa tã perigosa. E os mais dos que isto dizião era por quererem mal a Lopo vaz e terem enueja de governar a India / que cuydou cada hũ deles de ho enlegerem pera a governar em ausẽcia de Pero mazcarenbas / e por isso lhe estoziuaõ que não fizesse hũ feyto tã famoso como aquele seria por que perdesse aquela hõrra. E entẽdẽdo ele suas tenções por saber quanto lhes pesana de ele governar a India / disse que ficasse a cousa assi indeterminada ate ir ver ho rio, e ho desembarcadoiro, que vio na madrugada seguinte cõ a claridade da lũa indo em hũ catur / e em outros donos Manuel de Brito / e Payo Rodriguez darauio que escolheo pera isso por serem muyto esforçados. E os mouros que virão os catures tirauã lhes com a artelbaria das estancias: e erão os pelouros tantos que se os catures não forão bẽ cosidos com terra não poderão escapar de serem arrombados e mortos quantos yão dentro. E com tudo passarão muyto grande perigo: mas nẽ por isso Lopo vaz de sam Payo nã deixou de ver toda a força que os mouros tinhão: e de volta lhes mandou cortar os cabos que tinhão de hũas estacadas as outras pera de sempidir ho caminho / e forão cortados per homens que ho fizerão de mergulho. E feyto isto tornou se a frota onde deu conta disso aos capitães e fidalgos fazendolhe a victoria muy facil se cometessem os im

migos: e os mais forão do parecer
 que tinhão d'ates q' não se pelejasse.
 E como os deste parecer erão mais
 que os que dizião que pelejasse não
 oufaua Lopo vaz de dar remate a
 estes conselhos, e dilatauabo ate a
 vida de Christouão de Sousa e Dã
 tonio da silueira / cujos pareceres
 cria que serião q' pelejasse, e assi bo
 disserão despois que chegarão: do
 que Lopo vaz ficou muyto contête
 porque tinha por muy certo auer
 victoria dos inimigos. E ordenada
 a maneira de q' os auia de cometer /
 ao outro dia que forão vinte cinco
 de feuerreiro em rompendo ho dia
 abalou pelo rio acima com sua gête
 que serião mil homens, e forão nesta
 ordem os quatro bateis de mantas
 na dianteira, e no primeyro ya Ma
 nuel de brito, no segundo Bayo ro
 driguez darauio: e despois os ba
 teis com bargantis e catures a fio /
 e no derradeiro Lopo vaz com a
 badeira real / todos toldados e em
 bandeirados / e senbas peças dar
 telbaria nas proas e berços polos
 bordos / rompendo a boga arranca
 da pelo rio acima cõ grande arroi
 do de gritas e tãger de trombetas:
 e começando de descobrir as estan
 cias dos inimigos começarão eles
 de tirar com seus tiros / e chouião
 os pelouros de serẽ muyto bastos,
 pelo que os Portugueses forão cõ
 muyto grande perigo e trabalho
 ate chegarem de fronte da tranquei
 ra principal / õde Manuel de brito,
 Bayo rodriguez e os outros da
 dianteira desembarcarão com espã
 tosa brigã / por os inimigos traba
 lharem quanto podião por lhes to:

lber a desembarcação cõ bombar
 dadas / espigardadas e frechadas.
 E rompendo os Portugueses por
 antrelas com esforço sobre natural
 abalroarão com a tranqueira / de
 que com ajuda de nosso senhor fize
 rão fugir os inimigos posto que se de
 fendião marauilhosamente. Desba
 ratada a tranqueira / desembarcou
 Lopo vaz cõ a bandeira real pera
 recolher os Portugueses por não
 saquearem ho lugar que era del rey
 de Marsinga amigo del Rey d' Por
 tugal, e por isso não queria que lhe
 fizessem nhũ agrão / e tambẽ porq'
 ho ele não fizesse aos Portugueses
 que estauão em Bisnagar. E reco
 lhidos os Portugueses / mandou
 Lopo vaz queimar os paraós dos
 inimigos que todos arderão, e assi
 hũa casa dalmazem que estaua chea
 de especiaria e droga pera carrega
 dos paraós: e em quanto se queima
 ua forão embarcadas oyteta peças
 d'artelbaria que se tomarão na trã
 queira / e as mais delas de metal.
 Esta muyto grande victoria alcã
 çou Lopo vaz sem lhe matarẽ mais
 que quatro Portugueses e forão
 feridos cento, e dos inimigos forão
 mortos muytos segundo se soube
 pelo grande prãto que por eles foy
 feyto e Calicut: cujo rey sintio muí
 to a queima daqueles paraós pola
 grande perda que recebeu em suas
 rendas e com quebra de seu estado.

Capitulo. iij. De como Fran
 cisco de Sá se partio pera ir a cõ
 da, e de como dom Jorge de me
 neses foy por capitão de Ma
 luco.



Recolvido Lopo vaz
 o sam Payo, partito
 se pera Goa: e entrã-
 do pelo rio de Pan-
 gim, Francisco de sa
 que estava por capitão de Goa lhe
 mandou per muytas vezes reque-
 rer que não passasse dali que bo nã
 auia de recolher na cidade, por quã
 to não era governador da India se
 não Pero mazarrenhas q̄ era por
 el Rey que podia dar a governança
 da India: e ele era feyto polos ho-
 mēs que a não podião dar: e por is-
 so lhe nã auia dobedecer. E a cama-
 ra de Goa ajudaua tambem Fran-
 cisco de sa a fazer estes requerimen-
 tos: mas Lopo vaz nã deu por eles
 e passou auãte ate surgir diante do
 cais da cidade õde se passou hũ grã
 de pedaço em requerimentos q̄ Lo-
 po vaz mandou fazer a Francisco de
 sa sobre lhe abzir as portas da cida-
 de que estauão fechadas. E Frãcis-
 co de sa com lhe parecer que tinha
 por si a camara da cidade insistia e
 não abzir: e por derradeiro mãdou
 abzir as portas por amor de Chris-
 touão de souza que interueo nisso.
 E entrado Lopo vaz na cidade ti-
 rou a capitania da fortaleza a Frã-
 cisco de sa e deu a Antonio da siluei-
 ra de meneses que tinha casado per
 palauras de futuro com hũa sua fi-
 lha: e a Francisco de sa mandou ho-
 pera Malaca pa dabi ir fazer hũa
 fortaleza a çũda que he antre a ilha
 de camatra, e a da Jaoa / cujo rey
 por se recear doutro seu vezinho lhe
 tomar bo reyno mandara pedir ao
 governador dom Duarte que man-
 dasselã fazer hũa fortaleza: e q̄ lhe

daria muyta pimenta e mais bara-
 ta que em Cochi. E porque el Rey
 de Portugal se receaua que os Cas-
 telhanos fossem tomar aq̄la terra
 sabendo a muyta pimenta que auia
 nela mandaua ali fazer fortalez: acu-
 sa capitania e cargo de a fazer deu a
 Frãcisco de sa por ser hũ fidalgo
 de muyto seruiço. E sabendo Lopo
 vaz que ele tinha este cargo bo des-
 pachou: e deu lhe trezẽtos homēs
 q̄ pera este feyto erão necessarios/
 q̄ forão embarcados em hũ galeão
 e duas galeotas: e assi despachou
 pera capitão de Maluco a dõ For-
 ge de meneses filho de dõ Rodrigo
 de meneses a quem dom Anrrique
 de meneses sendo governador de
 esta capitania: e deu lhe cẽ homēs
 que fossem coele em dous nauios:
 e a capitania mór do mar de Malu-
 co deu a Simão de souza galuão fi-
 lho de Duarte galuão: e dõ Forge
 auia dir debaixo da capitania de
 Frãcisco de sa ate Malaca pera on-
 de partirão em Barço. E no mes-
 mo mes despachou tambem Lopo
 vaz a Martim afonso de melo ju-
 sarte por capitão mór de seys velas
 pera ir fazer presas às ilhas d̄ Mal-
 diua/ onde andando Martim afon-
 so topou com hũa nao de rumes q̄
 yão de Tenaçarim pera Judã e le-
 uauão muyta riqueza: e os rumes
 serião trezẽtos homēs. E Marti
 afonso posto que não leuaua mais
 que ate cincoenta / com quanto vio
 q̄ os rumes erão muytos aferrou
 coeles com bo seu nauio somente, e
 como os rumes lhe tĩnhão muyta
 auantagem no numero estene dous
 dias aferrado coeles sem os poder

entrar pelejãdo muy brauamente. E neste tempo forão mortos muytos dos rumes e dos nossos algũs que entrarão a nao no cabo destes dous dias / e acabarão de matar todos os rumes / e tomarão a nao q̄ leuou a goa onde foy inuernar.

¶ Cap. iiii. De como Lopo vaz de sam payo cõcertou Raix xaraso cõ Diogo d̄ melo capitã dormuz



¶ Era fica dito como dõ Enriq̄ de meneses por q̄ rumes delrey dormuz e dõ Raix xaraso escreuera a Diogo de melo q̄ se temperasse em não dar causa a q̄ lhe fizessem mais queixume dele. E parece q̄ não dando Diogo de melo por estas cartas ou por rezão pera isso (como he mais de crer) prẽdeo Raix xaraso e tratauo tão asperamẽte / q̄ deu materia q̄ em hũs porques q̄ algũs pra guentos fizerão na Índia fizese hũ que dizia. Porq̄ Diogo de melo / xaraso dame dinheiro, Porq̄ ele diz velo velo / não sejas meu carniceiro Elabẽdo Lopo vaz esta couisa como ya: e tambẽ por lhe Diogo de melo mandar pedir q̄ ho fosse fazer amigo cõ Raix xaraso antes de vir Pero mazcarenbas: determinou lopo vaz de ir lá / porq̄ como conhecia pero mazcarenbas por isento sabia q̄ s̄do gouernador q̄ auia de castigar rigurosamente a Diogo de melo se ho achasse culpado / e por ser seu parente determinou de lhe ir acodir. E poendo em conselho sua ida a Dormuz / foy lhe muyto cõtrariada: dizẽdo todos / q̄ ainda q̄ sua ida lá fora necessaria a ouuera de deixar por elrey de Calicut estar de guerra / e

por auer nouas de rumes: quanto mais não auendo nhũa necessidade de ir a Dormuz / e auẽdo tãtas peras ficar na Índia. E cõ todas estas rezões não quis senão ir / e pera resistir a armada de Calicut deixou por capitão mór da costa do Malabar Antonio de miranda vazvedo cõ toda a armada de remo. E na fim de Março se partio pera Dormuz indo na galé bastarda cõ dom Vasco de lima, e não leuou em sua companhia mais d̄ quatro nauios grossos de q̄ erão capitães dõ Afonso d̄ meneses, Diogo da silueira / Manuel de brito e Manuel de macedo. E na traueessa do golfão teue grandes calmarias com q̄ se deteue muyto e lhe mooreo muyta gẽte, e depois de muyto trabalho e fadiga foy aferrar a outra costa no porto de Calayate / cujo Reque estaua leuantado contra os Portugueses por mandado delrey Dormuz e de Raix xaraso pelas auexações que recebião de Diogo de melo. E ho Req̄ tornou a ser amigo dos Portugueses por lhe Lopo vaz de sam payo afirmar q̄ não ya a Dormuz se não a desagravar elrey Dormuz e a Raix xaraso se estauã agrauados, e pera castigar Diogo d̄ melo se ho merecesse. E assi como tornou este Req̄ a amizade dos Portugueses / assi tornou ho de Mazcate: e ido caminho Dormuz achou na agoada de teue Francisco de mendoça hũ dos capitães da cõserua deitor da silueira / q̄ com tẽpo se apartara dele e foy aliter / e hi achou hũa nao de mouros q̄ tomou q̄ depois foy vendida por mil pardaos. E dali

proseguiu pera *Dormuz* / onde chegado mandou logo soltar *Raix rafa* / e libedisse q̄ nã ya a outra coufa se não pera ho fazer amigo com *Diogo d' melo* : q̄ se tinha dele algũs agruos q̄ requeresse sua justiça e q̄ lha faria ainda q̄ era seu parente. E *Raix rafa* como soube este parentesco desconfiou de lbe *Lopo* vaz fazer justiça / e disse q̄ não queria nada q̄ lbe perdoava / e ho mesmo fez elrey *Dormuz* auísado por *Raix rafa* / e assi ficarã amigos cótra sua vôtade. E *Lopo* vaz reprêdeo *Diogo de melo* por q̄ ho achou culpado / e assi ficou inuernando em *Dormuz*.

Capít. v. De como *Eytor* da silueira do porto *Maçua* mandou chamar dom *Rodrigo de lima* / e se foy a *Dormuz*.

E *Eytor* da silueira q̄ per mādado de dō *Anrique* de meneses ho fora esperar ao cabo de *Boardafum* vendo que se passava ho tēpo de sua chegada foy se a *Maçua* / e chegando aa ilha de *Dalaca* ho primeyro *Dabril* / escreueo logo a dō *Rodrigo de lima* fazendo lbe saber como estava em *Maçua* pedindolbe que fosse logo coele / e mādou esta carta ao çoltão *Darquico* q̄ lha mandasse. E ele lha mādou ao lugar d' *Barua* onde ja estava cō ho *Barnegais* / e bē triste cō todos os de sua companhia por terê por noua q̄ a *India* era perdida e os *Portugueses* todos mortos. E esta carta *Deytor* da silueira lbe foy dada na segunda oytava de *Pascoa* a noyte : e logo dom *Rodrigo* escreueo ao embaixador do preste que era ido a būs lu-

gares seus q̄ se partisse pera *Maçua* onde estava a armada dos *Portugueses* : e a segūda feyza despois da pascoela se partio dō *Rodrigo* e foy coele ho *Barnegais* pera ho entregar a *Eytor* da silueira / e leuava dous mil homens de mulas e algũs em cavalos e seys çetos de pé / e por amor da muyta gente gastou aq̄la somana toda e quinze legoas q̄ auia de *Barua* a *Maçua* / onde chegados entregou ho *Barnegais* dō *Rodrigo de lima* e os de sua companhia a *Eytor* da silueira com grande prazer / e mādoulbes dar cincoẽta vacas / e muytos carneiros / e galinhas / e muyto pescado : e despois chegou ho embaixador q̄ ho preste mandava a *Portugal*. E embarcado *Eytor* da silueira se partio aos vinteoyto *Dabril* / e foy fazer agoada a ilha de *Lamarão* ho primeyro de *Mayo* / e estãdo hi ho padre *Francisco alvarez* q̄ tinha assignada a coua em q̄ fora enterrado ho corpo de *Duarte galuão* quando ali faleceo vindo *Lopo soarez de Indã* desenterrou sua ossada pera a levar a *India* / e isto secretamēte sem ho saber mais q̄ *Gaspar d' sã feytor* da armada / e ambos levarão a ossada ao galeão *sã Lião* em q̄ yão / e tēdoa metida a codio vento a popa cō q̄ se *Eytor* da silueira partio / e disse *Gaspar de sã* a *Francisco alvarez* / q̄ assi como *Duarte galuão* fora bõ homem e acabara seus dias em seruiço de *Deos* / assi lbes daua *Deos* bõ tēpo por ele. E aos dez d' *Mayo* q̄ a armada era auãte *Dadẽ* e entrada no golfão q̄ lbe fazia rosto ho inuerno da *India* / se começon hũa muyto grãde tormēta de vento cō

que a següda noyte cõ ho grande escuro q̄ fazia se espalhou a frota z se perderão hús dos outros cõ grandissimo trabalho dos corpos e darẽ á bomba pera esgotarẽ a muyta agoa q̄ lhes entrava, z perigo das vidas do mar q̄ os comia. E coeste tẽporal foy forçado a Eytor da silueira arribar á costa da India õde se achou só na enseada de Cábaya: z por ser ja inuerno z nã ter õde se acolher tornou a arribar ao golfão cõ a mesma tozmetã, andando sempre ás voltas q̄ nã podia nauegar doutro modo/ z nelas se lhe gastou todo ho Mayo z sete dias de Junho/ z por q̄ os mantimẽtos q̄ leuaua nã erãõ pera tanto tẽpo forãõ se acabando, principalinẽte a agoa de q̄ se lhe foy a mayor parte cõ ho trabalhar do nauio na tozmetã, z chegou a ser tão pouca q̄ andou a gẽte tres dias q̄ nã sem comer nada por nã terem q̄ beber. E neste tẽpo Eytor da silueira por dar exẽplo aos outros foy ho primeyro q̄ deixou de beber, z algũa pouca d'agoa que leuaua na sua camara a daua por sua mão aos doẽtes q̄ auia algũs q̄ adocciãõ cõ fõme z sede/ q̄ ele esforçaua cõ muyto boas palauras: z por q̄ nã sospetãsem q̄ bibia na sua camara nunca quis entrar nela neste tempo/ z agasalbauasse na tolda: o q̄ daua muyto eiforço a todos pa sofrer tamanba fadiga/ a q̄ aprouue a nosso senhor de dar remedio cõ auerem vista de Bazcate a sete de Junho hũ dia a tarde, em q̄ ateli nẽ sãõs nẽ doentes nã tinhãõ bibido por de todo nã auer agoa no nauio. E andando ás voltas pera tomar porto q̄ nã podião tomar por lhes ho vẽto ser cõ

trairo acodirãlbe duas fustas dos nossos q̄ ali andauãõ d'armada que lhes derãõ agoa, z leuarãõ ho galeão á toa ao porto d' Bazcate: z tomados ali mantimẽtos se partio Eytor da silueira pera Ormuz õde estauãõ os capitães de sua armada q̄ chegarãõ. xxviii. d' Mayo. E chegado Eytor da silueira a Ormuz, dom Rodrigo deu a Lopo vaz hũã carta q̄ leuaua do Preste pera Diogo lopez de siqueira, z hũã roupa de seda cõ doze grãdes chapas d'ouro d' martelo/ z ele lhe fez merce em nome del Rey de Portugal de duzẽtos pardaos/ z tambẽ ao embaixador do Preste d'outros duzẽtos, z mandou logo tirar a mõte os nauios da armada Deytor da silueira por terẽ necessidade de coregimẽto pola tozmetã passada/ z mãdou pagar soldo a sua gẽte por q̄ nã tinha q̄ gastar por as presas q̄ nã fizera no estreito. E concertados os nauios/ mandou na entrada D'agosto Eytor da silueira q̄ fosse a põta de Diu esperar as naos q̄ fosse do mar roxo pera Cábaya/ z mandou coeile Manuel de Brito z Manuel de macedo nos seus galeões, z cõ q̄tro galeões z duas carauelas se partio pera a põta d' Diu q̄ nã na fim D'agosto/ z ele z os capitães da sua armada tomarãõ bi por força tres naos de mouros de Abeca q̄ yãõ pa Diu em q̄ se fizerãõ tão boas presas que despois de vẽdida a fazẽda q̄ se tomou nelas mõtouse no quinto del Rey sessẽta mil pardaos pagas as partes a fora os catiuos que forãõ muytos. E por q̄ despois da tomada destas naos nã passarãõ mais outras/ partio se Eytor da silueira

pa Chaul/õde achou Lopo vaz de
lam Dayo q auia pouco q chegara
Dormuzq fez muyta hõrra a Eitor
da silueira polas presas z muytos
catiuos q trazia de q as galès z na-
uios da armada se podião bẽ forne-
cer. E foy acerto q hũ soldado natu-
ral d'Uiseu vio atrestes catiuos q es-
tauão presos hũ judeu velho q mo-
raua no reyno de Fartaque por õde
passado ele cõ outros portugueses
pa Dormuz/q se pderão na costa do
mesmo reyno z yão inuyto pobres:
a qle judeu velho q estaua preso os
agasalhou e sua casa/ z lbes deu cõ
qie vestissẽ z despesa pera bo cami-
nho. E lembrado este soldado deste
bem q lhe fizera/ pediu a Lopo vaz
q lhe fizesse merce dele/ cõtandolhe
a causa porq lho pedia: z ele lha fez
louuandolhe muyto a lãbraça q ti-
nha do bẽ que recebera. E despois
ho soldado adou coele pedindo aos
outros soldados dizẽdo a todos ho
bem q lhe fizera/ z ajũtoulhe cincoẽ
ta pardaos: z quando os mouros z
outros judeus souberã isto dizião
pubricamẽte q outro bẽ não era a-
gardecido senã o q se fazia aos Por-
tugueses/ z por isso lbes auião de
fazer bẽ quando os achassem e suas
terras.

Cap. vi. De como temẽdose Me-
liq saca capitão de Diu del rey d'
Lãbaya determinou de dar for-
taleza aos Portugueses.

Dõ qrtto rey de Lãbaya
q ouue nome çoltão ma-
dofar teue hũ filho q foy
ho primeyro a q chamon
Badur, que sendo moço mandaua
matar por lhe dizerẽ os seus feitice-
ros q despois de homẽ auia de dar

muyta oppressã ao reyno z ho auia
de destruir por ser muyto mao. E
sendo Badur auisado disto fugio z
foyse pelo mũdo em trajos de jogue
com q andou por diuersos reynos
z qsi q soube as lingoas de todos
por ser muyto curioso de saber as
couzas estrágeiras z muy egenho-
so, z indo ter a cidade de Chitor no
reyno de Sãga (q como disse confi-
na cõ ho d' Lãbaya) soube como seu
pay era falecido/ z assi hũ seu filho
q por seu falecimẽto lhe suceder a no
reyno, z q os senhores de Lãbaya
leuãtarão por rey outro seu irmão.
E determinãdo dauer por esta via
ho reyno q era seu de deryto/ des-
cobriose a raynha Cremeti (q esta-
ua viuua z governaua o reyno por
ho príncipe ser ainda menino) pedi-
dolhe ajuda z fauor pa cobrar seu
estado: o q lhe ela deu de boa võta-
de/ z fez cõ el rey do Bãdõ seu ve-
zinho senhor muy poderoso q tam-
bãlha desse: z cõ esta grande ajuda
cobrou ele ho reyno em q matou seu
irmão e hũa batalha despois dal-
gũas q ouuerão ambos. E sãdo çol-
tão Badur pacifico rey de Lãbaya
começou de se querer vigar d'algũs
senhores do reyno q seguirão cõtre
le a parte de seu irmão / z atrestes
foy Meliq saca filho d' Meliquiaz,
q era capitão de Dio/ z receãdo ele
q el rey lho tomasse, determinou d'
se fauorecer cõ os Portugueses/ z
porq lhe parecia q não auia goner-
nador na India por ser ainda e Or-
muz escreneo a Chistouão d' souza
q lhe mãdasse hũ homẽ muyto hõr-
rado/ que lhe queria dar cõta dũ ca-
so de muyta importãcia, pera o que
lhe era necessario fauor do gouerna

doz e não quis escreuer o q̄ era por não ser descuberto: e por Lopo vaz estar em Chaul foy lbe dada esta carta/ e pola amizade q̄ sabia q̄ auia antre Abeliq̄ e el rey de Cambaya lbe pareceo q̄ por necessidade se lbe queria encomedar/ e ele quisera ser o q̄ fora a ver se cõ Abeliq̄/ mas foy por todos cõtrariado em conselho/ dizendo q̄ não era bẽ que ho governador da India fosse a cousa incerta: e acordarãõ q̄ fosse Eytõ da silueira cõ a armada cõ q̄ partira Dormuz.

e ele foy cõtete e se partio logo.

Capit. vii. Do conselho q̄ Bagamabmut deu a Abeliq̄ sobre despejar Diu: e como lho tomou.

Quando Eytõ da silueira ao porto de Diu Abeliq̄ se vio logo coele e lbe contou toda a amizade q̄ auia antre ele e el Rey de Cambaya de quẽ se não auia de fiar posto que rēcõciliassem/ porq̄ não goardaua a ningũe sua palaura: e por isto queria por se vingãr dar a fortaleza de Diu a el Rey de Portugal pa ter seu fauor e ajuda quãdo lbe fosse necessaria/ porẽm que auia de leuar toda a artelharã e munições que tinha em Diu pera Jaq̄te hũa ilha nos Rezbutos õde queria fazer sua morada por se segurar del rey de Cãbaya/ e q̄ lbe auiaõ de dar ametade do q̄ rendesse a alfandega de Diu. E algũas vezes q̄ Abeliq̄ se vio com Eytõ da silueira teue coele esta pratica se auer mais effeyto, porq̄ mouros nõca acabãõ de se determinar porq̄ de seu natural sã descõfiados: e este tinha algũ receyo q̄ despois q̄ tenesse Diu nõ lbe dariã nada/ e fa

zãlho ter Bagamabmut a q̄le mouro seu parente de q̄ faley atrã que estaua coele, a quẽ pesaua tanto de dar Diu aos nossos q̄ desejavaõ ho matar/ e como nõ podia dissimular coele e dizãlho q̄ fazia muyto bẽ de dar Diu aos Portugueses por se segurar del rey de Cãbaya/ porẽ q̄ segurança teria ele de lbe darẽ ametade do q̄ rendesse a alfandega de Diu despois q̄ ho tenessem/ e q̄ lbe parecia q̄ estando eles no porto de Diu nõ se deuia de ir pera Jaquete: porq̄ como os Portugueses nõ erãõ seus amigos por natureza se nõ por interesse quẽ lbes tolberã q̄ ao embarcar de sua pessoa, mo lberes e thesouro q̄ era grande ho nõ tomassem cõ tudo, pera q̄ estando em seu poder lbe alargãse ho thesouro e o quẽ lbes pedia da rãda de Diu. E como Abeliq̄ era desconfiado e andasse tãõ cheo de medo fez lho muyto grande esta duuida de Bagamabmut q̄ era seu parẽte e amigo/ e de quẽ confiãua q̄ se doeria de sua vida e hõrra, e por isso o que lbe disse fez nele tamanha impressã q̄ sospeitou que aquilo poderia assiser/ e começõ de se atreter em sua ida, e pregũtou a Bagamabmut o q̄ farã: e ele por lbe nõ sair de toda a vontade q̄ sabia q̄ era dar Diu/ disselhe q̄ assi ho deuia de fazer pera se segurar del rey de Cambaya. E pera segurança dos Portugueses q̄ nõ fizessem o que receãua nõ se deuia de embarcar coeles no porto: e deuia de dizer a Eytõ da silueira que se tornasse a Chaul fingindo algũas causas pera isso, e despois de partido se embarcaria muyto a seu saluo e se iria/ e ele ficaria em Diu.

pera ho entregar a Eytor da silueira q logo mandaria chamar despois de sua partida. E não sendo Abeliq tão recatado como lhe era necessario teue por muyto bõ ho conselho de Bagamahmut q lho não daua a outro fim se não pera que os Portugueses não ounessem Diu que de terminaua de partido Abeliq ho entregar a el rey de Cambaya pera secongracar coele: z começando a embarcação de Abeliq dese dilatar/ ya Bagamahmut cõ recados a Eytor da silueira ao seu galeão dizendo lhe da parte de Abeliq que sentia aluoroço nos moradores de Diu por verem a nossa frota no porto z começarem de sentir q lhe queria dar Diu/ z que receaua de se levantarẽ contra ele, por isso q deuia tornarse a Chaul pera com sua ida se assellegar a cidade, z assellega da tornaria. E parecendo a Eytor da silueira que aquilo era arrependerse Abeliq mandoulhe dizer q do aluoroço da cidade lhe nã desse nada/ porque como a fortaleza esta ua da banda do mar podia embarcar se hũa noyte secretamẽte/ z em se embarcando se meteria ele dentro na fortaleza/ z como fosse nela lhe daria pouco polos aluoroços da cidade. Ao que Abeliq respondeo por conselho de Bagamahmut que ele não se auia dir de Diu sem levar toda sua fazenda z arrelbaria o que não se podia embarcar se não por espaço de dias / z em quanto se embarcasse seria sua ida descuberta o que ele não queria/ por isso lhe parecia que se deuia de tornar a Chaul z ele embarcaria sua fazenda mais

dissimuladamẽte z sem sospeita da gête q assellegaria cõ sua ida: z tẽdo tudoprestes ho mãdaria chamar/ z assilefaria melhor z mais a saluo de todos. E desconfiãdo Eytor da silueira da verdade de Abeliq por estes recados/ por saber a verdade da sospeita q tinha de lhe não dar Diu/ banqueteaua Bagamahmut z outros mouros que yão coele, z mandaualhes dar muyto vinho du uas pera que os embebedasse/ por lhe parecer que bebados lhe ditião a determinação d Abeliq. E Bagamahmut como era prudẽte etẽdiao z fazia se muyto bebado: z porque se Eytor da silueira fosse dizialhe que Abeliq nã lhe auia de dar fortaleza em Diu/ z q ho tinha ali pera assentar bẽ suas cousas cõ el rey d Cãba ya cõ que adaua tratãdo amizade.

Capit. viij. De como Eytor da silueira se tornou a Chaul / z do mais q fez Lopo vaz d sã Payo.

Isto creio Eytor da silueira q seria assi porq se gũdo ho feruor q vira e Abeliq pera despejar Diu pareceolhe que ao outro dia ho despejaria, z vendo a dilacão que punha / teue por certo que se arrependia da primeyza determinacã: z assi ho escreueo a Lopo vaz pedindolhe que determinasse o que faria / porque lhe parecia que sua estada era sem proueito. Esta por Lopo vaz esta carta / mostroua em cõselho em que lhe foy dito por algũs que ninguem podia melhor determinar o que Eytor da siluei-

ra faria naquele negocio que ele mesmo pois lá estava e via o que passava / de q̄ podia determinar o que seria melhor: porque determinar-se coelles que não têm experiência do que lá se era fazer cousa ás escuvas: e que podião com sua determinação deitar de todo a perder aquele negocio de que a el rey de Portugal resultava tanta honrra e tanto proveito, por isso que Eytor da silueira ho determinasse e assi ho fizesse. Outros disserão q̄ pois ele era tão froxo que estando lá e vendo o que passava não sabia determinar o que faria, e ho mãdava perguntar a quem ho não via, que não era bem deixar cousa de tanta importancia em sua determinação / e que se mãdasse homem que ho soubesse fazer. E como os pareceres erão diferentes / e quasi tantos d'ũa parte como da outra / lâçouse Lopo vaz da que dizião que Eytor da silueira determinasse o que lhe parecesse, porq̄ lhe pareceo que naquilo lhe fazia favor porq̄ desejava de ho ter de sua mão / sem mais atentar quanto melhor fora mãdar outro porque não fizera o que fez Eytor da silueira / a quem escreveu o que determinara no conselho. E como a cousa ficou em seu parecer, e ele estivesse enfadado de estar ali vendo como Melique insistia que fosse a Chaul, e crendo que ho fazia por não cumprir o que tinha prometido se foy sem mais consideração / que assi como podia ser que Melique mentia assi tambem falaria verdade. E que ho medo que tinha del rey de Cambaya lhe representaria mil inconvenientes pera

fazer hũa cousa tamanha como deixar Diu e dalo aos Portugueses. E partido foy ter a Chaul o devedor conta a Lopo vaz do que passava e Diu: e não atentando mais Lopo vaz naquele negocio não tornou a mandar logo Eytor da silueira a Diu ou outro com hũa instrução do que avia de fazer / antes ordenou de ho mandar ao estreito a fazer presas e que partiria dali, porque em quanto se apercebesse pera a partida se Melique mandasse recado para dar a fortaleza acodisse logo. E isto se assentou em conselho, e porq̄ as novas da vinda dos rumes a India se começavão dauiar por certas / pareceo bem a Lopo vaz escrever a el Rey de Portugal, e q̄ as levasse Francisco de mendoça no seu navio / por que em lhe tambem escreveu a abertura da sua subcessão pela ausencia de Pero mazarinas / e como governava a India: e porque podesse vir gente na armada do anno seguinte despachou logo Francisco de mendoça q̄ partio na entrada de outubro porque chegasse a Portugal antes que a armada partisse: e tambem despachou pera Moçambiç a Runo vaz de castelo branco capitão e feytoz do navio do trato de Cábaya pera çofala / a q̄ mandou q̄ desse aviso em Moçambiç da vinda dos rumes porq̄ se hi fossem ter q̄ estivessem apercebidos. Estas novas dos rumes escreveu Lopo vaz a Goa e a todas as outras fortalezas, rogando aos casados q̄ quisessem servir a el rey de Portugal em certas cousas que lhes nomeou q̄ erã necessarias por amor da

vinda dos rumes pera o q̄ não auia
 dinheiro ao presente. O que eles fi-
 zerão de muyto boa vontade, e em
 Cochim começaram logo hũ galeão
 e hũa carauela / e hũa gale: e de re-
 nouar a fortaleza que estava dānefi-
 cada: e em Cananoz se abrio hũa ca-
 ua muyto alta que cingisse a fort-
 leza: e em Goa hũ lanço de chapa
 no muro e hũ galeão, e hũa carau-
 la / e hũa gale, e em Chaul outra ga-
 le, e mandou també Lopo vaz fer-
 não de morais a Ormuz com poluo-
 ra e outras cousas necessarias pera
 defenlam da fortaleza. E feyto tu-
 do isto partiose pa Dabul pera ho
 destruir por estar aleuantado, e pos-
 to que estava assentado em cõselho
 q̄ Eitor da silueira ficasse e Chaul /
 e dali se partisse pera ho estreito /
 porque se Belique mandasse reca-
 do lhe acodisse: lopo vaz ho leuou
 cõsigo com toda a armada pera ho
 mādār de Goa, sendolhe requerido
 por todos os fidalgos que ho não
 leuasse porque senão perdesse Diu
 por ele ali não estar se Belique mād-
 disse recado pera ho entregar / e nã
 quis senão leualo / e isto a requeri-
 mēto Deitor da silueira / porque ou-
 ue por afronta ficar em Chaul com
 Christouão de souza que daua mesa
 a todos os fidalgos que ali inuer-
 narão que erão muytos, e assi a ou-
 tra muyta gente que todos folga-
 uão de star em Chaul por Christo-
 uão de souza ser muyto largo de cõ-
 dição e apraziuel. E porque Eitor
 da silueira não auia dandar tão acõ-
 panhado como ele / por não poder
 fazer o que ele fazia não quis ficar
 em Chaul / e fez com Lopo vaz que

holeuasse a Goa: o q̄ foy a final cau-
 sa de se desta vez não auer Diu.

Capit. ix. De como ho Tanadar
 de Dabul pedio paz a Lopo vaz
 de sam Dayo.



E Chaul se foy Lo-
 po vaz e sam Dayo
 a Dabul com deter-
 minaçã de o destruir
 porque ho tanadar
 recolhia ali mouros

de Abeca, e consentia que carregas-
 sem suas naos / e trazia algũas fus-
 tas e armada auēdo paz atre el Rey
 de Portugal e ho fidalcão. En-
 trando pola barra dentro cõ a gen-
 te prestes pera desembarcar / sayo
 ho Tanadar a recebelo em hũa al-
 madia, por q̄ não era aquele contra
 quem ya Lopo vaz / se não outro q̄
 lhe succedera no officio que delesaua
 de conseruar a paz q̄ estava assenta-
 da / e por isto sayo a receber a Lopo
 vaz e desculpouse lhe da culpa que
 teuera seu antecessor pedindolhe q̄
 lhe confirmasse a paz que estava as-
 sentada com os nossos / e que faria
 quanto quisesse. E ele ha cõfirmou
 com cõdição que lhe entregasse as
 fustas com sua artelbaria / que logo
 entregou / e hũa nao de Abeca que
 estava carregada de pimenta, e que
 não acolheria mais outras no seu
 porto. E isto feyto partiose Lopo
 vaz pera Goa.

Capit. x. Do q̄ acõteceo a Anto-
 nio galuão capitão e hũa das na-
 os da carga ate chegar a India.

Este año de mil e ccccxxvi.
 Partirão de Portugal pe-

ra a Índia quatro naos sem capi-
tão mór de que forão capitães Frã-
cisco danhaia Tristão vaz da veiga
Antonio dabreu que leuaua a capi-
tania mór do mar de Malaca / e
Antonio galuão filho de Duarte
galuão / que partio derradeiro de
todos a dezaleys de May: o que nũ-
ca ateli partira nao tã tarde. E che-
gando á costa de Guiné andou nela
cozenta dias hora na volta do mar
hora na da terra sem poderem sair
dali fora: porque como aqui correm
as agoas em demasia pera terra cõ
a enchente da maré por muyto que
de noyte se alargauão pera ho mar
não podia ser tanto que quando ama-
nhecia não se achassem pegados cõ
terra / porque não podião romper
a grande força da goa. E como An-
tonio galuão entendesse algũa cou-
sa da pilotagem / dizia muytas ve-
zes ao piloto q̃ fossem na volta do
mar pois tinha vento / que posto q̃
fosse escasso que quanto mais se em-
pegassem: lhes alargaria. E ho pilo-
to não queria dando suas rezões q̃
Antonio galuão recebia cõtra sua
võtade por lhe não parecerẽ boas /
mas não lhe queria tomar seu offi-
cio de mandar a via. E andãdo nes-
te trabalho foy ter coele hũ nauio
que ya da ilha de sam Thome pera
Portugal / e sabendo que a nao ya
pera a Índia lhe disserão dele que se
tornassem pera Portugal porque
ja não tinhão tempo pera irem á In-
dia aquele año por ser na fim de Ju-
nho / e q̃ estauão ainda na paragem
do cabo do monte: com o que a gẽte
da nao ficou confusa e aluorçada
pera requerer ao capitão que se tor-

nassem, assi por ser tarde, como por
a nao pender muyto e ser temerosa
de vela: por em Antonio galuão os
afessegou esforçando os que espera-
ua em nosso senhor de passar aquele
año a Índia. E vendo ho piloto e
mestre do nauio como querião prof-
seguir sua viagem, disserão ao pi-
loto da nao que porque não se alar-
gaua da terra e fazia ho caminbo
pera ho cabo de santo Agostinho /
porque a q̃la era a verdadeira nave-
gação / pelo que ele pedito perdão a
Antonio galuão de não querer to-
mar seu cõselho que então aprouou
por bõ: e dali por diãte se fez na vol-
ta do mar / e quis nosso senhor que
lhes alargou sempre ho vento e fize-
rão coele seu direito caminbo / e po-
rem dando as velas quando as ou-
tras amainão q̃ assi era necessario
por ser muyto tarde. E porque a gẽ-
te se agastaua com andarem tanto,
Antonio galuão polos animar e ti-
rar ho medo que tinhão mandana
sempre ter pão e vinho sobre cuber-
ta pera que comessem e bebessem / e
atambor e pandeiros pera tangerẽ
e cantarem: porque doutra manei-
ra morrerão todos de pasmo. E co-
mo Antonio galuão viu ho erro q̃
ho piloto fizera em não se empegar
da costa de Guiné nã descançou ma-
is sobrele e tomou antresi cuidado
da via e de cartear: e era tão certo
nisso que fazendo se ho piloto e ou-
tros cõ as ilhas de Tristão da cu-
nha passadas, sempre perfion que
nã e no pprio pôto q̃ disse q̃ as auã
de veras virão, do q̃ ho piloto e os
outros se espantarão muyto. E na-
uegando com muyto trabalho

se poserão e altura de trinta e nove
 graus, e dali começarã a deminuir
 e por se fazerẽ com bo cabo dobra-
 do no mes de setẽbro em q̃ ouuerão
 de star na India, pareceo ao piloto
 que ja aquele año não poderião ir a
 ela/ ainda q̃ Antonio galuão q̃ria
 ir por fora/ do que se o piloto agal-
 taua tanto/ q̃ disse á gente que os q̃
 ria leuar a perder/ porque os vêtos
 auião ja de ser leuantes/ e as ago-
 as corrião muyto naquele tempo
 pera bo estreito de Abeca/ onde os
 auião de lançar como ja lançarão
 outras naos / e este auia de ser bo
 derradeiro remedio quando os deos
 quisesse saluar milagrosamẽte: mas
 que bo mais certo era q̃ antre mou-
 ção e moução que era bo mes dou-
 tubro e de setẽbro auião dachar tã-
 ta calmaria naquele golfão q̃ auia
 de morrer de fome e de sede / e isto
 quando escapassẽ dos muyto baixos
 e ilhas e rasinguas q̃ auia nele. E
 coestas rezões e com outras pro-
 cou quasi todos a que fizessem por
 força ir Antonio galuão por dẽtro
 quando não quisesse por sua vôtade.
 e primeyro bo piloto e nome de to-
 dos lhe fez hũa fala em que lhe da-
 ua todas as rezões que digo e ou-
 tras muytas pera não ir por fora
 se não por dentro / e inuernar em
 Moçãbiq̃. Ao q̃ Antonio galuão
 respondeo que não auia dir se não
 por fora / e q̃ esperaua em nosso sñor
 de passar aquele año á India / rogã-
 do muyto a todos que lhes parece-
 se bem bo q̃ dizia, e insistindo nisto
 chamou bo piloto ao mestre. q̃ auia
 nome Esteuão dias pera q̃ bo a ju-
 dasse contra o capitão poy todos

erão da sua parte / ao que ele respo-
 deo que nunca deos quisesse q̃ fosse cõ-
 tra tal pessoa, quãto mais sendo seu
 capitão, a que era obrigado dobede-
 cer / e coisto ficou a cousa assi. E cõ
 tudo tendo o piloto os mais da sua
 parte determinou de leuar a nao a
 Moçãbique mandando governar
 pera lá, bo q̃ sabẽdo Antonio gal-
 uão mandou logo governar pera
 onde queria / pelo que bo piloto
 lhe emcãpou a nao, e fez fazer hũ
 auto de como lhe o capitão toma-
 ua bo seu officio e q̃ria meter a nao
 no fundo reqrẽdo lhe da parte del-
 rey q̃ lhe deixasse fazer seu caminho
 e como Antonio galuão visse q̃ bo
 melhor era ir por fora não quis se
 não fazer bo que lhe parecia bem: e
 disse q̃ ele mãdaria a via: e por q̃ lhe
 não mudassẽ a derrota tinha de noi-
 te e de dia hũa agulha na sua cama-
 ra em q̃ via pera onde governauão,
 e encomẽdauase a nosso sñor man-
 dando dizer missa todos os dias /
 e a noite á Salue e as ladaynas e
 rogaua a nosso sñor q̃ lhe valesse. E
 era tam deuoto / q̃ quebrãdo lhe bo
 garoupez cõ hũa toruoadã nã quis
 q̃ se concertasse ao outro dia por ser
 dia sancto, nẽ ao outro q̃ era domi-
 go, cõ quãto o mestre se queixaua q̃
 perdião viagẽ sem a ceuadeira, e to-
 dauia não quis Antonio galuão q̃
 se corregesse bo garoupez por serẽ
 os dias q̃ erão / bo que parece que
 foy permissão diuina por q̃ se anda-
 rão naquẽs dous dias tãto quãto o
 mestre quisesse ouuerão dir varar
 por cima dos baixos dos abrolhos
 que estão em dezasete graus da bã-
 da do norte / e sãdo perto da linha

começo ulhe e dadoecer algũa gente q̄ ele fez curar cõtanta diligẽcia q̄ lbe nã morreo niguẽ / ho q̄ foy muy to despantar / porq̄ ali morrẽ sēpre muytos. E despois q̄ ho piloto vio quã bõ conselho fora ho Dantonio galuão em ir por fora / e q̄ esperaua de ser muy cedo cõ a costa da Índia pediolhe perdão dos req̄rimẽtos q̄ lbe fizera, louuãdo ho do melhor piloto do mundo: e indo ja perto da costa da Índia acharãose entre as ilhas de Baldiua, e como sã todas rasas com a agoa e nẽ ho piloto nẽ nenhũ dos que yão na nao forão ali nũca ficarão muyto agastados: e mais porque vião hũs baixos por proa q̄ arrebetauão em frol / ho q̄ visto por Antonio galuão se sobio aganea com ho mestre, (porq̄ ho piloto desacoroçoou) pera descobrir delã a terra e por onde auão dir / e assi chegou aos baixos q̄ conheceo que erão de pedra viua / pelo q̄ lbe pareceo que ao lógo deles auia de ser alcantilado / e mandou fazer caminho ao derredor deles / e em se poendo ho sol mãdou tirar algũs tiros pera q̄ a codisse gẽte de terra se a ouesse, de q̄ soubesse õdeera. E logo sayo de hũa ilha bũa almadia bẽ esquipada em q̄ ya hũ velho com quinze ou vinte homẽs que chegãdo a bordo da nao entrou dentro / e dele soube Antonio galuão q̄ era sñor da q̄la ilha q̄ auia nome Sãfar hũa das de Baldiua e que ya bem nauegado: e foy coele ate ho outro dia em amanhecẽdo que sayo dantreas ilhas, e posto q̄ ho mestrez piloto cõselhouã a Antonio galuão q̄ nã deixase ir os das ilhas ate ho

poerem na costa da Índia nã quis dizẽdo q̄ afoza nã fazer ho q̄ deuia ficaria agẽte tam escandalizada que ainda q̄ vissem outra nao nã lbe a-coderiã e a deixarião dar á costa / e galardoãdolbes a boa obra q̄ lbe fizerão os deixou ir / e partidos da qui hũ domigo na fim doutubro e amanhecẽdo ouuerão vista de doze velas e arribãdo a elas virão terra e ao longo dela hũa grãde armada q̄ com ho terreno se fazia na volta do mar / e das doze velas q̄ parece rão primeiro / e neste tempo foy conhecida a terra q̄ erão as terras de Calicut: e a armada era de Malabares / e ás doze velas cuidauão serem de ruines que era a propria moução pera virem / e os nossos estauão ja prestes perapelejar que em amanhecendo se apercebeo Antonio galuão / e nisto hũa das doze velas chegou á nao, e conheceo que era dos nossos saluouos com hũa grande grita, e entrarão algũs na nao que disserão a Antonio galuão como estaua defronte de Calicut que estaua de guerra e delã era a armada que vião, e que ho tempo os lançara ali vindo pera Cochim das ilhas de Baldiua com fazenda pera afeitoria / pedindolbe que os leuasse em sua conserua porque nã tinhão artelharria, e ele ho fez assi e a armada de Calicut nã ousou de os cometer, e nã dando que todos erão darmada e forãose meter no porto, e Antonio galuão surgio defronte por lbe ser ho vento contrairo pera Cochim / pera onde queria ir, nã temendo ho perigo que era estar tão perto

Dos inimigos, e ali pedirão muyto todos os da nao a Antonio galuão que pois ho vento era a popa pera Canano: e pera Soa que fossem lá e que farião muyto proueito em vêder hí suas mercadorias, porq̃ vendendoas em Cochim como era ho derradeiro porto auião de fazer barato delas. Escusandose Antonio galuão desta ida por recear que não tornasse a Portugal no año seguinte por: quão tarde era, lhe disserão que isso querião eles, porque como a nao era grande e não tinha na Índia õde inuernar irião a Ormuz em que farião muyto proueito dobrãdo sua fazêda / e quando tornassem seria mais cedo e poderião empregar de vagar: e como isto era perda del rey não quis Antonio galuão q̃ se fizesse, e acodindolhe tempo foy-se a Cochim onde achou as outras naos que aquele anno partirão de Portugal.

Capit. xi. De como el rey d Portugal mandou que Lopo vaz de sam Payo fosse governador.

Chegados a Cochim Francisco danhaya e Tristão vaz da veiga q̃ erão capitães de duas naos derão a Alfõso meria vedor da fazêda duas vias d cartas q̃ lhe leuauão del Rey d Portugal, e nestas achou ele dous maços de subcessões da governaçã da Índia por falecímêto de dom Anrri- que de meneses. E pera saber como aquilo era leo hũa de duas cartas que lhe el Rey escreuia que dizia,

Alfonso meria / eu el Rey vos enuio muyto saudar. Per duas vias vos enuio nesta armada que nosso senhor leue a saluamêto dous sacos de cartas e despachos das cousas dessas partes que ouue por meu seruiço q̃ agora fossem / e leua hũ dos sacos Tristão vaz daueiga e outro Francisco danhaya: tomay as cartas que vão pera vos e as do capitão mór lhe day e assi todas as outras às pessoas a que vão, e não fique nhũa que não seja dada / e aquelas que esteuerẽ fora donde vos esteuerdes mandaylhas dar e vão a todo bõ recado. E nesta armada me enuiay hũ rol de como forão dadas aquelas que destes às pessoas onde vos estais / e ho modo que teuestes em enuiar as outras q̃ vão pera as pessoas que esteuerẽ fora / e tomay disto bõ cuydado / porq̃ ho ey por muyto meu seruiço serẽ dadas todas as ditas cartas: as prouisões q̃ vão das subcessões da capitania mór, tẽdenaqla boa goarda e segredo q̃ cumpre a meu seruiço como de vos confio. Scripta em Almeirim a vinte dias de Março Pero dalcaçoua carneyro a fez de mil e quinhêtos e vinte seys: e das outras prouisões q̃ ja la tẽdes não se ha du- sar, e as tereis e boa goarda e mas- trareis q̃ndo e bora vierdes. el rey. A outra carta era do teor desta, se não q̃ não tinha esta particula der- radeira. E vistas pelo vedor da fa- zenda / pegouse a esta particula der- radeira que das prouisões das sub- cessões q̃ estauã na Índia nã se auia du- sar: e por isso determinou dar as estas q̃ vão de nouo, e dizêdo q̃ era

hũa cousa que cumpria muyto ao
 seruiço del Rey, fez ajudar na sé de
 Cochim dom Gasco deça capitão
 da fortaleza ho licenciado João do
 soiro ouuidor geral da India, Joã
 rabelo feytoz de Cochim / Duarte
 teixeira tesoureyro das mercado-
 rias / com outros officiaes da fazê-
 da e da justiça / e assi os capitães
 da armada de Portugal e outros
 fidalgos e caualeyros da India. E
 juntos todos lhes leo aquelas du-
 as cartas que lhe el Rey escriuia e
 despois lhes disse que e hũa delas
 parecia bem clara nête não querer
 el Rey que se vsasse das subcessões
 que estauão na India se não daque-
 las que ali mandaua / e que deroga-
 ua as que erão abertas / pelo que
 queria abrir as outras / e ver quem
 el Rey mandaua que fosse governa-
 dor pera ho auer e por esse. Ao que
 dom Gasco deça / disse que por di-
 zer na sua carta que das prouisiões
 que estauão na India não se vsara /
 não se entendia que se vsasse das q
 yão posto que as da India fossem
 abertas : porque se el Rey aquilo
 quisera que assi ho declarara / e que
 escreuera parecen tolhe que as sub-
 cessões que estauão na India não
 erão obertas / mas sendo ho como
 auia de mandar que se não vsasse de
 las e ficar em tamanha obrigação
 como ficaua aos q daua a governã-
 ça da India e iba tiraua sem nhũa
 causa pelo que madaua ter em muy-
 to grande segredo as subcessões , e
 pois el Rey não mandaua, que pos-
 to que fossem abertas as q estauão
 na India / que se abrissem as q mada-
 uaua de nouo que lhe requeria da

parte del Rey que as não abrisse / e
 não desse causa a auer diuísões na
 India, que estaua claro auer antre
 Pero mazarrenhas cuja era a go-
 uernança de dereyto : e aquele que
 se achasse na noua subcessam cuja a
 governança não era / pois el Rey
 não madaua que lha dessem : e se ele
 queria servir sua alteza, que lhe tor-
 nasse a mandar a noua subcessam cõ
 declaração do porque a nã abzira.
 E deste parecer de dõ Gasco forão
 muytos, e outros com ho védor da
 fazenda que se abrisse a noua subces-
 sam. Ele disse a dom Gasco e aos
 outros que de ser mal ou bem abrir
 se a noua subcessam / que ele daría
 conta de como ho fizera, e q a auia
 de abrir : e assi ho fez contra vontade
 da mayor parte dos q ali estauão.

Capit. xii. De como Zopo vaz d
 lam payo foy declarado por go-
 uernador.



Verta a noua subcessão
 Fernão nunez escriuão
 da fazenda a leo em alta
 voz, dizendo

Eu el Rey faço saber a todos os
 meus capitães e alcaydes mores
 das minhas fortalezas da India /
 capitães das naos / nauios das ar-
 madas que nas ditas partes adão /
 feytores e escriuães de minhas fey-
 torias / capitães de naos, nauios q
 vão pera vir cõ a carrega pera estes
 reynos / fidalgos / caualeyros / e
 gête dar mas q nas ditas partes au-
 darê e a todas qes quer outras pel-
 soas e officiaes da justiça e fazêda
 a q este meu aluara for mostrado, q

A

pela muyta confiança que tenho de Lopo vaz de sam payo fidalgo de minha cassa/ que nas cousas de q̄ ho encarregar me sabera bẽ servir: me apraz que sendo casso que faleça dõ Anrrique de menezes/ q̄ ora he meu capitã mór e governador das ditas partes da Índia q̄ nosso Senhor não mãde, subceda e entre na dita capitania mór e governança, ho dito Lopo vaz pera nela me servir/ cõ aquele poder jurdição e alçada que tinha dada ao dito dom Anrrique de menezes/ e me apraz que aja em cada hũ año em quanto me servir na dita capitania mór e governança/ dez mil cruzados .s. cinco mil em dinheiro, e os outros cinco mil em pímẽta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo/ tomãdo e nomeando seu risco nas naos e nauios q̄ nomear que vierẽ pera estes reynos/ segundo ordenãça dos partidos do meyo. Entrãdo assi ho dito Lopo vaz na dita capitania mór e governança da Índia/ entrará na capitania mór do mar que ele tem / Antonio de miranda dazevedo/ com ho ordenãdo que coela tinha ho dito Lopo vaz de sam payo, e no cargo que ele ao tal tempo teuer / prouera ho dito capitã mór ate eu prouer: e não estãdo na Índia ho dito Lopo vaz ao tempo do falecimento do dito dom Anrrique/ por ser vindo pera estes reynos ou sendo falecido/ ou falẽdo despois dêtrar e succeder na dita capitania mór e governança/ e qualquer destes casos entrara por capitã mór e governador Pero mazcarenhas que

estã por capitã de Malaca: e auera ho dito Pero mazcarenhas, os ditos dez mil cruzados / de seu ordenado de capitã mór e governador/ daquela maneyra que os ordeno ao dito Lopo vaz/ e êtrarã Pero de faria na capitania de Malaca, õde o dito Pero mazcarenhas estã e auerã ho ordenado da capitania de Malaca. Estãdo ele por capitã e Goã prouera ho dito meu capitã mór na dita capitania / a pessoa que lhe parecer que pertence mais a meu seruiço ate eu prouer / e auerã ho ordenado da dita capitania. E porem volo notefico assi, e vos mando a todos em geral e a cada hũ em espicial, que vindo ho dito caso se cumpra / e goarde inteiramente este meu aluara como nele he contendo / e a qualq̄r dos sobre ditos que entrar na dita governança obedeçaeis, e cumpraes seus requerimentos e mandados / assi como ho fazies ao dito dom Anrriq̄, e como sois obrigados de fazer ao dito meu capitã mór e governador / e em todo ho deixai vsar / do poder, jurdeção / e alçada / que ao dito dom Anrrique tinha dada por: minha carta / sem duuida nem embargo algũ que a elo ponhaeis, e mando ao meu vedor da fazenda que em cada hũ anno em quanto me servir na dita capitania mór e governança / lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneyra sobre dita. Feyto em Almeirim, a quatro dias d'abril / Jorge Rodriguez ho fez, de mil e quinhentos e vinte seys. Estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os

sobzeditos por anno, sera naquele proprio modo / formar maneyra q̄ os tenho dados ao dito dō Anrrique / e ho ordenado de Antonio de miranda dazeuedo entrando na capitania mōr do mar serāo dous mil cruzados por anno. s. mil em dīnheiro e mil em pimenta no modo sobredito de como a ha dauar ho dito dom Anrrique, posto que diga q̄ ha dauar ho ordenado dō Lopo vaz. El rey lido este aluara, foy feyto hū auto por Fernāo nunez escriuāo da fazēda da abertura daquela subcessam, q̄ foy assinado pelos mais dos que ali estauāo, por em a mais da gente assi altos como baixos estranbanāo muyto abzir se a q̄la subcessam, e diziāo q̄ ho vedor da fazēda fizera hūa cousa muyto errada e roubaua sua hōrra a Pero mazcarenbas que por dreyto era verdadeyro gouernador / e que Lopo vaz de sam Payo nāo faria bem daceitar a gouernança que nāo era sua: e que vindo Pero mazcarenbas esperauāo que ouesse na India grande reuoltapor ter nela muyto mais valia q̄ Lopo vaz de sam Payo. E bē parece que adiuinhando el Rey de Portugal estas reuoltas q̄ se poderiāo seguir / como soube per Frāçisco de mendoça que dō Anrrique de mēses era falecido e lhe subcedera Pero mazcarenbas por cuja ausencia Lopo vaz de sam Payo gouernaua a India / por atalhar ās diuīsōes que poderia auer mādou logo Pedreanes frāces em hū nauio cō recado q̄ auia Pero mazcarenbas por verdadeyro gouernador: e este se perdeu na ilha de sam Lourenço

e nāo ouue effeyto o que el rey quisera. E declarado Lopo vaz de sam Payo por gouernador, e auēdo ho vedor da fazēda por esse, despachou logo dom Anrrique deça que lhe leuasse a Goa (onde lhe pareceo q̄ ho achasse) a subcessam / e por ele escreueo hūa carta ā camara de Goa em que lhe screueo o que fizera pera q̄ soubesse q̄ Lopo vaz de sam Payo era gouernador e o teuesse por esse: e sabendo hū Thomeptrez capitāo dū catur esta noua, partio logo de Goa e busca de Lopo vaz pera lhe dar esta noua e ganhar as aluissaras e achou ho em Dabul de caminbo pera Goa. E sabida a noua pola armada / os mais dela estranharāo muyto o que fizera ho vedor da fazēda / porque todos queriāo antes que Pero mazcarenbas fosse gouernador q̄ Lopo vaz de sam Payo que continuando dali sua viagem chegou a Goa onde sendo recebido como gouernador deu a capitania mōr do mar a Antonio de miranda dazeuedo e a de Goa a Pero de faria. E deixādo em Goa a Eytor da silueira pera que fosse ao estreito / se partio pera Cochim.

Capit. xiiij. De como Hagamah mut se leuantou com Diu / e ho deu a el rey de Lambaya.



Artido Eytor da silueira de Diu desesperado de se fazer forteza / Belique saca q̄ falaua verdade e speranza de cumprir o que prometera / começou logo de ho despejar / e

z mandou sua arrelharía a Jaquete
pera onde determinaua de se ir. E
Magamahmut a que pesaua tanto
como disse de Abeliq dar Diu aos
Portugueses / z trazia grãde dili-
gência polo estozuar / leuãtouse hum
dia cõ a cidade por el rey de Cãba-
ya, sendo Abeliq em hũa sua quintã
duas legoas d Diu: do q a gête foy
cõtete por lhe pesar muyto de se ele
ir dali cõ Abeliq: z leuãtada a cida-
de logo Magamahmut ho fez saber
a el rey de Cambaya / mādandolhe
dizer o q Abeliq determinaua, z pe-
dindolhe a capitania dela, z q lhe
mādasse gête. E el rey sabendo este
recado partio logo pera Diu. E sa-
bêdo Abeliq o q Magamahmut ti-
nha feyto / conheceo então a falsida-
dedo conselho q lhe dera em fazer ir
Eytos da silueira pera Chaul / õde
cuydãdo q ainda estaua Lopo vaz
de sam Payo lhe mādou dizer o q
passaua / pedindolhe q lhe acodisse,
porque esperaria ate sua vinda. E
Christouão de souza por não ter ar-
mada q lhe mādasse / mādou este re-
cado a Goa q foy dado a Eytos da
silueira, por ho governador ser par-
tido pera Cochim: z Eytos da sil-
ueira como ho soube partio se logo
pera Chaul indo coele muytos fi-
dalgos z outra gente / mas sua ida
foy fora de tẽpo z sem proueito por
não estar em Chaul quãdo Abeliq
mādou ho recado q se hi esteuera a-
inda se podera auer Diu, a q primei-
ro q chegasse a Chaul chegou el rey
de Cambaya cõ grãde poder de gê-
te / z Abeliq escassamete pode auer
hũa fusta em q fugio pera Jaqte. E
tudo isto se sabia em Chaul quando

chegou Eytos da silueira, q do mar
mādou dizer a Christouão de souza
q se tinha algũ recado de Diu q lho
mādasse. E ele respõdeo q aqãla for-
teza era del Rey de Portugal / z
se a ele tinha poressa q fosse lá z sa-
beria ho recado, z se assentaria o q
deuião d fazer, z se não q se fosse em
bora. E parecẽdo a Eytos da siluei-
ra q por capitão mór daqãla arma-
da lhe deuia Christouão de souza d
mādar ho recado, insistia q lho mā-
dasse z não qria lá ir, z tambẽ por
recear q como lá fosse lhe tomasse a
armada z mandar outrẽ a Diu. E
dãdolhe Francisco de souza tauares
palaura de não se fazer tal se foy a
fortaleza / z ecõselho lhe disse Chri-
stouão de souza o q passaua em Diu
q era escusado ir lá: pelo q se assẽto-
u q não fosse z tornasse a dar cõta dis-
so ao governador, z não fosse ao es-
treito, por ser certo q coleimãorax
per mādado do turco passaua á In-
dia cõ hũa grãde armada de turcos
z q estaua na ilha de Camarão fazẽ
do hũa fortaleza, z ho mesmo escre-
ueo Christouão de souza ao gover-
nador por Eytos da silueira / q assẽ-
tado isto se partio logo pera Goa
onde não achãdo ainda ho gover-
nador se partio pera Cochim.

Cap. xliij. Do grãde aluoroço
q auia na gête da India / dizẽdo
q Lopo vaz nã era governador.



Artido ho governador
Lopo vaz de sam Payo
da cidade d Goa, chegou
a Cochim / õde ho vedor
da fazenda era tambem capitão, q
na armada do anno presente lhe mā-
dara el Rey de Portugal prouisam

perabo ser juntamente com vedor da fazêda. E sabêdo que Lopo vaz de sam Payo era chegado ho recebeu com muyta festa e ho tornou com todos a jurar e obedecer por governador da India: e como em Cochim estava jûta a mayor parte da gente dela / e os mais erão afeycoados a Pero mazcarenhas e de sejação que ele governasse vendo q se fazia ho contrairo publicamête / estranhauão muyto o que ho vedor da fazenda fizera em abzir a noua subcessam de Lopo vaz e sam Payo despois de Pero mazcarenhas ser jurado e obedecido por governador / e chamado pera governar / e que lhe roubaua sua honrra e justiça. Era a onção que fazião sobristo muyto grande, e auia bandos entre os da parte de Pero mazcarenhas, e os do governador, e perfizauão com muyto perigo sobre ql era governador por deryto auendo palauras hûs com os outros e desafios e peejas: e era a revolta tamanha sobristo em Cochim que nã se ouuia nunca outra cousa / e pera mais ajuda chegou na segunda oytana do Natal hû jingo a Cochim que deu noua que Pero mazcarenhas ficaua embarcado e partira pera a India, q agrauou mais nos de sua valia o que lhe ho vedor da fazêda fizera. E ho governador como soube a noua da vinda de Pero mazcarenhas / porque ele soubesse primeyro que chegasse a Cochim q não era governador / e não fizesse aluoroço mādou ho terlado de sua subcessam, e ho do auto que se fez quando foy jurado e obedecido por

governador a Anrriq figueira feytor e alcayde mór de Coulaõ com hû regimento que tanto que Pero mazcarenhas chegasse ao porto lhe fosse mostrar ao mar ho terlado da subcessam e do auto, e se ho ouvesse por bõ lhe fizesse muyto galbaldo / e doutra maneyra que ho não acolhesse na fortaleza. Partido este recado pera Coulaõ / porque ho governador sabia que se dizia publicamente que ele tomava por força a governança a Pero mazcarenhas pera dar a entêder a todos que não era assi por conselho do vedor da fazenda mandou ao derradeyro dia de Dezembro chamar a sua casa Baftião de souza / Felipe de crasto / Antonio galuão / Francisco danbaya e Tristão vaz da veiga capitães das naos da armada q auia de tornar pera Portugal / que parecia q por essa causa podião dizer se affeição o quelhes naqle caso parecesse, e perante Antonio rico que aquele anno fora de Portugal por secretario disse o que se dizia por parte de Pero mazcarenhas contra a sua subcessam. E por ele não fazer justiça dos que tão oufadamête dizião mal dele / e queria ver se por bem se querião enmendar / quelbes pedia como a fidalgos que tinhão tanta rezão de falar verdade que liuremête lhe dissessem com juramêto dos santos euâgelhos o q lhes parecia da sua subcessam, e se etêdião q por virtude d'la era governador: e logo ho secretario lha leo. E lida / como quer q ho governador lhes pçgütou simprezmête o q lhes parecia de sua subcessam, e se o fazia governador:

assi simplesmente differão todos e cada bũ por si, que tinbão por cousa muyto clara ele ser governador por sua subcessam / e que assi o queria el Rey / e assi ho jurarão que lhes parecia. E Tristão vaz acrecentou mais, dizendo que por se evitarem cousas que serião de seruiço de Deos e del Rey, ele governador ho deuia de ser, e tambem por estar em posse da governança: e quanto a se ele ou Pero mazcarenbas ho deuião de ser por justiça, era necessario ver todas as prouisões passadas e por as não ter vistas ho deixaua de dizer. E a isto se calou ho governador / e disse que assinasse o q̄ dissiera / porq̄ de tudo Antonio rico fez bũ auto q̄ ele e os outros assinarã. E a mesma pregũta, e pelas mesmas palauras fez ho governador a hũ Frey João Baro da ordem de sam Domingos homem letrado / que por mandado del Rey de Portugal fora pregar á India, que jurou ao governador q̄ ho era por deryto por virtude da sua prouisam: e pera ser mais notorio a todos ho diria na pregaçãõ q̄ auia de fazer no dia seguinte q̄ era da Circuncisam de nosso senhor / e no cabo da pregaçãõ disse as murmurações que auia contra ho governador por parte d̄ Pero mazcarenbas estranhandoh muyto, por que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro governador / dando pera isso as melhores rezões que pode / e affirmando que assi ho sustetaria em Paris e em Salamanca e em Portugal pera onde staua embarcado / pelo que se deuia de crer que falaua verdade pois nã tinha neces-

sidade do governador / de quẽ não era tamanho amigo como de Pero mazcarenbas: por em que auia de dizer verdade / e requereo ao governador da parte de Deos que lhe lēbrasse bẽ que tinha nas mãos hũa cousa de tanta importancia e de tanto pelo como era a governança da India: e que pois el Rey de Portugal a confiaua dele, que lherequeria da sua parte que castigasse grauiissimamente quẽ fizesse aluoroços ou mouesse duuidas na sua prouisam, e que os degradasse de Cochise fosse necessario. E o governador ho fez assi / e degradou logo a hum Simão toscano que fora criado de Pero mazcarenbas / porq̄ era ho principal que affirmaua que Pero mazcarenbas era governador / e q̄ ho governador lhe roubaua sua justiça: e assi degradou pera Chaul a Vicente pegado polo mesmo caso e aquiria muytos q̄ tiuessẽ sua voz. E durando estas reuoltas que de cada vez erãõ mayores forãõ acabadas de despachar as naos da carga que auião dir pera Portugal de que forãõ capitães Bastião de Sousa / Frãisco danhaya / Tristão vaz da veiga e Antonio galuão / q̄ partidos de Cananoz seguirãõ sua viagem pera Portugal / leuando Antonio galuão a ossada de seu pay Duarte galuão: q̄ ho clerigo Frãisco aluarez trouera á India de Lamarão vido do Preste: e Antonio galuão a leuou muyto secretamete na nao por a gẽte do mar ter q̄ se perderá a nao em q̄ for corpo morto. E estas naos chegarãõ todas a Portugal a saluamento.

Capit. xv. De como Christouão de souza capitão de Chaul determinou q̄ Lopo vaz de sam payo não era governador.



Vicente pegado que foy degradado pa Chaul pelo governador / depois que foy lá por se vingar dele / disse a Christouão de souza que era verdade que ho governador e ho védor da fazêda estauão concertados de não darem a governança a Pero mazcarembas, affirmado que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro governador e não ele: e que assi ho mandaua el Rey de Portugal em hũa prouisam que dizia / que em caso que Pero mazcarembas estuésse por governador ho deixasse de ser, e ho fosse Lopo vaz de sam Payo / e mostroulhe ho terlado da carta do védor da fazenda: em que el Rey dizia que das subcessões q̄ estauão na India não se vsasse: e assi ho terlado da subcessam de Lopo vaz de sam Payo que viera de nouo. E parecêdo a Christouão de souza que ho védor da fazenda fizera o que não diuia em abrir a noua subcessam: pois Pero mazcarembas estaua declarado, obedecido e jurado por governador / e q̄ el Rey na particula da carta a q̄ se ho védor da fazêda pegaua não mãdaua, que posto que Pero mazcarembas fosse governador se abrisse a noua subcessam: pareceolhe muyto mal ser Lopo vaz de sam Payo governador / e muyto peor a determinação com que Vicente pegado lhe dizia que estauão ele e ho védor da fa-

zenda / e que seria forçado auer na India diuisam que seria cousa muyto pjudicial, por ser certo estar Coleymão raixem Camarão com a armada do Turco pera passar á India, e que auia de ser na moução de Mayo ou de Setembro. E pera saber que meyo nisto tomaria, ajuntou a conselho ho alcaide mor / feyto e outros officiaes da fortaleza com muytos fidalgos que estauão coele: e Vicente pegado disse a todos o q̄ dissera a ele só. E lidos os terlados da carta do védor da fazenda, e da prouisam do governador: propos Christouão de souza ho caso / e todos disserão quelbes parecia o que disse que parecia a ele / e q̄ Lopo vaz de sam Payo não tinha nhum deryto na governança pelas rezões declaradas: mas porque se escufasse diuisam antre duas tais pessoas, e os males q̄ se dela seguirião, era necessario que se posessem em justiça pera se julgar por deryto e não por armas de qual deles era a governança: e que isto deuia de creuer logo a Lopo vaz de sam Payo, de enganando ho que não auia de obedecer por governador a quem isto refusasse antes auia de ser contra ele: e que mandasse esta carta a Francisco de souza tauares que a dêsse a Lopo vaz de sam Payo. E como este era ho mesmo parecer de Christouão de souza / escreveu a carta e mandou a Francisco de souza que a deu ao governador em Boa como direy a diante.

Capit. xvi. Do juramento q̄ ho governador fez em Cochim.



Endo ho governador por muyto certo estarê os rumes em Camará fazêdo hũa fortaleza pa despois de feyta passarem á India, determinou de os ir buscar e pelear coeles: e porque sabia que ádaão muytos Portugueses em Choramãdel/escreueo a Ambrosio do rego que lá era feytoz e alcayde mór que lbes dissesse da sua parte q logo sopena de tredoze se fossem a Cochim porque compria assi a seruiço del Rey, e que perdoaua aos q fossem obrigados á justiça quaes quer culpas que teuellem: porem como ho eles não tnhão por verdadeyro governador não lbe obedecerão/ e també em Cochim muytos não se querião embarcar pera ir coele, dizendo publicamête que fingia ir ao estreyto por não estar em Cochim na chégada de Pero mazarébas por nã se poer coele Pero mazarébas em deryto sobre a governança, e por isso não auião dir coele nem obedecer a seus mandados. E diziale isto tão soltamête, e punha se tâto por obra que se embarcauão muyto poucos. E querendo ho governador atalhar ao castigo q isto merecia, e fazer notorio a todos q partia com tenção de ir pelear com os rumes: hũ domingo estãdo á missa em ho sacerdote leuantãdo a hostia disse em voz que podesse ser ouido. Eu juro naquela hostia conagrada em que está | ho verdadeyro corpo de nosso senhor Jesu Christo que me parto com tenção de ir buscar os rumes e pelear coeles, e pe

ra lbes tozuar que não passem á India. E por esta ser minha determinação, mando a todo homem Portugues tirando aos fronteiros da fortaleza que se embarquem comigo, e quem ho não fizer sayba certo que sera grauemête castigado. E coeste juramêto e amoestação que ele fez se embarcou a gente toda crendo q auia dir pelear com os rumes: e antes de se embarcar deu hũ regimento a Afonso mexia em que lbe mandaua que não recebesse a Pero mazarébas como a governador / antes se quisesse desembarcar em Cochim como governador lho defendesse por armas. E coeste regimêto lbe deu hũa carta pera ele de grandes consolações sobre a mudança q el Rey fizera de ho fazer segũdo sendo primeyro. E feyta esta diligência se partio de Cochim ê Janeyro de mil e quinhentos e vinte sete: e chegando a Cananoz deu a dõ Simão de menseses ho mesmo regimento q deixara a Afonso mexia, e hi deixou por capitão mór de certos bargangantins a hũ fidalgo chamado Jorge de souza pera que goardasse a costa de Calicut: e ho primeyro de feuereyro se partio pera Goa/ e emba ticalá achou Eytoz da silueira que lbe disse o que fizera em Diu. E a certeza que Chriouão de souza tinha da estada dos rumes em Camará/ e como por seu conselho e requerimentos não partira pera ho estreyto: e dali escreueo o governador a Chriouão de souza ho fundamento que leuaua dir pelear cõ os rumes/ pedindo lbe que lbe mandasse a armada que teuelle e a gête que

lhe sobejasse da ordenada á fortaleza. E partindo daqui pera Goa achou no caminho Fernão d' morais que vinha Dormuz, de cujo rey lhe deu cartas, e do capitão da fortaleza / e do feytoz : em que lhe fazião queixume de Raix xaraso de cousas que tinha cometidas contra ho seruiço del rey Dormuz que por isso ho prêdera. pedindolhe todos tres que logo mandasse por ele, porque em quanto esteuesse em Dormuz sempre auia de fazer maldades.

Capit. xvij. De como se assentou que ho governador não fosse a Camarão.



Pegado ho governador a Goa, jutos todos os capitães e fidalgos principais da armada no mosteiro de iam Francisco com os mestres e pilotos dela lhe ppos a estada dos rumes e Camarão / e como queria ir pelejar coeles. Que todos ouuerão por muyto escusado por quã pouca gente tinha, e que seria muyto grande doudice ir cometer hũa tão poderosa armada como os rumes tinhão estando eles em terra / e acordouse que ho governador inuernasse em Goa, e que vindo no verão seguinte armada de Portugal teria mais gête e poderia ir esperar os rumes aa ponta de Diu onde os tomaria trabalhados da viagem e com a artelharía abatida pola passagem do golfão : e desta maneyra com ajuda de nosso senhor os desbarataria de todo. E de tudo isto fez ho secretario hũa auto q todos assi-

narão. E sabendo a gente comum como ho governador não auia dir buscar os rumes, logo começou de dizer que essa fora sempre sua determinação posto que jurara ho contraíro, que bem sabião que não deitara aquela fama se não por fugir de Pero mazcarenhas pera não se poer coele em deryto / e dizião outras muytas cousas em desprezo do governador / porque verdadeiramente crião que ho não era senão Pero mazcarenhas. E desengana do ho governador que não auia dir a Camarão / mandou Manuel de macedo a Dormuz pera que trouesse Raix xaraso preso a Goa pera ser castigado se ho merecesse / e mādou lhe que tornasse a inuernar a Goa, e mandou logo ao capitão moor do mar que se fosse ate Cochim leuãdo grãde vigia sobre não errar Pero mazcarenhas / e q achando ho lhe dissesse da sua parte que se fosse inuernar a Enanoz ou a Cochim / porq assi cumpria a seruiço del rey seu senhor : e quando não quisesse se não ir a Goa que tornasse coele ate a barra / donde ho não deixaria passar ate lhe não fazer saber como ali estava, e deulhe hũa carta pera Pero mazcarenhas que se quisesse tornar a Malaca que lhe daria mayor ordenado do q tinha a capitania. E a causa porq ho governador receaua que Pero mazcarenhas fosse a Goa, era porque vendo ho a gente comum e muytos fidalgos q erão da sua banda aueria aluoroço e se faria diuisam / e ho farião poer em deryto com Pero mazcarenhas / e não queria estar nessa aventura.

Capit. xviii. De como foy mozo Gaspar machado / e outros Portugueses.



Assadose estas couias na India / Pero mascarenhas q̄ estaua por capitão de Malaca / mandou e Janeiro deste anno de vinte seys hũ nauio pera a India, a cujo capitão não soube ho nome. E foy em sua companhia hũ Gaspar machado / q̄ ya em hũ seu jungo cõ sua fazenda q̄ era muyta, e naugando por sua viagem forão ter ao cabo de Comorim / onde tomarã Patemarcas hũ valêtemouro / q̄ adaua por capitão mór d̄ hũa armada del rey de Calicut de cincoenta e dous paraós : e ya caminbo de Ceilão a fazer guerra a el Rey, por ser amigo dos Portugueses : e quis nosso Senhor q̄ ho mar andasse picado / e fizesse grãdemarulho / pera os Portugueses q̄ yão no nauio e no júgo escaparẽ a Patemarcas, q̄ se os aferrara os tomara / e ele bem os quísera aferrar mas não ousou / por q̄ cõ a mar ulhada não se lhe desfizessem os paraós cõ ho nauio, e cõ ho jungo q̄erão mayores, e mais fortes que os paraós, e por isso não ousou aferrar coeles, e cõ tudo posse de balrramento deles, e tirou lhes muytas bombardadas, com q̄ lhes ferio, e matou muytos homens, e antreles foy Gaspar machado / e asaz teuerão que fazer os outros em se acolher : e forão se a Cochim, onde acharão falecido dõ Anrrique de menses.

Capit. xix. De como Pero mascarenhas soube que era governador da India / e do que fez.



Dorge cabral que foy por capitão mór de certas fustas as ilhas de Maldina, vendo como Pero mascarenhas era governador / determinou delhe ir dar esta noua a Malaca / cõ fundamento q̄ lhe daria a sua vagante, da capitania de Malaca por aluissaras da noua q̄ lhe leuaua. E assentado isto cõsigo / partio se pa Malaca na fusta em q̄ andaua : e deu a noua a Pero mascarenhas q̄ era governador da India / per falecimento de dom Anrriq̄ de menses. E Pero mascarenhas lhe prometeo a capitania de Malaca quando se fosse pera a India : e da hí a algũs dias, foy certificado de todo q̄ era governador da India, per Antonio da silua de menses, que lhe deu a carta Dafonso mexia, em q̄ lhe dizia que era governador, e ho mandaua chamar : e ho auto q̄ foy feyto de sua subcessão : o q̄ tudo visto pelo alcaide mór, feytoz, e officia eis da fortaleza, e assi por outras pessoas honrradas q̄ estauão nela, foy Pero mascarenhas obedecido por governador da India. E isto feyto fez se prestes pera se partir pera a India e Agosto, cõ tenção desperar ho leuãte na ilha d̄ Pulopuar, q̄ he e Setebro, q̄ se chama a moução peq̄na / cõ que se iria pera a India. E antes q̄ partisse deu a capitania a Jorge cabral ho q̄ Aires da cunha quísera impe

dir: dizeo q̄ a capitania pertêcia a ele/ por ser capitão mór do mar/ por q̄ quando Alfonso dalbuquerque ganbara Malaca que se fora pera a India, deixara: que falecendo Ruy de Brito q̄ ficaua por capitão da fortaleza/ succedesse na capitania Fernão perez dandrade, q̄ era capitão mór do mar / e depois passara el rey dō Manuel hū aluara, q̄ estava na feytozia: que nas cousas de Malaca se goardassem os regimêtos q̄ Alfonso dalbuquerque hí deixara / e assi se goardara na deferença q̄ Ruy no vaz pereyra teuera cō Antonio pacheco, sobre a capitania, por morte de Jorge de Brito / como disse no liuro Quarto: e por isso q̄ a ele Aires da cunha pertencia a capitania da fortaleza, e não a Jorge cabral / fazendo sobristo reqrimêtos a Pero mascarenhas q̄ lha desse. Ao que respondeo, q̄ tudo quãto Aires da cunha dizia era assi / se a capitania vagara por sua morte, mas q̄ vagava por entrar na governança da India / e por ser governador, era sua a dada daq̄la vagante / e a podia dar a quem quisesse / e por isso a daua a Jorge cabral / assi por aluissara das novas q̄ lbe leuara, como por ser hū fidalgo de muyto merecimêto por sua linhagem / e por muytos seruiços q̄ tinha feytos a el rey. E com tudo Aires da cunha protestou de Pero mascarenhas lbe pagar a sua custa ho ordenado da capitania. E querêdo Pero mascarenhas partir cō a determinação q̄ digo: os pilotos lbe reqrerão q̄ não partisse / porque não auia de poder ir a India naq̄la moução, mas não quis

deixar dir: e partiose e hū nauio caminho da ilha d' Pulopuluar, ôde estado furto / lbe deu tão brauo tempo de vento / q̄ ho masto do nauio quebrou por tres lugares / e esteve muyto perto de se perder / e escapãdo Pero mascarenhas desta borricada / tozrouse a Malaca pera se aparelhar q̄ nã podia assi proseguir sua viagem / e e Malaca achou frãcisco de lá cō a armada q̄ leuaua pa ir fazer a fortaleza e cunda: e coeleya dō Jorge de meneses por capitã de Maluco, per prouisão de dom Henrique de meneses / q̄ lbe Pero mascarenhas confirmou / e lbe deu outro nauio que fosse em sua companhia / a fora ho em q̄ ya: a cujo capitã nã soube ho nome: e assi lbe deu mais gêteda q̄ leuaua, e munições e mandoulhe que fosse pola via de Borneo / pera se descobrir aq̄la nauegação pera Maluco / q̄ era mais curta que pela via de Banda, e dãdolbe regimêto do q̄ auia de fazer, partiose dom Jorge caminho de Borneo: e por q̄ Simão d'souza galuão, que ya por capitã mór do mar de Maluco / soube q̄ Pero mascarenhas determinaua, de ir sobre Bintã pera ho tomar: e soube quã pouca cousa era a capitania mór do mar de Maluco: e quã pouco podia nela servir a el Rey de Portugal, que era pera o q̄ a ele pedira: nã quis ir a Maluco: e ficou e Malaca pera se achar na empresa de Bintão: que tinha q̄ auia de ser hūa couisa de muyta honrra e fama / a q̄ era muyto inclinado.

Cap. xx. Em q̄ se escr eue ho sitio e a fortaleza da ilha d' Bintão.



Vendo Pero mazcare-
 nhas que lhe era força
 do esperar a moução
 grande pera a India: e
 achandose com a gente que Francis-
 co de Sá lenara, determinou de ver
 se podia coela tomar Bintão q̄tãta
 guerra fazia a Malaca. E assenta-
 do em conselho que bo fizesse/ par-
 tiose com hũa armada de dezanoue
 velas. s. hũ galeão pequeno, hũa ga-
 lé/ quatro navios redondos, dous
 bargatins, dous bateis de m̄atas/
 quatro lâcharas e cinco calaluzes:
 e a fora Alvaro de Brito que era ca-
 pitão da galé em que ya Pero maz-
 carenhas/ forão capitães Frãscisco
 de Sá, Aires da Cunha/ Antonio de
 Brito/ Duarte Coelho/ Fernão Ser-
 rão Deuora/ Simão de Sousa gal-
 uão, João Pacheco: e aos outros
 não soube os nomes. Friaõ nesta ar-
 mada trezêtos Portugueses e seys
 cêtos Malayos, de que yão por ca-
 pitães dous mouros honrrados/
 hũ chamado Sanaya raja, o outro
 Tuã mafamede. E coesta armada
 se partio pera a ilha de Bintão que
 na lingua Malaya quer dizer estre-
 la: e por isso elrey de Bintão tinha
 por titulo muyto hõrrado chamar
 serrey da estrela. Faz esta ilha sessen-
 ta legoas de Malaca auante do es-
 treito de Lincapura pegada com a
 terra firme, que hũ estreito rio que
 se vay meter no mar aparta dela. ao
 longo dester rio hũ pedaço da foz de
 le está situada hũa boa pouoação
 chamada Bintão pouuada de mou-
 ros Malayos, onde ho rey que foy
 de Malaca se recolheo despois que
 per Antonio correa foy lançado do

pagode, como disse no liuro quinto
 e a tomou ao senhor dela q̄ era seu
 vassalo: e despois que elrey que foy
 de Malaca se apossou dela/ afortifi-
 cou grandemente pera se defender
 dos Portugueses com receo que ti-
 nha de irem sobrele. E a maneyra
 da sua fortaleza foy esta, e hũa baya
 pequena onde se ho rio mete que he
 ho porto da cidade: fez ao longo dũ
 canal que se ali faz em voltas hũa es-
 tacada pera ficar tão estreito q̄ hũa
 galenão podesse virar nele. E esta
 estacada era d̄ paos muyto grossos
 metidos em olhos de grãdes m̄os:
 e despois de metidos deitauão as
 m̄os no mar/ e que se yão ao fũdo/
 e eles ficauão pa cima fora dagoa
 em boa altura, e doutros paos tão
 grossos como mastos de navios q̄
 naquela terra se chamão paos fer-
 ros mandou fazer hũa tranqueira
 entulhada que cercaua a pouoa-
 ção em redõdo com seus baluartes
 dos mesmos paos tambẽ entulha-
 dos, e com suas portas que se fecha-
 uão e abriaõ, e em hũa pôte que a-
 trauessaua ho rio pera seruentia da
 ilha e da terra firme estauão dous
 baluartes na entrada e saída dela:
 e nelas e na tranqueira ania trezê-
 tos tiros d'artelharía. Esta tran-
 queyza que cercaua a pouoação ti-
 nha em lugar de caua tres ordẽs de
 estrepes com as pôtas bernadas e
 postos e reues hũs pera quẽ quises-
 se entrar/ e outros pera quẽ quises-
 se sair. Esta pouoação era fundada
 em terra deuassa e apaulada, e por
 isso todas as casas estauão sobre es-
 teos de pao alevantadas da terra e
 seruiam se por pontes ou minhotẽs

ras / saluo as del rey, que estauão sobze hũ oiteyro da bãda do serrtão.

Cap. xxi. De como Pero mazcarenbas foy sobre a ilha d' Sintã.



Mauegando Pero mazcarenbas pa esta ilha / passou muyto grãde trabalho no caminho por ser muyto roim, e todo per canaeis q se

fazião antre hũ grande arcepelago dilhas, e chegado cõ toda a frota, surgio de fora da barra, e dahi mãdou sondar ho canal da baia per onde auia dêtrar, e foibo sondar Duarte coelho, q lhe disse, que era ipos siuel poder entrar a nossa frota sem arãncarẽ p̃imeyro a estacada: e mais desembarcando diante da tranquira, nã escaparia nbũ dos Portugueses viuo, segũdo a muyta soma d'artelbaria q tinha, e a fora isso nã se poderia êtrar por ser muito alta. E sabido por Pero mazcarenbas este perigo, determinou dêtrar pela ponte por onde se seruião / pera a terra firme, onde não auia tãta artelbaria, e pera segurar esta ponte, e poder melhor êtrar por ela: determinou de a mandar abalroar por hũ dos navios redondos / e coele mãdaria arrancar a estacada, pera entrar toda a frota: e porq̃ isto era cousa de muyto perigo, escolheo pera ho fazer hũ Fernão serrão Deuora q tinha por esforçado, e era capitão dũ dos navios como disse / a q fez cincoẽta Portugueses pera ho ajudarẽ a este feyto; e fortalecido

ho nauio de largas e fortes arrombadas, q podessẽ resistir aos tiros dos imigos, e assi de boa artelbaria: êtrou na baia indo atoado a dos calaluzes porque fosse bem pelo meo do canal, e ali comẽçarão os q yão no nauio darrancar as estacadas, no q passarão tamanho trabalho camanho nã se pode imagnar, trabalhando continuamẽte no cabrestante / cõ que arrãcauão as estacas a força de peitos, e de braços / cospindo muytas vezes sangue cõ ho trabalho, e como as estacas erã muytas / e a detença muyto grande em as arrancar / surdião tã pouco, q ao mais que adauão cada dia, era ho cõp̃rimẽto de hũ corda de parto, e coeste vagar gastarão oyto dias em chegarẽ de frõte da tranqueira / donde as bõbardadas logo forão tantas que era medo ouuilas, quanto mais velas: e daneficãrão ho nauio de modo / q se não forão as arrombadas fora todo arrombado e metido no fundo. E andando os Portugueses nesta fadiga / appareceo hũ armada ao mar q ya demandar a barra de Sintão.

Cap. xxii. De como foy desbaratada a armada que el rey d' Pão mandaua em socorro del Rey de Sintão.



O rey de Sintão como vio a frota de Pero mazcarenbas / e tinha dele noticia que era muyto caualheiro e dterminado, temẽdo de se ver coele em afronta / mandou muydepressa pedir socor

roa el rey de Dão seu genro e vezi-
nho / que lho mandou logo de trin-
ta e tres lancharas em que irião
bem dous mil homens e muytos
mantimentos. Esta era a armada
que pareceo ao mar: e porque Pe-
ro mizcarenbas se receou que che-
gada esta fuisse a del rey de Dintão
e tomassem a sua no meyo e lhe des-
sem fadiga, não quis esperar que
chegasse: e determinando de ir pele-
jar coelano mar leuando parte da
sua meteo se em hũ balanco, e corré-
do toda a frota disse sua determina-
ção aos capitães / que lhe pedirão
muyto que não tomasse aquele tra-
balho de que ho eles escusarião, e
que ficasse em goarda do porto por
que assi seria melhor. E fazêdo seu
rogo mandou quatro lancharas e
cico calaluzes (a cujos capitães nã
sonbe os nomes) que fossem pelejar
com a frota del rey de Dão / e man-
dou por seu capitão mór Duarte
coelho: e tendo andada hũa legoa
donde ficaua Pero mizcarenbas
chegarão a tiro de berço da arma-
da dos inimigos a que começarão
de tirar com sua artelharía / e eles
com medo dela os meter no fundo
fugirão logo leuãdo a proa em hũa
ilha que estaua dali legoa e meo ate
onde lhe os Portugueses derão ca-
ça / matandolhe muytos com a ar-
telharía, e de vinte tres lancharas
que chegarão primeyro toda a gête
saltou em terra e fugio pola ilha e
as lancharas forão tomadas pelos
Portugueses / as outras dez não
podendo aferrar a ilha passarão
auante e acolhiãse: o q vêdo Duar-
te coelho porque não escapassem /

salto com algũs dos que yão coele
em hũ balanco da sua lâchara, e a
força de remou deu apos eles, tiran-
doibes com hũ meyo berço que ho
balanco leuaua por proa / e nhum
dos outros capitães ho seguiu por
estarẽ todos ocupados em tomar
as lancharas que digo. E vêdo os
mouros ir ho balanco só virarão a
ele indo obra de hũa legoa auante
da ilha: e ele com quãto vio quãtos
erão os que voltarão sobrele / não
deixou de ir por diante, e vendo os
mouros sua ousadia teneranse / e
ele tambem se teue porque lhe pare-
ceo doudice cometer tantos cô tão
poucos como leuaua se não quãdo
não podesse fazer mais. E tornãdo
os mouros a ir parele / ya pareles:
e detendose detinhase: e isto fizerão
por tantas vezes q sobreueo a noy-
te, de que a estas horas era muyto
perto, e os mouros fizerãse na vol-
ta do mar / e Duarte coelho se tor-
nou pera os outros capitães e fo-
rãse todos pa Pero mizcarenbas
com as lâcharas que tomarão aos
mouros carregadas de mantinẽ-
tos: com que ele folgou muyto e te-
uio por pronostico da vitoria que
auia daver del rey de Dintão, e assi
ho disse a todos esforçãdo os pera
a peleja.

Cap. xliij. De como Fernão ser-
rão pelejou com Raquelunena.



Esbaratada esta ar-
mada / tornarão os
do nauio de Fernão
serrão a seu traba-
lho / darrancarẽ as

muytas e muyto grandes estacas que estauão metidas pelo canal por onde auião dir á pôte: em que se vião em tamanho perigo e levarão trabalho immenso quanto não se pode cõtar / porque hũs tinhão os peitos abertos das barras do cabrestãe / outros tinhão os braços moidos de tapar os muytos rombos que a artelbaria dos inimigos fazia no nauio / que não cessaua de tirar de dia nem de noyte com que ho esburacaua todo / e era nele a agoa tanta com toda a diligencia q̃ os Portugueses fazião pela esgotar / que quasi se yão ao fundo. E coesta tamanha fadiga que lhes durou quinze dias, quis nosso senhor q̃ venceste seu trabalho a força dos inimigos / e chegarão á pôte dãdo hũa grãde grita e aferrarão coela. E que sabido por el rey agastou se tanto que deshonrou os seus de muy asperas palautras / pelo que alguns intentarão de fazer dar bonauio á costa / e como foy noyte na vazãte da marê lhe cortarão as amarras de mergulho: e sintido os Portugueses que caçaua acodirão logo e surgirão outras ancoras que tinhão a pique, e forrão as amarras de cadeas de ferro por lhas não cortarem. E vendo os mouros que não podião fazer nada se tornarão muyto enuergonhados: e el rey mandou então a Laqueximena que com quinhentos homens em õze lancharas que tinha varadas fosse pelejar com Fernão serrão e ho tomasse / cuydando que a muyta artelbaria da tranqueyza impediria aos outros nauios que lhe não acodissem,

e mandou que tirassem roda viua / e entre tanto Laqueximena foy aferrar ho nauio de Fernão serrão que bem trabalhou por não ser aferrado desparando assaz de bombardas: por em como as lâcharas erão muytas nã se pode tolher a algũas que ho não abalroassem por proa e logo saltarão muytos mouros dentro, e apos estes aferrarão outros e echerão ho nauio, e outros que não podião entrar tirauão de fora muytas frechadas: e os que estauão no nauio como erão muytos apertarão tão riço com os Portugueses que por mais esforçadamente que pelejauão os levarão ate ho conues: e aqui foy a peleja muy brua e Fernão serrão foy derribado com muytas feridas / porẽ era tão esforçado que se leuãto logo e tornou a pelejar com muyto esforço. E com tudo os seus estauão tão feridos que não podião escapar se a este tempo não sobrenierão Pero mazcarenhas e Duarte coelho cõ alguns Portugueses, que ouindo as puineyras bombardadas do nauio acodirão logo em hũ balanco por escaparem da artelbaria que tiraua da tranqueyza. E chegãdo ás lancharas / porque lhe elas impedião q̃ não entrassem no nauio deitarãlhes dẽtro panelas de poluora com que começarão darder / e os inimigos por não se queymarem hũs se deitauão ao mar, outros fazião a fastar as lancharas e desabafarão ho nauio e fugirão: o que os mouros que estauão dẽtro não sentirão cõho arroido da peleja. E desabafado ho nauio / entrarão Pero maz-

carenhas e Duarte coelho com os que yão coeles, e ajudarão Fernão ferrão tambem que nhũ dos mouros escapou de morte / se dos Portugueses morrer nhum posto que todos estauão muyto feridos, pelo que Pero mazcarenhas quisera q se forão pera os curarem / e q irião outros em seu lugar: e eles não qui serão, dizendo que em quanto teuel sem vida não se auião de tirar dali: o que lhes agardeceo muyto e louuou seu efforço / e curados todos setornou aa frota.

Capítulo xxxiii. De como Pero mazcarenhas tomou a cidade de Dintão.



Endo Pero mazcarenhas a grãde ousadia dos mouros em lhe quererẽ tomar ho nauio a sua vista, ouue medo que lhe queymassem a frota cõ ballas de fogo / e por isso não quis mais dilatar de cometer a cidade / e assentou de ser pola ponte como tinha determinado, mas porque os mouros terião disso receo por amor do nauio q estaua pegado coela / e poerião nela toda a força de sua defenlam: determinou de lhes fazer crer que auia dentrar pela traqueira / õde mandou hũa noyte fazer hũa estãcia de pipas e cestos de campo cheos de terra em que mandou assentar tres berços / e assi mandou fazer com enxadas hũa larga estrada. E na qrimena que estaua por capitão na tranqueyra ho mandou

logo dizer a el rey / e qlhe mandasse mais gente. E ele ho fez assi / e muytos mouros q estauão em outras partes se passarão pera ali cuy dando que por aquele lugar auião os Portugueses de cometer a entrada, e era ho aluoroço muyto grãde antre eles crêdo que ao outro dia auião de ser mortos todos os Portugueses. E como foy noyte Pero mazcarenhas mādou a Sanaya raja q desembarcasse cõ os piães Malayos e se possessesse detras da estãcia das pipas, e assi corêta Portugueses: e mādou lhes q teuellem tẽto q e vêdo fogo em qlquer dos baluartes da pôte, possessesse fogo aos berços e tangessẽ as trõbetas / e dessẽ grãdes gritas como q desembarcauão pera cometer a traqueira. E deixãdo a frota onde staua por não ser sentido se embarcou nos balãcos e mãchuas / e desembarcou bẽpera baixo na terra firme que ficaria hũa legoa da pôte, pera õde tomou ho caminho q fez cõ trabalho grandissimo e perigo, e por milagre d' nosso senhor não se perderão todos, por q yão por vasa em q atolauão ate acinta e ate debaixo dos braços, e por antre hũas aruozes q chamão mãgues q deitão as raizes peracima e ficão como os pés das mesmas aruozes, e como era escuro marrauão coeles / e se não fora ho efforço que lhes nosso senhor daua este trabalho abastaua pera os debilitar tanto que não ficarão pera fazerem cousa q prestasse / por q yão todos elameados / molhados e qbrãtados. E com tudo chegarão á ponte hũa hora antemanhaã e tão efforçados

e inteiros como se então se levan-
 tarão da cama, e acharão Fernão
 Ferrão prestes com sua gente com
 muytas panelas de poluora, com q̃
 logo pōlerão ho fogo a hũ baluarte
 que estava na entrada da ponte em
 vindo da ilha, e nele estava por ca-
 pitão hũ mouro chamado Tuão
 raja, e ho baluarte era de madeira
 e entulhado e pegando ho fogo na
 madeyra começou logo darder. E
 a isto acordarão os mouros q̃ esta-
 uão nele, que cuydando que Pero
 mazcarenhas auia de cometer pola
 tráqueyra estavam muy descuyda-
 dos de cometer por ali, e por isto e
 por estarem desuelados de vigiar e
 toda a noyte adormecerão: e acor-
 dados com ho arroido do fogo say-
 ranse do baluarte por não arderem
 nele, e acodirão a hũ postigo com q̃
 se a pōte fechaua / cujas portas os
 portuguezes tinham acerca arrōba-
 das e q̃bradas d̃ todo / remeterão ao
 postigo Ayres da cunba e João pa-
 checo e etrarão em q̃ pes aos mou-
 ros quelhes resistião brauamente /
 mas eles matando algũs dos dian-
 teiros entrarão d̃etro / e a pos eles
 q̃ntos estavam fora: e como os mou-
 ros virão entrar os primeyros des-
 mayarão logo / e fugirão hũs pera
 as casas del rey outros pera a tran-
 queira onde estava Laquerimena / a
 quem Sanaya raja em vêdo ho fo-
 go no baluarte da ponte deu logo
 rebate pela ordem que lhe Pero
 mazcarenhas mādou. Laquerime-
 na estava tão confiado em lhe pare-
 cer que era impossivel entrarem os
 Portuguezes por ali que não se ata-
 uozaçou nada com o q̃ Sanaya fez,

e estava muy seguro, senão quando
 algũs que fugião do baluarte da
 ponte forão dar coele / fugindo dos
 Portuguezes que yão a pos eles /
 então lhes acodio Laquerimena
 com sua gēte: porem os Portugue-
 zes yão tão desnodados e com tão
 brauo impeto. E os mouros fica-
 rão tão espantados de os verem d̃e-
 tro na cidade, que não dando por
 Laquerimena fugirão pera as ca-
 sas del rey e os Portuguezes apos
 eles matando e ferindo muytos. E
 el rey estando muyto fora de lhe pa-
 recer que a cidade se podia entrar
 estava de honrrando algũs quelhe
 affirmauão que era entrada / e man-
 daua os que fossem goardar a tran-
 queira: e nisto começou denxergar
 os seus que yão fugindo / e então
 creio que entrarão a cidade, e tendo
 escassamente tempo pera cavalgar
 em hũ alifante fugio ficando sua ca-
 sa assi como a tinha / e os Portu-
 guezes yão tão desejosos de ho to-
 marem que derão a pos ele: o que de-
 sintindo se deceo e embranhou se no
 mato que era muy espeso / e por isso
 os Portuguezes ho não quizerão
 buscar / e foranse em busca de Pero
 mazcarenhas que acharão pelejan-
 do com hũ capitão chamado Xaxa
 raja que se defendia com passante
 de mil mouros ao derredor d̃ũ ba-
 luarte onde estava de que os mais
 morrerão e ele fugio ferido d̃ duas
 espingardadas: e assi forão outros
 muytos mortos e feridos ate as
 dez horas do dia que se acabou este
 feyto / q̃ foy hũ dos maravilhosos
 que os Portuguezes fizeram na
 aquelas partes de q̃ aproue a nosso

senhor que não morreo nhū somen-
te forão feridos algūs.

Capit. xxv. Do q̄ fez Pero maz-
carenhas despois de tomada a ci-
dade.



Somada a cidade lo-
go tres mercadores
estrangeiros z ricos
que hí morauão se fo-
rão a Pero mazcare-
nhas a pedir-lhe q̄ lhes fizesse merce-
das fazêda pois erão estrãgeiros.
O q̄ Pero mazcarenhas fez de boa
võtade com cõdição que lhe auião
de dar mantimentos os dias que
ali esteuessse/pelo q̄ derão arrefens:
z despois mandou Pero mazcare-
nhas saquear a cidade em que se ou-
ne muy rico despojo p̄ncipalmen-
te nas casas del rey: z assi forã acha-
das trezentas peças d'artelharía, z
muytas delas que forão tomadas
aos Portugueses. E roubada a ci-
dade foy posto ho fogo às trãquey-
ras z baluartes q̄ durou tres dias
z tudo ardeo de maneyra que ate os
paos que estauão metidos debaixo
do chão arderão: z Pero mazcare-
nhas estaua tão magoado do muy-
to mal que os mouros desta terra
tinhão feyto aos Portugueses/
que não se auendo por vingado do
que lhes fez, z tambem pera ver se
podia tomar el rey que sabia que es-
taua na ilha mãdou fazer nela muy-
tas entradas a seus capitães, p̄n-
cipalmente por el rey de Linga grã-
de amigo dos Portugueses que vi-
nha pera ho ajudar com hũa arma-
da de dezoyto lancharas z calalu-

zes: z este por que não pode ser na to-
mada da cidade a judaua aos Por-
tugueses a correr a ilha/ em que a-
inda forão mortos muytos mou-
ros z catiuos dous mil: z isto foy
feyto em quinze dias q̄ Pero maz-
carenhas esteue na cidade despois
que a tomou. E vendo el rey ho dã-
no que se fazia em sua gente/ z se ali
mais esteuelle que ficaria sem nhũa
foyse pera hũ lugar chamado Uge-
tana onde despois morreo. E espa-
lhada a noua como Pero mazcare-
nhas tomara Bintão z era el rey fu-
gido foy ter ao q̄ era dantes senhor
de Bintão que moraua na terra fir-
me/ pera onde se foza despois que
lhe el rey de Malaca tomou aquela
ilha/ z sabendo como Pero mazca-
renhas a ganhara por força/ pare-
ceolhe que dele a tornaria a cobrar
cõ se fazer vassalo del Rey de Por-
tugal/ logo lhe foy falar com sua
licença/ z fizerão pazes com condi-
ção que ho senhor de Bintão não
fizesse nela nhũa fortaleza, nem a-
uia de ter armada/ z quando alguẽ
lhe fizesse guerra que ho defendes-
sem os Portugueses: z dali por
diante foy muyto grande seu ami-
go. E isto feyto despachou a Fran-
cisco desá que fosse a çunda a fazer
fortaleza z deulhe trezentos Por-
tugueses que se embarcarão em se-
te nauos / de cujos capitães não
soube mais nomes que ho de Fran-
cisco desá z de Duarte coelho que
leuaua a alcaydaria mór da fortale-
za se se fizesse. E partido Francisco
desá, partiose Pero mazcarenhas
pera Malaca / onde lhe foy feyto
muy solêne recebimento, assi polos

Portugueses como pelos da terra porque todos ganhauão muyto na destruição del rey de Bintão com que se liurarão das grandes guerras que tinhão assi coele como com outros reys que ho ajudauão que vêdo ho destruido os mais fizeram paz com Pero mazcarenbas / e da li por diante foy Malaca muyto ennobrecida e abastada de mercadorias e mantimentos.

Capit. xxxv. De como Francisco de sa foy a çunda, e do que lhe aconteceu.



Artido Frãisco de sa pa çuda õulbe hũ tamanho tẽporal de vẽto q̃ os nauos da armada se esparharão, e Frãisco de sa e outros tres capitães forãcada hũ por seu cabo / e Duarte coelho q̃ ya em hũa nao arribou ido e sua cõpanhia hũa galé e hũ bargatim, e forãõ ter a barra de çuda q̃ he hũa cidade q̃ está no cabo da ilha de çamatra ao lõgo de hũ braço de mar q̃ aparta a ilha de çamatra da ilha da Faõa a mayor. E ao derrador desta cidade ha muyto grãde soma õ pinẽta tão boa como a do Malabar: he terra fresca e bastada de mâtimẽtos / he pouoadade de mouros / e tẽ rey sobresi q̃ tãbẽ he mouro: e a este tẽpo q̃ ali chegou Duarte coelho não era ja seõor da cidade ho rey q̃ queria dar fortaleza se não a q̃le cõ quẽ tinha guerra q̃ lha tomou por força / e pa se acabar de todo do possar dela estava nela / e tinha muyta gẽte de guerra: e era inimigo dos Portugueses, porq̃

sabia q̃ ho rey a quẽ tomara a cidade os mãdara chamar e sua ajuda e lbes q̃ria dar fortaleza. E q̃ndo Duarte coelho ali chegou cõ o tẽporal q̃ digo / deu aa costa ho bargatim q̃ ya e sua cõpanhia, e saluaranse em terra trinta Portugueses q̃ yão nele / q̃ forã logo tomados polos mouros e degolados porq̃ os tinhão por imigos / e a nao de Duarte coelho e a galé tãbẽ se ouuerãõ de perder, se os nosso seõhor não saluara. E vêdo Duarte coelho o q̃ fora feyto aos do bargatim vio q̃ a terra estava de guerra, e achãdo se sem Frãisco de sa vio q̃ era tẽpo perdido estar ali mais e foy se como ho tempo abonancou: e desta ida de Duarte coelho, e do q̃ ja el rey sabia do outro seu antecessor q̃ tinha dada palavra õ dar fortaleza aos Portugueses / ouue ele medo q̃ tornassẽ cõ grãde armada / e por isso ajutou mais gẽte da que tinha e fortaleceose ho mais q̃ pode. E estando assi tornou Frãisco de sa cõ toda a sua armada q̃ andou ajutando por esses portos da ilha da Faõa õde foy ter, e partio da cidade õ Panaruca: e chegou a çunda mãdou cometer a el rey q̃ lhe deixasse fazer fortaleza como deixara seu antecessor: e sobre ele nã querer desembarcou Frãisco de sa cõ sua gẽte pera ho fazer por força: e como os mouros erãõ muytos e estauãõ bẽ fortalecidos desẽderãõ a desembarcaçãõ aos Portugueses / matando algũs deles. E Francisco de sa vendo que não podia desembarcar se recolheo a sua armada. E conbecẽdo q̃ cõ a pouca gẽte q̃ tinha nã podia fazer nada tornou

se pera Malaca, õde ja não achou
 Pero mazcarenhas q̄ era partido
 pera a India, e por isso não pode a-
 uer mais gẽte pera tornar a çunda,
 nẽ Jorge cabral lha pode dar / assi
 por ter pouca como por mãdar na
 q̄le tẽpo Bõçalo gomez dazenedo
 cõ socorro a Maluco como drey a
 diate: e por isto não pode Francisco
 de Sá tornar mais açunda / e se foy
 despois pera a India.

Cap. xxvii. De como Pero maz-
 carenhas chegou a Cochim / e
 querẽdo desembarcar lhe resistio
 ho vedoz da fazenda.



Inda a moução em q̄ se
 podia ir pera a India /
 partiose Pero mazca-
 renhas cõ tres galeões
 carregados da fazẽda del Rey e da
 sua / e de caminho passou por Cou-
 lãõ / õde foy recebido do feytoz e
 alcayde mór Anriq̄ figueira como
 governador (posto q̄ tinha regimẽ-
 to em cõtrairo de Lopo vaz de sam
 Payo) e cõtoulhe tudo o q̄ passara
 na India despois de ser chamado
 pera a governar: do q̄ ele ficou assaz
 dagastado / e conselhouse do q̄ faria
 cõ hũ Simão caeiro q̄ como gover-
 nador fizera seu ouuidoz gẽral e
 cõ hũ Lançarote de seixas a q̄ pelo
 mesmo modo dera officio de secreta-
 rio. Estes lhe conselharão q̄ se fos-
 se a Cochim e vsasse de muyto rigor
 cõ Afonso meria porq̄ abziria a no-
 ua subcessam, porq̄ ele tinha toda a
 culpa e a abzir: porẽ que descansasse
 q̄ posto q̄ fosse aberta lhe não periu-
 dicaua ao dreyto q̄ tinha na gover-
 nãça por a sua subcessam ser primey

ro aberta. E parecẽdolhe bẽ este cõ-
 selho / partiose pera Cochim õde che-
 gou ho derradeyro de Feureyro.
 Afonso meria q̄ tinha sobrele inas
 espias sabẽdo como era chegado,
 lhemãdou logo notificar pois iuy-
 zes de Cochim / e por Duarte teixei-
 ra tesoureyro das mercadorias / e
 por Manuel lobato escriuão da fey-
 tozia ho terlado da noua subcessam
 de Lopo vaz de sam Payo / e ho re-
 gimẽto q̄ tinha dele pera ho não re-
 ceber como a governador / e lhere-
 querẽdo da parte del Rey q̄ obede-
 cesse ao governador pois ho era por
 aq̄la prouissam. Ao q̄ Pero mazca-
 renhas respõdeo cõ muyta colera q̄
 aq̄la prouissam não era assinada por
 el Rey, e por isso não era obrigado
 a conbecela por sua: e q̄ Afonso me-
 ria como seu inimigo a poderia fazer,
 e por essa causa lhe nã auia dobede-
 cer principalmẽte por estar e posse
 da governãça q̄ ho mesmo Afonso
 meria lhe dera e q̄ eles mereciã muy-
 grãde castigado pois sabẽdo q̄ era
 governador ouiauoõ õ lhe fazer ta-
 is requerimẽtos. E Simão caeiro
 como ouuidoz geral lho estranhou
 muyto dizendo que aquilo era ca-
 so õ treição / e por seu cõselho ouue
 Pero mazcarenhas os iuyzes por
 priuados dos officios e que se pena
 de perdimentos das fazendas não
 saysem de casa despois que fossem
 em Cochim / e mandoulhes tomar
 abito e tonsura, e fazer auto de sua
 prisam pera despois proceder con-
 treles: e coesta reposta os mandou,
 Duarte teixeira e Manuel lobato
 ficarãõ presos cõ ferros no nauio
 por que insistirão mais no requeri-

mento chamando governador a Ro-
po vaz de sam Dayo. O que sabido
por Afonso mexia, lhe mandou re-
querer da parte del Rey que lhe sol-
tasse os presos que erão officiaes de
sua fazenda que se podia perder por
sua prisam tomandolhe a requerer
q̄ obedecesse á prouisam do gover-
nador de que tinha regimento q̄ ho
não recebesse em terra por nenhũa
uia e lhe resistisse com armas o que
auia de fazer / e que se quisesse algũa
couisa que se fosse a Boa e hiacharia
ho governador, o que se ele fizera fo-
ra liure da muyta deshonrra q̄ lhe
foy feyta, e suas cousas se fizerão
melhor / mas não teue quem ho acõ-
selhasse / porq̄ Simão caeiro e Vã-
carote d̄ seixas cõ quãto vião ho ri-
gor em q̄ se Afonso mexia punha, e
ho grande poder q̄ tinha por seus
officios / e quão pouco Pero maz-
carenbas / acõselhaualhe q̄ leuasse
tudo a força de braço / e que desem-
barcasse, porque como fosse em ter-
ra seria governador: e como ele era
muyto bõ caualeyro e tinha animo
pera tudo pareialhe que tudo po-
dia leuar auante, e por isso respon-
deo ao vedor da fazenda q̄ ao outro
dia lhe respõderia e terra porq̄ era
q̄si noyte. E temendose ele q̄ Pero
mazcarenbas desembarcasse d̄ noy-
te e entrasse na cidade por ser rasa /
chamou todo ho pouo d̄ Cochim a
repiq̄ de sino: e cõ quãtos a muitos
parecia mal tomar se a governaçã a
Pero mazcarenbas / pelo q̄ deuião
ã obediência portuguesa q̄ nã dispu-
ta se os mādados de seu rey ou dos
q̄ estão em seu lugar sam justos ou
injustos, e acodirão logo todos pos-

tos e armas pera fazer e o q̄ lhes A-
fonso mexia mādasse: e eielhes noti-
ficou o q̄ passaua cõ Pero mazcare-
nbas / q̄ não q̄ria se não desembar-
car cõtra ho regimẽto do governa-
dor: pelo q̄ lhes requeria da sua par-
te q̄ tãto mõtana como da del Rey
pois tinha suas vezes q̄ lhe ajudas-
sẽ a cõpzir ho seu regimẽto q̄ era de
fender cõ armas a desembarcação
a Pero mazcarenbas e lhe ajudas-
sẽ a goardar a praya aq̄la noyte. E
eles ho fizerão de boa vótade / e a
praya se goardou cõ tãta diligẽcia
como q̄ se goardara de imigos / e to-
da a noyte Afonso mexia gastou em
mãdar req̄rimẽtos a Pero mazca-
renbas q̄ não desembarcasse / e q̄ se
fosse a Boa e lá req̄resse sua justiça:
e ele respõdeo a todos que em terra
lhe respõderia / e ao derradeyro a-
crecẽto mais q̄ não aueria e Afon-
so mexia tãto pouca humanidade, q̄
como a Chistãos q̄ erão ele e os de
sua cõpanhia os não deixasse desem-
barcar pa ouuir e missa. E sendo ele
desenganado q̄ nẽ pera isso, nã quis
se nã desembarcar porq̄ tinha inte-
ligẽcia cõ algũs da cidade q̄ desem-
barcasse coa q̄la cor, e como fosse em
terra se leuãtarião cole obedecẽdo
por governador, e prẽderião Afon-
so mexia: o q̄ não podião fazer se ele
desembarcar, e isso fez a Pero maz-
carenbas insistir em sair em terra
e não se ir a Boa, e tãbem auer por
grande afronta ter Afonso mexia
ousadia pera lhe dizer q̄ por armas
lhe defenderia a desembarcação, se
do ele hũa pessoa tãto principal na
India, e tido por muyto esforçado
pelos muytos feytos em armas q̄

fizera. E como ele não queria come-
çar brigas com Alfonso mexia, e pa-
recendolhe q̄ desembarcãdo desar-
mado as não queria coele / e tãbem
de confiado que não ousaria de as
cometer / e que os requerimentos
passados forão mais pera ho espã-
tar, que pera ho executar / cometeo
a desembarcação / indo cõ toda sua
gente em dous bateis, e leuãdo ou-
uidoz e meirinho com varas / e assi
ele como todos os outros, tã des-
armados, que ate espadas não leua-
uão. E vendo Alfonso mexia, q̄ não
q̄ria se não desembarcar / defendo-
lho como a inimigo / fazendo meter
pola agoa os que stauão coele, e mã-
dãdolhes q̄ ferissem a Pero mazca-
renhas / e aos de sua cõpanhia / co-
mo a inimigos, e assi ho fizerão: bra-
dãdo Pero mazcarenhas e os seus
que ho não fizessẽ / por q̄ erão Chri-
stãos, e não querião guerra se não
paz / e como pacificos yão sem ar-
mas: e requerendolhes da parte d̄
Deos e del rey q̄ esteuessem quedos
ho que eles não fazião nem podião
fazer / porque Alfonso mexia os nã
deixaua, e andaua atreles sobre hũ
caualo acubertado armado / bradã-
do que os matassem como a immi-
gos, pois desobedeclão aos mãda-
dos de seu rey / e eles ho fazião assi
que os de Pero mazcarenhas não
tinhão cõ q̄ se defender. A gente da
terra que saio toda a ver isto estaua
muyto espantada / e assi era pera es-
pantar ver Portugueses fazer cou-
ta tã fea / e mais em terra de seus
inimigos: por q̄ não poderão eles fa-
zer mais mal aos do mar do q̄ lhes
fazião os da terra, e conbecẽdo q̄e

romazcarenhas quã mao cõselho
foza ir desarmado pois desembar-
caua: e vendo que não podia desem-
barcar recolheose / indo bem espan-
cado / e ferido em hũ braço, e assi
hũ seu parête chamado Jorge maz-
carenhas foy ferido de hũa chuça-
da, e outros muytos, e todos espã-
cados e pisados / e despois q̄ Pe-
ro mazcarenhas foy no seu galeão
mandou fazer hũ auto do q̄ lhe A-
fonso mexia fizera sãdo governador
da India: e a ele, e a todos os mora-
dores de Cochim mandou aprego-
ar por tredõres, ameaçãdoos q̄ lho
autã d̄ pagar se gouernasse a India.

Capit. xxviii. De como não po-
dendo Pero mazcarenhas dei-
se embarcar em Cananoz se partito
pera Goa.

Recolhido Pero mazca-
renhas aos galeões não
disistio Alfonso mexia d̄
goardar a praia / e quã-
to Pero mazcarenhas esteue no
porto / receãdo q̄ se metesse e Cochim
e logo escreueo ao governador o q̄
tinha feyto a Pero mazcarenhas /
mãdãdolhe todos os req̄rimẽtos
q̄ lhe fizera sobre q̄ nã desẽbarcasse
e isto lhe mandou por Aires da cu-
nha, q̄ tãbem leuou carta de Pero
mazcarenhas pa ho governador e
q̄ lhe escreuia o q̄ lhe foza feyto per
Alfonso mexia / e por isso se q̄ria ir
ver coele, e o mesmo escreueo a muy-
tos fidalgos q̄ stauã e Goa, pedido
lhes q̄ determinassem se auia d̄ ser
Lopo vaz d̄ sam payo governador
ou ele / por q̄ nã q̄ria se não justiça.
E partido Aires da cunha coestes

papeis mandou Afonso mexia requerer a Pero mazcarenhas q̄ lhe mandasse entregar os galeões que trazia pera os mādār corregger e lhe entregasse a fazenda del Rey / e pera ir a Goa se la quisesse ir lhe daria hũa carauela. Do que Pero mazcarenhas foy contente / por q̄ despois que arrefeceu da furia que lhe cauou a injuria que recebera, lembrou se das que forão feytas a Afonso dalbuquerque (a quem desejava de seguir) e outro tal caso como aq̄le, e por isso determinou de não fazer nada por força se não por justiça: e coesta determinação não quis reter os galeões porque não parece se que se queria fazer forte neles / e entregouos com a fazenda que tinhamão / e mudou se pera a carauela com sua fazêda e criados. E coesta mudança os mais dos que vinhão nos galeões se forão a terra por não caberem na carauela, e polo verem coa q̄la determinação: e algũs destes forão presos por mandado do vedor da fazêda, e antreles foy Jorge mazcarenhas estando ferido da chucada que disse / e assi ferido como estava ho mandou levar preso a fortaleza de Coulão, como a quem fizera grãde crime: sendo ele pessoa que tinha bem servido el Rey, e fidalgo de sua casa. E Pero mazcarenhas despois que se mudou a carauela, partio se pera Cananor a esperar bi ho recado de Goa. por q̄ dom Simão de meneses capitão da fortaleza era seu amigo / mas achou a cousa muy desuiada do que cuida ua porque sabendo dom Simão q̄ estava no porto lhe mandou logo di

zer / q̄ lhe pesava muyto de sua vida ser em tal tempo: que lhe não podia fazer nenhũ serviço sendo muyto grande seu servidor / porque tinha mandado do governador Lopo vaz de sam Dayo a quem toda a gente da India tinha por governador / que chegando ele aquela fortaleza se quisesse ir a ela como hũ fidalgo tão hõrrado e de tanto merecimento como ho seu que ho recebesse com toda a honrra e cortesia q̄ fosse possivel: mas que se fosse com nome de governador que lho não consentisse / e ele polo que devia a sua lealdade não podia fazer outra cousa se não obedecer lhe como a pessoa del Rey de Portugal q̄ representava. ao que Pero mazcarenhas respondeu que não queria se não que comprisse com sua lealdade / e que não queria dele mais que hũ catur em q̄ fosse a Goa pera ir ainda mais raso que na carauela e com menos sospeita de querer por força auer a governança que não queria se não por justiça. Do que lhe dõ Simão louuou muyto, e lhe mandou dar ho catur em que não quis levar mais gente a fora os remeyros q̄ Simão caeiro e Lançarote de seiras e dous moços que ho servissem / e com quanto lhe veio á memoria ir se a Chaul pera Christouão de souza que tinha por amigo / e dahi fazer suas cousas / não foy por recear que fizesse como dom Simão, e mais pola fama que auia que era grãde amigo de Lopo vaz de sam Dayo / e por isto não quis lá ir e partio se pera Goa parecedolhe q̄ ho governador sequeria poer coele em justiça, e quando não

dos fidalgos que estauão coele lho farião fazer. E poêdose ho caso em dreyto a governança seria sua por lhe dizer Simão e cairo que ho muyto que tinha nela lhe daua.

Capit. xxix. De como ho governador soube o que Afonso mexia fey a Pero mazcarenhas.



Pres da cunha que leuana os reca dos d' pero mazcarenhas e do vedor da fazenda pera ho governador chegou a Soa a quatro dias de março, e deu lhe os papeis que leuaua e vistos por ele, e sabendo por Ayres da cunha o que se fizera a Pero mazcarenhas ou nesse por seguro na governança. E dando conta disso a Eytor da silueira e a Pero de faria e a algus fidalgos de que se fiaua, lhe conselhoão que por nhũ modo consentisse que Pero mazcarenhas fosse a Soa, por que segũdo a gente estaua descõtete da abertura da noua prouissam, e tinha que lhe fora tomada a governança que vendo ho em Soa se leuãtarião coele, por isso que ho não cõsentisse entrar nela: o que pareceo bem ao governador, e escreueo logo ao capitão mór do mar que por ser grande incomueniẽte ao seruiço del Rey seu senhor ir Pero mazcarenhas a Soa como lhe dizião os fidalgos que estauão nela, lhe mandaua que fizesse de maneyra que tomasse Pero mazcarenhas e lhe requeresse da sua parte que se fosse a fortaleza de Cananoz dõde não sayrta sem seu mandado, e não lhe que

rendo obedecer lho faria fazer por força, e preso ho entregaria a dom Simão de menses de que cobzaria conhecimento de como ho recebia, e quando se Pero mazcarenhas defendesse ho metesse no fundo se fosse necessario, fazendolhe primeyro todos os requerimentos e protestaçoẽs que cumprissem, e escreueo hũa carta a Pero mazcarenhas dando lhe toda a culpa do que lhe fora feyto pois não quisera obedecer a seu regimento que lhe ho vedor da fazenda mãdara noteficar, e por isso não tinha rezão rezão de castigar ninguem do que lhe pesaua muyto, e quanto a ver se coele e com os fidalgos que estauão em Soa erão todos dacordo que ho não fizesse polo auerem por verdadeyro governador, e mais que daria sua ida grande toruação a se fazer o que era necessario pera ho recebimento dos rumes que eperauão, e por isso lhe pedia muyto de sua parte e reqria da del Rey seu senhor que se fosse a fortaleza de Cananoz como ho capitão mór do mar lhe daria, e dabi mandasse requerer o que quisesse. Coestas cartas despedito logo Ayres da cunha a quem pola noua que lhe dera, e por lho ho vedor da fazenda pedir deu a feytozia e alcaydaria mór de Loulão e a tirou a Anriq figueira que a tinha por el Rey, dizendo que fizera treição e receber Pero mazcarenhas por governador. Partido Ayres da cunha coestas cartas deu as ao capitão mór do mar, que nunca pode topar com Pero mazcarenhas, e por isso não ouue effeyto o que ho governador mandaua.

Capit. xxx. De como ho gouernador mandou q̄ fosse preso Pero mazcarenhas.

Como quer que a maior parte da gente q̄ estava em Goa assi alhos como batros fossem de parecer que a governança era de Pero mazcarenhas sabendo que era na India / e que auia de ir a Goa aluorazaranse muyto pera sua vinda / e dizião publicamente que ele era gouernador e não Lopo vaz de sam Payo / e q̄ vindo ele ho ajudarião a selo / e logo se começaram bandos antre eles / e os que tinhão q̄ ho gouernador ho era / e a cada canto auia ajuntamentos e perfias dūs com outros sobre cuja era a governança, e auia grande aluoroço e vnião pola cidade. E sabendo ho ho gouernador / disse ho a seus amigos pedidolhes conselho: e eles lho derão q̄ deuia de mandar goardar ambas as barras de Goa / porque hi era mais certo tomarse Pero mazcarenhas q̄ no mar õde ho capitão mór do mar ho poderia errar, e mādasse q̄ ali fosse tomada a menagē a Pero mazcarenhas / que se fosse á fortaleza de Cananoz donde não sayria sem seu mandado, e não querendo dar a menagem que fosse preso em ferros / e assi ho leuassem a Cananoz. E ho principal deste conselho foy Eytos da silueira a quem ho gouernador daua mil pardaos do ordenado. Despois que Antonio de miranda seruió de capitão mór do mar, e isto por ho ter õ sua parte por ser pessoa

de credito e ter muytos parentes q̄ ho gouernador cuy daua que serião de sua valia por sua parte: e porque Pero mazcarenhas zos de luapar te cuy dassem que era assi, cometeo a Eytos da silueira que ho fosse prender: do que se ele escusou porque lhe parecia bē prender se pera ho aconselhar mas nã per a ser ho executor, porque sabia quãto todos os fidalgos da India lho estranbarião. E vendo ho gouernador que se escusaua mandou a Simão de melo seu sobrinho e a Antonio da silueira de menseses seu genro que fossem com grande armada goardar ambas as barras de Goa e prendessem Pero mazcarenhas não querendo dar a menagem / e que Simão de melo ho leuasse a Cananoz e ho entregaria a dom Simão preso em ferros de que cobraría conbecimēto de como ho recebia, e que assi ho entregaria quando lho ho gouernador mandasse / e eles se partirão pera as barras a no ue de Março com tamanha armada e chea de tanta gente como se fõrão esperar os rumes, o que aluoroçou mais os da parte de Pero mazcarenhas e dizião que bē mostraua ho gouernador q̄ queria gouernar por força pois não queria q̄ Pero mazcarenhas fosse a Goa por não se poer coele em deryto / e se teuera por certo telona governança q̄ lhe não dera nada de ir a Goa, e q̄ posto que ho mandasse prender q̄ a governança auia de ser sua, e dizião de noyte em lugar que ho ouuia / e ele dissimulaua por não auer moos aluoroço: e por em era tamanho q̄ não podia ser mayor, e algũs se yão

aquitar do que ho governador fazia ao goardião de sam Francisco de Goa que era homem letrado, dizendo-lhe que polo que deuia a seu habito lhe deuia desfrantar o que fazia a Pero mazcarenbas, e ele respondia que não auia que lhe estranhar por que fazia justiça: e que responderia mais largamente no cabo da pregação que auia de pregar bo domingo seguinte: e disse isto ao governador pedindo-lhe a sua prouisão para aler no pulpito: e prouar por ela que ele era verdadeyro governador, e ele lhe rogou muyto que ho fizesse. E estado ho governador presente com muytos capitães e fidalgos, leu no cabo da pregação em alta voz a prouisão per q Lopo vaz de sam Payo era governador. E despois q prouou por muytas rezões que ele era verdadeyro governador (o q ningũ nega se a subcessam de Pero mazcarenbas não fora aberta primeyro) disse ho por q fazia aquela declaração: e que dizia a todas as pessoas que dizião que ho governador tomava por força a gouernança a Pero mazcarenbas q vissem bem o que fazião: porque a fora lhe affacarem hũ grande falso testemunho cometião treição contra el Rey cousa muyto auozrecida entre os Portugueses pola muyto grande lealdade de que sempre usarão sobre as outras nações: e posto q ele era Castelhana não auia vergonha de ho confessar, mas que a auião dauer os que lhe fazião dizer aquilo: e que duuidauão em cousa tão clara como era ser Lopo vaz de sam Payo governador por dery.

to e não por força: e que bẽ sabião todos quão pouco parêtesco tinba coelenẽ com Pero mazcarenbas: e quão pouca necessidade tinba deles nem doutra nenhũa pessoa deste mundo: e que ainda que lhe algũs affacauão que ele não falaua verdade: o q se ele fazia prouesse a Deos eterno que no inferno fosse confundido: e lhe tirasse logo a fala se ele dizia senão o que entendia, e assi ho juraua polo deos q aquela manhaã teuera nas mãos: e por tão requeria da parte do Sancto padre ao vi gairo geral que hi estava que passasse hũa carta descomunhão em que ouesse por escomungados a todos os q dissessem que ho governador ho não era por deryto, e pagassem dez marcos de prata para a se e não podessem ser abolutos se não polo bispo do Funchal: e reqria ao ouidoz geral e a todos os fidalgos q ouhassem por tamanha cousa como aquela era: e que soubessem todos que as goardas que ho governador punha nas barras não era por se temer da vinda de Pero mazcarenbas se não por não auer aluorços: e cuydando que ficauão todos crêtes coesta fala q Lopo vaz de sam Payo era governador por deryto calouse: e logo Pero de faria capitão de Goa lhe pediu a subcessam e a beijou e pos na cabeça: dizendo que a obedecia, e preguntado a todos se fazião outro tanto disserão que si: e do que ho goardião disse: e disto mandou fazer hũ auto para sua segurança, e se aproueitar dele quando fosse tempo, e por seu mandado foy ho ouidoz geral po

las casas desses fidalgos q se achã-
rão na pregação/ e ho assinarão
por amor que differão q obedição
a prouisão que ho gardião lera/ e
os que assinarão, forão Pero de fa-
ria, ho feytoz Miguel do vale, Ey-
toz da silueira/ Francisco de souza
tauares/ Sôçalo d souza/ Ruy go-
mez dagrá/ dom Jorge de crasto/
Manuel de brito/ dõ Antonio da
silueira/ Vasco da cunha/ Diogo
da silueira, dõ Afonso de menezes,
Heronimo d souza/ Anriq d mace-
do/ Johane mêdez d macedo, Dio-
go de macedo/ Manuel de carua-
lhal, Antonio mêdez de brito, Frã-
cisco da silua, Pero desconar, e dõ
Vasco de lima/ e Jorge de lima/
porq não quisserão assinar foram
prelos sobre suas menagês/ e assi
porq mostrarão ser da parte d Pe-
ro mazcarenbas, e ao outro dia foi
este auto assinado pelos que estauã
nas barras, que forão Antonio da
silueira/ Simão de melo, dom For-
ge de noronha/ Jorge de melo/ dõ
Johão lobo/ dom Henrique deça,
Johão pereyra/ Francisco correa,
Antonio caldeira/ Gomez de sou-
to mayor/ Lopo correa/ Francisco
de brito, Payo roiz d araujo/ Bra-
cia de melo/ Antonio mendez de
vasconcelos, Munõ pereyra/ Frã-
cisco ferreira/ Gaspar da silua, Fer-
nãõ de mozaeis, Fernãõ roiz bar-
ba. E assi foy assinado polo capitã
mór do mar/ que chegou a este tem-
po, e pelos capitães q yão coele.

Cap. xxxi. De como Pero maz-
carenbas foy preso em ferros.



Puegando Pero
mazcarenbas pera
Soa, topou cõ Sõ-
çalo gomez dazeu-
do/ hũ fidalgo de q
coube a armada q
ho estaua esperando pera ho pren-
derem por mandado do gona-
dor. E como eleya posto em sofrer
tudo ho que lhe fizessem/ e não fa-
zer mais que requerer sua justiça/
não lhe deu nada e passou auante,
e tãbẽ por não ter onde se ir: e des-
pois de se apartar de Sõçalo gomez
chegou á barra de Pangim aos de-
zaseis de Março. E tanto que foy
visto lhe saio hũ bargantim tirãdo
lhe bombardadas por alto pera q
amainasse como amainou, e dpois
de ser leuado a Antonio da silueira
e lhe não querer dar menagem de
se ir meter na fortaleza d Cananoz
e não sair sem mandado do gouer-
nador, lhe foy deitado hũ grilhão.
E entregue a Simão de melo ho le-
uou a Cananoz, e forão presos Si-
mão caeiro/ e Lãçarote de seixas/
e leuados ao tronco de Soa, onde
forão bem carregados de ferro. E
entregue Pero mazcarenbas a dõ
Simão de menezes, por Simão de
melo cobrou dele hũ conbecimẽto
de como ho recebera, e que assi ho
entregaria quando lho pedissem/
e coele se tornou ao governador, q
se ouue por seguro com a prisão de
Pero mazcarenbas / e assi ho fi-
cou: porq coela se affelegarã todos
os aluoroços que auia, e ninguem
falou mais e Pero mazcarenbas/
temendo que lhe não fizessem como
a ele, e mais perderão a esperança

deserestaurar. E neste tempo Francisco de Sousa tavares q̄ tinha a carta de Christouão de souza, que com os d̄ Chaul se acordou q̄ escreuesse ao governador / lba deu / cuja substancia era espatarle muyto dele, esperandose por Ruines cada dia / que trazião tamanho poder como ele sabia: e sendo ho dos nossos tã pouco querelo ainda deminuir, cõ ho diuidir em duas partes e fazer diuisão / que e todas as partes era a mais abominavel cousa que podia ser, quãto mais na Índia / e na quele tẽpo, que se lhe parecia que a governança era sua / que se poseisse em justiça cõ Pero mazarrenhas quando viesse de Malaca, e nã quisesse que se determinasse por armas como parecia que queria / e quẽ teuesse direito esse fosse governador, porque ele nã queria que ho fosse hũ mais que ho outro / nẽ lhe queria que se poseisse em direito, se nã por nã auer diuisão na Índia: e q̄ assi lho pedia muyto e requeria da parte del rey: certificandolhe que nã auia dobedecer / se nã a quem se poseisse em direito. Vista esta carta pelo governador, achouse muyto salteado / por ser Christouão de souza ho principal capitão de toda a Índia / e que tinha a mayor parte da gente dela de sua parte, por dar muyto mayor mesa que todos os daquele tempo, e muyto mais abastada e melhores lgoarias, e da ua dinheiro a muytos que ho nã tinhã, e ser d̄ muyto folgar, e muy familiar com todos / polo que continuamẽte inuernauã e Chaul mais fidalgos e gẽte que e outra par-

te / e por isso ho governador ficou alaz agastado, em lhe parecer q̄ lhe nã obedeceria pois nã se determinara cõ Pero mazarrenhas se nã por forza, e isto lhe fez erer que nã era ainda pacifico na governança / e nã mostrou esta carta se nã aos que tinha por amigos, que ficarão coela abalados / por ser Christouão de souza a pessoa q̄ era, e conselho rão ao governador q̄ lhe mãdasse notificar a prisão d̄ Pero mazarrenhas / e como se fizera sem nhũa diuisão, que fora aprouada polo capitão mór do mar / e polo capitão de Cananoz / e por todos os capitães e fidalgos da Índia, e ho obedição todos por governador, pedindolhe que pois nã auia diuisão, que obedecesse, e escreuesse hũa carta a Pero mazarrenhas / como auia a sua prisão por boa / e lhe conselhasse que desistisse de pretender a governança. E sabido isto por Christouão de souza como quer q̄ nã pretendia neste caso mais que nã auer diuisão / folgou muyto de a cousa se fazer tão pacificamẽte: e deu por isso muytas graças a nosso senhor, mas nã que lhe deixasse d̄ parecer muyto mal a prisão de Pero mazarrenhas, e muyto peoz nã lhe darem a governança, que lhe parecia ser sua por direito / e que pelo que denia ao seruiço del rey, e a obrigação que tinha de sua menagem e fidalguia / q̄ denia dobedecer por governador a Pero mazarrenhas, e nã a Lopo vaz de sam payo / mas poendo diante que fazendo assi se renouaria a diuisão que estaua apagada / e que se desfaria ho corpo da

gente da Índia/ que se podia conseruar, cõ auer por boa a prisão de Pero mazcarenhas, e atalhaua aos queirão da sua parte/ vendo q̃ ele era da do governador/ bo seria tambẽ/ e estão todos juntos e cõ formes os ajudaria nosso senhor/ e lhes daria victoria dos Rumes/ q̃ não vindo na moução de Bayo estava certo virem na de Setẽbro/ e achando diuidida a gente da Índia/ seria muy leue cousa ganharẽna/ com não escapar nhũ dos nossos, e por isso lhe pareceo bẽ com cõselho dos principaes que estauão coele/ quenão sómente screuesse ao governador/ que ho obedecia por esse, e auia a prisão de Pero mazcarenhas por boa/ mas tãbẽ a toda a Índia: e screuesse a Pero mazcarenhas cõforme ao que lho gouernador rogaua / e a quem screueo esta carta.

Senhor por este parsi ouuehũa carta d. U. S. e q̃ me larga mête da conta do negocio d'atrele/ e Pero mazcarenhas/ muyto folgara de o saber primeyro, porque dera antes meu parecer sã afeiçã, como. U. S. de mim crẽ e espera. E quanto senhor ao que diz que todos obedecerão a sua prouisão/ eu tãbẽ digo q̃ lhe obedeco/ no alto, e no baixo, como a governador que he por prouisão delrey nosso senhor/ e sei certo selo. U. S. por morte d' dõ Anriq̃ de menses q̃ Deos perdoe. E quanto ao que he passado sobre este caso, me pareceo escusado meu parecer/ por bo negocio ter ja fim Deos seja louuado, tão sem aloroço e sem diuisão, bo q̃ sempre pedi a nosso se-

nhor/ e estava asaz confiado q̃ se faria bẽ polo. U. S. ter ãtre as mãos e pois está feyto tanto e concordia e paz/ não falo nisso. A carta pera Pero mazcarenhas vai aberta, pera selhe parecer bem mãdarlha/ se não faça ho que quiser. Beijo as mãos de. U. S. de Chaul a vite cinco d' Março. Cristouão d' souza. E a de Pero mazcarenhas dizia. Senhor fuy emformado do senhor Lopo vaz, de todo ho caso d'atre vos e ele, e assi vi suas prouisões e os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim/ e certo tudo foy feyto por seu estilo/ e como estas cousas estem e pontos de direito, q̃ muyto bẽ sabem algũs dos que estauão presentes, não vos pareça senhor ho contrario/ se não q̃ por todos, assi leigos como por esses dous frades q̃ ho deuẽ entender/ e ser sem sospeita por seus habitos, e mais afirmandoo cõ juramento, forão suas prouisões auidas por boas: e certo a meu ver/ a vonda de Sualteza era selo ele per falecimento de dõ Anrique: e de todas as outras cousas / eu não fuy emformado se não a tẽpo q̃ tudo estaua feyto/ por isso foy escusado meu parecer/ e pois tudo esta pacifico, auel vossa prisão em paciẽcia/ por que certo foy necessaria, assi polo q̃ vos cõpre, como por euitar algũas sospeitas domẽs que desejão diuisões, ho q̃ pera bo tempo em q̃ estamos fora tão danoso/ q̃ muyto melhor fora serdes ambos mortos: Quisuos senhor screuer esta, posto q̃ de vos não tenha recebida nhũa despois d' vossa vinda, pa nela vos

pedir por merce como acima digo
ajats paciência com vossas cousas/
e queirais fazer este seruiço a sua
teza/ de vos não lembardes ago-
ra de vossa honrra, por não vingar
des vossa prisão/ couza tão côtra
seu seruiço/ e certo receber eis assi-
nada merce de tão notauel seruiço,
e não demonão vosso bõ conselho,
algũas cartas de fidalgos da In-
dia, porque certo que vos ho con-
trairo aconselhar sera vosso imi-
go, e não deseja de vossas cousas se-
rem feytas a vossa hõrra como eu.
Veja senhor ho q̃ de mi mãda nesta
terra e faloei/ não tocando nestes
negocios (por ja terẽ fim) como seu
seruidor e amigo que sou de muy-
tos dias. Beijo snõr vossas mãos,
de Chaul. Cristouão de souza.

E assi escreueo a dom Simão de
meneses e a outros muytos fidal-
gos do que ho governador ficou
muyto contente parecendolhe que
ho tinha da sua parte/ e Pero maz-
carenhas tambem ficou satisfeyto
quando vio a sua carta/ porque en-
tendeo nela que não auia sua prisão
por boa se não pola pacificação da
India e por se escusarem diuisões/
e tette esperança delhe parecer ain-
da bem poerse ho governador coele
em deryto sobre a governança se ho
dom Simão soltasse, em que ja co-
meçaua a entender que ho faria, por
lhe ter prometido que como fosse in-
terno lhe tiraria os ferros / pedin-
dolhe perdão de lhos não tirar ma-
is cedo por recear que ho governa-
dor ho soubesse. E isto deu oufadia
a Pero mazcarenhas a mãdar hũ
requerimẽto ao governador per hũ

Dinis camelo tabalião publico de
Cananoz, cuja sustancia foy que ho
governador se possesse coele e justiça
e não leuasse ao cabo a força q̃ lhe
fazia tomadolhe a governança q̃
lhe el Rey vera protestando por to-
das as perdas e dãos que disso re-
cebesse, e requerendolhe tambem q̃
soltasse a Simão caeiro e a Lança-
rote de seixas pera requererem sua
justiça pois os tinha presos sem se-
rem culpados. E dado este requeri-
mento ao governador/ ele ho rom-
peo acabando de ho ler: pelo q̃ Di-
nis camelo não oufou desperar a re-
posta e fugio pera Cananoz. E lo-
go nesta conjunção indo ho gover-
nador a fortaleza passando por dia-
te da porta do trõco Simão caeiro
e Lançarote de seixas lhe require-
rão a grandes brados que os man-
dasse soltar pera requererem a justi-
ça do governador. Pero mazcare-
nhas/ e por isso os mandou carre-
gar de ferro mais do que estauão/ e
defendo sob graues penas que nin-
guem sobreste caso de Pero mazca-
renhas lhe desse mais requerimen-
tos senão ao secretario porque ele
responderia/ e mandou apregoar q̃
sopena de morte ninguem fosse ou-
fado de nomear por governador a
Pero mazcarenhas: que sabendo
como ho governador rompera ho
seu requerimento a Dinis camelo e
lhe não vera outra resposta/ lhe pe-
dio disso hũ estormento que lhe ele-
deu. E não responder ho governa-
dor a este requerimẽto/ fez parecer
a dom Simão que tomava a gover-
nança por força / e parecendolhe
mal começouse a balar pera lhe de

sobedecer / e não q̄ ho disesse á **P**ero mazcarenbas.

Capit. xxxij. Da causa q̄ **E**ytos da silueira / e **D**iogo da silueira, teuerão pera serem cõtra ho governador.



Cabricado por cristouão de souza que auia por boa a prisão de **P**ero mazcarenbas, como ele era pessoa tão principal na India, e de q̄ se fazia muyta conta / os mais dos que erão da parte de **P**ero mazcarenbas, vendo que era daqueler parecer / ho teuerão també por bom / e crendo q̄ assi cumpria ao seruiço de **D**eos, e del rey / assellegarão d̄ seus aluorços / principalmente em **S**oa / em que cessarão supitamete os ajuntamentos e perfiãs que auia dantes, com ho que ho governador ficou descançado, tendo que estava em paz: pelo que começou de saperceber do necessario, pera a vinda dos **R**umes / assi como mandar varar navios / e fazer outros de nouo / e fundir artelbaria, e fazer poluora e pelouros. **E** neste tempo na êtra da **B**razil / lhe pediu **E**ytos da silueira, que mandasse **P**ero de faria servir a capitania de **B**alaca de q̄ estava prouido, e que lhe daria a **S**oa / do que se ho governador escusou, porque **P**ero d̄ faria tinha também a capitania de **S**oa por el **R**ey, e estava em sua escolha tela / ou deitala / e por isso ho não podia fazer ir a **B**alaca sem sua vôtade /

e com tudo ele lhe falaria nisso, e se quisesse ir a **B**alaca lhe daria a de **S**oa, e falando-lhe, respondeo **P**ero de faria que não queria ir a **B**alaca / ho que **E**ytos da silueira não creio / quando lho ho governador disse / e pareceo-lhe que como estava necessitado domes pera se sustentar na gouernança / que faria com **P**ero de faria q̄ não deixasse **S**oa / por ho ter consigo que era grande seu amigo, e parecendo-lhe isto não quis receber palauras de complimentos / que ho governador teve coele, dizendo que lhe pesaua de lhe não poder dar aquela capitania mas q̄ outra cousa aueria que lhe desse: e ele respondeo que não auia que lhe dar, e que bem sabia dele a verdade, e que lhe não auia dêtrar mais em casa, ho que ho governador soffreo polo tempo em que estava / e dali se foy logo **E**ytos da silueira muyto agastado e indinado cõtra ho governador, e cõton o q̄ passara coele a **D**iogo da silueira seu parente e amigo / conselhando-lhe que lhe pedisse a capitania de **B**alaca, pois a **P**ero de faria não queria servir / e ele ho fez assi: e ho governador respondeo que lha dera de boa vontade / mas que lha não podia dar / pola servir **J**orge cabral / a quem **P**ero mazcarenbas a dera sendo jurado por governador, pelo que **J**orge cabral a não alargaria sem ver prouisão de **P**ero mazcarenbas / e indo ele sem ella a **B**alaca / seria fazer la outro aluorço como auia na India, e por isso ho não podia prouer do q̄ lhe pedia, do que se ele mostrou muy-

to agranado / e não quis receber
 nenhũa complimentos do governa-
 dor / porque todos então pela neces-
 sidade que sabião que tinha deles se
 lhe querião vender muyto caros / e
 ajudarse dele com fazerem seu pro-
 ueito: e crendo que não tinhão nhũ
 de sua amizade nem de serem de sua
 valia pois lhes não daua o que lhe
 pedião, pareceo lhes muyto mal ser
 ele governador, e que tinha por for-
 ça a governança a Pero mazcaren-
 has que era ho verdadeyro gover-
 uernador e por tal ho ouuerão, e lo-
 go lhes pareceo bem que ho gover-
 nador se posesse coele em dereyto so-
 bre quem ho deuia deser. E assentã-
 do isto ambos, começarão de pro-
 uocar outros fidalgos que fossem
 de sua openião e fizerão coeles que
 a teuellem e forão estes / dom Anto-
 nio da silueira, dom Tristão de no-
 ronha, dõ Jorge de crasto / Vasco
 da cunha, dom Anrique deça / dõ
 Francisco de crasto, Runo fernãdez
 freyre / Jorge da silueira, Frãcisco
 da aide / Jorge de melo, Diogo de
 miranda / Ayres cabral, Simão so-
 drê / Marti vaz pacheco e Simão
 delgado q̃drilheiro mór. E adquiri-
 dos estes e outros muytos bomẽs
 por sua parte / logo ho escreuerão
 por terra a Pero mazcarenhas / e
 sua determinação: por isso que tra-
 balhasse com dom Simão que ho
 soltasse / e na entrada do verão se
 fosse a Soa, e farião cõ ho governa-
 dor que se posesse coele em justiça so-
 bre cuja era a governança. E esta
 carta foy assinada por todos estes
 fidalgos que digo / q̃ vista por Pe-
 ro mazcarenhas a mostrou a dom

Simão, dizendo que pois aqueles
 fidalgos ho querião ajudar que por
 que ho não soltaria ele sendo tama-
 nho seu amigo / e pois nisso serua
 a Deos e a el Rey, e affirmasse que
 lhe prometeo de lhe dar a capitania
 mór do mar se ho fizesse, e tirala a
 Antonio de mirãda por que não era
 sua se ele fosse governador que fica-
 ua sem poder auer effeyto a segũda
 subcessã de Lopo vaz d̃ sam Payo
 que ho fazia capitão mór do mar, e
 dom Simão lhe prometeo de ho sol-
 tar se aqueles fidalgos permaneces-
 sem em ser da sua parte: e que escre-
 uesse a seus amigos que tinha em
 Cochim pera saber se tinhão ainda
 sua voz, e que requeresse a Antonio
 de miranda e ao vedor da fazenda
 que pois erão na India pessoas tão
 principais fizessem com ho gover-
 nador que se posesse coele e justiça:
 e ele ho fez assi, e lhes mandou so-
 brisso grandes requerimentos cõ
 cartas a seus amigos que lhos a-
 presentassem / e como ho vedor da
 fazenda era muyto recatado temia
 se de Pero mazcarenhas ter al-
 gũas inteligencias em Cochim / e
 por isso tinha suas espias pera lhe
 tomarem quais cartas ou papeis
 que lá mandasse, e acertarão de to-
 mar hũa carta que ouui / e tinha
 ho sobrescrito tão riscado que se
 não podia ler / e por isso não sou-
 be pera quem era e dizia.

Senhor agora nouamente torno
 a fazer certos requerimentos sobre
 a governança da India por me ser
 requerido que os faça / lá senhor
 vos ha d̃ ser mostrado hũ deles, sey

certo que vos ha de parecer bem fazelo pois a todos estes senhores digo polos mais deles parece mal não ho fazer dias ha / de seião todos virlhe á mão podcrem aleuantar ho seruiço del Rey nosso seño, z não consentirem cousas que pasam contra seu real estado de que tem que selbes pode dar muyta culpa por as consentirem passar como passam: z por em como em Goa não fuy atequí visto nem ouuido, não passou ho tempo de fazer o q agora faço / beijar uosey as mãos porque todo vejais, z ponhais ante vos que a Antonio de miranda nem a Afonso mexia lbes não ha nunca de parecer bem governar eu a India / porque governãdoa não lhe pertence a hũ a capitania mór do mar, nem a outro a capitania de Cochim o que lbes pertence governando Lopo vaz / z por isso ho querem foster. E com tudo vejo q quer Deos tornar sobristo como cumpre a seu seruiço, z ao estado real del Rey nosso senho. Beijo as mãos de vossa merce deste Lananoz a vinte tres Dabril de mil z quinhentos z vinte sete. Pero mazcarenbas.

¶ E vista esta carta pelo védor da fazenda / respondeo ao requerimento de Pero mazcarenbas que ho fizesse ao governador z não a ele / por q lbe não podia requerer q se possesse em justiça sobre a governança q era sua por prouissam del Rey, z ho mesmo respondeo Antonio de miranda / z ho védor da fazenda mandou logo esta carta de Pero mazcarenbas ao governador pera que

loubesse sua determinação, que ainda a não sabia, z cuydaua que estaua fora de tal pensamento.

¶ Capit. xxxij. Do requerimento que os officiaes da camara de Goa fizeram ao governador.



Aqui por diate amudou Pero mazcarenbas os requerimentos sobre se ho governador poer coele em justiça, assi ao védor

da fazenda como a Antonio de miranda z ao mesmo governador que a nhũ respondeo, antes prendeo algũas pessoas que lhos apresentauão. E Eytor da silueira / Diogo da silueira z dom Antonio da silueira com os de sua valia deixarão neste tempo de ir a casa do governador z acompanhalo como costumauão dantes / o que ele cuydaua que era pelos agrauos que terião das capitancias que lbes não dera, z dissimulaua coeles fazendolbes sempre galbado onde os topaua / nem tirou por isso a Eytor da silueira os mil pardaos que lbe mandaua dar á custa del Rey parecendolbe que coisto ho amansaria, z bo teria da sua parte com os mais amigos q tinha: mas ele estaua ja tão determinado em fazer q se possesse em justiça com Pero mazcarenbas que nhũa cousa aproueitaua ao governador pera ho fazer mudar. E vendo ho governador que os requerimentos de Pero mazcarenbas nã cessauão desenganou ho por hũ carta que lbe não fizesse requerimẽ-

tos / porque não se auia de poer coele em justiça, que era fazer duuidoso o que tinha certo por prouisão del Rey: do q logo Pero mazcarenhas auisou a Eytor da silueira / escreuendolhe que pois Lopo vaz não queria poerse em dereyto por seu requerimento, que lho fizese ele com os outros de sua valia, e não querendo satisfazer que lhe desobedeassem e obedecessem a ele, porque se assi ho não fizessem que se chegaua ho verão: e se naquele negocio se não tomara primeyro algũa conculsam, quereceua que ho governador ho mandaria preso pera Portugal / e assi não aproueitaria ho bem que lhe querião fazer. E vista por Eytor da silueira esta carta / mostrou a aos de sua liga. E foy acordado por todos que não era necessario fazerse então nhũ requerimento ao governador se não sendo Pero mazcarenhas presete: por tãto como fosse tempo ele fosse a Goa / e coele requererião ao governador que se possessse em justiça / e quando não quisesse que lhe desobedecerião e obedecerião a ele. E neste acordo forão os officiaes da camara de Goa que tambẽ Eytor da silueira tinha prouocado a terẽ a voz de Pero mazcarenhas / e assi muytos cidadãos de Goa, que todos assinarão em hũa carta q Eytor da silueira escreueo a Pero mazcarenhas deste acordo, dizendo mais que todos aqueles que ali yão assinados perderião por ele as vidas e fazendas. E os assinados forão duzetos e sessenta homens, de q Pero mazcarenhas ficou espãtado qn

do vio a carta, por cuydar que ninguem quisesse ser da sua parte / e mostrou esta carta a dom Simão pera que teuesse mais vôtade de ho soltar e se animasse a fazelo vendo que tinha tanta gente de sua valia / e tornou a escreuer a Eytor da silueira e aos outros, q toda via era necessario em quanto não podia ir a Goa requererem ao governador que se possessse coele em justiça, e quando ho não quisesse fazer q ho prendessem / e assi ficaria a cousa segura por sua parte / porque sem duuida se este feyto não fosse auerigoado antes da chegada das naos do reyno / e ho governador ho fosse quando elas chegassem estava certo ter mayor poder do que tinha / porque os capitães não auião obedecer se não a quem achassem em posse da governança / e coisso ho poderia prender em prisam mais apertada ate ho mandar pera Portugal, e por isso era muy necessario fazerẽ lhe ho requerimento que dizia, e prenderẽo quando não quisesse satisfazer a ele, e pera que parecesse q tinhão causa pera lho fazer / fez pera os fidalgos hum e outro pera a camara de Goa em quelhes requeria que requeressem ao governador q se possessse coele em justiça sobre cuja era a governança. E Pero mazcarenhas insistia tanto neste ponto que se possessse ho governador coele em justiça, porque tinha por muy certo que a auia ele de ter / e que lhe auião de julgar a governança. Estas cartas / e requerimentos mandou por hum Adem vaz com sua procuração pera requerer e fa-

zer tudo quanto lhes cumprisse, e elepartio por terra em Julho, e chegou a Goa na entrada de agosto, onde muyto secretamente deu a Eytor da silueira as cartas e requerimentos que leuaua que logo as deu aos pera que yão. E a todos parecerão bem os requerimentos de Pero mazcarenhas, e Abê vaz apresentou na camara o que ya pera os officiaes: que logo fizeram outro ao governador que se posesse em deryto com Pero mazcarenhas sobre a gouernança e derão ao secretario e coele o que lhes Pero mazcarenhas fizera. E ele os mostrou ao governador: que não respõdeo mais se não ameaçando os se lhes fizessem outros requerimentos: e ho mesmo faria se dessem resposta a nhũ que lhes fizessem sobre aquele caso, ou Pero mazcarenhas / ou a q̃lquer outra pessoa. E os officiaes disserão isto a Eytor da silueira, dizendo que assi ho auião de fazer, por isso que buscasse seu remedio: por em que se a cousa viesse a ser necessaria sua ajuda que lha darião. E vendo Eytor da silueira a determinação do governador / acordou com os de sua valia, e com todos os q̃ têmão a voz de Pero mazcarenhas / que ele com os fidalgos fizessem bum requerimento ao governador que se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas, e que ho dessem a ele mesmo / e que lho desse Manuel de macedo com bum escriuão / e ele lho deu em saindo de sua casa. Ho governador ho tomou / e logo ho leu / e não deu outra resposta se não mandar Ma-

nuel de macedo aa cadea e carregalo de ferro / porque contra sua defesa fora ousado de lhe dar ho requerimento. E Manuel de macedo tomou testemunhas de como ho governador sendo ele fidalgo ho mandaua meter na cadea com as pessoas baixas / e isto mais polo injuriar que por fazer justiça, porque pera isso auia fortaleza õde ho prendessem merecendo ele prisam tão graue, quanto mais que lhe fazia sem justiça pois ho prendia por lhe requerer que a fizesse de si. E passando aquela primeyra furia ao governador mandou que fosse tirado do tronco / e andasse pola fortaleza com a menagem tomada: mas ele não quis se não estar na cadea pois da primeyra lhenão derão a fortaleza por prisam / e ho escriuão que ya coele pera dar ho estormento foy espancado e arrepelado polo governador / e os seus criados ho ouuerão de matar se não fugira.

Capitulo. xxxiiij. De como ho governador prendeo Eytor da silueira e os outros fidalgos de sua valia.



Mendo Eytor da silueira e os outros fidalgos de sua valia o que ho governador fez a Manuel de macedo, pareceolhes que era por de mais fazer-lhe requerimentos sobre se poer em justiça sobre a gouernança porque ho não auia de fazer / e que estaua

leuantado com a Índia. E consularão entre si que era muyto grande de desbõrra sua soffreremno, e que el Rey lho estranharía: e q̃ aquilo era causa muy abastante pera prenderem ho governador como Pero mazcarenhas requeria. E assentando de ho fazer assi, disserão aos officiaes da camara d'Goa/ e a todos os que erão da sua parte pera lhe acodirem com armas quando ouuel se de ser a prisam/ e começouse hũ granderumor pola cidade, de que ho governador não sabia nada/ e Pero defaria lho descobrio. E logo que ho soube / determinou de prender a Eytos da silueira e os outros fidalgos que serião dezasete/ e comunicãdo ho com Pero defaria. Ele lhe disse que assi ho devia de fazer / porque se não auia de soffrer tamanho desacatamento. E assentado isto deuse parte a Antonio da silueira e a Simão d'melo e a outros/ pera q̃ao outro dia se fossem todos armados secretamente a tomar as ruas que yão ter a casa Deytos da silueira porq̃ deteuessem os que lhe quisessem acodir: e que Pero defaria por ser capitão os fosse prender, e ho governador estaria na rua noua pera mandar gente em sua ajuda ou acodir se fosse necessario. E ao outro dia pola menbaã q̃ forão noue dias Dagosto estando tudo ordenado ficou ho governador acaualo na rua noua/ e Pero defaria se foy a casa Deytos da silueira que estaua hí muyto perto em outra rua/ e achou ja muyta gente ao derredor da casa que ya acodir a Eytos da silueira/ entendendo que

ho governador ho mandaua prender: e por acousa ser tão supita não leuauão mais que lanças/ e assiaco dirão os fidalgos da conjuração sem mais armas q̃as costumadas. E sabendo Eytos da silueira q̃ Pero defaria estaua hí sayo a hũa genela e preguntoulhe que queria: e ele lho disse/ requerendolhe que lhe desse a menagem. E ele respondeo que sobisse ele acima a tomarlha, e que lhe faria o que ele merecia, pois era tão roim fidalgo que aceitaua ilo prender. E que vendo Pero defaria mandou chamar ho governador / que foy logo leuando algũa gente. E neste tempo era a reuolta muyto grande da gente que acodia ao governador: e a Eytos da silueira, e todos com lanças e ordenaua se hũa muy perigosa brigã, porque os do governador leuauão espingardas, e os fidalgos da liga estauão ja todos com Eytos da silueira, e determinauão damotinar a gente de sua parte contra ho governador pera que começassem a pelesja/ e eles proseguissem: porque por selhe não dar toda a culpa do mal que se seguisse nã querião começar. E coesta determinação em ho governador chegando / disse Diogo da silueira da genela aos da sua parte que estauão na rua. Senhores não vedes isto que toma por força a governança da Índia / não hebem que se lhe consinta. Ao que ho governador respondeo com ira, q̃ por força a tomaua e a auia de tomar. E com quanto os da parte dos fidalgos ouirão estas palauras / nunca eles ousarão de bo-

lir consigo porque vião que os fidalgos estauão quedos. E ho governador lhes bradou da rua que se dessem á prisam. E eles disserão que se não auião de dar / porque ele os não podia prender que era seu inimigo por lhe requererem que não tomasse a governança a Pero mazcarenhas, e sobzisto lhe fizerão algũs requerimentos. E vendo ele que se não querião dar á prisam, deo se do cavallo com muyto grande menencoria, e tomando hũa lança e adarga quis sobir acima ondesta rua Eytoz da silueira cõ os outros / que por a sua gente estar mal armada e a do governador bem, e principalmente por lhes parecer seruiço del Rey não se fazer o que estaua ordenado que auia de ser com tamanho perigo, não se quizerão defender se não dar se aa prisam. O que foy grande bem / porque se se defenderão ouuera de ser hũa cousa muy fea pera Portugueses e poucos ouuerão de ficar viuos. E ho governador querendo sobir pola escada / sayo ao peitoril dela Eytoz da silueira, e disselhe que ele e os outros fidalgos se dauão por presos, então pediu Pero de faria ao governador que se fosse / e que ele os leuaria aa fortaleza, e que lhe deuia de dar aquela honrra de os levar pois era capitão da cidade. E ho governador ho fez assi, e foy esperalo á fortaleza onde foy logo com os presos que forão estes, Eytoz da silueira, Diogo da silueira / Dom Antonio da silueira, Dom Tristão de noronha / dô Jorge de crasto / Galco da cunha, Marti vaz pacheco /

Jorge da silueira / Dom Anrique deça / Diogo de miranda, Francisco dataide / Simão delgado qdribeiro mór, Munno fernâdez freyre / Dom Francisco de crasto, Simão soldre, Jorge de melo e Ayres cabral. Entrados na fortaleza / ho governador lhes tomou as menagês que em seus pés nê albeos não saysem dela / e disso foy feyto hũ auto. E presos estes fidalgos, pareceo ao governador que ficaua em paz, por que muytos daqueles que erão da sua parte vendo os presos forão reconciliar logo coele, e antres forão os officiaes da camara / a que mandou que respõdessem ao requerimento de Pero mazcarenhas q̃ lhes leuara. Dê vaz que ainda estaua em Goa: e por com prazer ao governador responderão que lhe não podião requerer que se possesse em iustica sobre a governança por saberem que era sua por prouisam del Rey / e era obedecido por governador por todos os da Índia: e se sobzisto lhe requeressem que se possesse em iustica pareceria que desobedeção aos mandados del Rey, a que pertencia julgar cuja era a governança e não a outrem / por tanto que sua vinda a Goa era escusada / porque não seruiria de mais que de fazer aluoroço na gente, que era necessario que estuesse quieta pera pelear com os Rumes que esperanão / requerendolhe da parte del Rey que não fosse a Goa. E ho governador tambem respondeo largamente por parte da camara a Pero mazcarenhas / apõtandolhe ho dreyto que tinha

na governança, e como era sua. E de tudo foy feyto que se deu a Ben vaz com que se partio pera Pero mazcarenhas leuandolhe tambem cartas dos fidalgos presos em que lhe pedião que em todo caso fosse a Goa / porque tudo se faria bẽ. E partido Bẽ vaz / porque ho governador sabia que daqueles fidalgos q̃estauão presos algũs não tinhão culpa e por amor da amizade Deytor da silueira forão na conjuração mandou os pera as pousadas / e tambem polos ter da sua parte / e estes forão Gasco da cunha / dom Tristão de noronha / Bartim vaz pacheco / Jorge da silueira / dom Anrique deça / Diogo de mirãda, Frãscisco dataide / Simão delgado, Munoz fernandez freyre / dom Francisco de crasto, Simão sodrẽ / e a Eytor da silueira / Diogo da silueira / dom Antonio da silueira e dom Jorge de crasto, por serem cabeças daq̃la conjuração deixou os estar na fortaleza, e a Ayres cabral / e a Jorge de melo por serẽ muyto mal dizentes e aluorazadores do pouo mandou os levar á fortaleza de Benastarim / e q̃ os prendessem em ferros. E no cabo de agosto temẽdose ainda Deytor da silueira e dos outros tres que lhe perjudicassem e q̃ escreuião a Pero mazcarenhas q̃ fosse a Goa os quísera mãdar a Cochim em hũ bargantim : o que não careceo de sospeita que pera morrerem no mar os mandaua por ser ainda ho tempo muyto verde, e por isso lhe eles requererão muy estreitamente que os não mandasse porq̃ os mandaua a morrer, pelo que dei

xou de os mandar e tinha sobreles grande recado / e eles tambem ho tinhão sobre si porque se receauão de peçonha / e andaua a cousa tão danada de parte a parte que tudo se podia recear, e de tudo se podia ter sospeita.

Capitulo xxxv. De como Pero mazcarenhas foy obedecido por governador por dom Simão de menezes.



Prisam destes fidalgos com q̃ ho governador cuydou que ficaua mais seguro na governança ho ouuera de poer em risco de a perder : por q̃ sabida por Pero mazcarenhas sua prisam / e recebendo cartas delles da causa porque fora / e como se temião de os matar com peçonha, porque ja cometera de os matar no mar com os mandar em tempo tão verde como os mandaua: teue ousadia de apertar muyto com dom Simão q̃ ho soltasse e obedecesse por governador / e desobedecesse Lopo vaz de sam Payo: pois ele como tirano queria forçosamente tomar a governança, prendendo aqueles q̃ lhe requerião que se possesse coele em justiça, e buscando artes pera os matar. E parecendo muyto mal a dom Simão a prisam daqueles fidalgos e ho mais que ho governador fazia / disse a Pero mazcarenhas, que pois ho governador se não queria poer em deryto sobre a governança se não tela por forza, o q̃ lhe a ele parecia muyto mal q̃ tinha

por desbõrra obedecelo por gouernador, e por isso obedeceria a elle. Pero mazcarenbas pois queria justiça, o que fazia por pacificação da Índia. E por que parecesse assi a todos leuou Pero mazcarenbas a igreja da fortaleza. E iutos bo feytoz / e alcayde mór / e assi outros officiaes da justiça, e da fazêda: e algus fidalgos e todos os outros q morauão na fortaleza e arrabalde: bũ tabalião leo em voz alta a subcessam de Pero mazcarenbas que fora aberta por falecimento de dom Enrrique de menezes / e bo auto q foy feyto da entrega da governança a Lopo vaz de sam Payo que gouernasse a Índia em quanto Pero mazcarenbas não fosse de Malaca, e a carta do védor da fazenda per q ho mandou chamar, e a subcessam do gouernador com todos os autos e requerimentos que forão feytos da resistencia quelhe ho védor da fazêda fez em Cochim ate aquele dia. E despois de tudo lido / disse Pero mazcarenbas. Tudo o que senhores ouuistes, vos foy lido pera que saibais quão sem rezão e sem nbũia justiça fuy injuriado / preso e mal tratado: e que se não podera mais fazer a bũ publico mal feytoz que quísera entregar a Índia aos mouros / do que me fizerã. Afonso mexia em me espancar / e Lopo vaz e me prender sobre a merce q me. S. A. fez da governança da Índia por muytos e muyto grãdes seruiços que nela e em outras partes tenho feytos. S. A. e a el Rey seu pay: e agora por derradeyro lhe segurey Malaca com destruir el rey de Bin

tão / e parecendome que vinha receber a merce que me fez por galarção de meus seruiços recebi tanta desbõrra e tamanha injuria como está notorio / principalmente Dasõ so mexia que polo officio que tẽ me ouuera de fauorecer e ajudar querendo me Lopo vaz fazer força / e a pacificar a Índia como pessoa tão principal nela por seu officio: e ele como meu imigo foy o q a reuolueo com querer entender por me fazer mal o que a carta de sua alteza não diz / e tem posta a Índia em bãdos e diuisões e e perigo de se perder / e Lopo vaz ho ajuda por sua parte em não se querer poer comigo em justiça que por lho não pedir quando ya a Goa me prendeo em ferros como a tredo / e por força me quer tomar a governança, e diz que por armas a ha de defender / e bẽ se parece pois prende e mal trata a todos aqueles que lhe pedem justiça por minha parte. E pera se isto ver mais claramente prendeo agora os principais fidalgos da Índia com tanto rigor e aspereza como que forão comprehendidos em treição / e dizem me que está determinado de vir cercar esta fortaleza e prẽderme cõ ho senhor capitão sendo tão certa a vinda dos rumes, e tudo isto com ho mais que tem feyto sam mostras verdadeyras de star leuãtado com a Índia e desobedecer aos mãdados de sua alteza / e cõtrariar as vontades de seus vassallos que andão na Índia, que aos mais parece mal esta tirania de que vsa. E pois ho ele assi faz / requieiro a vos senhor capitão / e ao feytoz / e alcayde mór

z a todos os outros officiais desta
fortaleza da parte del Rey nosso se-
nhor: hũa vez / z duas z tres: que vis-
ta a cõtumacia de Lopo vaz de sam
Payo de senão querer poer comi-
go em justiça sobre a governança,
que coestes officiaes ma êtregueis
por vossa parte / z me obedeaís
por governador, pera que coeste fa-
uor z com outros que espero ho pos-
sa constranger a poerse comigo em
dereyto pera que a governança siq̃
a cuja for z se pacifiquem estes ban-
dos com q̃ a Índia está em perigo
de se perder vindo os rumes como
esperamos. E coisto fez suas protes-
tações de não ho querendo assi fa-
zer lho estranbar el Rey / z auer por
eles a perda que recebesse de ho não
fazerem, pedindo de tudo estorãmẽ-
tos com suas repostas ou sem elas.
Mas não foy necessario, porque to-
dos responderão q̃ lhe obedecerião
polas causas que dizia: z logo foy
jurado por todos z obedecido por
governador da Índia com grande
festa. O que logo foy sabido em Co-
chim / z como foy tempo muytos
fidalgos z outras pessoas honrra-
das que erão de sua valia z inuerna-
uão em Cochim se forão parele / z
assi chegarão a Cananoz algũs ca-
pitães de nautos que erão fora da
Índia. E achando que Pero maz-
carenhas era obedecido por gover-
nador porque Lopo vaz de sam Pa-
yo não se queria poer coele em iusti-
ficarção coele: z coisto estava muy-
to favorecido.

Capit. xxxvi. Dos requerimen-
tos que fez Pero mazcarenhas
a Lopo vaz de sam Payo.



Bedecido pero maz-
carenhas por gover-
nador / z vêdose tão
favorecido: determi-
nou dauer d sua par-
te a Cristouão de Sousa, porq̃ lhe
lembrou que a carta q̃ lhe escreuera
de auer sua prisa por boa que fo-
ra mais polo ver preso z por apaci-
ficar a Índia que por lhe parecer re-
zão prendereno: z pois estava solto
z obedecido por governador / z se
queria poer em justiça sobre cuja
era governança q̃ seria da sua parte.
E pera isto lhe mãdou hũ requeri-
mento em que relatua todo ho pas-
sado, requerêdolhe juntamente cõ
dom Simão z cõ outros officiaes
da fortaleza que requeresse a Lopo
vaz de sam Payo que se posesse coe-
le em justiça, z não querendo que
lhe desobedecesse / z obedecesse a ele
que queria justiça z pacificação da
Índia. E coeste requerimento man-
dou Francisco mendez de valconce-
los que pera este caso fez seu procu-
rador. E partido Francisco mêdez /
mandou outro requerimẽto ao go-
vernador z dõ Simão outro pera q̃
soltasse aqueles fidalgos q̃ estauão
presos, z a eles todos cartas d muy-
to efforço que perderia a vida sobre
os soltar / dizendolhe o que era fey-
to z o que esperaua de fazer: z a pri-
meyra cousa que fez quem lhas lena-
ualhas deu em chegando a Goa, z
despois os requerimentos ao secre-
tario que os deu logo ao governa-
dor / z então soube ele a soltura de
Pero mazcarenhas z como era o-
bedecido por governador, z lhe pe-
sou de ho fiar de ninguem, z vio q̃

ho ouuera deter em Goa ou é Co-
chim, e temeose que entrasse de su-
pito em Goa, porq̄ soube q̄ os pre-
sios, e os Lanadares, e capitães dos
passos da ilha, e muytos cidadãos,
lhe tinhã escrito q̄ fosse a Goa, porq̄
todos estão prestes pera ho aju-
dar a restituir em sua honrra. E
por isso mandou a Simão de melo
seu sobrinho q̄ fosse goardar a bar-
ra de Goa a velha, com hũa galeo-
ta/ e com hũ bargantim/ porque
por ali lhe pareceo que entrasse Pe-
ro mazcarenhas/ que mandou que
fosse preso/ e levado a Goa: e estan-
do bi Simão de melo aos dezaseis
dias de Agosto, chegarão a Goa do
us capitães de duas naos q̄ ho año
passado partirão de Portugal, e
inuernarão em Moçambiç. E os
capitães erão Antonio dabreu, de
que falei no liuro Terceiro/ e Vi-
cente gil filho de Duarte tristão ar-
mador de naos, e indo estes falar
ao governador, elhes contou ho
que passaua antrele/ e Pero maz-
carenhas sobre a governança/ e pe-
ra lhe darem seu parecer se era go-
vernador por dereço/ lhes mos-
trou as prouisões passadas/ e a
carta del rey pera Alfonso mexia/ e
que dizia: q̄ das outras prouisões
se não usasse/ e lhas leuasse çerra-
das/ e deulhes juramento que ver-
dadeiramete lhe dissessem seus pare-
ceres: e eles lhe jurarão que enten-
dião/ que ele era governador/ e os
que tinhão ho contraio deseruião
muyto el rey. E despois disto aos
seis dias de Setembro/ chegarã a
Goa outros dous capitães da ar-
mada que aquele anno partira de

Portugal, de que foy capitão mo-
r Manuel delacerda, e forão seus ca-
pitães Cristouão de medoça capi-
tão Dormuz/ na vagante de Dio-
go de melo/ Aleixos dabreu/ Gas-
par de painua, e Baltesar da silua,
Manuel delacerda/ e Aleixos da
breu, se perderã na ilha de Sam Lou-
renço por culpa dos seus pilotos/
e Baltesar da silua/ e Gaspar de
painua, chegarão a Goa aos seis de
Setembro: e tambem forão pregū-
tados polo governador/ como An-
tonio dabreu e Vicente gil/ e res-
ponderão como eles, e de tudo mã-
dou fazer hũ auto, que foy por eles
assinado, e por dom João deça cu-
nhado do governador/ e por Frã-
cisco pereyra de berredo, quen as
mesmas naos forão de Portugal,
hũ prouido da capitania de Lana-
nor/ outro da de Chaul/ nas vagã-
tes de dom Simão, e de Cristouão
de souza. E isto se fezaos dez dias
de Setembro.

C Capit. xxxvij. De como Pero
mazcarenhas foy obedecido por
governador, por Cristouão de
souza.



Este tpõ tene Cris-
touão de souza no-
uas muyto certas
que Raix çalmão
capitão mo-
r da ar-
mada dos Rumes
era morto, e q̄ mor-
rera em hũa batalha/ q̄ os mesmos
Rumes ouuerã hũs cõ os outros
sobre desauença que recreceo antre
eles, e que era tanta gente morta/

za armada ficara tão danificada q̄ se tornara pera quez / e que ja aquele anno nem tão asinha podião passar aa Índia. E apos estas nouas chegou Francisco mendez de vascō celos que mostrou a Chriſtouão de souſa per autos publicos como dō Simão tinha obedecido por governador a Pero mazcarenhas por lhe parecer que assi cumpria a sua lealdade e á menagem que tinha da da de não obedecer senão a el Rey / ou a seu certo recado que tinha que era Pero mazcarenhas de cuja parte e de dō Simão lhe deu os requerimentos que lhe leuaua: e assi os que fizerão ao governador pera q̄ se posesse em justiça / e o que ele fizera aos que lhos leuarão: e assi lhe mostrou per papeis todo ho mais que tinha feyto / e como determinaua de ir cercar Cananoz, requerendolhe por derradeyro como seu procurador que lhe obedecesse como lhe tinha obedecido com todos os capitães e fidalgos da Índia quando se abriſa a sua subcessam, ouuido tudo isto e visto por Chriſtouão de souſa / vio que era necessário entender em cousas de tanta importancia. E juntos a conselho / ho feytoz e alcayde mór e os outros officiaes da fortaleza: e assi os fidalgos que inuernauão coele que era a mór parte dos que andauão na Índia propos lhe a prisam Deytor da silueira e dos outros fidalgos / e ho escandalo que isso fizera / em tanto queda hí tomou dō Simão causa pera soltar Pero mazcarenhas e ho obedecer por governador / e lhes mandou ler os requerimêtos

que dantes disse / e despois forão feytos ao governador, e o que lhe fâzião Pero mazcarenhas e dom Simão. E ouuido tudo por eles ficarão muyto escandalizados da prisam dos fidalgos / e do governador mostrar que por força queria ter a governança / assi em palauras como em obras / pelo que de comũ acordo reqrerão todos a Chriſtouão de souſa que pois Pero mazcarenhas era solto e obedecido por governador / e Lopo vaz de sam Payo nã queria poerse em justiça, q̄ pera pacificação da Índia deuia obedecer a Pero mazcarenhas, com declaração que em todo ho tẽpo q̄ Lopo vaz se quisesse poer em justiça coele que se posesse. E isto se deuia de fazer logo âtes que Lopo vaz aquerisse mōres forças das que tinha / e se posesse em querer determinar aquele caso por armas como se affirmaua. E por esta rezão e outras muytas que se derão / e mais porq̄ a Índia nã se podia pacificar doutra maneyra, pareceo bẽ a Chriſtouão de souſa obedecer a Pero mazcarenhas cõ a declaração que digo, e com determinação de fazer todas as vôtades que podesse a Lopo vaz de sam payo / como despois pareceo quando esteue com Pero mazcarenhas a iuzo / como direi a diante / no que se vio q̄ sômẽte por pacificação da Índia, e por servir nisso a Deos nosso senhor e a el rey, fez esta obediencia a Pero mazcarenhas / e nã por outro nbũ interesse nem proveito que pretendesse. E acordado per todos que Pero mazcarenhas se obedecesse por governa

doz/ e obedecido por esse cō autos publicos que d'isso forão feytos, e affinados por todos/ mãdarão logo hũ requerimêto ao governador que soltasse os fidalgos que estauã presos, e se posesse em justiça com Pero mazcarenhas. E Cristouão de Sousa lhe screueo hũa carta/ em que lhe daua as rezões porque obedecera a Pero mazcarenhas, e a declaração com que se fizera, do q̃ ho governador não foy contente, nem quis responder ao requerimêto que lhe foy dado/ antes ajūtou hũa armada, de que fez capitã mór a Antonio da silueira de menses seu genrro, e lhe mandou que fosse coela a Chaul/ e requeresse a Cristouão de Sousa que lhe entregasse a armada que lá estaua/ e que entregasse a capitania da fortaleza/ a Francisco pereyra de berredo, por quanto seu tempo era acabado/ e ele vinha prouido dela por el rey. E chegado Antonio da silueira a Chaul/ Cristouão de Sousa não cōsentio que se desembarcasse/ por que sabia que ho governador não quissera responder ao seu requerimento/ e vio se coele no mar/ estando cada hũ em seu bargantim: e ouuindo Cristouão de Sousa ho recado do governador/ respondeo que nhũa cousa daquelas auia d' fazer, porque tinha mandado em contrairo de Pero mazcarenhas seu governador: sobre ho que Antonio da silueira lhe fez muytos requerimentos. E assi Francisco pereyra sobre lhe entregar a capitania da fortaleza/ protestando por seus ordenados/ proes, e percal-

cos/ e d'isso tomarão ambos estromentos.

¶ Capit. xxxviij. De como dom Garcia Anriquez fez pazes cō el rey de Tidoze.



Tras fica dito como por Antonio d' Brito q̃ fora capitã da fortaleza d' Maluco leuar d'la muyta gēte/ e outras muitas cousas necessarias pa defenção da fortaleza, de que auia grande necessidade/ mandara dom Garcia anriquez a Bartim correa q̃ lhas fosse buscar á ilha de Banda/ a quaesquer nauios d' Portugueses que hi esteuessẽ. E Bartim correa chegou a Bãda quasi perdido, com hũ brauo temporal q̃ lhe deu/ e valeo lhe Antonio d' Brito que ainda ali estaua. E logo despois de ele chegar, chegou de Malaca em hũ nauio hũ fidalgo chamado Anuel falcão, q̃ Pero mazcarenhas mandaua por capitã mór/ de certos jungos de mercatores, em que ya hũ Fernão baldaja por scriuão da feytozia de Maluco com fazenda parela/ que logo Bartim correa recolheo no seu nauio. E por ele saber da gente da terra, que viram passar duas velas da feição das nauos Portuguesas por åtre aquelas ilhas/ pareceo lhe que serião nauos de Castelhanos/ por não sentir luzgar pera onde naquele tempo fossẽ nauos Portuguesas/ e receando q̃ se fossẽ Castelhanos iriã pera Maluco/ e poerião em perigo a nossa

fortaleza, por a pouca gente que lá ficaua / e menos munições có que se defendesse / requereo a Antonio de Brito, e a Manuel falcão que fossem socorrer a fortaleza de Aluco por q̄ nã se perdesse: e Antonio de Brito nã quis ir, e Manuel falcão si / e levando a mais gente que pode partirã ele e Artim correa pera Aluco / e forão surgir na ilha de Ternate / e desembarcados se forão pera a fortaleza, onde acharão que dom Garcia andaua em concerto de pazes com el rey de Tidoze. Do que Cachil daroes nã era contente, porque afora ver que perdia muyta parte do mando que tinha auendo pazes, e que os Portugueses nã terião dele tanta necessidade como tinhão / receuase que com a paz, el rey de Tidoze ho mandasse matar com peçonha, pelo mal que lhe tinha feyto na guerra. E com quãto dõ Garcia isto sabia, fez toda via a paz com el rey de Tidoze, com condição, que dentro em seis meses tornasse el rey a artelhar a que fora tomada na fusta q̄ disse, e todos os scrauos dos Portugueses que andauão fugidos em suas terras / e assi ho mais que se achasse quelhes fora tomado.

C Capit. xxxix. De como dõ Garcia anriquez tornou a quebrar a paz.



Esta esta paz / sabendo el rey de Tidoze quã descontente Cachil daroes estava dela / polo contentar lhe mandou dizer que cas-

saria com ele hũa filha se quisesse, e isto fazia porque como sabia que tinha muyto credito com os Portugueses / receou que por amor dele quebrassem a paz, no que ele receberia muyta perda / e por isso queria ter seguro Cachil daroes com amizade e parentesco. E sabendo dom Garcia ho que el rey de Tidoze cometia a Cachil daroes / e que ele folgaua de ho aceitar / trabalhou muyto polo estoruar, porque via claramente que desta liança del rey de Tidoze com Cachil daroes, auia de resultar fazerêhe algũa treição, e que com a paz se auia el rey de Tidoze de querer vingár dos Portugueses / do mal que lhe fizerão na guerra / e vendo que nã podia estoruar ho casamêto, determinou de ho estoruar com quebrar a paz / e pera que mostrasse ter rezão de a quebrar / mandou logo pedir a artelhar a el rey de Tidoze / posto q̄ nã era comprido ho prazo em que lha auia de entregar / e quando lhe foy este recado / estava ele muyto doente, e com tudo respondeo como homẽ que queria amizade / que nã podia logo mandar a artelhar, por ter dada algũa a el rey de Bachão, e a outros reys q̄ ho ajudarão, que como a ajuntasse a mandaria, e os scrauos mãdaria logo pedindo a dom Garcia que lhe mãdasse algũ medico pera ho curar / e ele mandou hũ boticaíro / que lhe deu peçonha com que ho matou em poucos dias. E sabendo dom Garcia que era morto, determinou de tomar a cidade / em quanto os moradores dela estauão tristes pola

morte del rey / e descuydados da guerra. E tendo sua gente prestes pera isso / mandou hũ recado diante ao regedor do reyno que lhe mandasse logo a artelbaria se não que auia a paz por quebrada: e por ainda a este tempo ho corpo del rey esteuel se por enterrar / respondeo que como fosse enterrado logo daria a artelbaria e ho mais. Dom Garcia que não queria outra cousa mandou embarcar sua gente / e embarcada tornou a mandar pedir a artelbaria / e se lha não dessem logo que auia a paz por quebrada. E Fernão baldaya que leuou este recado / não quis sair em terra e mandou ho do mar: e sendolhe respondido polo regedor e mandarins que tanto que acabassem hũ conselho em que estauão pera fazerem rey, logo satisfariao a dom Garcia. Ao que Fernão baldaya não respondeo: mas com hũ pregação lhe notificou q̃ dom Garcia auia a paz por quebrada / e lhe pregoaua a guerra. E coisto feyto se tornou a dom Garcia que ya por caminho, e átemanhaã chegou ao porto da cidade de Tidore cujos moradores assi pola tristeza da morte del rey como polo descuydo que lhe causou a confiança que tinhão na paz estauão de todo desaperecidos pera se defenderem / e por isso como sentirão que os Portugueses desembarcauão fugirão da cidade / em que entrados os Portugueses não acharão q̃ fazer saluo poer-lhe ho fogo com que queimarão a mayor parte dela e tomarão sete peças d'artelbaria. E destruida a cidade / tornarão se á fortaleza: e deste

feyto ficarão os Portugueses em muyto descredito com toda a gente daquelas partes e os tinhão por tredores / e que não goardauão sua fé, e assi no reyno de Bachão como em outros / a que dantes yão / lhes foy defeso que não fossem lá mais, e não forão.

Capit. xxxix. De como dom Jorge de meneses indo pera a ilha de Ternate foy ter ás ilhas dos Papuas onde inuernou.



Dom Jorge de meneses q̃ ya por capitão da fortaleza do Maluco partio como disse pela Malaca com regimento de Pero mazarenhas que fosse pela via de Borneo pera se acabar de saber aq̃le caminho por onde se escusaua a detença que se fazia em Banda esperando por moução. E porque não pude saber o que aconteceu a dom Jorge nesta viagem / não direy mais se não que foy ter atraves das ilhas do Adorro setenta legoas da nossa fortaleza: e chegando ali hũ dia sobre a tarde foy demandar a terra, e sendo muyto perto dela mandou sondar pera surgir afastado da terra segundo ho costume dos Portugueses, mas como derrador daquelas ilhas não se acha fundo se não tendo as naos as proas em terra. Dom Jorge que isto não sabia / nem conhecia a terra: não ouso de surgir e afastouse pera ho mar. E vendo os da terra que se afastaua /

meterão se algũs ã duã almadias
 e forão se pera as naos / porẽ não
 sabendo se erão de Portugueses se
 de Castelhanos, não oufarã de che
 gar a elas / e falarã lhe hũ pouco d
 lonje / e por das naos os chamarẽ
 e acenarem cõ panos, chegou hũa
 almadia a bordo dũa das naos / de
 q̃ perguntarã a gente dela pola nos
 sa fortaleza e polos Portugueses,
 de q̃ lhes nã souberão dar nhũa no
 nar / e por nisto anoitecer se afastarã
 os dã almadia das naos, e se forão
 leuando tres beirames vermelhos
 quelhes os Portugueses derã. E
 idas as almadias, despois q̃ foy bẽ
 noyte acalmou ho vento / e dõ For
 ge ficou se remedio, por q̃ como não
 podia surgir por não auer fundo /
 nẽ se podia chegar a terra por lhe
 faltar ho vento, escoreo por antre
 aquelas ilhas cõ as agoas q̃ ali
 correm fortemente / e indo assi foy
 cair no golfão que se faz antre estas
 ilhas e ho estreito de Magalhaẽs,
 onde lhe sobreueo hũ brauo tempo
 ral / com q̃ a sua nao, e outra de sua
 cõserua forão a Deos misericordia
 ate as ilhas que chamão dos Pa
 puas, donde por amor dos pon
 tes que ventauão não pode tornar
 a Maluco se não no Mayo seguinte
 de mil e quinhentos e vinte se
 te: cõ os leuãtes / e adou por aque
 las ilhas seis meses cõ asaz de fadi
 ga, e adoeceolhe e morreolhe al
 gũa gente.

Capitulo. xl. Da segunda arma
 da que ho Emperador mandou
 as ilhas de Maluco.



O liuro Sexto fica
 dito / como hũa das
 naos da armada de
 Fernã d Magalhaẽs
 cõ que ya descobrir
 Maluco tornou a
 Seuilha com Crauo, e sua tornada
 e a mostra do Crauo q̃ leuou / deu
 causa ao Emperador Carlos / mã
 dar outra armada doutras cinco
 naos q̃ fosse a Maluco a fazer for
 taleza na ilha de Tidore, pola ami
 zade que os Castelhanos acharã e
 el rey dessa ilha, e desta armada foi
 por capitão mór hũfrey Garcia d
 loais frade duma das ordẽs da ca
 ualaria de Castela / e desta arma
 da sãmẽte a capitaina passou a Ma
 luco com outro nauio mais peque
 no / porẽ sem ho capitão mór, de
 que não soube ho q̃ fez. E desta nao
 que digo era capitão hum fidalgo
 Biscainho / que auia nome Marti
 ãnhez de Carquicios / que era
 justiça mór da armada / e chegã
 do a hũa ilha soube como os Por
 tugueses tinhão fortaleza / e arma
 da na ilha de Ternate / e por isso re
 colheo a gente do nauio na nao / e
 ho queimou / e ficou com trezẽtos
 homẽs todos escolhidos, com que
 seguiu sua viãse / e foy ter a traues
 das ilhas do Borro / no mesmo in
 stãte que dõ Forge ali foy ter, e ou
 ue vista dos nauios em q̃ ya, e por
 lhe auer medo que conbeco serem
 dos Portugueses se escõdeo, e foi
 se meter no golfão q̃ chamão d Ca
 maso / cuja terra era del rey de Ti
 dore / e por os moradores conbecerem
 q̃ erão Castelhanos, polo que
 sabião da amizade que el rey tinha

coeles os receberão muyto bem. E os Castelhanos sabendo a guerra que os Portugueses tinbão feyto a el Rey de Tidoze, prometerão lhe de os vingar deles com lbes tomar a fortaleza z matarênos a todos z comerênos assados/ z outros muytos feros com que os da terra esta-uão muy satisfeytos/ z dauãlhes tudo sem dinheiro/ z assombrauão coeste fauor os moradores doutros lugares del Rey d Ternate nossos amigos.

C Capit. xli. De como chegou hũa nao de Castelhanos ás ilhas de Maluco.

Fhoua destes dous nauios de dom Jorge de meneses q forão vstos antre aquelas ilhas do Porro foy ter á ilha de Ternate, dondese deu a dom Garcia anriquez sem declaração se erão os nauios de Portugueses ou de Castelhanos. E como isto ficaua duuido sologo dom Garcia determinou de saber a verdade porque receaua serem Castelhanos, z mandouho saber per Bartim correa que foy em hũa cora cora com hũ soo Portugues chamado Diogo da guerra por saber bem a lingua da terra/ z a outra gente forão Bandarins. E nesta cora cora foy ter a Camaso a hum lugar del rey de Ternate, onde foy certificado ser a nao de Castelhanos, z de quão fauorecidos os vassalos del rey d Tidoze estauão coeles / z que tinbão grande armada/ z conselharãlhe q

não fosse lá porque Bartim correa ho quísera fazer. E vendo que ho a conselhanão bem tornouse pera a fortaleza com aquela noua: que sabida per dom Garcia mandou com conselho hũa armada a esperar esta nao quando fosse de Camaso pera Tidoze que assi cuydarão que fosse: z a capitania moor desta armada deu a Manuel falcão / z forão nela setenta Portugueses em dous nauios/ z Cachil daroes leuaua doze corascoras. E chegando Manuel falcão ao meyo do caminho mādou polo ouuidor da fortaleza hũa carta que leuaua de dom Garcia pera Bartim inbeguez que lbe ele foy dar em saindo do golfam de Tama-co: z isto pera ter achaque de ver a nao como ya apercebida/ z ho numero dos Castelhanos. E que tudo ho ouuidor vio muyto bem / z q a nao ya muyto bem artilhada z cõ muytas armas, z os Castelhanos serião trezentos. E Bartim inbeguez lbe deu azo pera que ho visse muyto bem z ho dissesse a dom Garcia / que ele sabia bem quão pouco poder tinha assi de gente como doutras cousas que tudo lbe disserão os da terra: z por isso estaua muyto sobre os Portugueses z não os tinha em conta/ mas nem por isso deixou de responder á carta de dom Garcia cõ muytos offercimentos z cortesia. E despedido ho ouuidor coesta carta seguiu sua viagem pera Tidoze/ onde chegado z metida a nao dentro no arrecife / mandou fazer na entrada dele dous baluartes de pedra eniosa q artilhou muyto bẽ com algũa artilharia da nao:

e estes goardauão a eſtrada do por-
 to, e a nao estava defronte cõ a arte
 lbaria q̄ lbe ficou, q̄ parecia hũa for-
 taleza. E bo ouuidor de dõ Garcia
 despõs q̄ se despedio de Martiõ hi-
 nhiguez tornouſe a Manuel falcão
 q̄ ſabêdo bo modo de q̄ a nao estava
 ouue por eſcuſado cometela ido tão
 ſingelo / e tornouſe pera a fortaleza
 e deu cõta a dõ Garcia do q̄ achou.
 E Martim hinhiguez despõs q̄
 ſe fortaleceo como digo / mãdou di-
 zer a dõ Garcia por hũ homẽ deſſes
 principais q̄ yão coele / q̄ ele era ali
 vindo por mãdado do Emperador
 ſeu ſenhor cujas aq̄las ilhas erãõ /
 aſſi por eſtarẽ na ſua demarcaçãõ,
 como por Fernão d̄ magalhães ſeu
 vaſſallo lhas deſcobrir polo q̄ tinha
 tomado poſſe d̄ las, e mais as tinha
 per hũa ſentença q̄ ouuera contra el
 Rey de Portugal: e por eſtas cau-
 ſas todas despõs de eſtas ilhas ſe-
 rẽ deſcubertas, ficarãõ ali trita de
 ſeus vaſſallos q̄ forãõ na ſua arma-
 da cõ feytozia em q̄ ficara muyta fa-
 zenda / e bẽ xl. peças d̄ arte lbaria /
 e q̄ não achaua nhũa couſa deſtas,
 e q̄ os da terra lbe diziãõ q̄ os Por-
 tugueſes tomarãõ tudo e matarãõ
 os Caſtelhanos q̄ ficarãõ na feyto-
 ria / e mais os achauãõ cõ fortale-
 za feyta nas terras do Emperador
 ſem ſua licença q̄ ſolgaria de ſaber a
 rezãõ q̄ os Portugueſes teuerãõ
 pera fazerẽ eſtas couſas: porq̄ de tu-
 do auia de tirar eſtoz mêtos pera ſe
 q̄ tirar ao Emperador. E chegado
 eſte meſſageiro a dõ Garcia lbe diſ-
 ſe tudo iſto: ao q̄ ele reſpondeo / q̄ a-
 quelas ilhas e outras muytas não
 erãõ nẽ forãõ nõca do Emperador,
 nẽ lbe podiãõ caber e ſua demarca-

çãõ / porq̄ nã a auia e q̄ a ouueſſe, ele
 ſabia certo nã lbe caber e nella, e q̄ ſe
 ouuera ſentença cõtra el Rey ſeu ſenhor
 a veria / por os q̄ a derãõ ſerem ſeus
 vaſſallos: e q̄ tambẽ os iuyzes Por-
 tugueſes a derãõ por el Rey ſeu ſe-
 nhor, pelo q̄ não era aquela a rezãõ
 por õde as ilhas de Baluco erãõ
 ſuas, nẽ menos por as mãdar deſco-
 brir por Fernão de magalhães q̄ as
 não deſcobrio de nouo, por auer ma-
 is de dez annos q̄ as deſcobrira An-
 tonio d̄ abreu por mãdado d̄ aſonſo
 d̄ albuquerque governador q̄ naq̄le tẽ-
 po era das Indias por el Rey de
 Portugal: do q̄ bo meſmo Fernão
 d̄ magalhães fora teſtemunha, e tẽ-
 do certeza õde aq̄las ilhas jazião,
 por fazer treição a el Rey de Por-
 tugal fizera crer ao Emperador ſe-
 rẽ de ſeu deſcobrimẽto, e fizera q̄ as
 ya deſcobrir indo por outro cami-
 nho e nauegaçãõ / onde ouuera bo
 fim q̄ merecia por ſer tredoza a ſeu
 ſenhor natural q̄ era el Rey de Por-
 tugal e não bo Emperador: e q̄ do
 tẽpo q̄ Antonio d̄ abreu deſcobrira
 eſtas ilhas / logo algũs reys delas
 ficarãõ amigos del Rey de Portu-
 gal / e forãõ cõtẽtes de os Portu-
 gueſes tratarẽ em ſuas terras, e da-
 li por diãte ſẽpre lã tratarãõ / e por
 rogo del Rey de Fernãõ bo paſſado
 mãdara el Rey de Portugal fazer
 naq̄la ilha hũa fortaleza. E indo a
 fazer Antonio de Brito achara cer-
 tos Caſtelhanos na ilha d̄ Tidoze,
 q̄ por nã terẽ licença del Rey d̄ Por-
 tugal pa andarẽ por ſuas terras os
 mandara ao governador das In-
 dias pa ſaber a rezãõ porq̄ o fazião,
 aſſi q̄ aq̄las ilhas erãõ por d̄creyto
 del Rey d̄ Portugal, por cujo mãda

do ele estava por capitão naq̃la fortaleza q̃ defenderia ate a morte a que lha quisesse tomar, e defender a qual quer gente do mundo que não andassem por aq̃las ilhas sem licença del Rey de Portugal/ e que assi faria aos Castelhanos pois ádauão sem ela/ pelo q̃ lhe requeria da sua parte/ e da do Emperador q̃ logo se fosse pera a fortaleza, e não querêdo estar de mistura com os Portugueses lhes daria hũ lugar apartado em q̃ estivessem á sua vontade: e mais lhe requeria q̃ não comprasse nhũ crano q̃ ho não podia fazer por ser todo pera el Rey de Portugal, e não querêdo por sua vôtade fazer hũa cousa nê outra, ele protestaua de lho fazer por força sem por isso encorrer ênhũa pena pois ho fazia por leruir a el Rey de Portugal seu senhor. E coesta resposta se foy o mesageiro / e porê Martim binbeguez não se quis ir pera a fortaleza/ e mãdou requerer a dõ Garcia q̃ ho deixasse estar ôde estava, e sobristo ouue muytos recados de parte sem tomare nhũa conculsam. e cada hũ tirou seus estoarmêtos do q̃ requeria.

Capit. xliij. Do que aconteceu a dom Garcia anriquez cõ os Castelhanos, e do mais q̃ succedeo.



Quando dom Garcia que Martim binbeguez não se queria tirar de Tido re e fazia alevantar ho preço do crano dando por ele quatro tanto do q̃ estava assentado na feytozia, determinou de lho fazer por força/ e isto cõ conselho de Manuel falcão feytor e outras pessoas

principais/ e que ele em pessoa fosse a este feyto. E isto assentado, partio hũa noyte leuado ate cê Portugueses, e muytos dos da terra embarcados em corascoras e outros nauios, e pera baterem a nao e os baluartes leuou tres camelos/ hũ em hũ batel com hũa manta e os dous em hũa fusta e hũ calaluz/ e nestes não ya outra gente de peleja se não os capitães bombardeiros e remeiros: e a fusta q̃ ya diante em chegãdo defrõte dũ dos baluartes que a fustirão os Castelhanos cõ quanto fazia escuro, tiraranlhe tantas bombardadas que lhe matarão hũ remeiro, e quebrarão a cana do leme/ quebrãdo hũa mão ao que ya a ele. E ho capitão da fusta sem mais esperar por dom Garcia começou logo de bombardear ho baluarte/ e por os tiros serê muyto amende arrebêto ho camelo, pelo q̃ se retirou pera onde estava a fusta e ho calaluz: e dom Garcia mãdou logo por outro camelo á fortaleza que veo antes q̃ amanhecesse e foy assentado na fusta, e manhaã clara mãdou dõ Garcia dar bateria aos Castelhanos com ho batel, fusta e calaluz: e eles q̃ virão como se a cousa ordena ua começãdo de desparar sua artelheria dos baluartes e da nao/ e era tanta que os pelouros q̃ tirauão parecião que auião dentulbar ho mar: e receando os q̃ yão no batel/ fusta, e calaluz q̃ os fizessem ê pedaços, não ousarão de chegar muyto e poserãse tão lõge q̃ quando os seus pelouros desparauão yão dar no mar e de chaquetas chegauã jũto da nao q̃ ainda não chegauão a ela: e os Castelha-

nos como q̄ zombauão deles lbes dauão muytas apupadas. E dom Garcia também nã oufaua de chegar com as corascoras por serẽ muyto fracas que erão cosidas cõ cordas z qualquer tiro as faria em pedaços. E neste joguete q̄ mais ho parecia q̄ peleja estauerão ate ho meyo dia q̄ sobreueo a viração. E vendo dom Garcia que não fazia nada/afastou se com toda sua armada: z tambem porquelhe faltaua a poluora, z auia de mandar por ela á fortaleza, z em quanto mãdou ficou em hũa enseada: z estando ali sayo Bartim correa/ ho feytoz z outros ate quinze em terra. E estando oulhãdo hũ lugar de mouros q̄ estaua em hũ alto pera ho trem queymar/algũs Castelhanos que estauão no lugar z os sintirã/forão muyto secretamente porantre ho mato, z começarão de lbes tirar cõ espingardas z bẽstas, z hũ q̄ drelo deu a Bartim correa a baixo de hũa orelha q̄ deu coele no chão quasi morto. E por este desastre/ z tambem por dom Garcia ver que não podia fazer nhũ dãno aos Castelhanos, nã quis ali estar mais z tornouse pera a fortaleza com sua armada/ do que os Castelhanos ficarã muyto soberbos crẽdo que os Portugueses fugião com medo/ z assi ho dizião aos da terra, pozem a nao ficou tão aberta do muyto jugar da artelharã, z por ter a quilba no chão/ z por ser velha abrio de todo z se echeo dagoa z perdeose sem mais aproueitar pera a nada: do que os Castelhanos ficarão muyto tristes, z nã fizerão mais nhũ reboliço de guerra/ z deixarãse estar como

homẽs que descansauão, z dõ Garcia fez ho mesmo: z porque era chegada a moução pera Balaca em q̄ auião dõ partir pa lá algũs jũgos/ determinou de auer algũ crauo pera el Rey, porque este era ho proueito que pretendia daquela fortaleza, z ainda ate então não tinha auido nhũ com q̄ forasse parte do muyto gasto que fazia naqla fortaleza. E a causa de não se poder auer nhũ crauo pera el Rey era serẽ os Portugueses tão cobicosos q̄ ho atrauessauão todo/ dando por ele ho dobro que se daua na feytozia, z fazendo muytos mimos aos negros que lho vendião/ pelo q̄ ho não querião leuar á feytozia/ z ho mesmo feytoz z escriuães ho comprauão antes pera si que pera el Rey/ z por isso não podia auer nhũ. E sabẽdo dõ Garcia isto/ mãdou que toda pessoa do crauo q̄ teuesse desse a decima parte a el Rey pelo preço da feytozia/ z quando ho não quisesse dar por sua vontade lho tomassem por forza/ z assi ho mandou apregoar, com o q̄ todos receberão muyto pesar z poferãse em ho não consentir/ z chamarão em sua ajuda Cachil daroes z assi muytos Bandaris. E vẽdo dõ Garcia este aluoroço/ z achãdo se só z sem poder pedir socorro ao gouernador/ z receando que se apertasse muyto, q̄ lhe fugissem os Portugueses, z ficando só lhe tomassẽ os mouros aa fortaleza deixou sua determinaçã z etẽdeo e fazer sua fazẽda como os outros fazião, z no Janeyro seguinte mãdou e hũ jũgo q̄ partio pa Balaca Barti correa z Banuel lobo cõ cartas ao capitão

de Malaca em q̄ lhe pedia socorro
de gente de q̄ tinha muyta necessi-
dade por amor dos Castelhanos q̄
ficação em Lidore z em Beilolo.

Capít. xliij. De como Antonio
de miranda dazeuedo prometeo
a Pero mazcarenhas de lhe obe-
decer.



Atrado ho verão, par-
tiose Antonio de mirã-
da dazeuedo capitão
mór do mar da Índia
de Cochim meado Se-
têbro cō toda a armada pera Goa,
z por ele escreueo Alfonso mexia vé-
dor da fazenda ao governador o q̄
passara aq̄le inuerno com os requere-
mentos de Pero mazcarenhas/
a que deuia de mandar pera Por-
tugal por ser na Índia muyto per-
judicial ao seruiço de Deos z del
Rey, não sabendo ainda q̄ era solto.
Partido Antonio de miranda foy
ter a Cananoz pera ver se tinha dō
Simão necessidade valgũa cousa/
z estando no mar lhe mādou Pero
mazcarenhas hũ requerimento por
dom Simão em que lhe requeria/ q̄
pois dom Simão z Christouão de
souza com a mayor parte dos fidal-
gos da Índia z gente d'armas que
andaua nela vendo como Lopo vaz
desam Payo não se q̄ria poer coele
em justiça pera se saber cusa era a
governança z a queria ter por força
ho tinhão obedecido por governa-
dor. Ele com tudo queria justiça
por pacificação da Índia/ lhe re-
queria da parte del Rey que també
ho obedecesse porque vendose Lopo
vaz sem armada consentiria que

se julgasse por deryto a qual deles
pertencia a governança/ protestãdo
de não querendo satisfazer a seu re-
querimento correr em pena de lhe
pagar seus ordenados proes z per-
calços que auia dauer como gover-
nador z mais a q̄ parecesse bem a el
Rey. E visto este requerimento per
Antonio de miranda, vendo q̄ Pe-
ro mazcarenhas estava obedecido
por governador/ z que de ele z Lopo
vaz serẽ ambos governadores
se auia de seguir muyto deseruiço
de Deos z del Rey/ respondeo que
ele não podia obedecer por gover-
nador a Pero mazcarenhas ate nã
saber do governador que não se que-
ria poer em justiça: z quando ho sou-
besse que então lhe desobedeceria:
o que não satisfazendo a Pero maz-
carenhas, lhe mandou requerer q̄
do que dizia lhe desse hũ assinado.
O que ele fez polas causas q̄ digo/
parecendo lhe que aquele era bo me-
lhor talho que podia dar, z deu ho
assinado que eu vi/ z dizia.

Digo eu Antonio de mirãda da
zeuedo capitão mór do mar da In-
dia polo muyto poderoso Rey de
Portugal nosso senhor q̄ me obri-
go ao senhor Pero mazcarenhas,
de fazer com ho senhor Lopo vaz de
sam Payo q̄ ora he governador da
Índia, que se ponha coele em dery-
to: q̄ també pretêde ser governador
dela sobre q̄l deles ho será. E não
querendo ele poer se neste iuyzo por
este dou minha fé/ preito z menagẽ
ao dito senhor Pero mazcarenhas
de me ir parele z lhe obedecer como
a verdadeiro governador: feyto p
mim z assinado aos deza sete de Se

tembro de mil e quinhentos e vinte e sete.

Cado este assinado partiose Antonio de miranda pera Goa ô delo go ho governador soube como ho vera, e estranhoulho muy asperamente, affirmandolhe q se não auia de poer em justiça sobre a merce q lhe el Rey fizera / que bê se poderia ir pera Pero mazcarenbas / porq outrê acharia q fosse capitão môz do mar. E ele se disculpou, dizendo q não vera ho assinado com tenção de ho cumprir se não por se espedir de Pero mazcarenbas que conhe- ra que estaua tão danado q recebeu de fazer coele algũ desmãcho. E ho governador foy acôselhado q tirasse a capitania môz do mar a Antonio de miranda pelo q fizera, mas e não quis porq não fizesse mais aluoroço na gente / e por ver se podia fazer as cousas por bê / e mandou logo Antonio ô mirãda a Chaul (donde ainda Antonio da silueira não era vindo) pera que se entregasse da armada q lá estaua / e fizesse entregar a capitania da fortaleza a Francisco pereyra de berredo.

Capit. xliiij. Do que Antonio de miranda e Christouão de souza fizeram.



Chegando aa barra de de Chaul achou Antonio da silueira q se partira pera Goa, e disse lhe que esperasse ate ver se Christouão de souza queria satisfazer ao recado do governador, e mandoulhe dizer como estaua ali q compria muyto

ao seruiço del Rey verêse ambos / a que ele respôdeo que se era pera lhe entregar a armada e a capitania da fortaleza que ja dissera que ho não auia de fazer por ter mandado em- contrairo de Pero mazcarenbas seu governador / e mādoulhe reque- rer com os officiaes da fortaleza e cõ os fidalgos q inuernauão coele / que visse a força q Lopo vaz de sam Payo e Alfonso mexia fazião a Pe- ro mazcarenbas em lhe tomarem a governança, não querêdo ele se não o q fosse dereyto : e pois estaua em sua mão fazer determinar este caso por justiça, que fizesse cõ Lopo vaz que ho quisesse. E fazendo sobristo grandes protestações contra An- tonio de miranda : que despois de responder a estes requerimentos se vio cõ Christouão de souza na forta- leza / onde concertarão ambos ho modo que se teria pera q Lopo vaz de sam Payo se posesse em justiça com Pero mazcarenbas pera pa- cificação da India, e q os iuyzes q determinassê este caso fossê no mais de sete. s. Antonio de miranda / dô João deça, Francisco pereyra de berredo, Baltasar da silua / Gaspar de paua capitães de duas naos da carrega / frey João daluim da or- dẽ de sam Francisco que em leygo se chamara João lopez daluim / frey Luys da vitoria da ordem de sam domingos / e Christouão de souza quis q fossem estes iuyzes / posto q sabia q tirãdo os dous frades os outros tinhã assinado q Lopo vaz era governador verdadeyro / mas porq ele nã tenesse q dizer os cõsêrio e por isso nã quis ele ser hũ dos iuy

zes/nem quis que ho fosse nhũ fidalgo seu parente nem homem de q se presumisse ser da openião de Pero mazcarenhas que pois Antonio de miranda foy nomeado por juyz bem ho podera ele ser mas não quis por esta causa/ e porque não era seu fim se não apacificar a India, e que não se determinasse esta deferença por armas/ porque nisto cria q se uia Deos e el Rey que era o que lhe lembrava / e não outra cousa. E sendo nomeados estes juyzes antrele e Antonio de miranda com juramento de terem nisso segredo ate ho tempo de se declararẽ, porq nem Pero mazcarenhas/nẽ Lopo vaz ho soubessem/ ao outro dia se ajuntarãõ na igreja com ho feytoz e alcayde mór da fortaleza/ e outros officiaes/ e fidalgos, e pessoas principais que inuernauão nela, relatãdo ambos as cousas passadas/ e dizendo quão necessario era pera pacificação da India que ho governador se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas tinhãõ ambos cõcertado hũa pauta q lhes mostrauão pera dizer cada hũ se se acrecetaria mais nela ou diminuiria, e os capitulos dela forãõ estes.

¶ Que Antonio de miranda daria hũ assinado a Christouão de souza tal como o q dera a Pero mazcarenhas.

¶ Outro em que se obrigasse a leualo a Goa, e seguramente podesse falar ao governador sem perjuizo de sua fazenda/ parentes amigos e criados, pera lhe requerer o q lhe parecesse seruiço del Rey/ sem interuirẽ outras palauras fora da materia / assi de sua parte como da do

governador.

¶ E q chegãdo á barra de Goa daria a armada de fora e ficaria nella Antonio da silueira em arrefens entregua hũ fidalgo sem sospeita naquele negocio, com lhe ele tomar a menagem, que sendo caso q ho governador prendesse a Christouão de souza/ que a quele fidalgo se fosse pera Pero mazcarenhas cõ a armada tho obedecesse por governador.

¶ E q Christouão de souza daria a Antonio de miranda hũ estormento assinado por ele e polos officiaes da fortaleza e fidalgos q inuernauão nela em q promettessem de lhe obedecer com toda a armada q esta ua em Chaul ate chegarẽ a Goa e se cumprir ho atras capitulado: e tambẽ prometeriãõ no estormento, que não querendo Pero mazcarenhas o que fosse seruiço de Deos e del Rey q se fossem pera ho governador, e que se não falasse mais em Pero mazcarenhas ser governador: e ho mesmo prometeria ho alcayde mór q ficasse por capitão na fortaleza de Chaul q a entregaria ao governador e não a Pero mazcarenhas.

¶ E q quãdo ho governador e Pero mazcarenhas se posessem em justiça sobre a governança antes de os juyzes da causa pronũciarẽ cousa algũa prometeriãõ cõ juramento q aqle q ficasse por governador não etederia na pessoa/nẽ na fazêda do outro, nẽ nas de seus criados, parentes e amigos/ nẽ desfaria o q o outro teuesse feyto, e a qlquer deles q nisto não quisesse consentir que lhe desobedecessem.

E que os juizes que ouuessem d' julgar aquela deferença, serião peſoas sem ſoſpeita/ que eles ambos Criftovão de ſouſa/ e Antonio de miranda/ declararião quãdo foſſe tempo.

E q̄ tãto q̄ ambos de dous chegaſſem a Goa ſerião ſoltos, Eytor da ſilueira/ d'õ Jorge de craſto/ d'õ Antonio da ſilueira/ e quaesquer outros que eſteueſſem preſos por aquele caſo d' Pero mazcarenhas/ que tãbem prometeriã de goardar ho que ali determinauã/ e que eſta deferença ſe determinaria em Cochim/ d'õ ſe ajuntarião/ Lopo vaz de ſã Payo/ e Pero mazcarenhas e em partindo Lopo vaz d' Goa diſtiria logo da governança/ e iria como peſſoa priuada, em poder d' Antonio de miranda, e em Cananoz ſe lhe entregaria Pero mazcarenhas pelo meſmo modo, e querendo ele leuar e ſeu poder/ ſe entregaria Lopo vaz/ a Criftovão de ſouſa, oua dom Simão de meneſes/ pera que ho leuaſſem no nauio em q̄ foſſem. E que alê do ſeguro que Antonio de miranda avia dauer a Criftovão de ſouſa/ lhe aueria outro do capitão de Goa, e dos officiaes da camara da cidade/ com juramento q̄ farião/ que não goardando ho governador ho ſeguro que lhe deſſe/ lhe deſobedecerião, e obedecerião a Pero mazcarenhas.

E deſpois d' lida eſta pauta, q̄ todos a ouirãõ / diſſe Criftovão de ſouſa a cauſa porque ſe fazia, reque rêdolhes a todos cõ ho capitã mór do mar / que lha ajudaſſem a poer

em eſeyto / e que aſſi ho prometeffe todos por juramento, ho que eles fizerão, tendo muyto em merce a Criftovão de ſouſa, e a Antonio d' miranda fazerena. E de tudo foy feyto hũ anto por Baſpar aſonſo tabalião publico da fortaleza/ que foy aſinado por todos, aos quatro Doutubro de mil e quinhentos e vinte ſete.

Capit. xlv. De como ho governador/ e Pero d' faria, e outros jurarãõ de cumprir a pauta que fizerão Criftovão de ſouſa, e Antonio de miranda.



E yta eſta pauta foy leuada a Antonio da ſilueira / por Antonio de miranda/ pera que conſentiſſe nela, e ele conſentio muyto contra ſua vontade, e por não poder mais fazer, e eſtranhando muyto a Antonio de miranda fazela. E feytos dela dous terladõs/ hũ pera Criftovão de ſouſa, outro pera Antonio de miranda / que ſe partio no meſmo dia / e ao outro Criftovão de ſouſa / deixando entregue a fortaleza a Aluaro pinto alcaide mór dela/ e deſpois de chegar e todos jũtos a barrã de Goa, Antonio de miranda ſe foy ao governador/ e perante ho licenciado João do ſoiro ouuidor geral da India / e ho ſecretario/ lhe mostrou a pauta que fizera com Criftovão de ſouſa/ dizendo que a fizera por euitar os grandes males que vira que eſtauãõ ordenados, por Criftovão de ſouſa/ e por os q̄ ſtauãõ

coele que muy estreitamente lhe requererão q̄ consentisse nela: e por isso consentira muyto contra sua vontade / porque bem sabia que ele era verdadeyro governador, e pera ho ser trabalhar a q̄ os iuyzes fossem sem sospeita e no mais de sete pera terem menos que apurar. Do que ho governador ouue muyto grãde menencoria / e porque ho feyto não se podia desfazer / nã lhe disse mais se não que ele mesmo tinha a culpa do que ele fizera / pois se fiara mais dele despois de dar ho assinado q̄ vera a Pero mazcarenbas, e que fizera mal de fazer aq̄la pauta / por que se fora por escusar males que então estauão mais armados que nunca. E querendose Antonio de mirãda desculpar / disse ho governador que não erão necessarias desculpas pois fizera sua vontade / mas que cresse q̄ os iuyzes não auião de ser mais de sete auendose de poer em justiça, e ele lhe disse que não serião / e disso lhe daria hũ assinado se ho quisesse. E tendo ele jurado com Christouão de souza de terem em segredo os iuyzes que ouuessem de julgar a quella deferença ate ho tempo em q̄ se ouuessem de declarar por comprar ao governador: lhos descobrio / e forão os que disse. E contente ho governador deles. lhe pediu hũ assinado que não fossem outros, nem fossem mais: e ele lho deu / e ho ouuidor geral / e ho secretario assinãrão como testemunhas. E ficando a pauta ao governador vïa a coeles e com Pero de faria / que lhes conselharão que consentisse nela / porq̄ não ho fazendo se leuãtarião todos

controle / e primeyro a mandaria mostrar aos officiaes da camara da cidade, e contentandolhes consentiria nela com condição q̄ fosse como governador ate Cananoz / e que a honrra Dafonso mexia fosse goardada e não consentirião que ficando Pero mazcarenbas por governador ho tirasse de nhum dos officios que tinha, por qualquer maneyra que fosse, e ho entregaria seguro ao governador que fosse do reyno. E contente Christouão de souza disto / mandou ho governador soltar os presos, e deu ho seguro a Christouão de souza pera ir a Goa / e ele não quis ir por lhe escreverem que não fosse, porque ho governador tinha determinado de ho prender com Antonio de miranda / e por isso se determinou que se dissesse bũa missa na agoada de Goa, e leuantando ho sacerdote a hostia, jurassem nela Antonio de miranda e Christouão de souza perante dom João deça e Antonio rico secretario da Índia q̄ ho governador iria como governador ate Cananoz: e q̄ verdadeyramente segũdo suas consciencias os escolberião pera iuyzes quella deferença aqueles homens que lhes parecesse q̄ melhor e cõ mais conciência determinassem aq̄la causa sem descobrirem per si nem por outrem os que tinhão escolbidos. E tambem jurarião o que tocava ao vedor da fazenda. E leuados estes capitulos por dom João deca e por Antonio de miranda a Christouão de souza / ele lhes disse que se acrescentassem na pauta: por em que por quanto ho galeão sam dinis em

que ho governador andava/ era a maior força que andava na India, por andar maravilhosa mente artilhado/ e nele sómente podia pelejar com toda a outra armada da India avia de jurar que como chegasse a Cananor se passaria como preso á galé em que andava Antonio de miranda. E sendo ho governador dito contente, aos vinte Douthbro foy dita húa missa na agoada de Boa na terra firme: e sendo presentes Christouão de souza / Antonio de miranda / dom João deca e outros muytos fidalgos em ho sacerdote levantando a hostia disse Antonio rico que hí estaua aos circunstantes se jurauão por aquele verda deyro Deos em q firmemete crião como fieis Christãos de cumprir e goardar o que foy assentado na pauta de Chaul: e que ho governador fosse em posse da governança e com toda sua hõrra ate Cananor, e que goardassem em tudo o que cumprisse á honrra do vedor da fazenda / e não consentissem que ficado Pero mazcarenhas por governador lhe tirassen hũ dos officios que tenesse senão que ho deixasse estar ate ir governador de Portugal, e dizendo cada hũ em alta voz que si / disse a Christouão de souza e a Antonio de miranda se jurauão na mesma hostia que bem e verdadeiramente escolhessem pera iuyzes daquela de ferença aqueles que segundo seu parecer melhor e com mais saã conciência a determinassem, e que nem por si nem por outrẽ auião de descobrir quẽ erão ate não ser tempo de se declararem / e eles disserão que si. E

destes juramêtos fez ho secretario hũ auto q todos assinarão: e logo ao outro dia vinte hũ Douthbro / no mosteiro de sam Frãcisco d Boa estando hí Pero de faria capitão dela e officies da camara, e quãtos fidalgos avia nela e ho vigairo geral com toda a clerizia, tendo frey Gonçalo guardião do mosteiro ho sanctissimo sacramento nas mãos estãdo ho governador em giolbos, disse em voz q todos ho ouuissem. Bem sabeis os q aqui estais como por vos e por outros muytos que estão ausentes nã hũa vez mas tres fuy jurado por governador da India por as prouisões del Rey meu senhor q disso tenho, e por esse fuy obedecido / pelo qual me nũca quis poer em justiça sobre a governança com Pero mazcarenhas / nẽ agora me posera se nã vira claramete quãto Deos e el Rey serão deseruidos, e por isso mais por força que por vontade / e como quem mais não pode me ponho em deryto / e juro naquela hostia consagrada de assi ho fazer, e chegando a Cananor de sistir do mando de governador, e não do deryto que tenho na posse da governança, que deste não ey de disistir antes protesto de me ajudar dele em todo ho tempo que me for necessario, e assi jurou de se êtregar como preso na galé D Antonio de miranda / e de cumprir os mais capitulos da pauta que ele fizera com Christouão de souza em Chaul com condição que fosse goardada inteiramente a honrra do vedor da fazenda como estaua assentado: e ho mesmo juramento fizerão Pero de

faria, João dosotro, os officiaes da camara, e todos os mais q̄ ho autã defazer / e ainda ho não tinham feyto: e de tudo ho secretario fez hum auto que todos assinarão.

Capit. xlvj. De como Pero mazcarenbas e Lopo vaz de lá payo desistirão em Cananor do mando de governadores.



Caba isto q̄ todos ouuerão por muyto grande cousa por quão difficilosa lhes parecia poerse ho governador em justiça / partio se ele pera Cananor hũ dia depois de partidos Antonio dazeuedo e Christouão de souza. E foy esta partida tão prestes q̄ os do bãdo de Pero mazcarenbas se espantarão muyto / porque cuydauão que ho governador ho não seria mais que ate Cananor / e que ele assi ho cria por ter tantos cõtra si. E chegado todos a Cananor aos seys de Nouembro forã se logo a fortaleza Christouão de souza e Antonio dazeuedo / e mostrarão a pauta a Pero mazcarenbas pera a jurar de que ele foy contente, dizendo que tudo cõsentiria por pacificação da India: mas que estaua muyto descontente do que vira em hũa carta que ho governador mandaua ao vedor da fazenda, que ele ouuera por sua diligencia, e nela nomeaua os iuyzes que tinham escolhidos pera determinarem aquela deferença / e que ali vira claramente quão sospeito lhe era frey João daluim pola

muyta confiança q̄ Lopo vaz mostraua ter que auia de julgar por ele polas rezões que daua pera isso. E mostrando a carta virão Antonio de miranda e Christouão de souza que era alli, e por isso lhes requereo que tirassem frey João daluim e mettesse outros: e Pero mazcarenbas quisera que Christouão de souza fora hũ deles, dizendo que ho podia ser pois ho era Antonio de miranda / e ele não quis por saber q̄ Lopo vaz ho tinha por sospeito / e em lugar de frey João daluim meterão cinco pera serem iuyzes / que forão Lopo dazeuedo / Antonio de Brito que fora capitão de Baluco Muno vaz de castelo branco capitão e feytoz do nauio do trato de çofala / Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India. Do q̄ Antonio de miranda foy contete com quanto tinha dado seu assinado ao governador que os iuyzes não auião de ser outros se não os sete que lhe dissera em Goa / e estes que forão acrecêtados ficarão assi nomeados antrele e Christouão de souza com juramento de não se descobrirem a ninguem / nem Antonio de miranda ho disse a Lopo vaz. Isto assentado, ao outro dia se ajutarão na igreja da fortaleza Pero mazcarenbas dom Simão de menezes / ho feytoz e alcayde mór cõ os mais officiaes da fortaleza / Antonio de miranda e Christouão de souza com outros muytos fidalgos, e perante todos e do secretario depois de ouuida missa / tendo Bastião diaz vigairo da fortaleza nas mãos ho sanctissimo sacramento / jurou Pero maz-

carenhas por ele de cõpir em tudo
 o q̃ estava na pauta que disse, decla-
 rando que quando disistisse de ser go-
 uernador / e se entregasse como pes-
 soa privada, disistiria sómente do
 mado de governador, e não do de-
 reito que tinha na governança / di-
 zendo que não insistira tanto em o
 ser / se não por crer que era sua / e q̃
 era contente que ficando Lopo vaz
 por governador, ho madaesse preso
 pera Portugal: e acabando ele de
 jurar / jurou dom Simão / e despo-
 is os officiaes, fidalgos, e pessoas
 principaes / e todos assinarão em
 hũ auto que ho secretario fez disso,
 e tãbẽ ho assinou ho governador.
 E despois disto a requerimento d̃
 Pero mazcarenhas fez ho mesmo
 secretario hũ auto, em que se decla-
 rou que os juizes que auião de jul-
 gar aquela contenda / não auião de
 julgar mais senã quem era bem q̃
 governasse pera pacificação da In-
 dia / porque cusa era a governança
 por direito, el rey ou seus desẽbar-
 gadores ho auião de determinar.
 Feytas todas estas cousas, embar-
 couse Pero mazcarenhas no ga-
 leão de Cristouão de souza / como
 estava assentado na pauta, e porq̃
 ali se mudou Antonio de miranda
 da galéem q̃ andava ao galeão sam
 Dinis, e Lopo vaz de sã payo lhẽ
 auia de ser entregue pera ho levar
 a Cochim, ficou no mesmo galeão,
 do que se Pero mazcarenhas quei-
 rou a Cristouão de souza / e a An-
 tonio de miranda, dizẽdo que Lo-
 po vaz não compria ho capitolo da
 pauta / no modo que auia de ser en-
 tregue, e disistir d̃ governador / po-

is ya no galeão sam Dinis, que era
 a mayor força da Índia, e podia
 nele pelejar com toda a armada / e
 mais levava bandeira na gauea / q̃
 aquilo não era desistir de ser gover-
 nador / se não selo como dantes, re-
 querendo q̃ fosse como estava assen-
 tado / ho que Lopo vaz não quis fa-
 zer. Ho que vendo os fidalgos / se
 possẽrão muyto contra isso, dicen-
 do que se quebrava a pauta / e ho
 juramento que Lopo vaz fizera / e
 vẽdo Cristouão de souza como isto
 era azo pera se estrouar ho bẽ que-
 stava começado / fez cõ Pero maz-
 carenhas e com os outros / q̃ dei-
 xassem ir Lopo vaz como queria e
 ho consentirão / e embarcado Pe-
 ro mazcarenhas desparou hũ tiro
 grosso, e a este final dous homẽs q̃
 estavam nas gaueas dos galeões /
 sam Dinis / e sam Rafael / tirarão
 as bandeiras que ambos tinhã co-
 mo capitainas, pera que sentẽdesse
 que em ambos estavam os governa-
 dores / e que ho tirar das bandei-
 ras, era final que disistião do mado
 da governança, e ficauão como pes-
 soas privadas / de que se auia de fa-
 zer justiça / e eles ambos em se tirã-
 do as bandeiras / protestarão que
 não disistião mais que do mado da
 governança, ate se julgar qual auia
 de governar, e da posse que tinhão
 não disistião. E feyto isto Antonio
 de miranda entregou Pero mazca-
 renhas a Cristouão de souza / pera
 ho levar ate Cochim / e lá lho en-
 tregar / e ele se entregou de Lopo
 vaz de sam payo, e se partirã todos
 per a Cochim. E quando foy esta per-
 fia de Lopo vaz não querer sair de

lam Dinis/ mandou dizer a Pero mazcarenbas que por se escusarem aqueles debates/ e outros muytos que sabia q̄ auião de recrecer, q̄ lhe requeria da parte del rey / que pois sem eles ambos se podia e Cochim dar a sentença sobre aquela de manda, que ficassem na costa com a armada repartida por ambos, guardando que não leuassem os mouros pimenta/ e que os iuizes sómente fossem a Cochim / e despois de dada a sentença como lhes parecesse lho mandarião dizer/ e Pero mazcarenbas não quis:

C Capit. xlvij. Da desauença que ouue átre Lopo vaz de lá payo e Pero mazcarenbas.



Partidos como digo pera Cochim/ chegarão lá a quinze de Dezembro, e surtos foy Antonio de miranda mostrar ao védor da fazenda/ a pauta que fizera com Cristouão de souza, pera que a jurasse como todos fizeram/ ho q̄ ele não quis fazer, dizendo a Antonio de miranda q̄ como fazião tal pauta sem sua autoridade, que era a segunda pessoa da Índia despois do governador/ sem cujo consentimento não se podia fazer nada que tocasse a governança, estranhádo muyto, e dizendo que eles darião conta a el rey de cousa tão mal feyta como aquela fora, e não querendo de todo em todo ho védor da fazenda jurar a pauta/ Pero mazcarenbas e todos os fidalgos de sua

parte, requererão a Cristouão de souza/ e a Antonio de miranda/ q̄ pois Alfonso mexia não queria jurar a pauta/ como Pero mazcarenbas, e Lopo vaz/ com todos os fidalgos da Índia fizeram, no que se mostraua claramente ser muyto suspeito/ que aquela deferença não se determinasse em Cochim/ se não e Couilão, que era dali hũ dia de viagem. E conhecendo Cristouão de souza que Lopo vaz não auia de cõ sentir nisso/ por ter sabido que toda a esperança de ser governador tinha em Alfonso mexia polos cargos que tinha/ e como de todo em todo estaua posto em lhe fazer a vontade, ainda que fosse sem rezão, por nã dar causa a se aquele negocio determinar por armas/ fez com Pero mazcarenbas, e com os de sua valta, que posto que Alfonso mexia não quisesse jurar a pauta/ que cõsentissem que aquela deferença se determinasse em Cochim: e consentindo nisso/ forão a terra Antonio de miranda/ e Cristouão de souza, e meteramse em santo Antonio pera nomearem os iuizes que julgassem aquella deferença/ e querendo Cristouão de souza/ que se não nomeasse por iuiz frey João daluim, e e seu lugar se metessem/ Lopo da zeuedo q̄ fora aquele anno de Portugal/ Antonio de brito que fora capitão de Alaluco/ Muno vaz de castelo branco/ que fora capitão do nauio do trato de çofala, Tristão de gá/ Bastião pírez vigairo geral da Índia: como ele e Antonio de miranda assentarão cõ Pero mazcarenbas em Cananoz/ Antonio

de mirãda pelo scricto que tinha da
do a Lopo vaz de sam payo, que os
juizes não fossem mais de sete, nem
se mudassem os que estauã nomea
dos, não queria consentir nos que
se acrescentauão, nê em se tirar frey
João daluim, nem ho quis fazer se
dar conta disso a Lopo vaz / q̄ quã
do ho soube, ouue disso muyto grã
de menencoria / por que tinha por
muytos sospeitos os juizes que se
acrecentauão, e nao quis consentir
nisso, dizendo que não aua mais d̄
sofrer do que sofrera, e que bẽ escu
sado fora a Antonio de miranda en
ganalo / e trazelo ali de Soa, e que
ele tinha a culpa daquilo e não ou
treim / em tecer a meada que tinha
tecida, por em quelhe não daua na
da / por q̄ a ele, e aos outros todos
espetaria em hũ paio, e que se fosse
logo pareles, e que os ajudasse a en
ganalo, mas que se nã quisessem cõ
prir ho que estaua assentado, nã cõ
sentia em nhũs juizes / nê se queria
poer em direito, e que pelearia cõ
todos com sam Dinis sómente, e a
vẽtura diria quẽ era governador,
e que ele seria obrigado a dar cõta
de tudo pois fora a causa : e Anto
nio de miranda lhe respondeo que
não enganaua niguẽ, antes fazia o
que deuia / e no que fizera naquele
caso tinha feyto muyto seruiço a
Deos e ael rey / aquẽ se queixaria
das injurias quelhe dissera, e ou
tras muytas palauras descandalo
se passarão antreles / que não se ou
uirão por amor do grande arroido
que fazião os q̄ se meterã no meyo:
e Antonio de miranda se foy do ga
leão muyto agastado, pera ho em

que estaua Pero mazcarenhas /
que sabendo ho que passaua / lhe
requereo por virtude da pauta /
q̄ pois Lopo vaz de sã payo nã cõ
sentia nos juizes / que ele e Cristo
uão d̄ souza nomeauão / e ele era de
les contente, que comprisse a pauta
que dizia, q̄ em tal caso ho ouuelle
por governador sem mais contra
dição, e lhe requereo que por esse
ho obedecesse, e ho mesmo requeri
mento lhe fizerão quãtos fidalgos
estauã coele / e por virtude da pau
ta : e por estar escãdalizado das pa
lauras que lhe dissera Lopo vaz /
cõsentio no q̄ Pero mazcarenhas
e outros lhe requerião / tomando
testemunhas que ho fazia por q̄ Lo
po vaz não queria cõprir a pauta /
e fazendo sobriisso grandes protes
tações, tomou logo os nauios que
pode e os entregou a Pero maz
carenhas / e forão estes a galé bas
tar da em que estaua por capitã Ey
tor da silueira / ho nauio de Munõ
vaz de castelo branco / duas cara
uelas / de que erão capitães Uicen
te pegado, e João de sã / hũ galeão
de que era capitão Simão d̄ melo /
que naquele tempo nã estaua nele /
e assi hũa galeota, e algũs bargan
tis, e posto que Antonio de miran
da tomasse estes nauios a Lopo vaz
ficarã sam Dinis, e sam Luys, e ho
çamozim, de q̄ erão capitães Bar
tim afonso de melo iufarte / e dom
João deça, e as galés de Ruy pe
reira / e Antonio da silueira / de
meneles, e a carauela de Fernão de
moracis, afora muyta fustalha q̄
estaua no porto de Cochim / e por
isso ho poder de Lopo vaz era da

uátage do de Pero mazcarenhas /
z assi os d hū bādo como do outro
fazião prestes suas armas, z arte-
lharía, esperādo por batalha, pola
perfia q̄ tinha Lopo vaz em não cō
sentir nos juizes que Cristouão de
souza z Antonio de mirāda nomea
uão / z algūs dos d̄ Pero mazcare
nhas / dessa gente baixa, bradauão
por guerra / dizendo q̄ Pero maz-
carenhas não deuia de sofrer tātās
soberbas, quātas lhe Lopo vaz fa
zia, z q̄ entāo tinha tēpo de se vin-
gar de quātas injurias tinha rece-
bido. E era pera auer medo, de co-
mo a cousa estava aparelhada pera
se perder a Índia, porq̄ segundo ho
poder dābo os bādo estava i goal
estava certo se dessem batalha / não
se apartarem sem hū ficar vécedor,
z este auia de ficar de maneyra, que
facilmente ho desbarataria el rey d̄
Calicut / q̄ pera este fim tinha pres-
tes grande armada, pera dar sobre
os nossos q̄ escapassem da batalha /
z todos os outros reys z senhores
estauão daleuanto / pera a este tēpo
darē nas nossas fortalezas z as to-
marē / z desta vez tinhão por certo
ficar a Índia liure dos nossos, z as-
si ouuera de ser: porq̄ nē Pero maz-
carenhas se queria decer do acrecē
tamento dos juizes, nē Lopo vaz
de não serem tātōs / z tres dias du-
rou esta perfia / em q̄ ouue muytos
requerimentos de hū ao outro / z
muytas protestações de nbū deles
ter culpa do mal q̄ se seguisse da ba-
talha que se aparelhaua / no q̄ An-
tonio d̄ miranda se achaua muyto
culpado por descobrir a Lopo vaz
os juizes q̄ tinha concertado com

Cristouão de souza q̄ julgassē aq̄la
contenda / z polo assinado q̄ lhe de-
ra de não serem mais / que se estas
duas cousas não forão / Lopo vaz
consentira nos onze juizes / z porq̄
ele consentisse neles, se affirmou que
lhe prometeo d̄ votar por ele, z por
isto consentio Lopo vaz que fossē
aqueles onze juizes / z por lhe Afō
so mexia aconselhar que consentisse
neles / z despois descolhidos lhe
pouesse sospeições / z ho mesmo lhe
cōselhou ho ouuidor geral / z tãbē
dō Maico deça seu procurador lhe
mostrou a pauta q̄ tinha assinada /
z ho juramento q̄ tinha feyto de a
cōprir / pelo q̄ não podia fazer ou-
tra cousa se não cōsentir, q̄ se nome-
assē os juizes, z por todas estas cau-
sas ho cōsentio / z mādādo chamar
Antonio de mirāda lho disse, z pe-
dindolhe perdā das palauras q̄ lhe
dissera reconciliou coele. E despois
de Lopo vaz consentir / requereo
Pero mazcarenhas que ho tirassē
de sam Dinis, por quāto estava ne
le mutyo poderoso: z Antonio de
mirāda ho pos na nao sam Roque
q̄ tinha pouca gente / z entregono
a Antonio da silueira de menses
seu genrro / z Pero mazcarenhas
foy posto na nao Frol delamar / z
entregue a Diogo da silueira, z am-
bos jurarão de os entregar quādo
lhos pedissem. E com isto ficaram
seguros de obedecer á sentēça que
se desse contra cada hū deles.

Cap. xlviii. Como forão acrecē
tados mais dous juizes por par-
te de Lopo vaz de sam payo / z
do mais que passou.



Sffentado isto / lo-
 go ao dia seguinte
 que forã dezanoue
 do Dezêbro / se forã
 a terra Cristouã de
 souza / Antonio de
 mirãda / bo ouuidor geral / e bo se-
 cretairo, ao mosteiro de santo An-
 tonio, onde se ajutarã os mais dos
 capitães e fidalgos que estauão em
 Cochim, e perante eles nomearão
 Antonio de miranda / e Cristouã
 de souza / as pessoas que auia de ser
 iuizes aluidros / da deferença que
 auia antre Pero mazcarenhas / e
 Lopo vaz de sam payo, e por ficarẽ
 nomeados os não tomo a nomear,
 e declarados estes iuizes, foy dita
 hũa missa que todos ouuirão: e no
 santissimo sacramento lhes deu ho
 secretario juramento / q̃ bem e ver-
 dadeiramẽte julgassem se pertẽcia
 a governança a Pero mazcarenhas
 se a Lopo vaz de sam payo / e eles
 ho jurarão, e ho secretario fez ho
 mesmo juramento, de goardar ho
 assinado que cada hũ lhe daria de
 seu parecer, e ho não mostraria nẽ
 daria a ninguẽ, se nã a el rey selhos
 pedisse, e de tudo fez hũ auto q̃ to-
 dos assinarão. E feyto este juramẽ-
 to, Antonio d̃ mirãda tomou Cris-
 touã de souza a parte, e disselhe q̃
 pera q̃ Lopo vaz de sam payo nã te-
 uesse que dizer / quando se a senten-
 ça desse contrelle, que deuião dacre-
 centar ainda por iuizes, a frey Joã
 daluim, e a Bras da silua daze-
 uedo / e logo pola primeira, Cristo-
 uã de souza não queria, por q̃ sabia
 certo que aqueles dous erã muy-
 to sospeitos a Pero mazcarenhas,

e receaua que julgassem contrelle, e
 não querendo ele cõsentir, lhe disse
 Antonio de miranda q̃ consentisse,
 e nã se receasse daq̃les iuizes / por q̃
 ele auia d̃ votar por Pero mazca-
 renhas, e tãbẽ dõ Joã deça por q̃
 sabia muyto certo que a justiça era
 sua, e nã fazia aq̃la cirimonia d̃ iu-
 zes, por mais q̃ pa apacificar Lopo
 vaz / e por q̃ lhe não pareceffe q̃ lhe
 tomauão a governança / e a dauão
 a Pero mazcarenhas: e estado nif-
 to acodio dom Joã deça, e disse
 ho mesmo q̃ dizia Antonio de mirã-
 da / e Cristouã de souza consentio
 nisso, sem dar conta a Pero mazca-
 renhas / nem a nhũ de seus paren-
 tes e a migos / por q̃ lhe pareceo q̃
 por mais saluas que lhes fizesse nã
 auiaõ de consentir naqueles dous
 iuizes / por q̃ os tinhão por muyto
 sospeitos / e por essa rezão fora tira-
 do frey Joã daluim a requerimẽ-
 to de Pero mazcarenhas, e tãbẽ
 por q̃ ele queria que aquela cousa se
 acabasse em paz, e não por guerra
 como se começaua de fazer que este
 era ho seu fim / e posto que entẽdeo
 que ya contra seu juramento desco-
 lber iuizes sem sospeita / consentio
 nestes dous por enitar a guerra q̃
 teue pera si que aueria se ho nã con-
 sentisse / por q̃ cometer Antonio de
 miranda aquilo não era sem vonta-
 de de Lopo vaz / q̃ estaua claro tra-
 balhar pola fazer, e por cima de tu-
 do isto Cristouã de souza estaua só
 e não tinha que ho ajudasse, por q̃
 como ele viffe as nouidades que d̃
 cada vez sobreuinhão, conbecio q̃
 ainda a cousa auia de vir a estado q̃
 se se não fizesse a vôtada de Lopo vaz

e a Afonso mexia auiã de quebrar,
 e como tinha assétado de lha fazer
 em tudo porq̃ não ouuelle guerra/
 não quis que ficasse coele n̄bũ fidal
 go seu parente nem amigo/ n̄ pe-
 lo da valia d̄ Pero mazcarenbas,
 porque acontecendo ho q̃ lhe pare-
 cia, não contrariassem sua determi-
 nação e fizessem reuolta: e consen-
 tido ele neites dous juizes/ foilhes
 dado ho melino juramêto q̃ aos ou-
 tros/ e assi ficarã treze/ e logo eles
 disserão a esses fidalgos e capitães
 que estauão prestes q̃ mādassê cha-
 mar ho vedoz da fazenda/ porq̃ s̄
 ele fazer certos juramentos não
 auiã de dar sentença naquele caso q̃
 lhes era cometido, e vindo ho vé-
 dor da fazenda, a requerimento da
 queles fidalgos e capitães/ Anto-
 nio d̄ miranda ê nome dos outros
 juizes, lbe requeo da parte del Rey
 de Portugal que jurasse de entre-
 gar a fortaleza de Cochim a Lopo
 vaz de sam payo/ ou a Pero maz-
 carenbas/ a qual julgassem por go-
 uernador/ e isto sem manhanê cau-
 tela/ e ele ho jurou com condição q̃
 assi os juizes/ como todos os capi-
 tães e fidalgos que ali estauão e na
 frota jurassem solenemente q̃ toma-
 uão sobresi a ele / e a Aires da cu-
 nha capitão de Loulão/ Pero vaz
 trauaços, Diogo chaibho, e os mo-
 radores de Cochim/ e officiaeis da
 camara que não recebessem n̄bũ da-
 no nem offença, assi em suas pesso-
 as, como fazêdas/ e lbe fizessê dar
 embarcação/ assi pera Portugal,
 como pera outros lugares/ e a ele
 lbe não fosse negada, posto q̃ se des-
 pois alegasse que era seruiço d̄l rey

q̃ elehi cassê na Índia, e q̃ Pero maz-
 carenbas se obrigasse por bũ assina-
 do seu a cõprir tudo isto cõ juramê-
 to/ e assi foy feyto: e ho secretario
 fez d̄isso bũ auto q̃ todos assinarã/
 e despõis d̄isto querendo os juizes
 entender em seu officio/ disserão a
 Cristouão de souza q̃ se fosse/ e ele
 polo que tinha assentado cõ Anto-
 nio de miranda e q̃ esteneisse ao des-
 pachõ daq̃la deferença, nã se quis
 sair/ e vendo que Antonio de mirã-
 da era bũ dos que insistia q̃ se saisse,
 ouue coele sobziisso palauras, e assi
 com os outros/ e foy a cousa d̄ ma-
 neyra, que acodirão os juizes de
 Cochim por mādado de Afonso me-
 xia/ pera deitar em fora a Cristouã
 de souza, que já se saia quando eles
 chegarão/ vendo que sua estada nã
 oproneitaua ali, e então conbeceo
 quã mal fizera e não fazer bũ capi-
 tolo na pauta, jurado/ e assinado,
 por Antonio de miranda / que ele
 esteuesse ao despachõ daquele defe-
 rença/ porque assi não lbe fora de-
 feso que não esteuesse / e então vio
 tambê ho grande erro q̃ fizera/ em
 deixar acrecetar os dous derradei-
 ros juizes/ porque polo rigor que
 vlarão coele / lbe pareceo que auiã
 de dar a sentença cõtra Pero maz-
 carenbas, e em entrando onde ele
 estaua, disse d̄ muyto agastado, sus-
 alforges e partamos q̃ tudo he por
 demais, e calouse que nã quis ma-
 is dizer/ por amor do juramento q̃
 tinha, e isto tudo se fez ate vespera.

¶ Cap. .xlix. Das rezões q̃ ho ve-
 dor da fazêda e outros offrecerã
 aos juizes pera q̃ Pero mazca-
 renbas não fosse governador.



Es pois de Christo-
uão de souza ser ido
q os iuyzes ficarão
recolhidos com ho
secretario que ali fi-
cou / que auia de ser
ho escriuão daquele processo, dom
Gasco deça procurador de Lopo
vaz de sam Payo, e Simão caey-
ro procurador de Pero mazcare-
nhas / mostrarão aos iuyzes as
procurações que tinhão d'abos: e
lhes derão todos os papeis de que
abos se esperauão dajudar e coeles-
bũas largas rezões per escripto so-
brea justiça que tinhão, e apos isto
lhes foy dado hũ requerimẽto dos
officiaes da camara de Cochim em
nome de toda a cidade, em q lhe re-
querião da parte de Deos e del rey
que por nhũ modo lhe nã julgassem
a governança a Pero mazcarenhas,
por que se lha dessem auiaõ de despo-
noar a cidade / e irse pera os mou-
ros, por não se atreuerem a saluar
cõ os Christãos ficando ele por go-
uernador que era seu inimigo capital,
alegãdo as rezões q auia pera isso:
pelo qual não se fiarão de nhũ jura-
mento que fizesse. E visto este reque-
rimento pelos iuyzes lhes forão da-
das hũas rezões do vedor da fazen-
da que dizião.

Senhores se vossas merces q serẽ
verdadeiramente espicular a justi-
ça que ho senhor governador Lopo
vaz de sam payo tem pera lhe ficar a
governança / acharão que lhe sobe-
ja, e da mesma maneyra hão dou-
blar a que Pero mazcarenhas pô-
de ter pera ser governador / acharã
que he nhũa por muytas rezões, de

que aqui darei algũas.

A principal he ser ele muito odioso
aos moradores desta cidade, pela in-
juria que diz que recebeu deles quã-
do desembarcou contra meus req-
rimentos, pelo q está claro que seria
muyto grãde deseruiço de ds e del
rey / ficar ele na India como pessoa
particular, quanto mais cõ mado /
e a fora ser muyto odioso por esta
causa que tẽ de vingança / ho he tã-
bem por deseruir a el rey cõ ho man-
do que lhe dá, como vereis nessa in-
quirição que se tirou aqui contrelle
a requerimento do feytoz de Malaca,
em que se achou que fez muy gra-
ues erros, assy nas cousas da justi-
ça, como nas da fazenda / e tambẽ
offreço os autos que mandou fazer
contra os officiaes da camara des-
ta cidade / contra quem ha de proce-
der despois que for governador. E
Lopo vaz de sam payo os que ti-
nha presos em Goa (e não e ferros
como lhe merecião) soltou os leue-
mẽte, por lhe dizerem q era assese-
go da India / e pola ver: pofica se pos-
em ventura de perder ho que tinha
certo, digonos que tem bem serui-
do el rey nosso senhor na justiça / e
na fazenda olhay ho que fazeis.

Tem tãbem Pero mazcarenhas
determinado como for governador
de tirar Antonio de miranda de ca-
pitão mór do mar / e a mim da capi-
tania d Cochim: como se proua por
essa carta assinada por ele.

Tambem ha outra rezão muy
euidente pera não ser governador
Pero mazcarenhas / porque polo
ser cometeo muy graues crimes per-
doãdo cõtra forma das ordenações

del Rey nosso senhor a algũs que
 tinhão mortas algũas pessoas e os
 recolheo a Cananoz e deles traz cõ
 siigo hũ Lucas leytão que matou a
 qui tres homẽs, e por ieu mãdado
 está em posse de hũ nauio. Pero ta
 uares q̃ matou sua sogra sobre do
 us seguros de dom Anrique e hũ
 bombardeiro q̃ matou hũ homẽ/
 e os q̃ espancarão e ferirão em Ca
 nanoz ho tabalião quelhe leuou ho
 requerimento dos officiaes da ca
 mara desta cidade. E por ser gover
 nador prometeo a muytos q̃ tinhão
 roubado e tomado muyto dinhei
 ro a el Rey nosso senhor delho qui
 tar/ assi como foy a Christouão de
 souza que tẽ tomados a sua alteza
 perto de quinze mil cruzados/ deles
 do tempo do doutor Pero nunez
 e deles do meu, e por saber que ho
 queria constanger a pagar este di
 nheiro se contrariou logo das car
 tas em que tinha obedecido por go
 uernador a Lopo vaz de sam Payo
 e lhe desobedeceo por nã pagar este
 dinheiro, como nã pagará sendo
 Pero mazcarenbas governador. e
 Lançarote de seixas da feytoria q̃
 teue em Pegú deue muyto dinhei
 ro a sua alteza e lho nã quer pagar
 por ser secretario de Pero mazca
 renbas, nem menos pagará ho fre
 te do nauio que leuou a Malaca car
 regado de sua fazêda e deixou a del
 Rey: e Francisco mendez de vascon
 celos q̃ deixou por capitão em Ca
 nanoz tomou hũ nauio de mercado
 res nossos amigos que ya carrega
 do de muyta fazenda e dinheiro/ e
 tudo tẽ sonegado segũdo tenho po
 lo liuro e assẽto do escriuão do mes

mo nauio, e Manuel da gama que
 eu tenho preso por dous mil cruza
 dos que deue a el Rey, que me come
 çaua de pagar deixou de ho fazer,
 dizendo que como Pero mazcaren
 bas gouernasse que tudo se bê fa
 ria. Pois quẽ toma tais p̃cipios
 de gouernar a justiça, e daprouei
 tar tambem a fazenda de sua alteza
 antes de ser gouernador/ que fara
 despois q̃ ho for? Pelo que está no
 torio ser cousa muy p̃judicial se lo, e
 julgãdo vossas merces que ho seja,
 eu lhes encampo a fazenda del Rey
 nosso senhor que eu tenho nela tam
 bem seruido, que recebeo passante
 de trezentos mil cruzados de pro
 ueito como darey por conta/ e con
 certadas suas fortalezas e pagos
 mais de duzentos mil cruzados de
 soldo sem lhe bolir nos cofres das
 naos da carga como algũs fazem.
 E porque nã se pode fazer tãto ser
 uico sem se tomar conta aos q̃ rou
 bõ sua fazenda e sem poer verbas
 a outros q̃ ho deseruẽ per outros
 modos (que he dobrado seruiço) de
 sejião os culpados nestes erros co
 mo leais vassallos que me va da In
 dia e buscarão pa isso este caminho
 de fazer gouernador a Pero maz
 carenbas: q̃ se ho senhores julgar
 des por esse vos encampo a fazêda
 de sua alteza/ e protesto que seja sa
 tisfeyto pelas vossas, e quãdo nã
 per vossas pessoas, e protesto por
 meus ordenados/ e polas perdas
 que receber, posto que me nã lem
 bra senão el Rey nosso senhor, por
 que a ele se faz a guerra.

¶ Coestas rezões estauão outras
 de Pero de faria capitão de Goa fũ

dadas sobre a mesma materia / e assi hū requerimento do licenciado João de loiro ouuidor geral da Índia / em q̄ requeria o que por estas rezões vay relatado. E toda a noyte do dia em que os iuyzes começãrão de star em despacho quãtos moradores auia em Cochim andarão descalços em procissam cō suas molheres e filhos / pedindo a nosso senhor que spiritasse nos iuyzes que não julgassem a governança a Pero mazcarenhas polo medo q̄ auia de se vingar deles e cō grandes brados pedião misericordia: o que foy muyto piedosa cousa de ver.

Capit. l. De como foy dada a sentença q̄ Lopo vaz de sam Payo governasse a Índia.



Cisto pelos iuyzes tudo o que se alegaua por ambas as partes / fez cada hū hū escripto de seu parecer que assinou e ho deu ao secretario que os leo peranteles / e despois de se achar que Lopo vaz de sam Payo tinha mais votos / e que a ele pertencia a governança julgarão que fosse governador / e ho secretario escreveu a sentença que dizia.

Cistos por os iuyzes estes autos / e o que por eles se mostra / e vistos nossos assinados em q̄ cada hū declarou sua tenção: julgamos por nossa difinitiva sentença que Lopo vaz de sam Payo governe, e seja governador nestas partes da Índia / e Pero mazcarenhas se va em bora pera ho reyno de Portugal /

e lbe sera dada embarcação segūdo a qualidade de sua pessoa: e quanto aos ordenados dos sobreditos fiq̄ pera el Rey nosso senhor ho julgar como lbe bem parccer / e assi todo ho mais que cada hū deles quizer requerer no reyno.

E assinada pelos iuyzes / logo no mesmo dia q̄ forão vinte hū de Dezembro ao sol posto Antonio de miranda. Dom João deca, Bras da silua dazenedo / e Tristão de gã se forão em hū bargantim á nao em que estaua Pero mazcarenhas: e dos de sua valia forã muytos apos eles cuydando que a sentença se deira por ele. Entrados dentro ho secretario lha publicou perante todos: e ele a ouuiu com rosto muy seguro / mostrando grande coraçãõ. o que seus amigos não fizeraõ / q̄ todos ficaraõ muyto tristes. E ele ficou naq̄l nao ate lbe ser dada embarcação. E os iuyzes forão publicar a sentença a Lopo vaz de sam payo, q̄ a recebeo com muyto prazer / e deu muytos agardcimentos a aos iuyzes: e pediu muyto perdão a Antonio de miranda do q̄ passara coele. E com quanto a sentença foy dada por Lopo vaz / despois se deu em Portugal cõtrele: e q̄ pagasse a Pero mazcarenhas ho ordenado q̄ leuara de governador cō todos os proes e percalços. E por ser q̄ si noite não se foy ho governador a terra e ficou no mar: õde e na terra ouue muytas folias e prazeres e grãde strõdo d'artelheria q̄ desparaua: o q̄ daua grãde tormêto aos da outra parte: por q̄ lbes parecia q̄ se ficasse na Índia q̄ o governador lbes auia

de fazer mal. E porque a elle he parecido q̄ terião esta sospeita os quis segurar, e ao outro dia antes que desembarcasse correo toda a frota em hũ catur, e a todos em geral fez esta fala. Pois nosso senhor Deos foy seruido d̄ me restituy na governança da India, peçouos senhores que todos vos alegréis comigo / e creais que ficando eu por governador, vos fica a todos hũ amigo pera vos fauorecer na India / e com el Rey meu senhor representandolhe vossos seruiços e pedirlhe que vos faça merce: porque vos dou minha fé que vos tenho em muyto boa conta aos que fostes da parte de Pero mazcarenbas em prosseguirdes cõ tanto esforço o que vos parecia que era rezão, porq̄ ho mesino fizereis por mim se foreis da minha parte, e por isso vos não ey de ter má vontade, e vos prometo quem não lembre mais ho passado: e vos peço q̄ façais outro tâto e q̄ sejamos muyto amigos, e siruamos todos el rey muyto bem, e vamos descansar q̄ he tempo. E que lhe todos tenerão muyto em merce e forãse coele pera terra, õde foy recebido com solêne procissam, e debaixo de hũ palio foy lenado á See / e despois douuir missa á fortaleza em q̄ auia de pouzar / e ali tornou a fazer muytos ofrecimentos aos fidalgos que lhe forão contrairos com que se segurão pera ficar na India.

Capitolo. li. Do que ho governador fez despois de ser restituido em sua posse.



Estituido Lopovaz de sam Payo na governança, quisera logo aperceberse pa ir buscar os rumes / q̄ bem sabia ho seu de barato e a morte de çaleimão rair e foylhe conselhado que não fosse por que p̄z nhũ modo lhe conuinba ir fora da India, assi porque os da valia de Pero mazcarenbas não esta uão de todo assellegados / e ficando elena India despois da partida do governador aueria outra reuolta como dâtes, porque nhũ auia de querer ir ao estreito: e també el rey de Calicut tinha feyta grande armada / e vendo ho governador fora da India faria nela muyto dâno / e abastaua q̄ ho capitão mór do mar fosse ao estreito ás presas e lá saberia a certeza do q̄ era feyto dos rumes / e não vindo governador no anno seguinte então os iria ho governador buscar tâbẽ apercebido que podesse pelejar coeles. E isto de terminado, despachou ho governador ho capitão mór do mar cõ hũa armada de noue velas. s. seys galeões de que a fora ele que ya em sam Dinis forão por capitães Fernão rodriguez barba de sã Rafael / Antonio da silua dos Reys magos / Ruy vaz pereyra de sã Luys, Anrique de macedo do çamorim grãde / e Lopo de mezquita do peqno / e Frãçisco de vascôcelos de hũa galeota e Ruy pereyra de hũa galé bastarda, e hũa galeota e cinco bargãtis: e coesta frota em q̄ irião mil ho mês se partio em Janeiro / e xij. dias despois d̄ sua partida mãdou o

governador a Simão de melo seu sobrinho a fazer presas ás ilhas de Maldiva / e leuou hū nauio de gauea e hūa caravela. E neste tempo forão acabadas de carregar as quatro naos que auião dir pera Portugal e se partirão / e foy em hūa delas Pero mazcarenhas êtregue preso a Antonio d'brito, e por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal e assi outras pessoas. E primeyro que esta frota partisse mandou ele citar ho governador perante el rey ou perante os desembargadores da sua relação pola governança da India, e por ho ciuel e crime que sobre aq̄le caso esperaua dalcancar contrelle: e mais lhe escreueo como os Castelhanos ficauão em Maluco na ilha de Tidore como disse atrás pera que socorresse a dom Jorge de menezes que lá estava por capitão. E partida esta frota chegou a Portugal a saluamento: e Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouue por seu seruiço o que lhe fora feyto. E despois de Lopo vaz desam Payo ser em Portugal ouue sentença contrelle que lhe pagasse todo ho ordenado que ouuera dauer com a governança.

Capit. liij. De como dom Garcia anriquez entregou a fortaleza de Maluco a dom Jorge de menezes.



Dom Jorge de menezes q̄ inuernou nas ilhas dos Papuas como disse atrás despois que ventarão

os leuantes partiose pera Maluco e chegou á ilha de Ternate em Mayo de mil e quinhētos e vinte sete, onde soube em chegando a guerra q̄ os Portugueses tinhão com os Castelhanos / Tidores e Billolos: do que lhe p̄sou por a pouca gēte q̄ leuaua e essa quasi toda doente que a outra lhe morreo nas ilhas onde inuernou. E tendo ja esta certeza despois de chegado / deixando os dous nauios a recado se foy nos bateys aa fortaleza, donde sabendo dom Garcia sua ida ho sayo a receber muytoledo / porque se poderia tirar da grande obrigação em que estava com a guerra por amor do pouco apercebimento que tinhaparela / e logo lhe entregou a fortaleza assi como lha Antonio de brito entregara / que foy da maneyra que disse no liuro sexto. E dom Jorge lhe deu disso hū conbecimento feyto per hū tabalião publico: e logo q̄ dō Jorge chegou Martin binbeguez o capitão dos Castelhanos que estava em Tidore ho mandou visitar dandolhe a boa bora de sua vinda / e offrecendolhe paz e amizade: cō queixume de dō Garcia que nunca a quisera coele, antes lhe metera a sua nao no fundo e lhe matara hū homē e ferira tres: o q̄ dom Jorge lhe agardeceo offrecēdo: e lhe tambem por amigo / e disculpando dom Garcia que ho quisera ser seu, mas que ele fora o que não quisera nem irse parele como lhe mandara pedir, e quisera antes estar antre os mouros seus inimigos / pedindolhe que pois queria sua amizade q̄ ho mostrasse e se ir pa a fortaleza /

ondelbedaria apoultamento de que fosse contente. E por **M**artim binheguez não responder a isto lhe mandou dom Jorge hũ requerimẽto aos quatro dias de Junho em q̃ lhe requeria cõ ho alcayde mór da fortaleza, feytoz e outros officiaes que se fosse logo daquela terra e de todas as ilhas de **M**aluco / e não comprasse nhũ crauo. E ho mesmo requerimento lhe fez **M**artim binheguez: e despois de muytos requerimentos de parte a parte fizeram treguas / ate verem recado da **I**ndia ou **D**espanha do que mandaua ho gouernador q̃ fizesse dõ **J**orge. E como as treguas foram assentadas ouue muyta amizade, prestança e conuersação antre os **P**ortugueses e **C**astelhanos, e dauãse da diuas hũs aos outros principalmẽte os capitães. E sempre **M**artim binheguez se fora pera a nossa fortaleza se ho não estoruarão el rey de **S**eilolo e **C**achildaroes: el rey de **S**eilolo porque os **L**idores teuessẽ necessidade de sua ajuda / e **C**achildaroes porque os **P**ortugueses a teuessẽ da sua.

Capit. liij. Do que dõ **J**orge quis fazer acerca do crauo e não pode.



Despois disto tirou dom **J**orge a alcaydaria mór da fortaleza a **M**anuel falcão que a tinha por lho mandar assi **P**ero mazcarenhas, porq̃ lhe leuara dous homiziados dõ **M**alaca. E tirada esta alcaydaria deu a

a hũ **S**imão de vera, e porque **M**anuel falcão não se escandalizasse de lhe tirar a alcaydaria / e ele e outros não cuydassem q̃ ho fazia sem causa mostroulhe ho mandado de **P**ero mazcarenhas. E com tudo **M**anuel falcão não se ouue por satisfeyto e ficou inimigo de dõ **J**orge posto que ho dissimulaua. Tambẽ dom **J**orge quis vsar de hũ regimẽto que **A**lfonso mexia vedor da fazenda da **I**ndia mãdara a **M**aluco, em que mandaua que ho feytoz de **M**aluco comprasse quanto crauo ouuesse nas ilhas / e carregasse ho mais q̃ podesse pera el **R**ey e ho mãdasse a **I**ndia, e o que sobejasse ho vendesse aos moradores da fortaleza cõ ganhar ho mais que podesse, e daq̃le dinheiro se pagasse ho ordenado do capitão e dos outros officiaes, e se pagasse ho soldo e mantimento da gente d'armas pera el **R**ey poder sofrer os grandes gastos daquela fortaleza: e cõ tudo que se tomasse ho crauo sem escandalo dos mouros e **P**ortugueses q̃ estauão na terra. E dom **J**orge mandou apregoar este regimento, e que se goardasse. E vido os **P**ortugueses quanto proueito lhes tirauão, e que desta maneyra poderia el **R**ey saber ho muyto q̃ ganhaua e auer ho crauo á sua mão e ho muyto que perdia em ho não auer / e que nunca ho mais alargaria / no que ficauão perdidos, porq̃ nã ficauão mais q̃ cõ ho soldo e mantimento que nunca lhes pagauão: determinarão de não consentir que aquilo fosse auante / e confederarãse com **C**achildaroes que ho estoruaſse. E ele q̃ muyto folgaua de

os Portugueses sempre terem necessidade de sua ajuda assi ho fez, dizendo que pois os mouros não podião vender seu crauo a que quisessem / que assi não vèderião seus mantimentos na fortaleza, e mandou q os não vendessem dali por diante: e começou ho escandalo de crescer em tanta maneyra que a dõ Jorge lhe foy necessario dissimular, porque ho nã pode defender. E assi perdeu elrey tamanbo proueito como este fora de sua fazêda / e que foy a causa de fazer ali aquela fortaleza / e que sem ter ho crauo lhe não serua de mais que de gastar dinheiro de balde, e comprar ho crauo ho tres dobro mais caro do que ho compraua na India antes que a fizesse, porque os mercadores lho leuauão a Malaca ou á India, sem mandar por ele a Maluco cõ tamanbo gasto como fazia a fortaleza que lá estaua, e as armadas que vão por ele, em que a fora ho dinheiro que se gastaua se auenturauão Portugueses q cada dia se perdião no mar, e morrião na terra.

Capit. lxxxv. Do que passou dom Jorge de menezes cõ dõ Garcia anriquez sobre mandar a Malaca pela via de Borneo.



Quando dõ Jorge partio de Malaca pera Maluco, mãdoulhe Pero mazcarenhas que lhe mãdasse recado pela via de Borneo como achara Maluco e como ficaua, e q requeresse a dom Garcia q fosse por este caminbo de Borneo / por q como era muyto mais breue q ho de Banda, e podia a fortaleza ser por

ali socorrida em menos tempo que pola via de Banda / desejava Pero mazcarenhas que fosse bem sabido dos Portugueses pera q nauegassem por ali, assi pera serẽ conhecidos dos reys e senhores daquelas ilhas, e tratarem coeles por ter enformação que auia nelas ouro / como por os Castelhanos fazerẽ por ali seu caminbo / e os podião hẽ esperar e lhes tolberião que não fossem a Maluco: e tambem por se euitarẽ brigas que sempre recreião antre os capitães que inuernauão em Banda. Este regimento mostrou dom Jorge a dõ Garcia / e requereolhe da parte de Pero mazcarenhas, q se partisse pera Malaca no nauio e que ele dom Jorge fora, e que fosse pola via de Borneo. E coeste requerimento ficou dom Garcia muyto salteado / porque recebia grãde perda não indo por Banda, onde spera ua dir ter hũ júgo que ho anno passado mãdara a Malaca carregado de crauo seu e de partes / e auia de tornar a Banda com roupa pera ho leuar carregado de noz e maça / e dizendo a dom Jorge que ele lhe responderia / ouue conselho cõ algũs seus amigos que erão aqueles que tinhão mandado ho crauo com ho seu / e sperauão de fazer suas fazêdas em Banda como ele speraua de fazer a sua / e por isso lhe cõselharão que per nhũ modo deixasse dir por Banda. E acordarão todos o q disse a dõ Jorge pera não ir por Borneo: e isto acordado / respõdeo dõ Garcia ao requerimento de dõ Jorge. Que ele fora de muyto boa vontade pola via de Borneo por

servir el Rey / mas que sabia q̄ não auia de poder ir / porque cometera por hi ho caminho em tempo de Antonio de Brito, leuando muyto bõs pilotos: e despois de andar perdido por aquelas ilhas cõ muyto grã de trabalho arribara a Maluco: e auendo dõ Jorge a dõ Garcia por escusado de ir / determinana de mãdar outrẽ por aquele caminho: o q̄ visto por dom Garcia / e que se fosse outrem ficaua ele em muyta culpa por não ir, determinou destornar a ida / e disse a dõ Jorge que lhe parecia muyto escusado mandar aq̄le nauio porque a fora descobrir aq̄la nauegação pela via de Borneo, a principal causa de homãdar era mãdar pedir socorro q̄ ele ja tinha mãdado pedir por Manuel lobo: e quando aquele nauio chegasse a Malaca ja lá auia de ser sabido ho seu recado, e quando vissem que sobre tão apertado da guerra dos Castelhanos como ele mandaua dizer q̄ esta na / e tão necessitado de gente e municações pera a guerra, e que sobrisso ya aquele nauio pareceria q̄ ho primeiro recado fora zombaria, e que não auia necessidade de gente nẽ de municações / porque se a ouuera não se poderia mandar aquele nauio: e a fora isso os q̄ fossem nele auião de dizer como a nao dos Castelhanos se fora ao fundo / e que os Castelhanos erã menos / e as treguas que tinhão assentadas, o que tudo seria causa de lhe não mãdarẽ ho socorro que esperaua / ou selho mandassem não seria tão bõ como fora nã indo ho nauio / pelo que ho não deuta de mandar / mas deixalo estar e man-

dar concertar outro que estava varado / e despois de aparelhado lho desse, porque ele iria nele esperar os Castelhanos ao caminho / e impedir lhes que não mandassem pedir socorro a noua espanha como se dizia que querião mãdar pedir: e por fazer seruiço a el Rey queria leuar cem bahares de crauo que tinha de partes / e os venderia ao feytoz pera el Rey. E porque logo dõ Jorge não quis conceder isto, lhe fez hum requerimento em que fazia grãdes protestações que sobreuindo algũa perda a el Rey por ele dõ Jorge não querer fazer o que lhe requeria carregasse tudo sobrele. Este requerimento foy publicado a dom Jorge aos quinze dias de Junho / que parecendo lhe boas as rezões de dom Garcia, respõdeo que queria fazer o q̄ lhe requeria: e por em q̄ se disse a fortaleza / ou os Portugueses recebessem algũ dãno ou perda que carregasse sobrele dom Garcia, e assim cessou de mandar ho nauio. E porẽ dõ Garcia ficou muyto descontente de dõ Jorge por assi apertar coe q̄ fosse pela via de Borneo / e arrependose de lhe dar cem bahares de crauo de q̄ lhe tinha dada palaura d̄ lhos mãdar darẽ Malaca: e a causa foy que pedindo lhos dõ Jorge empreitados respondeo ele que aueria seu conselho. E dando cõta disso a seus amigos q̄ esperauã de se ir coe / conselharanlhe q̄ lhe desse de graça os cem bahares de crauo, e que não quisesse dele outra paga se não hum nauio em que se fosse, e licença pera se irẽ coe ate vinte homẽs de sua obrigação. E dõ Garcia ho fez assi

fazendo hũa doação a dom Jorge dos cê bares de crauo, e hũa procuração pera os mandar arrecadar em Malaca / e dom Jorge lhe prometeo ho nauio e mais a licença pera os homês / e quando dõ Garcia vio que apertara tâto coele q fosse pela via dõ Borneo, sentio ho tâto q delconfiou de dom Jorge cumprir ho que lhe prometera / e começou de ter mã sospeita dele.

C Capit. lv. De como dom Jorge de menezes mãdou recado ao capitã de Malaca pola via de Borneo.



Disto que dõ Jorge por amor do reqrimento de dõ Garcia / desistio de mãdar ho nauio que disse, tinha tâ assentado de mandar a Malaca pela via de Borneo pera se saber bẽ aquela nauegação / que determinou de mãdar hũa coracora, por ser nauio de que aũa na terra grande abastãça, e não aũa de fazer mingoa na fortaleza. E porqã a via sã lhe impoztaua muyto, não a confiou d'outrẽ senãõ dũ Vasco lourenço / qã fora ser muyto efforçado e sendo era sentio / pelo que tinha nele muyta confiança: e deulhe pera sua cõpanhia hũ Diogo cãõ, e outro chamado Sõçalo veloso, e outros dous e por piloto hũ Castelbano / e hũ Malayo que forãõ coele de Malaca, e tinhãõ algũ conhecimento da quele caminho. E pedido a Cachil daroes a melhor coracora das que tinha os mãdou nela / e deu a Vas-

co lourenço cartas pera ho capitã de Malaca, screuendo lhe a guerra em que ficaua e a necessidade q tinha, pedindo lhe muyto q ho socorresse / e que lhe mandasse hũ maço d cartas ao governador da India / e tâbẽ lhe deu roupa e outras peças boas pera dar a el rey de Borneo, e assi outros reys / e dõ Garcia, e Cachil daroes tâbẽ derãõ secretamẽte cartas a Diogo cãõ, q screuãõ ao governador da India contra dom Jorge / e ele as tomou por dõ Jorge ho mãdar contra sua vontade, e mandaua tâbẽ dõ Garcia hũa renunciação da doação / e procuração, que tinha dadas a dõ Jorge dos cê bares de crauo / q dõ Jorge mãdaua arrecadar em Malaca por Vasco lourenço: que partido de Ternate foy surgir na cidade de Borneo, leuãdo no caminho muyto trabalho, e hí achou hũ caualeiro chamado Alfonso pirez que ya pera Maluco por capitãõ d'um iungo, a q deu conta de como ficaua dom Jorge / e este Alfonso pirez era muyto conbecido d'el rey dõ Borneo / e por isso foy com Vasco lourenço quando lhe foy falar que lhe deu ho recado dõ dom Jorge, como mãdaua por aquele caminho a Malaca, pera a amizade q tinha coele fosse em crescimento / e os Portugueses conuersassem / e teuessẽ tracto em sua terra / e coeste recado lhe deu de p'sente hũ pano dar mar de ras muyto rico / em que estaua afigurado ho casamento del rey Din graterra cõ a tia do Imperador / e el rey tirado pelo natural cõ suas vestiduras reays. E quando el rey

de Borneo vio aquelas figuras, pre-
guntou que querião dizer, e Vasco
loureço lho disse. E sabêdo el rey
que a quele que tinha a coroa era rey
coroado, sospeitou que os Portu-
gueses com engano lhe querião me-
ter a quele pano em casa, pera q̄ de
noyte por feytiçaria aquela figura
de rey se tornasse homê, e assi as ou-
tras figuras q̄ estauão coele, e ho
auia com ajuda deles de matar ou
prender e tomar lhe ho reyno, pelo
que ficou muy tozouado, e disse a
Vasco loureço que lhe tirasse logo
ho pano de diante, que não queria
que em seu reyno ouuesse outro rey
se não ele, e que se fosse logo com os
outros Portugueses se não que os
castigaria como a homês q̄ lhe que-
rião fazer treicã. E ele e os outros
se virão em perigo, se não fora por
Alfonso pirez e algũs mouros mer-
cadores que os desculparão dizen-
do a verdade a el rey e ho abrandar-
rão muyto da furia que tinha, e po-
rem não quis ho pano nem que fi-
casse na terra. E detêdose aqui Vas-
co loureço, determinou Alfonso
pirez de não ir a Maluco e tornar se
a Malaca, ou por se deter aqui ma-
is tempo do que ouuera de ser, ou
por amor da guerra q̄ auia em Ma-
luco com que não podia fazer fazê-
da, e sabendo Vasco loureço como
se tornaua foy se coele por ir em me-
lhor embarcação que na coracora q̄
dali se tornou pera Maluco onde che-
gou cõ muyto perigo, e ho capitão
côtou a dõ Jorgeo que passara.

Capit. lvi. De como dõ Jorge de
meneses mandou prêder dõ Bar-
cia anriquez.



De tempo que esta
cora cora chegou
começaua el rey de
Seilolo de fazer
guerra a dõ Jorge
porque não êtraua
nas tregoaas dantre el rey de Lido-
re, e fazia algũas corridas por mar
a Ternate, e Cachilbaroes as fa-
zia també a Seilolo, e faziãse algũ
dãno de parte a parte. E estãdo assi
a cousa, faleceo Marti binbeguez
capitão dos Castelhanos, e eles fi-
zerão outro q̄ se chamaua Fernão
dela torre. E sabido por dõ Jorge
mandou ho visitar, e pregutar lhe
se queria goardar as tregoaas que
estauão assentadas antrele e Mar-
tinhinbeguez, e Fernão dela torre
não quis, e tornou se a guerra a re-
nouar. E porque Fernão dela torre
não tinha hũa vela de remo se não
as da terra mãdou fazer hũa galeo-
ta pera que pelejasse nela cõ os Por-
tugueses, e como dõ Jorge ho sou-
be mandou fazer outra com muyta
pressa, pera o que mandou apenar
quantos carpinteiros e calafates
auia na terra, posto que andassem e
outras obras: pera o que mandou
tomar muytos que fazião hũ jũgo
de dom Garcia, porque importaua
muyto acabar se a galeota cedo, por
ele não ter outro nauio de remo em
que pelejasse com a galeota q̄ fazião
os Castelhanos. E vendo hũ cleri-
go chamado Fernão vaz tomar os
carpinteiros que trabalhauão no
jungo, assi por ter parte nele como
por ser amigo de dõ Garcia se foy
logo a sua casa, dizêdo que pesar de
tal como lhe auia dom Jorge de ti-

rar os officiaes da sua obra / e que ho não fazia senão polo não ter em conta, e coisto outras palauras do padre mais caualeiro, q̄ religioso / cō q̄ ho prouocou a ter menencozia delhe dom Jorge tomar os carpinteiros / sem lhe lembrar q̄ era pera seruiço del rey, e coesta furia se foy á ribeira / onde dom Jorge andaua fazendo trabalhar na galeota / e se lhe queixou do q̄ tinha feyto / e do Jorge respondeo q̄ não se podia fazer menos, por cōprir assia seruiço del rey. E por do Garcia insistir que lhos não ouuera o tomar, e do Jorge querer foster q̄ fizera bẽ, vierão a taeis palauras / que do Jorge chamou sandeu a do Garcia e q̄ ho castigaria muy bem / e do Garcia lhe disse que disistisse da capitania, e q̄ lhe faria conhecer q̄ era melhor fidalgo e caualeiro que ele / e nisto apunhou da espada / e passaram outras palauras mais feas, e acodindo gente de hũa parte e doutra, se foy do Garcia pera sua pouxada acõpanhado desses q̄ erão de sua valia, que lhe louuauão muyto ho q̄ dissera a dom Jorge / e os q̄ ficaram cō dom Jorge, lhe disserão q̄ não deuia o passar por tamanha desobediencia / e q̄ deuia logo de prender do Garcia, e ho que mais aticãna isto era Manuel falcã, por q̄rer grande mal a ambos, e desejar de os ver em discordia: e a garrochado do Jorge destes conselhos / mãdou a Thomas nunez da fonseca seu ouuidor / que fosse tomar a menajẽ a do Garcia e ho trouesse preso a fortaleza, ao q̄ os que estauão coele que erão muytos acodirão, dizẽdo

a dom Garcia q̄ não era bẽ deixarse prender / e que eles ho ajudaria / e do Garcia não quis dar a menajẽ ao ouuidor, e disse que nã tinha alçada sobrele nẽ el rey lha daua, que tirasse de uassa dele / e a mãdasse ao governador da India: e sabendo isto dom Jorge, mandou repicar ho sino da fortaleza / a que se jũtou a gente, e do Jorge lhe disse como do Garcia lhe desobedecia, e todos disserão que fizesse ho que lhe bẽ parecesse, e que eles ho ajudariao como a capitã del rey de Portugal: e logo do Jorge mandou a Simão de vera alcaide mór, que cõ hũ scriuão da feytozia fosse tomar a menajẽ a do Garcia da sua parte, que se fosse pera a fortaleza preso e disesse aos q̄ estauão com do Garcia que se fossem parele antes q̄ fosse lá / e q̄do chegou a sua casa / achou que se ajũtauão muytos coele, hũs por terem seu crauo feyto e se q̄remir coele / outros porq̄ tambem se querião ir, por amor da guerra q̄ estaua trauada de que se enfadauã, e quando estes ouirão ho que lhes dom Jorge mandaua dizer de sua ida lá, disserão que fosse embora, q̄ eles ho irã receber ao caminho cõ lançadas / e este atreuimẽto tinhã por saberẽ que passará sem castigo aqueles que fauorecerã e ajudarã Antonio de Brito não sendo capitão / contra do Garcia que ho era / e do Garcia respondeo ao alcaide mór ho que respondera dantes ao ouuidor / ho que os o sua valia lhe louuauão muyto / e era ho aluorço muyto grande neles, o q̄ sabido

por dom Jorge mandou apôtar algũas peças dartebaria nas casas de dom Garcia pera as derribar / mas primeyro tornou a mandar lá bo alcayde mór com bo mesino recado que dantes / e coele hũ Cristão vieira : a q̃ rogou por ser amigo de dom Garcia que lhe conselhasse que se fosse pera a fortaleza. Ele ho fez assi , pregũtandolhe primeyro se de terminaua de se defender de dõ Jorge. Ao que dom Garcia respondeo , que como se auia de defender sendo ele capitão del Rey de Portugal : e então lhe disserão Cristão vieira e bo alcayde mór / que pois assi era q̃ lhe pedião que fizesse o que dõ Jorge mandaua o que os q̃ ali estauão lhe contrariarão / e ele disse q̃ não er a tempo / porque se ho fizesse daria causa a auer muytos mortos e feridos / pelo que os Castelhanos ficarião senhores da terra. E dizẽdo isto foyse só á fortaleza pera ver se podia apacificar dom Jorge , a q̃ disse. Ex me aquí que me quereis q̃ me quereis : e ele lhe pediu a menagem que dom Garcia lhe deu despois de muytos debates porq̃ lha não queria dar. E tomada pelo ouuidor e feyto disso hũ auto / ho mandou pera hũas casas em q̃ Antonio de Brito pousara , e mādou logo tirar deuaſsa dele.

Capit. lviij. De como dom Jorge soltou dom Garcia e tornarão a ser amigos.



Anto que dom Garcia foy preso / como Cachil varoes era grãde seu amigo , trabalhou muyto com

dom Jorge q̃ ho soltasse dandolhe pera isso muytas rezões / mas dom Jorge nunca quis / dizendo que ho auia de ter preso , e que assi ho auia de mādara ao governador da India pelo que Cachil varoes ficou muy desgostoso de dom Jorge / e se lhe acrecentou bo odio que lhe começaua de ter polo não ter tanto de sua mão como cuy daua que ho teuesse. E tambem Baltasar rodriguez feytoz e outros homens hõrrados trabalhauão com dom Jorge q̃ soltasse dom Garcia / e que se lembrasse que era hũ bõ fidalgo , e q̃ fora capitão daquela fortaleza , e ho recebera cõ muyta festa e prazer / e lhe fizera muytos õffrecimentos : mas toda uia dom Jorge ho não quis soltar / dizendo que ele escreueria a el Rey porque ho tinha preso. E com toda esta briga mandou neste tempo Cachil varoes com algũs Portugueses correr per mar a Bellolo , e quei marão hũ lugar e sem receberẽ dãno se tornarão pera Ternate : e auẽdo dezoyto dias que dom Garcia estaua preso , e sabendo que dõ Jorge ho não queria soltar , e dizia que ho auia de mandar preso ao governador agastouse muyto , e teue conselho com os de sua valia sobre o q̃ faria : e eles lhe conselharão que de uia de requerer a dom Jorge q̃ ho soltasse que ja deuta deſtar satisfeyto dalgũa paixão que dele teuera / e quando ho não quisesse soltar lhe mandasse dizer que ho prendesse em ferros , porque ou auia de ser bem preso ou bem solto : e se ho não quisesse prender em ferros que auia a menagem por alevantada / e se auia

dir pera sua casa e fazer o que lhe be-
 viesse. E dom Jorge por bo seu caso
 não ser pera bo prender em ferros
 não ho auia de prender, e por se não
 soltar per si sem sua licença ho auia
 de soltar: por em aconteceo doutra
 maneyra / por q̄ ouuindo dō Jorge
 ho recado de dom Garcia que lhe le-
 uou ho alcayde mōr, e lhe mandou
 dizer polo feytoz que ho nã auia de
 soltar / e que lhe pedia que quisesse
 antes estar sobre sua menagem que
 em ferros. E não querendo dō Gar-
 cia, aconselharão a dom Jorge que
 pois assi queria que ho prēdesse em
 ferros, e ele se foy ás casas onde dō
 Garcia estaua / e dahi ho leuou aa
 fortaleza e com hūs grilhões ho
 mandou meter na torre da menagē
 onde steue oyto dias. E que vendo
 os de sua valia que serião de corēta
 ate cincoēta homēs, determinarão
 de ho tirar da fortaleza, dando dis-
 so conta a Cachil varoes pera que
 os fauorecesse como fauorecia: mas
 eles não poderão por na fortaleza
 auer grande goarda e vigia de noy-
 te e de dia. E vēdo que não podião
 fazer o q̄ desejauião / determinarão
 de se ir pera hū lugar forte donde
 mandassem requerer a dom Jorge
 que soltasse dom Garcia / e quando
 não quisesse q̄ se fossem pera os Cas-
 telhanos, e que os prouocarião a
 fazerē guerra a dom Jorge / dizēdo
 lhes quão pouco poder tinha pera
 se defender, e primeyro q̄ ho poses-
 sem por obra vsarão de manha / des-
 cobrido ho a Fernão baldaya escri-
 uão da feytozia, porque como era
 amigo de dō Jorge ho diria logo:
 e dom Jorge por se eles não irem pe-

ra os Castelhanos soltaria dō Gar-
 cia. Isto foy descuberto a Fernão
 baldaya por hū Castelhana desta li-
 ga q̄ auia nome Frãcisco do sonto
 que era seu amigo, e porque sabia q̄
 ho era de dom Jorge lhe descobria
 aquele negocio. E sabido isto por
 dom Jorge quisera logo prēder os
 principais daquela conjuração, e
 assi ho disse a Fernão baldaya e a
 Simão de vera alcayde mōr, a que
 pesou disso por serem sens amigos
 e naturais do porto dō de eles erão
 e por isso disserão a dom Jorge que
 lhe auia de ser muyto trabalhoso
 goardar tantos homēs quatro ou
 cinco mezes q̄ auia dali aa moução
 de Malaca, e que temia que lhe fu-
 gissem, e que estes auião de soltar
 dō Garcia despois que estenessem
 presos / e soltos poderião fazer hū
 maõ recado: que ho melhor seria sol-
 tar dō Garcia e tirar se de perigos /
 e mais não sendo a causa de sua pri-
 samtão obrigatoria: e sobristo lhe
 derão outras muytas rezões pera
 ho soltar que a dō Jorge parecerão
 bem. E cō outros pareceres como
 estes / mandou soltar dom Garcia
 com condiçao que não fosse cōtrele
 e ho ajudasse cōtra os Castelhanos
 e que ele romperia a deuassa que ti-
 nha tirada dele: e tudo isto lhe pro-
 meteo dom Garcia, e lhe deu sua fé
 de ho fazer assi, e despois forão grã
 des amigos e se conuersauão como
 que nūca ouuera antreles nũa dis-
 cordia.

Capit. lviij. De como os da par-
 te dō dō Garcia trabalhauão por
 auer imizade antrele e dō Jorge.



Esta amizade e conuersação de dō Jorge e dō Garcia pesa ua muyto aos de sua valia / porque como erão os mais que estauão na fortaleza e os mais luzidos dela / e vião a grande necessidade que dō Jorge tinha de gente por amor da guerra temia-se de dom Jorge não querer q̄ se fossem / e dauão por muyto certo dom Garcia não lhos pedir se continuasse coele a amizade q̄ começauão, que bẽ vião que não era rezão que dom Garcia os pedisse em tal tempo / mas ho desejo de ir e lograr a fazenda que tinhão, e ho interesse do que ganhauão em se ir não lhes deixaua vsar do que entẽdião. E como vião que pera se irem não auia melhor remedio que discordia entre dom Jorge e dom Garcia trabalhauão quãto podião pola semente e dizião aos amigos de dō Jorge que não se deuia de fiar tanto de dō Garcia que não era tamanho seu amigo como lhe daua a entender, e tudo erão dissimulações ate auer licença pera levar os que queria / e quãdo lha não desse que os auia de levar por força, e a dom Garcia dizião que visse bem como se confiaua em dom Jorge que não era seu amigo como mostraua / nẽ auia de compzir coele de lhe dar ho nauio pera se ir / nem a licença pera os homes como lhe prometera / e que se auia desculpar cõ a guerra que tinha: porẽm q̄ a verdade era pera se vingarem deles porq̄ forão da sua parte, por isso que tomasse coele concrusam na quele negocio / e não esperasse pola

partida quando não teuesse tempo pera fazer nada: e tantas vezes disserão isto a dō Garcia que quasi ho creio, e por isso estando bũ dia com dō Jorge a porta da fortaleza lhe pediu que lhe acabasse de dar ho nauio que lhe prometera pera se ir, e licença pera os que forão em ajuda de sua soltura: ao que dō Jorge respondeu que ainda era muyto cedo pera falar naq̄le negocio, que q̄ndo fosse tempo ele seria seruido como mãdasse. Do q̄ dom Garcia foy contente / e falou em outra cousa, do q̄ os de sua valia ficarão muy desconfortes, por que lhes pareceo que dom Jorge dizia aquilo por tẽporizar / e assi ho disserão a dom Garcia / e que não se mostrasse tão froxo na quele caso / nem quisesse estar aa disposição de dom Jorge, nem se lhe acanhasse como mostrara quando lhe falara, q̄ se quisesse andar acompanhado que eles ho acompanharião: porque vendo ho dom Jorge andar acompanhado ho temeria e faria quanto quisesse. E que a dom Garcia pareceo bem, e dali por diãte andou acompanhado e todos cõ suas espadas: e como dō Jorge era seu amigo não atetaua naquilo, nẽ em muytas sobrançarias que lhe fazião os de dom Garcia / a q̄ aquilo pareceo muyto mal / e parecia-lhes que dom Jorge dissimulaua / pera quando fosse ao tempo da partida os não deixar ir e vingarse deles despois de ido dom Garcia / e por isso assentarão de os não deixarem estar em paz, e sementem entre les tal discordia que nunca esteuessẽ bem, porque doutra maneyra não

se poderião ir daq̃la terra / e dizião a dom Jorge que dom Garcia daua muytos auisos aos Castelhanos e aos mouros de quãto se ordenaua na fortaleza contre eles, e trabalhaua quanto podia porque os de Ternate lhe teuessem odio / e lhe fizessẽ guerra: e pera os prouocar a isso lhes mandaua deitar peçonha nos poços de que bibião / e mãdaua de noyte aos de sua valia que lhes entrassem nas casas e lhes dormissem com as molheres e com as filhas / e como sabião a lingoa da terra diziãolhe por ela que dom Jorge lho mandaua fazer. E porque isto assi passaua / e os de dom Garcia bo fazião / viãse os meuros tão perfezidos que muytos se yão da cidade a morar a outra parte: e dizião mais a dom Jorge que nõũa cousa dõ Garcia desejava tanto como matolo / e destruylo quando ho não podesse matar: e pera mais auerigouarem suas mêtiras e falsos testemunhos, e meterem odio antre os da terra e dom Jorge, e ho homiziarẽ com el rey de Sachão grande amigo dos Portugueses que aeste tempo estaua em Ternate com obra de duzentos homens saltarão hũa noyte no seu arrayal hũ Tristão vieira / Afonso gẽtil, Luys diaz / e outros da parte de dom Garcia e matarão quatro ou cinco Sachões e ferirão muytos / porque como estauão em terra da amigos não se temião de nada, e os Portugueses fizeram a seu saluo o que querião e feyto recolherãse. E ao outro dia indo el rey de Sachão fazer queixume daquilo a dom Jorge / Tristão vieira e os ou

tros q̃ ho fizeram bo estauão esperãdo sobre acordo: e sabendo dele ao q̃ ya disserãlhe que não fosse porque dom Jorge lho mandara fazer / por isso q̃ não tinha remedio pera se lhe fazer justiça. E pera q̃ el rey cresse que era assi / disserãlhe que a causa porque dom Jorge lhe mandara fazer aquela offensa fora por vingança dos Portugueses que matarão em sua terra a dom Tristão seu irmão quando lá fora / e dos jungos e crauo que lhe tomara como atrasfica dito. E el rey o creio, e dali por diante não quis ir á fortaleza / e esteue pera se levantar e fazer leuãtar a terra: mas quis Deos que foy dõ Jorge sabedor disso e da causa porque ho queria fazer / e deu lhemuytas desculpas / e mandou tirar de uassa sobrisso em que se acharão culpados Tristão vieira e os outros que ho fizeram / que sendo auisados fugirão pera ho mato onde os não poderão tomar, pelo que dõ Jorge os não castigou e deu conta do que passaua a el rey de Sachão pelo q̃ perdeu a sospita que tinha de dom Jorge e tornou a sua amizade como dantes.

Capit. lix. De como dõ Garcia prendeo dom Jorge em ferros, e a causa porque.



Soutros da parte de dõ Garcia como virão que ele achara culpados Tristão vieira / Afonso gẽtil e Luys diaz, pera indinarem dom Jorge contra dom Garcia e sua discordia auer effeyto: disserãlhe que

bem vlaho perigo em que aqueles
 homẽs ho quiserão poer, z que não
 ho fizerão le não por mandado de
 dom Garcia: z pera ver se era assi q̃
 villsẽ quão pouco caso dom Garcia
 fizera d'isso sendo tamanho seu ami-
 go / z que ele os fizera fugir z os fa-
 uorecia. E parecendo a dom Jorge
 q̃ aquilo seria assi, pera escusar pai-
 xões z desgostos, z tambem por ser
 perto do tempo da partida de dom
 Garcia que era em Nouembro / de-
 terminou de ho mandar pera Talá-
 game donde auia de partir / z que
 hi estaria ate que partisse / do q̃ deu
 conta a Balteiar rodriguez feytoz /
 z ao alcayde mór Simão de vera z
 a Fernão baldaya q̃ tinha por ami-
 gos / que por ho serem mais de dõ
 Garcia / ou por lhes parecer assi ti-
 rarão dom Jorge daquele propo-
 sito / dizendo que seria dar causa a ou-
 tras inimizades z odios, pelo que dõ
 Jorge se mudou daq̃la determina-
 ção. E vendo seus inimigos q̃ nhũa
 cousa daquelas ho aluoroçaua nem
 mouia pera quebrar cõ dõ Garcia /
 começarão de deitar fama que dõ
 Jorge mandaua matar dõ Garcia:
 z rugindose isto assi / hũ negro que
 se chamaua Miguel nunez que dõ
 Jorge leuara da India, z em q̃ con-
 fiaua por ser homem esforçado des-
 cobrio em muyto segredo ao feytoz
 que dom Jorge lhe tinha mandado
 que matasse a dom Garcia / z por
 lhe parecer que não era bem que ho
 fizesse / se queria lançar cõ os Cas-
 telhanos. E parecendo isto hũa cou-
 sa muy graue ao feytoz quisera que
 Miguel nunez ho dissesse a dõ Gar-
 cia / mas ele não quis dizẽdo q̃ auia

medo de dom Jorge: z pozem que
 dõ Garcia podia estar seguro que
 ele ho não matasse, mas que dou-
 trem ho não seguraua: z ho feytoz
 fez com Miguel nunez q̃ não se fos-
 se pera os Castelhanos nẽ pera ou-
 tra parte / z que dom Garcia ho le-
 uaria pa a India. z assi ficou. E cuy-
 dando ho feytoz bem naquele nego-
 cio não lhe daua muyto credito, af-
 si por lhe parecer que dõ Jorge não
 cometeria hũa cousa tão fea, como
 por saber os merericos z emborzi-
 lhadas que auia naquela terra an-
 tre os capitães, z por outra parte
 parecia lhe que podia ser verdade /
 porque nos homẽs tudo ha, z que
 se matassem dom Garcia que ele te-
 ria que dar conta a Deos pois ho
 não auisara, z por este respeito de-
 terminou de lhe descobrir o que lhe
 Miguel nunez dissera, tomandolhe
 primeyro juramẽto de não somẽte
 dizer em nhũ tempo q̃ ele lho disse-
 ra, mas nem dar d'isso cõta a pessoa
 algũa z ho ter em muyto segredo.
 Ouuido isto por dom Garcia, assen-
 tou que era verdade / z que dõ Jorge
 o queria mandar matar: z despo-
 is de agardecer muyto ao feytoz
 tão bõ auiso, disselhe que não podia
 deixar de dar conta daquele caso a
 algũs seus amigos / pera que tenes-
 sem cuydado de ho goardar, pozem
 que lho diria com juramẽto: o que
 pareceo bem ao feytoz, z pediolhe
 muyto que lhe não lembrasse aqui-
 lo mais, nem tenesse nhũ escandalo
 de dom Jorge, que bem poderia ser
 que estaria muyto innocente / mas
 dom Garcia não ho fez assi / z logo
 deu conta d'isso a Adanuel falcão /

Manuel botelho, Diogo da rocha, Francisco pirez, e outros q̄ tinha por amigos e em que confioua, que lhe conselharão que matasse logo a dom Jorge. E offerecerãse pera ho fazerem Manuel botelho e Francisco pirez. E Manuel falcão não foy deste parecer, dizendo que era forte cousa matar hum capitão de hũa fortaleza / que melhor seria prẽdelo e tirar de uassa de suas culpas, porque alem das que tinha lhe poeriaõ tantas que nunca se desembaraçasse delas, e mais sendo eles testemunhas, e com a de uassa ho mãdasse dom Garcia preso aa India / e que ficasse por capitão daquela fortaleza / como ho ele era dantes. O qual conselho pareceo bem a dom Garcia, somente tornar ele a ser capitão / porque sabia quão trabalhosa e perigosa cousa era selo daquela fortaleza, em que assentou consigo de deixar por capitão a Manuel falcão / e isto não q̄ lho disse se ate auer effeito. E assentado nisto disse ho dom Garcia a el rey de Barchão e a Cabil dardoes / pedindo lhes que ho fauorecessem. E eles lho prometerão e muyto alegres por auer tamanha discordia antre os Portugueses, porque por verdadeyro são seus inimigos, e não lhes mostrauão amizade se não cõ necessidade / o que eles sempre desejauão que teuellem deles. E neste tempo mandou dom Jorge a Cabil dardoes que fosse darmada aa ilha de Maquiem / com quem forão muytos dos que erão da parte de dom Jorge: e dom Garcia fez que ficassem os da sua pera fazer

o que determinaua. E vendo que era tempo ho pos em obra, e logo Francisco de crasto grande amigo de dom Garcia conuidou Simão de vera alcayde mór e outros pera lhes dar hũa banquete no To loco hum lugar hũa legoa da fortaleza, porque se temia dom Garcia que estando estes na fortaleza não lhe deixarião prender dom Jorge sem baralha. E aceitado ho banquete pelo alcayde mór e pelos outros que auião de ir coele / ao outro dia que era domingo leuou os Francisco de crasto ao lugar onde auia de ser: e como dom Garcia soube que dom Jorge acabara de jantar / mandou a Manuel falcão / e a Diogo da rocha / que se fossem parele e fizessem que jugasse coeles as tauolas / porque occupado no jogo não entendesse o que lhe querião fazer. E assentados a jogar forãse logo aa fortaleza Manuel botelho / Tristão vieyra e Afonso gentil que ja erão perdoados do que fizerão a el rey de Barchão / e assi hum Francisco pirez / João de figueiredo, Andres de palacios, Francisco do sonto / e outros todos da quadrilha de dom Garcia: e estes yão ja repartidos hũs pera fecharem as portas da fortaleza e as goardarem / e outros pera leuarem algũs criados de dom Jorge a folgar fora da fortaleza / e os que não podessem leuar fora, que com cada hum se posessem tres dos conjurados pera os terem e tolberem que não acodissem a dom Jorge: e apos estes foy dom Garcia serias duas horas despois de meo dia:

z como não setemião de inimigos z era de dia não estaua ali bo porteiro/pelo q os q tinhão cargo de fecharem a porta tanto que dom Garcia sobio pera a torre da menagem onde dom Jorge estaua/ tomarão as chaues da porta da fortaleza que estauão hi dependuradas z a fecharão z forão se apos dom Garcia/ que despois de recebido de dō Jorge se assentou, z vido como dom Jorge estaua com bo sentido no jogo que jugaua se abraçou coele, dizendo. Estay preso: z logo Manuel falcão z outros tres ou qtro bo ajudarão/ z os outros se liarão com dous criados de dom Jorge que não estauão coele mais/ z teuerãnos z taparãlbe as bocas que não bradassem. E dom Jorge que vio a confa como ya / começou de bradar. Treição/ treição: z nisto hū seu pajete teue acôrdo de ir repicar bo sino da vigia. Dom Garcia z os outros que se abraçarão com dom Jorge/ tenerão coele muyto trabalho em ho derribarem pera lbe lançarem ferros: porq̄ como ele de seu natural era muyto forçoso z esforçado/ z a menencoria de se ver assitratãlbe acrecentaua as forças z esforço/ braceiava z pneava z moradia tão fortemête que quasi ho não podião ter. E se cle estueira solto z com armas / nhū daqueles ousara de ho esperar: z ele bradava/ dizendo. Tredozes mataime/ z não me injuriets. E com tudo como erão muytos derão coele no chão z deitarãlbe hūa adoba de quatro elos que dom Garcia pera isso mandara levar secretamente, z coesta esteue

dō Garcia preso quando dō Jorge ho prendeo. E deitada a adoba apanharão em corpo z em alma z derão coele em hū sotão da fortaleza debaixo do chão, ôde ainda ho prenderão a hūas camaras de bombardas.

Capitolo. lx. Do que passou dō Garcia despois de ter preso dom Jorge.



Baltazar rodriguez raposo feytoz z outros Portugueses que poufauão fora da fortaleza, ouuindo repicar bo sino como ho tinhão por causa noua por ser atais horas acodirão todos com suas armas/ z quando acharão as portas fechadas cuydando q̄ era treição, hūs bradanão por escadas pera sobirem ao muro, outros dizião que quebrassem as portas: z era a renolta z arroido tamanho que a gente da terra sayo a ver o que era. E despois que dom Garcia sayo do sotão em que deitou dom Jorge/ z ouuio repicar bo sino / z ho arroido que fazião os que estauão de fora/ acodio ao muro a lbes falar pera os assellegar, z disselbes. Senhores não vos aluoraceis z assellegay q̄ a fortaleza he del Rey dō João de Portugal nosso senhor z por sua está z estara/ que todos somos seus vassallos, z deseiamos seu seruiço: z porque ho eu muyto desejo/ z ho bem z repouso de todos, fiz o que vos agora direy. Bem sabeis como eu era capitão desta

fortaleza / e a entreguey a dom Jorge de menezes por virtude de hũa prouisão do governador da Índia pera que lha entregasse, o que eu não podia fazer por dom Jorge mandar enforçar hũ homem Portugues nas ilhas dos Papuas / pera o que não tinha alçada nem poder pois ainda não era capitão, por não ser entregue da capitania / pelo q̄ era obrigado á justiça, e ate não se liurar não podia ter cargo de capitania nẽ doutra cousa: e se ho eu soubera não lhe etregara a desta fortaleza e ho mandara preso á Índia. E não abastou este crime que tinha cometido sendo pessoa priuada, se não despois q̄ foy capitão vsou sempre de tiranias, e tê destruyda esta terra, e andaua pera me matar: e sabendo eu suas culpas pelo que deuo ao seruiço de Deos e del Rey nosso senhor ho prendi pera ho mandar á Índia com a deuassa de suas culpas: e não dei cõta disto a todos e geral porq̄ não toruasse tamanho seruiço del Rey / e agora que he feyto volo digo. E peço senhores muyto por merce q̄ mo ajudeis a foster / auendo por bê o que tenho feyto / e ajudandome a goardar esta fortaleza de q̄ me ey por entregue pera dar conta dela a el Rey nosso senhor ou ao seu governador da Índia. E nisto chegou ho feytoz Saltesar rodriguez q̄ ya muyto agastado por lhe parecer que fora causa da q̄la renolta / pelo q̄ descobrira a dõ Garcia, e então vio quão mau conselho teuera em lho dizer / e achauasse muyto culpado: e quando vio dom Garcia nã quis esperar q̄ acabasse de falar /

e queixandose lhe do q̄ tinha feyto a dõ Jorge, dizialhe q̄ outros meos mais honestos podera ter aq̄le negocio que ho de q̄ vsara / de que lhe auia de ser tomada muy estreita cõta. E dissimulando cõ o que Saltesar rodriguez dizia por se não poer coele em disputa, pediolhe por merce q̄ se fosse pera sua casa e oulhasse polo seruiço del Rey como oulhaua a quẽ ele daria conta do porq̄ prẽdera dõ Jorge / pelo que esperaua merce e honrra. E vendo Saltesar rodriguez q̄ naquilo nã auia remedio calouse: e os outros responderão a dom Garcia q̄ se fizera bê ou mal q̄ ele daria conta disso e forãse / e tam bê Saltesar rodriguez. E em quanto dom Garcia e os outros andauão nisto ficou a torre da menagem só, e sintindo ho hũ criado de dom Jorge chamado Alvaro do cais q̄ estaua doente, e assi o que era feyto a dõ Jorge como homẽ eiforçado leuantouse, e metêdose na torre da menagem fechou as portas de dentro / e posto a hũa janela começou de dizer a grãdes brados. Esta fortaleza he del Rey nosso senhor, e dõ Jorge de menezes ho capitão dela em q̄ pesa dom Garcia arriquez. ao q̄ logo acodio dom Garcia, e os q̄ estauão coele e por escadas sobirã às janelos da torre e entrando dentro tomarão Alvaro do cais com q̄ derão dũa janela abaixo bê espancado e arrepelado / e a outro que quísera repicar ho sino fizeram saltar do muro abaixo. E ainda isto não era quasi feyto quando chegou Simão de vera alcayde mór, e os outros amigos de dom Jorge que

forão ao banquete, e sabendo q̄ esta
ua preso determinarão de ho soltar
e todos juntos se forão á porta da
fortaleza pera a quebrar: e outros
da parte de dom Garcia acodirão
pera lho defender, e João escriuão
patrão da ribeira, e Thome fernã-
dez piloto subirão ao muro polas
lanças, e assi outros algũs / e disse-
rão a dom Garcia que acodisse ao q̄
queria fazer Simão de vera e os ou-
tros, e começouse hũa grãde reuol-
ta porque acodio el rey de Bachão
com muyta gente: e posto que mos-
traua que era pera apacificar a ver-
dade, era pera fauorecer dõ Garcia,
que com hũa lâça nas mãos, e hũa
adarga no braço req̄reo a Simão
de vera e aos que estauão coele que
se fossem / porq̄ aquele feyto não se
auia deliurar por força darmas co-
mo eles querião, pois todos erão
hũs e vassallos del Rey de Portu-
gal / cujo seruiço não era aventura
rêsetantos homens por hũ só, e que
sem tanto dãno como eles querião
fazer se apacificaria aquilo. E tam-
bẽ outros que estauão de fora que
não erão por dom Jorge nẽ por dõ
Garcia ajudarão a pacificar de mo-
do que Simão de vera e os que esta-
uão coele se forão pera suas casas e
dom Garcia ficou por capitão da
fortaleza, e assi estue hũs dias.

Capit. lxi. Do q̄ fizeram os ami-
gos de dõ Jorge despois de sua
prisam.

Desta prisam de dõ For-
ge correo logo a noua po-
la terra, de que a gente se
espantou muyto. E sabi

da por Cachil daroes em Maquê,
esses amigos de dom Jorge q̄ esta-
uão coele ho fizeram logo partir pe-
ra Ternate pera ho socorrer e aju-
darem. E chegados a Ternate Ca-
chil daroes foy logo ver dom Gar-
cia, de que estava muyto cõtete por
prender dõ Jorge a quẽ tinha odio
e desejava de ho ver fora de capi-
tão. E Simão de vera tâto que esta
armada chegou / ajuntou logo os
amigos de dõ Jorge que yão nela,
e erão por todos corenta homens / e
fizerão todos cabeça de Simão de
vera, a que derão sua fe de fazer em
todo ho possiuel por soltarem dom
Jorge, e quando não podessem ir se-
pa os Castelhanos: e fauorecia os
hũ irmão del rey q̄ auia nome Ca-
chil viaco grande amigo de dõ For-
ge e inimigo de Cachil daroes por
entender suas tiranias. E pratican-
do sobre o que auião de fazer, deter-
minarão de impedir hũa deuassa q̄
dom Garcia mandaua tirar de dõ
Jorge: porque a fora lhe assacarem
grãdes males tirauão por testemu-
nhas sens inimigos, e q̄ forão em sua
prisam. E Simão de vera fez sobris-
so hũ requerimento a dom Garcia,
protestando não ser valiosa tal deu-
assa: porem dom Garcia não dei-
xou de a tirar. E porque Simão de
vera insistia que não se tirasse, al-
uoraçarão se os da parte de dom
Garcia pera ho matar / e assi ho
dizião publicamente e andauão em
magotes armados darmas defen-
sivas e offêsiuas, e como erão muy-
to mais que os de dom Jorge e ti-
nãno por sua parte el rey dõ Bachão
e Cachil daroes adauão afouto co

mo senhores do campo. O q̄ vendo Simão de vera z seus companheiros não se teuerão por seguros em Ternate / z disserão a Cachil viaco que se querião ir pera a terra alta onde estarião seguros, z dali e-quererião sua justiça / z quando lha não quisessem fazer se irião pera os Castelhanos: o que pareceo bem a Cachil viaco, z foyle coeles pera os fazer apouentar / porque se temeo que ho governador daquela terra os não quisesse receber / z partirão hũa noyte secretamente. E chegados a terra alta não os quisera ho governador receber por não leuar licença d' Cachil daroes: z Cachil viacolhe disse / q̄ onde ele estava nã era necessaria licença de Cachil daroes, q̄ sintio muyto agasalharẽ Cachil viaco z os Portugueses sã sua licença, z a dõ Garcia tambem lhe pesou muyto dese irẽ pera lá / porq̄ logo lhe começaram de fazer seus requerimentos, z assi fizeram hũ a Pero botelho capitão do nauio em q̄ fora dom Jorge de Malaca pera Maluco / em quelhe Simão de vera requeria que se ajuntasse coele pera soltarem ao seu capitão que estava preso: ao que Pero botelho respondeo q̄ não conhecia outro capitão se não dom Garcia / z que lhe não tornassem mais com tais requerimentos porque era tempo perdido, que ele não conhecia por capitão a dõ Jorge. E vendo Simão de vera quão pouco lhe aproueitaão seus requerimentos / assentou com os outros que chamassem em sua ajuda el rey de Tidoze z Fernão dela torre / z q̄ se fossem pareles quando não aca-

bassem com dom Garcia q̄ soltasse dom Jorge / z mandarãhes dizer tudo o q̄ passaua acerca da prisão de dõ Jorge / pedindolhes que os ajudassem z emparassem como pessoas virtuosas z poderosas q̄ erão, z que mandassem requerer a dom Garcia que soltasse dom Jorge / z quando não quisesse q̄ então se irião pareles / porq̄ por nbũ modo auião de ficar com dom Garcia nem com outro capitão. E el rey de Tidoze z Fernão dela torre posto q̄ tinhão guerra com os Portugueses vendo que aqueles não tinhão culpa / z que erão desemparedados / determinarão de os favorecer z ajudar, z assi lho mandarão dizer / z logo fizeram hũ requerimento a dõ Garcia que soltasse dom Jorge protestãdo que carregassem sobrele todas as perdas z dãos que daquela prisão recrecessẽ, assi a el Rey de Portugal como a qualesquer outras pessoas. E quando dõ Garcia vio aq̄le requerimento ficou muyto embaraçado, porque vio que se dõ Jorge teuesse de sua parte el rey de Tidoze z os Castelhanos que lhe daria trabalho / z que lhe farião guerra z receou muyto aquela carga. E com tudo respondeo ao requerimento / dando as melhozes rezões q̄ pode por onde prendeo dom Jorge: z depois d'isto rogou a Cachil daroes q̄ fosse a terra alta, z com algũa dissimulação soubesse de Simão de vera z dos que estãão coele se determinãão dese irẽ pera os Castelhanos porque isto receaua muyto / z os segurasse quãto podesse. O que Cachil daroes fez logo / z chegado

a eles disselhes que não sabia porq̃ se forão da fortaleza / porque dom Garcia não lhes tirava officios, nê ordenados / nem soldos: antes desejava delhos dar dobrados / e lhe pesava muyto de se irê. Ao que Simão de vera respondeo que não querião nada de dō Garcia sem soltar dom Jorge: e que foubesse certo q̃ se auião dir pera os Castelbanos / e ele daria conta dos males que succedessem. Estando nestas praticas chegou hũa armada dos Castelbanos que mandava Fernão dela torre ê favor de Simão de vera / e dos outros: que por Cachil d'aroes ali estar fizerao que ya pera os levar e fizerao mostra de se quererem embarcar. Equãdo ele vio tanta concrusam, pediu a Simão de vera que não fizesse nada de si ate não ir falar com dom Garcia / de q̃ sabia certo q̃ auia de soltar dō Jorge antes de se partir pera Malaca / e q̃ ele lho faria fazer logo: e Simão de vera disse q̃ por amor dele esperaria, porrem que se dom Garcia não soltava dom Jorge quelogo se auia dir.

Capit. lxiij. De como dō Garcia soltou dō Jorge de menses.

Sabendo dom Garcia per Cachil d'aroes a determinação de Simão d' vera e de seus companheiros temeo muito sua ida pa os Castelbanos, porq̃ lhe auião logo de fazer guerra eles e el rey de Tidoze / e el rey de Geilo. Estando a fortaleza de guerra

não se podia partir como querta / e deixala a Manuel falcão / porq̃ succedendo algũ desastre seria sua a culpa / e por isso se mudou do proposito que tinha de levar dō Jorge preso e deixar por capitão a Manuel falcão, e quis antes soltar dō Jorge e tornar lhe sua capitania / e assi ho mandou dizer a Simão de vera por Cachil d'aroes / e q̃ se fosse logo pera a fortaleza com os outros. E ele não quis / dizendo que não se auia dir se não despois de dō Jorge solto. E dali por diante se entendeu em ho côcertarê com dō Garcia no q̃ se passarão algũs dias: e por derradeyro se assentou que dō Garcia soltasse dō Jorge e lhe deixasse sua capitania, e q̃ dom Jorge lhe auia de dar ho nauio de Pero botelho pera sua embarcação, e auia de deixar ir Pero botelho com quantos estauão no nauio / e auia de dar licença pera se irê com dō Garcia todos os q̃ erão da sua parte sem lhes embargar suas fazendas nê fazer nhũ impedimêto pera q̃ não se fossem / e assi se auião de romper todos os requerimentos q̃ erão feytos de parte a parte e deuassas q̃ erã tiradas / e q̃ isto auião de jurar dō Jorge e dō Garcia em solêne juramento. E despois de dō Garcia ido pera Talagame cõ todos os q̃ auião dir coele, viria Simão d' vera e os outros e soltarião dō Jorge: e assi foy feyto, e dom Garcia mandou diante seu fato / e dos que yão coele / e primeyro que se partisse da fortaleza mādou êcrauar a artelharía da fortaleza porq̃ lhe nã tirassê coela: e ele ido êtrarão Simão de vera e seus

companheiros e soltarão dō Jorge com muyto prazer/ mas dō Jorge que bo não tinha antes estava muyto sentido de dō Garcia pola offensa que lhe fizera / mandou logo ao ouuidor que fizesse autos de tudo o que lhe dom Garcia fizera e assi tirou estormentos de como no tempo que esteuera preso se apoderarão os Castelhanos da ilha de Malacem por não auer quem lha defendesse/ no que el Rey de Portugal recebera muyta perda por auer nela muyto crauo/ e mandou logo fazer hū requerimento a Pero botelho que se fosse pera a fortaleza porq̄ tinha muyta necessidade do seu nauio por amor da guerra dos Castelhanos, e sobristo tornou a auer outra reuolta que dom Garcia dizia que dō Jorge lhe tinha dado aquele nauio pera sua embarcação: e ouue muytos requerimētos de parte a parte, e por fim de tudo se foy dō Garcia no nauio e Pero botelho coele contra vontade de dom Jorge/ que mādou fazer auto de sua desobediencia auendo ho por alenātado, e assi quātos yão com dom Garcia, e tirou estormentos de como lhes dera a licença por força/ e a necessidade em que ficaua de gente: e coestes autos e estormentos / e com cartas pera ho capitão de Malaca, mandou logo a hū Alente dafonfeca que partio pera Malaca apos dō Garcia/ e assi mandaua tambē pedir socorro de gente.

Capit. lxxij. De como os mouros de Zogú matarão Aluaro d brito e tomarão hūa galé.



Este año de mil e. cccc. xcvii. estando Jorge cabral por capitão de Malaca, matará os mouros da cidade de Zogú certos portuguezes sem nhūa causa/ e Jorge cabral mandou lá a vingar estas mortes a hū Aluaro de brito capitão de hūa galé em que leuaria setenta Portuguezes que todos coele forão mortos pelos mouros de Zogú/ e tomarão a galé. E auēdo quinze dias que a noua deste dāno era em Malaca chegou hi de Banda Martim correa/ a que Jorge cabral por ho ter por bō caualeyro deu a capitania mór de hūa armada que mādou a Zogú a vingar aquelas offensas/ e por não saber particularmēte como Martim correa as vingou digo em soma que queymou Zogú matando primeyro muytos mouros/ e tornādo a tomar a galé que tomarão a Aluaro de brito se tornou a Malaca/ e por ele soube Jorge cabral como a sua partida d Maluco ainda lá não era dom Jorge de menses, e a necessidade grandissima de gente e de mantimentos em que ficaua dō Garcia árriquez por amor da guerra q̄ tinha cō os mouros e cō os Castelhanos q̄ ficauão em Tidoze. E que sabido por Jorge cabral fez logo prestes ho socorro que partio na estrada do Janeyro seguinte hū fidalgo chamado Gōçalo gomez dazeuedo q̄ foy por capitão mór de hūa armada de dous nauios de gauea, e hū bargati e hū júgo em q̄ forão cē Portuguezes e muytas munições, e dous mil cruzados de roupa.

Capit. lxxiii. Do q̄ fez Lopo vaz de lam Payo depois que foy julgado por governador.



O governador Lopo vaz de lam Payo que ficou é Cochibí depois de partidas as naos da carregapera Portugal. Despachou dom João de ca que fosse tomar posse da sua capitania da fortaleza de Cananoz / e por que tinha por certeza que auia muytos paraós de Malabares de Calicut por toda aquela costa q̄ fazião muyto mal aos amigos dos Portugueses / rogou a dom João de ca que aquele pedaço de verão q̄ auia ate ho inuerno goardasse aquela costa com hũa armada que lhe daria: do que ele foy contente por servir el Rey, e ho governador lhe deu hũa galé em que andasse e dezaseys captures e bargantis que ho acompanhassem / a cujos capitães não soube os nomes. E partido dom João de ca a goardar a costa do Malabar / entendo ho governador em mandar fazer a fortaleza a çunda q̄ sabia q̄ não era feyta por Francisco de Sá não poder mais: e por esta fortaleza importar muyto ao seruiço del Rey de Portugal / porque defenderia aos Castelbanos que não fossem lá se quisessem ir buscar pimenta desejava ele de se fazer, e para isso escolheo a Martim Afonso de melo jusarte que era seu parente e ho conhecia por esforçado: e quando o cometeo coeste cargo ele ho não quis aceitar, dizendo que Francis-

co de Sá aueria por injuria querer outrem fazer o que ele não fizera / e por isso não auia daceitar tal cargo. E ho governador lhe disse que as cousas do seruiço del Rey / não auia ninguém dauer por injuria fazelas outrem se ele as não pode fazer / e q̄ el Rey não era obrigado a goardar essas preheminencias a ninguém, se não seruisse de quem fosse sua vontade pois todos erão seus vassallos / e que ja se seruira de Francisco de Sá e então se seruira dele. E com tudo Martim afonso não quis aceitar a quella capitania / nê a aceitara se ho governador lhe não fizera sobrisso grandes requerimentos / e ainda então a acitou com dizer que faria o que lhe Francisco de Sá mandasse se ho achasse em Malaca. Aceitada esta ida por Martim afonso por ho governador e ele se temerem que sabendo a gente onde ya não auia de querer ir pelo q̄ lá acon tecera a Francisco de Sá / de tarão fama que Martim afonso auia dir fazer presas aa costa de Lanaçarim, e de caminbo auia diuerner em Paleacate, pelo que se ajuntarão quatrocentos homens que ho governador queria mandar nesta armada que foy de noue velas grossas e de remo / de cujos capitães não soube os nomes saluo de tres, de Thome pirez capitão do nauio em que ya Martim afonso / de Duarte mendez de vasconcelos capitão de hũa galeota de João coelho capitão dũ bargantim, e ho governador mandou a Martim afonso que fosse por Ceilão e socorresse a el rey a quem fazia guerra Patimargar capitão mór dũa armada

del rey de Calicut: e Bartim a fons
 so ho fez assi. E chegado a Ceilão
 não achou Patemarcas / que sabê-
 do que ele y a lhe ouue tamanho me-
 do que fugio, e ficado el rey de Cei-
 lãoliure desta guerra, foyle Barti-
 a fonso a Calecare hũ grande lugar
 na costa cujo senhor tinba a pesca-
 ria do aliofar como contey atras, e
 porque se temia dos mouros de Ca-
 licut fez paz com Bartim a fonso
 com condição que pagasse ho tribu-
 to que seu antecessor pagaua / e que
 ho governador da India lhe man-
 dasse dar goarda quando fosse a pes-
 caria / e daqui se foy a Paleacate
 onde auia dinuernar.

Capit. lxxv. De como dom João
 deça desbaratou e prendeo Chi-
 nacutiale.



Dom João deça capi-
 tãõ de Cananoz que
 andaua goardãdo a
 costa com a armada
 que disse, andou por
 ela todo aquele peda-

ço de verão / em que fez muyto dã-
 no aos mouros de Calicut que yão
 pera Cambaya com pimenta / e em
 diuersos dias tomou cozena e oy-
 to velas antrezambucos e paraõs
 e os mais deles pelejando em que
 matou muytos mouros: e não con-
 tẽte coeste dãno que lhes fazia sayo
 hũ dia em Bangaloz onde sabia q̃
 estauão certos paraõs de Calicut
 que lhe fugirão e queimou ho lu-
 gar: e porque ho nã pude saber par-
 ticularmente ho digo assi en soma,
 e tambem hũa batalha que ouue no

cabo do verão com Chinacutiale
 hũ valêtemouro e muy sabedor da
 guerra que era capitãõ mór de sessẽ-
 ta paraõs del rey de Calicut / e cuy-
 dando de tomar dom João sayo a
 pelejar coele / e com quanto leuaua
 tamanba armada e gente muy gros-
 sa a respeito dos Portugueses foy
 desbaratado e morta e ferida muy-
 ta de sua gente / e ele foy ferido de
 duas cutiladas pelo rosto, e de du-
 as espingardadas per hũa perna / e
 assi se deitou ao mar cuy dando des-
 capar por ho seu paraõ ser entrado
 pelos Portugueses / e assi foy to-
 mado. E auida esta vitória que foy
 muyto grãde por ser ja ho cabo do
 verão se recolheo dom João a Ca-
 nanoz / e mandou parte da armada
 pera Cochim / e ho governador lhe
 fez merce de Chinacutiale que eu-
 viem seu poder / e por quem ouue
 grande resgate.

Capit. lxxvj. De como Pero de
 faria partiopera Malaca / e Si-
 mão de souza galuão pera Ma-
 luco.



Stando ainda ho go-
 uernador em Cochim
 por lhe parecer assi ser-
 uiço del Rey rogou a
 Pero de faria que fos-
 se servir a capitania de Malaca po-
 is era sua: do que se ele quiser a escu-
 sar por Malaca ser muyto doẽtia /
 e assi ho disse ao gouernador / dizẽ-
 do que antes queria ficar em Goa
 pois tambem era sua, que era muy-
 to sadia, e por derradeyro cõsentio
 em ir a Malaca por comprazer ao

governador que desejava de tirar de lá Jorge cabral q̄ estava da mão de Pero mazcarenbas. E querêdo também ho governador prover a capitania de Maluco z tirala a dō Jorge de menses deuha a hū fidalgo chamado Simão de souza galvão de q̄ faley atras / z isto por ser pessoa de grãde confiança z em que tinha muyto credito, z a capitania mór do mar z alcaydaria mór da fortaleza deu a outro fidalgo chamado dom Antonio de crasto / z a feytoria a outro fidalgo chamado Antonio caldeira / z a capitania de hūa galé em q̄ Simão de souza aũa dír a Jorge dabreu que fora ao pres te cō dō Rodrigo de lima, z deulhe setenta homens, z em Malaca lhe aũa Pero de faria de dar trinta pera fazerem cento / z despois partirão ele z Pero de faria pera Malaca em Abril de mil z quinhentos z vintoyto, z primeyro se partio ho governador pera Goa ôde aũa dín uernar / z da hí mādou por capitão da fortaleza Dormuz hū fidalgo chamado Christouão de mendoça que a tinha por el Rey dom João de Portugal, z mandou coele Raix parafo que era liure por sentença do licenciado João de soiro ouuidor geral, z que fosse servir ho seu goazilado Dormuz. E chegado Cristo uão de mendoça a Dormuz foy entregue da capitania por Diogo de melo que era capitão.

C Capit. lxxij. Das presas que Antonio de miranda capitão mór do mar fez no estreito / z do mais que succedeo.



Artido de Goa Antonio de miranda dazeuedo capitão mór do mar seguio sua rota pera ho cabo de Boardafum ôde chegou despois de passada hūa grande tormenta, z ali repartio sua armada em tres escoadrões apartados hūs dos outros, por q̄ as naos dos mouros que passassem não lbe podessem escapar / z andando esperandoas apartouse Anrique de macedo com tēpo da conserua Antonio de miranda: z andando apartado alamar / hū dia pola manhaã topou com hū galeão grande de rumes feyto como os nossos / z como os rumes erão muytos z yão bem apercebidos de guerra sayrão ao encontro dos Portugueses tirandolhe muytas bombardadas / z aperceberão muytos armados de sayas de malha z corceletes, z era fermosa gente z muyta. E cō tudo Anrique de macedo os não duuidou z abalrrou coeles / z começaram hūs z outros de pelejar braua mēte sobre entrarē hūs os outros, z sendo ho vēto calma que ficou de lufadas arremessarão os inimigos hūa lâça de fogo ao galeão Portugues / z pegoulhe no artimão que ardeo donde com hūa lufada de vēto se sacodio, z tornou a cair no dos inimigos ainda acesa z pegoulhe ho fogo / z por amez do fogo que se pegou nos galeões cessou a peleja / z acodirão hūs z outros ao apagar / z os Portugueses cortarão logo a abalrroa: z desapegados dos inimigos apagarão ho fogo z liuraranse

delz/o que os inimigos não poderão fazer ao seu z ardeo todo com muytos deles, z algũs poucos se lã çarãõ ao mar que forãõ mortos z catiuos cõ ajuda doutros Portugueses de dous galeões da frota q ali forãõ ter. E por ser acabada a moução das presas forãse todos estes tres capitães a Caxê hũa vila demouros na costa Darabia, õde pmãdado Dantonio de mirãda se auião dajutar despois de feytas as p̄sas, z hi ho acharãõ cõ vite velas demouros que tomarãõ ele z os outros / z erãõ oyto naos grossas z doze terradas, z marruazes q sam mais pequenos que naos: z por ele ser certificado que ainda auião de passar certas naos de mouros pera bo estreito tornouse a esperalas deifando em Caxem Ruy pereyza que era quadrilheiro mór pera vender parte da fazêda que se tomara aos mouros, z pozem as naos não passarãõ z vendo q não passauãõ foyse a Adem que estaua de paz cõ Portugal, onde achou Ruy pereyza q tinha recado dos regedores da cidade que el rey não estaua nela / z q os rumes fizerãõ hi algũ dãno. E despois da morte de coleimãõ raix se forãõ a Camarãõ esses que escapãõ. E sobre esta noua teue Antonio de mirãda conselho se iria a Camarãõ pelejar com os rumes: z foy acordado que não porq era passada a moução / mas que mãdasse lá hũ catur a saber nouas deles q por ser pequeno poderia passar / z foy nele ho piloto mór, z por lhe ho vëto ser contrairo não pode surdir auante z tornouse, z no caminbo tomou

dous marruazes / z dos mouros soube que os rumes que estauãõ em Camarãõ serião tres mil z quinhẽtos homẽs. Esta noua deu a Antonio de miranda: que Dadê se foy a Zeila pa dar nela, z achouha despejada z queimou ha, z dali se foy a Bazcate: z deixando hi a frota / z por capitãõ mór dela Antonio da silua foy inuernar a Ormuz.

Capit. lxxviiij. De como forãõ catiuos demouros Diogo de mezquita z outros.

Nuernando Antonio de miranda dazeuedo em Ormuz vëdeose a fazêda das naos que tomou em que se fizerãõ sessenta mil cruzados: z a vinte dous Dagoosto se partio pera a ponta de Diu onde auia de fazer outras presas. E chegado la achou ainda bo mar tão grosso que ho comia / z por isto arribou a Chaul fazendo sinal aa frota que arribasse / z todos arribarãõ saluo Antonio da silua z Anrriq de macedo que poderãõ sofrer bo paio: z arribando Antonio de miranda sobreueolhe hũ temporal de vento por dauante com que Lopo de mezquita capitãõ do çamorim peqno arribou pera Diu. E andando ainda os mares feytos desta toruoadatopouse com hũa nao de mouros de Diu que serião duzêtos / todos bem armados, z os Portugueses serião ate trinta / z arribarãõ sobre a nao com quanto ho tempo era forte z bo mar andaua grosso, z abalarãõ / z em a ferrãdo saltou Lo

po de mezquita nela com boa parte dos seus e começarão de pelejar cõ os inimigos com muyto efforço, e neste conflito desfaziãse a nao e bo galeão polas grandes pancadas q se dauão com a grandíssima marulhada que fazia e ambos estauão abertos e fazião muyta agoa / e ouuerãse de perder se não quebrara a abarroa, e cada hũ foy pera seu cabo ficando Lopo de mezquita com os que digo na nao: e não podendo os do galeão tornar a tomar a nao com a fortidão do tẽpo arribarão por esse mar por se não perder em. E Lopo de mezquita e os outros que ficauão na nao vendo que sua saluação despois de nosso senhor era hõ bõ pelejar / pelejarão tão efforçadamente que matarão a mayor parte dos mouros, e os outros se derão de muyto feridos / e postos em recado acodirão os Portugueses a nao que se y a ao fũdo com a muyta agoa que fazia: o que vêdo Lopo de mezquita apanhou todo hõ dinheiro que achou nela / e mandou a Diogo de mezquita seu irmão que se metesse no batel / e assi deza seys outros, porque não podendo a nao escapar se saluasse com hõ dinheiro / e por em não deixou de trabalhar por esgotar a nao. E vendo os que estauão no batel com Diogo de mezquita que não se podia vencer a agoa q a nao fazia / nem com as bombas, nem com baldes / desesperarão de se poder saluar, e porque se os que estauão nela se quisessem acolher ao batel se alagaria por ser pequeno, acolherãse antes que isto acontecesse se Diogo de mezquita lhes poder

resistir antes hõ leuarão por força. E indo caminho de Chaultoparão com a armada de Diu e forão catiuos / e leuados a Diu: donde os leuarão a el rey de Cãbaya q folgou muyto coeles por os ter por muyto efforçados e sabedores na guerra / principalmente a Diogo de mezquita, a que cometeo que se tornasse mouro / offrecendolhe por isso grãdes honrras e merces: e não querẽdo ser mouro hõ atenton cõ grãdes tormentos ate hõ meter na boca de hũa bombardeada cenada pera despararem coele. E ele como fiel Chriştão e verdadeyro amigo de nosso senhor / soffreo tudo com costancia grandíssima / dizendo sempre q lhẽ fizessem quanto quisessem / que não auia de deixar a ley de Deos verdadeyro pola seyta de Mahamede que era mentira. E vendo os outros catiuos seu efforço tambem não quiserão ser mouros. E el rey de Cambaya espantado da costãcia de Diogo de mezquita hõ mãdou prẽder / e a ele e aos outros mãdou dar cruel catiueiro. E Lopo de mezquita q ficou na nao / pos tanta diligẽcia com ajuda de nosso senhor que venceu a agoa, e escapãdo a nao foy ter a Chaulõde achou Antonio de miranda / e do dinheiro que se fez da fazenda desta nao forão pagas as partes que se deuão aos da armada / e os sessenta mil cruzados ficarão forros pera el Rey

Capit. lxxix. De como Halixá capitão da armada de Diu pelejou cõ Anrique de macedo, e de como foy morto Antonio da silua.



Arrique de macedo que ficou á póta de Diu passada a tormenta com q̄ os outros arribarão a calinou ho vento: e estando em calma de verão coele as fustas de Diu que erão trinta e tres / e á daua por seu capitão mór: hũ valente mouro chamado Balixá / que vêdo ho galeão daquela maneyra cercou ho em redondo, e mādoulhe dar bateria, e os Portugueses começarão tam bem de jugar com sua artelheria / e começouse hũ brauo jogo principalmente da parte dos mouros que tirauão todos ao lume dagoa por as fustas serem rasteiras / e fizerãlhes tantos rombos que não aproueu a uão bombas nê baldes pera vedar a multidão dagoa q̄ entrava / e foy necessário atupirêse os buracos cõ colchões e colchas / e andauão os nossos tão cansados que quasi não auia quem podesse trabalhar / e se os nosso senhor não socorrera não poderão escapar, porque ainda que neste tempo sobreueo vento ho galeão não podia bẽ nauegar por ter quebrados os mastos e as vergas espedaçadas / e as velas rotas. E nisto chegou Antonio da silua capitão do galeão reys magos q̄ vinha ao tô do estrôdo das bõbardadas / e chegando a tiro de berço do camozim mandou dar fogo a sua artelheria / e mais auante começarão as trombetas de tanger / dizendo. Alegrauios, alegrauios que aqui sam os tres reys magos. E ouindo os mouros as trõbetas, cuyda rão q̄era o capitão mór q̄ sabião q̄ chegara á ponta de Diu, mas não

que se fora, e cuydando que vinha com toda lua armada / fugirão todos com medo e deixarão Balixá só, que tam bem fugio por derradeiro. E sospitando Antonio da silua a causa da fugida dos inimigos / seguiu ás bombardadas, e Balixá lhe teue hũ pouco ho rosto tam bem ás bombardadas, e nisto deu nele hũ pelouro de bombardada perdido e matouho, cõ que os seus ficarão tão desacozoados q̄ nã quiserão mais seguir os inimigos, e tornarãse pera onde ficaua Arrique de macedo: e Balixá vendo os assi tornar cuydou que era manha pera ho colherê: e por isso não quis ir apos eles, mas foyse fugindo, que se os seguira, nem eles nem os do camozim escaparão. E chegados a Arrique de macedo forãse todos a Chaul, e dahi pera Goa com ho capitão mór que chegou la na fim de Setembro / e deu conta do passado ao gouernador.

Capit. lxx. De como Christouão de mendoça capitão Dormuz mādou por terra Antonio tenreyro a Portugal cõ recado a el Rey.



Este tempo desejado Christouão de mendoça capitão Dormuz de mādara el Rey de Portugal certeza dõ como os rumes não passauão aa Índia, e auisos de muytas cousas que compzião a seu seruiço, assi em Dormuz comona Índia escolheo pera leuar por terra este recado a hũ Antonio

tenrreyro natural de Coimbra q̄ el-
taua em Ormuz / e fora com Salte-
sar pessoa ao Requeismael / donde
indo caminho de Jerusalem foy pre-
so por turcos ety dando que fosse es-
pia. E levado ao Cayro foy solto /
e querendose dali tornar a Portu-
gal se foy a Chipre / donde por hũa
contecimento mudou seu caminho
e tornouse aa India / e de Chiprea
traueffou ho deserto e foy ter a Ba-
çora e dahi a Ormuz : e porq̄ tinha
experiencia deste caminho, e sabia a
lingoa Persiana / e por ser homem
desprito e esforçado ho escolheo pe-
ra fazer este caminho / e mais por
não achar outrem / porque por ho
perigo do caminho ho receauão to-
dos / e dizendolhe Christouão de
mendoça quanto esta ida importa-
na ao seruiço del Rey d' Portugal.
Ele polo seruir a aceitou de boa vō-
tade, e dādolhe Christouão de mē-
doça muyto pouca ajuda pera sua
despesa / e algũas cartas de credito
pera onde lhe fossem necessarias se-
partio Ormuz pera a cidade de
Baçora a vinte de Setembro do an-
no de mil e quinhētos e vinteoyto,
e foy por mar ate esta cidade, que he
em Arabia no cabo do sino persico
trinta e tantas legoas pelo rio eu-
frates acima / e pos neste caminho
cozenta dias por os vētos q̄ achou
contrairos : e nesta cidade se deteu
vinte dias em se despachar porque
a cafila que ya pera Damasco onde
ele esperaua dir era partida, e ho
Reque da cidade não lhe queria dar
guia pera atraveffar ho deserto que
ya de Baçorã ate Alepo / dizendo
que não achaua quem se arriscasse a

tamanho perigo como era irẽ duas
pessoas no mais porq̄ as alimarias
os comerião : e mais que nunca ou-
ue pessoa q̄ passasse ho deserto sem
ir em cafila / e parecia que ho Reque
d'ho dar por morto se fosse no mais
que com a guia / auia dō dele e não
lhe queria dar auiamēto pera se ir.
E com tudo nunca Antonio tenr-
reyro desistio de ir. E vendo ho Re-
que sua perria / muyto espātado de
seu esforço, e louuandolho muyto
lhe deu hũ piloto q̄ ho guiasse / por-
que naquele caminho regēse polos
ventos como no mar por não auer
hi estradas nẽ pouoados saluo de-
us castelos dalarues. E Antonio
tenrreyro e ho piloto se partirão na
entrada de Nouembro às duas ho-
ras despois de mea noyte / porque
não fossem vistos / e ya cada hũ em
seu dormedario que andão de vinte
cinco legoas ate trinta antre dia e
noyte / e não comē mais de hũa q̄r-
ta de farinha hũa vez no dia e bebē
de quinze em quinze dias / e nestes
leuauão seu mātímēto de tamaras,
biscouto / farinhas / manteiga / Ca-
ca cozida e agoa. E partidos d' Ba-
çora tirarão por seu caminho a diã-
te por aquele espantoso deserto por
dēnã auião mais q̄ alimarias bra-
uas. s. vslos, tigres, liões e lobos : e
afastauãse quãto podião donde po-
dia auer alarues (q̄ andão por aq̄le
deserto em aduares) porque os não
roubassẽ q̄ sam grandes ladrões,
e assi caminharão vinte dous dias
sem nunca receberẽ afronta daq̄las
alimarias saluo duas vezes que os
quiserão cometer dous liões a que
eicaparão polo grande andar dos

dormedarios: e outra vez e madru-
 gada correndo a redea solta. Et são
 arredrontados forão os dormeda-
 rios que correrão duas legoas, e
 desta corrida se estrepou ho dorme-
 dario Antonio tenreyro em hũa
 mão, e ficou tão manico q' lhes foy
 forçado deterêse seys dias / no que
 passarão muyto grande trabalho /
 e també em não acharem em todo
 este tempo agoa mais q' quatro ou
 cinco vezes em que padecerão grã-
 de sede, e ainda esta q' achauão era
 amargoz. Et tornando ao caminho
 depois do dormedario ser são / no
 cabo destes vinte e dous dias chega-
 rão a hũa pequena vila castelada e
 cercada de muro de taipas grossas
 pouoada de alarues mouros, por na-
 cer ali hũa grande fonte que lhe re-
 gava suas sementeiras / e auia pal-
 meyras e tamaras, e aqui se meteo
 Antonio tenreyro em hũa casila
 que estava de caminho pera a cida-
 de Dalepo no cabo deste deserto: e
 ho seu piloto setornou pera Baço-
 ra: e neste mesmo dia foy dormir a
 casila a outra fortaleza, e dali a co-
 renta legoas sairão do deserto e en-
 trarão na comarca da cidade Dale-
 po cercada de muro e pouoada de
 mouros do senhorio do turco / e a-
 qui se tirou Antonio tenreyro da ca-
 fila q' auia de passar ate a cidade de
 Damasco: e tirado se foy a casa do
 Veneziano mercador de muyto gros-
 so e rico trato que ali fazia sua abi-
 tação, e em que a gente da terra ti-
 nha grande credito / e chamauasse
 Micer andre / a quem leuaua cartas
 de Christouão de medoça pera lhe
 dar auiaimento pera seu caminho e

não ho achou que era em Costâti-
 nopla a chamado do turco / e por
 ser inuerno e auer muyto grandes
 neues que ninguem caminbaua es-
 perou aqui Antonio tenreyro cin-
 coenta dias e no cabo se meteo em
 hũa casila que ya pera a cidade de
 Tripoli de iuria tudo senhorio do
 Turco / e daqui se embarcou e foy
 ter aa ilha de Chipre / e depois de
 passar assaz de trabalho em muyto
 grandes tormentas em que se vio /
 foy ter a Italia, dõde tomou seu ca-
 minho por terra pera Portugal õ-
 de chegou a saluamento / e deu a el
 Rey as cartas q' leuaua, e foy muy-
 grande espãto sua ida por ser ho pri-
 meyro Portugues que fez aquele
 caminho por terra / e ho primeyro
 homem que ho fez só cõ hũ piloto, e
 que mostrou a el Rey que por terra
 lhe podia ir recado da India e tres
 meses ou menos, porque não gas-
 tou ele mais no tẽpo em que cami-
 nbou / bem que fez mais detença
 polos impedimentos que lhe soce-
 derão.

Capit. lxxi. Do que passou Gon-
 çalo gomez dazeuedo com dom
 Garcia anriqz na ilha de Sãda.



Tras fica dito como For-
 gecabrial mādou focorer
 Maluco por Gõçalo go-
 mez dazeuedo q' partio
 de Malaca na entrada de Janeiro
 do anno de mil e quinhentos e vin-
 toyto / e chegou a Banda onde a-
 chou dõ Garcia anriquez q' auia
 pouco que chegara de Maluco / e
 tinha feyta hũa tranqueyra onde

pousava, e Gonçalo gomez também
 mandou fazer outra / e nisto che-
 gou Vicente da Fonseca com as car-
 tas de dom Jorge de meneses e au-
 tos que mandara fazer de dom Gar-
 cia / e contou a Gonçalo gomez tu-
 do o que dom Garcia fizera a dom
 Jorge, requerendolhe secretamente
 que ho prendesse e a quantos yão
 coele e que lhe tomasse ho nauio / e
 quanto aa prisam de dom Garcia e
 dos outros respondeo Gonçalo go-
 mez que ho não podia fazer, mas q
 lhe tomaria ho nauio quando fosse
 tempo. E vendo Vicente da Fonse-
 ca isto quisera mandar a Malaca as
 cartas e papéis que leuava de dom
 Jorge per algũs Portugueses que
 auião dir pera laa, e como sabião q
 era contra dom Garcia, que também
 auia dir não ouue ninguem que os
 quisesse leuar / pelo que os não mã-
 dou e tornou a dom Jorge como di-
 rey a diante. E vendo dom Garcia
 Vicente da Fonseca, que sabia q era
 grande seruido e amigo de dom
 Jorge logo sospeitou a que auia de
 ser sua vinda, e por isso se começou
 de recear que Gonçalo gomez ho
 prendesse, e mais porque tanto que
 Vicente da Fonseca chegou, Ba-
 nuel falcão que pousava com dom
 Garcia tendo a mesma sospeita de
 Vicente da Fonseca que ele tinha / se
 passou logo pera a tranqueira de
 Gonçalo gomez / parecêdo-lhe que
 fazia a vontade a dom Jorge / por
 que esperava de tornar pera Malu-
 co com Gonçalo gomez a q contou
 o que dom Garcia fizera a dom For-
 ge / conselhandolhe que ho prendes-
 se por isso / e que lhe tomasse ho na-

uio em q ya, e Gonçalo gomez dis-
 simulava, e Banuel falcão come-
 çou de deitar fama que Gonçalo go-
 mez auia de prender dom Garcia pe-
 lo que fizera a dom Jorge, e algũs
 seus amigos o começaram dauisar
 disso / e q lhe auia de tomar ho na-
 uio em que ya por isso que possesse
 cobro nele: o que não quis fazer por
 que lhe parecia impossivel tomã-
 lho por leuar crauo pera el Rey / e
 da prisam nã se temia porque sabia
 a verdode por espias que trazia cõ
 Gonçalo gomez, que tinha assenta-
 do consigo de lhe tomar ho nauio
 quando se ouesse de partir e não ho
 disse a ninguem por não ser descu-
 berto: e quando se ouue de partir pe-
 ra Maluco se foy por terra espedir
 de dom Garcia que sayo coele ate a
 praya onde se embarcou nos bateis,
 e alargado de terra se foy dereyto
 ao nauio em que dom Garcia ya q
 auia nome cayado, e então ho deu
 dom Garcia por tomado e creio o q
 lhe tinhão dito. E entrado Gonça-
 lo gomez no nauio tomou ho pera
 leuar a Maluco, e sabendo que dom
 Garcia tinha as velas na trãquei-
 ra mandoulhas pedir, desculpãdo-se
 de tomar ho nauio, porque ho fazia
 a requerimento de dom Jorge de me-
 neses capitão de Maluco de cuja
 jurdição era aquela terra, e por dom
 Garcia as nã querer dar lhe tomou
 ho seu jungo em que leuava mais de
 quatorze mil cruzados, pelo que dom
 Garcia mandou logo as velas e hũ
 recado a Gonçalo gomez per Ba-
 nuel lobo / estranhandolhe o q lhe
 fazia / e por ele mandou hũ carta
 de crença ao mestre e condestabre

do nauio / e a outros em que confiaua que fizessem o que lhe Manuel lobo dissesse, que foy que quando se partissem fizessem de modo que dessem á vela derrádeyro de todos para ficarem na traseira / e ainda então fizessem que se embarcauão / porque entretanto iria dō Garcia com gente e tomaria ho nauio, por que Gonçalo gomez por lhe bo vento ventar a popa não lhe auia de poder acodir, e assi ho tomaria. E eles disserão que ho farião: e ido Manuel lobo deu Gonçalo gomez a capitania do nauio a Ruy figueira capitão doutro nauio, cuja capitania deu a Manuel falcão. Isto feyto foi se ao seu nauio e fêz se á vela, e os outros capitães coele saluo Ruy figueira / cujo mestre por comprir o q̄ prometera a dom Garcia fez que se embarcaua ao dar da vela / pelo q̄ todos os outros ja nauegauão quando ele deu á sua / e ainda fez tomar ho nauio por dauante / que era ho final a que dō Garcia auia dacodir, que acodio logo em paraós cō muita gente. E Ruy figueira que entẽdeo a ruindade capeou a Gonçalo gomez que estava vendo ho embarço do nauio: e vendo Gonçalo gomez a gente que ya de terra pera ho nauio e ho capear de Ruy figueira, entendeo logo o que era, e mandou tirar ás bombardadas a dom Garcia / o que fez tambem Manuel falcão: e como Manuel lobo ya na diãteira matoulhe hũa bombardada dous remeiros, e a ele quebroulhe hũa perna: o que vendo dō Garcia desesperou dauer o nauio e tornou se, e Ruy figueira seguiu sua via a

pos Gonçalo gomez que partiona fun Sabail.

Capit. lxxij. De como Alvaro de sayavedra tomou hũa galeota aos Portugueses e catiuou muytos dos que yão nela.



quanto isto passa ua estava dom Jorge em grãde aperto, por que sabendo Fernão dela torre e os reys de Tidoze e de Seilolo quão escorcbado dom Garcia ho deixara assi de gẽte como de munições de guerra / determinarão de lha fazer mais apertada que dantes / princípalmente ei rey de Seilolo que trabalhaua quanto podia por ganhar todo ho Borro / que desejava muyto de ser senhor dele, e por lhe os Castelhanos prometerem de lho fazerem auer foy ele da sua parte e os ajudaua: e como trazia ali sempre grossa armada pera esta conquista tolbia levarêlẽ mantimentos a Ternate / tomãdo os nauios que os leuauão, o que era causa de auer grãde fome na fortaleza. E estando a cousa neste estado, chegou a Tidoze hũ nauio de Castelhanos, e por capitão hũ Alvaro de sayavedra que partira da noua espanha por mandado do gouernador dela por capitão mór de tres nauios e socorro dos Castelhanos que estauão em Tidoze e dous desaparecerão no caminho / que segundo se despois soube se perderão: e Alvaro d sayavedra não pos mais na viagem de tres meses por amor das grãdes corrétes

que ho mar faz da noua espanha pe-
ra as ilhas de Maluco / e polos vè-
ros que sam sempre a popa. E estes
nauios mandou ho governador da
noua espanha por grandes conjet-
turas que auia que dali se podia na-
regar pera as ilhas de Maluco. E
quando os Castelhanos virão Al-
uaro de saya vedra, e souberão don-
de ya / e a breue viagem que fizera
ficarão muyto ledos e esforçados
contra os Portugueses, esperão
que da noua espanha lhe iria sempre
socorro / a que os Portugueses nã
podessem resistir e lhes tomarião a
fortaleza / e os mouros seus ami-
gos tambem tinhão grande contê-
tamento coesta noua: e determina-
rão logo el rey de Tidoze e el rey de
Seilolo de irẽ tomar a ilha d' Aou-
tel cujos Sangajes erão da obediẽ-
cia del rey d' Ternate / e muyto ami-
gos dos Portugueses. E sabendo
os Sangajes este apercebinẽto ho
mandarão logo dizer a Cachil da-
roes e a dom Jorge pedindo a am-
bos que os socorressem: e Cachil
daroes apercebeo sua armada em q̃
se embarcou: e dom Jorge mandou
Fernão baldaya na galeota noua q̃
fizera e deulhe trinta e tãtos Por-
tugueses que fossem coele / e man-
doulhe que andasse da ilha de Aou-
tel pera a de Maquitẽ, e que fizesse a
mais crua guerra que podesse aos
inimigos. E sabendo Fernão dela
torre este socorro que ya aos San-
gajes de Aoutel / mãdou logo Al-
uaro d' saya vedra por capitão dou-
tra galeota que fizera noua, e deu-
lhe corẽta Castelhanos. E partido
pa Aoutel topou se cõ Fernão bal-

daya a q̃tro d' Mayo. E como erão
ambos valẽtes canalezros em se vẽ-
do fizeram remar hũ cõtra o outro
desparãdo essa artelharã q̃ leuauã
e de aparelhando as galeotas com
as bõbardadas se aferrarão, e pe-
lejarão hũ bõ pedaço muy brauamẽ-
te sem se poderẽ entrar: e neste tẽpo
foy morto Fernão baldaya cõ ou-
tros oytos. E como os Portugue-
ses ficarão sem capitão / e por esta-
rẽ muytos feridos nã se poderão
mais defender com ho efforço pri-
meyro, pelo q̃ os Castelhanos os
entrarão e os fizeram rãder, e os ca-
tiuarão, e lhes tomarão a galeota /
morrẽdo porẽ cinco deles e feridos
os mais. E tomada a galeota / Al-
uaro de saya vedra a leuou a Fernã
dela torre q̃ estava na cidade de Ti-
doze, e entrou cõ grãde festa / e foy
recebido cõ outra mayor e os Cas-
telhanos e mouros ficarão tãto so-
berbos coesta vitoria q̃ se d' rão por
senhores da fortaleza, õde foy grã-
de tristeza pola tomada da galeota
e catiueiro dos Portugueses, por
q̃ nã ficauão nela mais de cincoẽta.
e Cachil daroes nã quis mais an-
dar em Aoutel auẽdo se por muyto
inuriado de acõtecer a q̃le deastre
aos Portugueses andando ele em
sua cõpanhia: e deixãdo sua arma-
da e Aoutel tornou se pa Ternate.

Capit lxxiiij. De como Gõçalo
gomez d'azenedo chegou a ilha d'
Ternate.



Estando dõ Jorge muy-
ro agastado pola toma-
da desta galeota / e por
lhe nã ficarẽ mais de

cincoenta Portugueses pera defender a fortaleza / e por não ter mantimentos chegou Vicente da Fonseca a oytto de Mayo / e deu-lhe noua do grande socorro q̄ trazia Bôçalo gomez q̄ não tardaria. E cō ho prazer desta noua não sintio dō Jorge não querer ninguê leuar a Malaca os papeis q̄ Vicente da Fonseca leuaua / e logo se espalhou a noua do socorro q̄ vinha aos Portugueses. E os Castelhanos cuydado q̄ sepre auião de vêcer fizeram prestes Alvaro de sayavedra pera ir esperar Bôçalo gomez ao caminho e tomalo com quantos yão coele / e leuou duas galeotas e hū bargantim, e a armada del rey de Tidoze. E ele partido chegou Bôçalo gomez á ilha d̄ Bachão / onde se vio cō el rey e soube de le ho estado em q̄ estava a fortaleza, e deixou coele Manuel falcão, por q̄ como sabia a amizade q̄ auia atrele e dō Jorge quando se partira de Ternate nã ho quis lá leuar ate nã saber como dō Jorge estava coele e soldalos se fosse necessario. E partido dali seguiu sua rota pera Ternate cō toda sua armada / e topou no caminho a dos Castelhanos de q̄ auêdo vista mādou embandeirar a sua em sinal de alegria por q̄ nã cuydassem q̄ os temião: porem Alvaro de sayavedra não ousou de cometer Bôçalo gomez q̄ passou por ele mādando ranger suas trôbetas como q̄ os saluaua / e dali foy surgir no porto de Talangame, e dahi á fortaleza onde foy recebido cō muyta festa: e dō Jorge lhe entregou logo a alcaydaria mór da fortaleza, e a capitania mór do mar por hūa pro

uisam q̄ leuaua do governador da India. E sabêdo Bôçalo gomez ho dāno q̄ dō Jorge tinha recebido da guerra / conselhoulhe q̄ trabalhasse por fazer paz cō Fernão de la torre: e dō Jorge lhe disse q̄ nã aua d̄ fazer senã cō sua hōrra, e ainda por q̄ lhe a ele parecia bẽ fazela q̄ se fora por ele não a ouuera de cometer. E auido seguro pera mādare hū mella geiro a Fernão de la torre lhe mandou dizer por Jorge gotterrez hū caualeiro, q̄ ele semp̄ desejara d̄ter paz cō os castelhanos / assi por serẽ christãos, como por vassallos do ep̄adoz q̄ estava tão liado cō el rey d̄ Portugal por parêtesco e amizade: e q̄ se a teli não falara na paz fora por q̄ não cuydasse q̄ ho fazia por necessidade mas agora q̄ sabia q̄ não era porisso pois lhe era vido tamanho socorro como era notorio / lhe pedia q̄ fizesse paz, e não fosse causa dauere guerra antre Christãos. E deu a Jorge gotterrez estes apontamêtos com que auia de fazer a paz.

¶ Que dō Jorge era cõtete d̄ fazer paz coele e cō os reys de Tidoze e d̄ Beilolo por amor dele: e lhe daria Paulo hū castelhano q̄ fora catiuo do tpo de dō Garcia: e q̄ Fernão de la torre lhe auia d̄ dar todos os portugueses q̄ forão catiuos na galeota e lhe auia de tornar a metade da ilha de Baquiê q̄ tinhão tomada e era da obediencia del rey de Ternate: e lhe auia d̄ jurar q̄ não auia d̄ ajudar os reys de Tidoze e de Beilolo / se quisessem guerra coele. E q̄ os portugueses e castelhanos q̄ se passasse d̄ua parte pa a outra não sendo por casos crimes, q̄ os dessem a seus ca

pitães / e assi os escravos que fugissem: e que Lachil d'aroes e o rey de Bachão não farião mais guerra aos reys de Tidoze e de Seilolo: e quando Fernão de la torre não quisesse a paz coestas condições que lhe fizesse sobrisso hũ requerimento cõ protestaçaõ q̃ ele fosse obrigado a todas as perdas e dãos q̃ recressem daq̃la guerra / assi a el Rey de Portugal como ao Emperador. Leuado este recado de dõ Jorge e a põtamentos das pazes a Fernão de la torre em todos cõcedeo se não na restituçã da metade da ilha de Maquiẽ, dizẽdo q̃ era do Emperador. E respondẽdo ao requerimẽto q̃ lhe fez Jorge goterrez ficou a guerra como dantes.

Capit. lxxiij. De como dom Jorge de meneses e Fernão de la torre mandarão pedir socorro hũ á India e outro á noua espanha.

Mendo dõ Jorge q̃ Fernão de la torre não queria a paz cõ as condições q̃ ele apõtava não a quis: posto q̃ foy cõtra ho parecer dõ Bõçalo gomez e doutros q̃ forão coele / q̃ dizião que deuia daceitar a paz se se dar ametade da ilha de Maquiẽ, mas dom Jorge não quis por q̃ lhe parecia aquilo couardia: e vẽdo q̃ não fazia a paz e que a guerra auia dir em crecimẽto: e entendẽdo em Bõçalo gomez quão pouco ho auia dajudar a ela quis mãdar pedir socorro a Malaca e á India assi de gente como de fazenda pera a feytoria q̃ ja nã auia nãua por se gastar

toda como chegou, e mais pera mãdar por Simão de vera que queria mandar em hũ nauio os autos e estormetos q̃ tirara de dõ Garcia pera ho fazer prender antes q̃ se fosse pera Portugal / e determinou que fosseno nauio cayado q̃ estaua carregado de cravo. E dadas as cartas em q̃ escreuia ao capitão de Malaca e ao governador da India quanto acontecera despois de ser capitão da fortaleza partio se Simão de vera no nauio que digo. E chegado á ilha de Mindanao foy morto com quantos leuaua polos da terra que lhe tomarão ho nauio, ou se perdeu porq̃ nũca mais pareceo / e assi não ouue effeyto o q̃ dõ Jorge queria. E sabẽdo Fernão de la torre como dõ Jorge mandara Simão de vera a pedir socorro a Malaca e á India sobre lho Bõçalo gomez leuar tão bõ creio q̃ queria destruir de todos os Castelhanos, e pera tãbẽ ter gente com q̃ se defendesse / acordou cõ conselho de mãdar pedir socorro aa noua espanha, escreuendo ao governador dela o q̃ passaua, e q̃ alem da gente darimas lhe mãdasse officiaes pera fazer hũa fortaleza de q̃ tinha necessidade grãdissima por não terem q̃ se recolhesse. E coeste recado mãdou Alvaro dõ sayavedra no nauio em q̃ fora / e pera credito da tomada da galeota dos Portugueses leuou algũs dos q̃ forão nela catiuos e forão Fernão romeiro patrão da ribeira, Jacome ribeiro comitre / e hũescriuão publico da fortaleza: e assi outros dous Portugueses q̃ se passarão pera os Castelhanos, e pedirão q̃ os mandasse cõ

Alvaro de saya vedra/hũ auia no-
me Simão de brito patalim / z ou-
tro Sernaldim cordeiro. E parti-
do Alvaro de saya vedra a quator-
ze de Junho pera a noua espanha/
estando surto no porto de hũa ilha
q̄ se chama Hamey ceto z setenta le-
goas de Lidoze, determinou Simã
de brito cõ Fernãoromeiro de quei-
marem ho nauio / porq̄ Alvaro de
saya vedra não fosse pedir ho soco-
ro / z não achando maneyra pera if-
so furtarão ho batel z quatro escra-
uos q̄ ho remassem / z tornarãse to-
dos pera Ternate / z cõ furtarẽ este
batel poserão Alvaro de saya ve-
dra em condição de não ir por diã-
te por nãter batel com q̄ se seruiffe:
z todauia foy / mas achou logo
ho vento por dauante / z por tãtos
dias que lhe pareceo q̄ era ali geral
z por isso se tornou pera Lidoze on-
de foy ter em Nouembro. E Simão
de brito z os outros Portugueses
q̄ fugirão no batel forão dilha em
ilha sofrendo muyto má vida de fo-
me z de trabalho ate que forão ter
antre hũas ilhas onde se deixarão
ficar tres de cansados z os tres se-
guirão auante ate a ilha de Barme-
lim do senhorio del rey de Lidoze /
onde sendo conhecidos por Portu-
gueses forão presos por amor da
guerra que sabião que el rey tinha
coeles a quẽ logo forão mandados:
z conbecẽdo os Fernão dela torre
q̄ yão com Alvaro de saya vedra te-
ue deles má sospeita, pelo q̄ os mã-
dou meter a tozmeto z confessarão
a verdade. E por esta treicã mãdou
Fernão dela torre degolar Simão
de brito z enforçar Fernãoromeiro

z ho outro ficou catiuo. E depois
disto se tornou a falar na paz / mas
não se tomou nhũa concrusam por
Fernão dela torre não querer alar-
gar a metade da ilha de Baquiem:
do q̄ dom Jorge andaua muyto a-
gastado, z mais porq̄ quisera ir des-
truir a cidade de Lidoze / z Gonçalo
gomez nunca ho quis ajudar nem
quis mandar os Portugueses que
forão coele / z dizia q̄ não fora a Ba-
luco se não pera fazer crauo, pelo q̄
todos lhe querião bẽ z não fazião
caso de dõ Jorge se não dele / nẽ dõ
Gorge não ousaua demandar os q̄
forão coele de modo que ficaua sub-
dito de Gonçalo gomez com quem
não ousaua de bolir por não amoti-
nar a gẽte z trabalhaua pola leuar
por bem. E Gonçalo gomez cõ ver-
gonha foy sobre a ilha de Baquie
pera tomar os lugares q̄ forão del
rey de Ternate / z foy coele Lachil-
daroos mas enfadouse logo z tor-
nouse sem fazer nada / nẽ quis ma-
is sair de Ternate se não quando se
foy, z por não ter rezão de ir dar ma-
da alargou a alcaydaria mór z a ca-
pitania mór a dom Jorge z todo seu
feyto era fazer crauo: z dom Jorge
den estes officios a Lionel de lima
que cuydon que ho fizesse melhor q̄
Gonçalo gomez / z mandoulhe pa-
gar dãte mão hũ anno do ordenado /
mas ele ho fez tão mal / z valeolhe
a dõ Jorge que os Castelbanos cõ
medo da gente que sabião que esta-
ua na fortaleza fazião a guerra ma-
is branda, z tinhão muyras vezes
treguas.

Capit. lxxv. De como Bartim afonso de melo iusarte se perdeu na costa de Bengala.



Reuernando Bartim afonso de melo iusarte em Paleacaterompeosena India ho segredo de sua ida a çunda, e algũs amigos dos q̃ leuaua na armada lhes escreverão verdade donde auião dir: e estes de rão a noua a outros / de modo que foy sabido pelos da armada do que se muytos escãdalarão polos enganarem, e hũs fugirão por não irem a çunda / e outros se conjurãrão pera queimarem os nauios da frota tão dãnados estauão / e hũa noyte lhes poserão ho fogo, e se nã fora acodirihe Marti afonso muy afinba e apagar ho fogo cõ muyta diligencia eles forão queimados, e por mais deuassas que tirou pera saber quem ho fizera nunca ho pode saber, mas soube de muytos que estauão pera fugir por não irẽ coele e estes mandou prender, e aos que erão fugidos tomou as fazendas. E passado ho inuerno com muyto trabalho destas amotinações partiose / e porque soube que antre Bẽ gala e Pegu andauão certas fustas de rumes fazendo presas / surgio em hũa ilha chamada Regamele defronte da cidade Darracão a esperar as fustas q̃ auião ali dir ter: e estando surto sobreueolhe tamanho temporal de vëto que não podendo ho nauio sofrer a amarra se lenou e arribou / e os outros capitães tambem arribarão, e não podendo ter coele se apartarão de sua

conserua / e depois de cessar a tormenta se achou só / e determinou de tornar á ilha donde se aleuantara pera ver se achaua hi os outros capitães: e nauegãdo per antre hũas ilhas deu ho nauio em hũ baixo onde ficou / e porque a gente não pelesasse sobre tomar a barquinha do nauio pera se saluarẽ hũs e outros não, mandou a hũ fidalgo chamado Andre de souza que se metesse nela / e não consentisse que ninguem entrasse dentro / e pera se saluar a gente toda mandou muyto depressa fazer jangadas dalgũs paos das obras mortas do nauio e darcas / esforçando a gente que todos se saluarião. E estando nesta occupação seria a mea noyte quando ho nauio adernou / e tãbou se todo pera hũa parte, quelhe não ficauão descubertos mais que os castelos. E como isto foy supito e de noyte ouuerãse de perder quantos estauão dentro mas acolherãse aos castelos e ali ficarão / e as jangadas que estauão começadas se perderão, e eles ficarão molhados e quasi despídos pera se deitarem ao mar cuydãdo que não tinhão outra saluação: o q̃ vëdo Bartim afonso os detene e chamado Andre de souza que chegasse á popa do nauio se meteo na barquinha levando diante a Thome pirez que era ho senhorio dele / e depois se meterão outros que Bartim afonso chamou por seus nomes, e não ficarão mais que seys Portugueses e os escrãuos / que pediãdo chorando que os tomassem / e era piedade ouuilos: mas por ser de noyte e Bartim afonso temer que se ço-

çobrasse a barquinha com ho peso da gente não os quis tomar / prometendolhes com juramento de tornar por eles tanto que possesse os outros em terra / que por não caberem e temer que çoçobrassem os não tomava / e eles disserão que assi ho esperauão nele. E Bartim afonso, se foy caminho da terra que seria donde estava ho nauio como de Lisboa a Almada, onde chegou sendo ainda de noyte / e ho rolo do mar era tamanho e tão brauo que fazia muy grande escarceo, e por isso não ousou Bartim afonso de se chegar a terra, e mandou fora dous marinheiros pera verem se era praya ou penedia / e estes não tornarão mais / e parecêdo a Bartim afonso q se afogarião não quis que laylle mais ninguem, e tornou ao nauio pelos Portugueses que lá ficauão por ver que caberião na barquinha, e não quis tomar nhũ escrauo porque não çoçobrasse. E tomados os Portugueses tornou se a terra onde deitara os marinheiros, e não os achando nem final deles teneos por perdidos. E com quanto este desastre era tamanho / e estauão em muyto grande perigo assi no mar como na terra q não sabião / não faleceo a Bartim afonso esforço: e mostrando grande coraçãolhes disse. Em tamanha desauentura como he perder a fazenda, e a vida ficar em tamanho risco como parece que está a nossa a principal cousa que nos ha de consolar, ha de ser termos por certo q ho merecemos por nossos pecca-

dos / porque muyto menos se sente ho mal que vem a homem por sua culpa que a quele q padece sem ella, e que este que nos sobreueo não he tanto como merecemos a nosso senhor: que como pay piadoso vlando de sua misericordia infinita nos deu este leue castigo / porque se bo dera conforme a nossas culpas onde se perdeu ho nauio acabarão nossas vidas, e por não perdermos as almas que lhe tanto custarão deuemos de crer que nos deixou coelas / e mais que assi como nos liurou de tamanho perigo nos ha dacabar de liurar de todo ate nos poer em saluo, por isso meus companheiros vos peço muyto que creais isto como ho eu creio, e que esperéis em nosso senhor como eu espero que nos ha de leuar a saluamento / e que esta esperança vos efforçe pera não sintirdes trabalho, fome, sede e outras fadigas que auemos de passar ate termos remedio com que tornemos aa India / e que vamos agora ao longo da costa pera ver se achamos os nossos nauios ou algũs deles em que nos embarquemos / e quando não iremos ate Arracão / cujo senhor he amigo dos Portugueses e dali nos iremos aa India. O que pareceo bem a todos, e se mostrão muyto efforçados pera ho seguirem.

Capitolo. lxxvi. Dos grandes perigos e trabalhos que passarão Bartim Afonso e os outros ate chegarem a Arracão.



Sem leuarem nhũa cousa que comer mais que hum pouco de bizcoito, e sem agoa nauegarão dous dias ao logo de terra sem comer nhũa cousa, porque por amor da agoa que não têm não ousarão de prouar ho bizcoito / nem ousa ua Martim afonso de mandar a terra buscar agoa porque não via sinal de a uer nem ya na companhia quem soubesse a terra pera a buscar / e mais não vião nhũa pouação. E indo assi nesta afronta tamanha virão hũa aldeia / com que todos forão muyto ledos parecendo lhes que ali terião remedio da goa, e Martim afonso mandou deitar em terra hum fidalgo chamado Francisco da cunha que agora mora no Algarue / e a hum fialho da cunha / pera que soubessem dos moradores daquela aldeia se lhe darião agoa / e quão longe estava do mar. E como Francisco da cunha e ho fialho chegarão a aldeia a untarãse bem cozena homens e tomando os antre si os levarão por força mais pera ho sertão e os prenderão / e os que ficaram na barquinha bem os virão levar mas não conbecerão como os leuauão, e cuydarão que lhes yão mostrar algũa agoa. E estando esperando por eles sobreueo hũ vento por dauante com que ho mar se começou de encarapelar: e receando os Portugueses algũa tormenta / e tambem enfadados da má vida tomarão õu, i achaque pera di-

zerem a Martim afonso que dessem barcassem ali / o que lhe não pareceo bem ao menos ate não tornarem Francisco da cunha e ho fialho / nem lhe parecia bem desembarcarem / porque como os da terra os vissem desarmados terião coraçõo pera os matarem por amor de os roubarem / e que farião isto sem receo, porque como não nauegauão não têm que perder, e que auendo de desembarcar melhor seria em Arraçõo como tinha dito / porque ho senhor dela como nauegaua e tinha que perder não lhes auia de fazer nhũ mal com temor das nossas armadas, e por isso seria melhor irẽ lá. E Martim afonso não dizia isto senão pera ver se topaua algũs dos seus nauios que tão mal lhe parecia desembarcar em hum cabo como no outro. Mas como isto não parecia assi a todos / disserão muytos que deuião de desembarcar ali porque não leuauão mantimentos / e auia dous dias que não comião, e yão sessenta e quatro pessoas cõ que a barquinha ya metida no fundo / e que se alargaria com qualquer marulho / por isso que ho mais seguro era desembarcar ali. E nisto apertarão tanto que Martim afonso disse que desembarcassem, e porem que ho fazia muyto contra sua vontade e que não era capitão, nem era nada / que se ho fora não desembarcara / e que não podia ser que de cinco nauios que se dele apartarão não achassem algum em que se sal-

uassem por escusarem de star á coz-
tesia dos mouros / e que entre tã
to bein se poderião foster na bar-
quinha / e quando a tormenta fos
se tamanha então desembarcarião.
E ouuindo isto Andre de souza /
Gonçalo vaz de melo / Runo fer-
nãdez freyre e outros dous todos
grandes amigos de Martim a fon-
so disserão / que ele era seu capitão
e ho auia de ser / e que se posesse
aquilo em conselho, e saberião se
era pera fazer ou não. E posto fez
se o que Martim afonso dizia: e
passando grande espaço que Fran-
cisco da cunha e ho fialho não tor-
nauão disse que ali verião todos
que gente era aquela / e quão bom
seria desembarcarem. E sem mais
esperar se partio / porque como não
tinha armas não ouso de sair a
saber o que lhes acontecera / e estes
fugirão despois e forãse aa India.
E indo Martim afonso ao longo
de terra com ho mar bonança vi-
rão hum ribeiro que se metia no
mar, com que derão muytas gra-
ças a nosso senhor, e por q̄ ali não
parecia pouoação segurouse Mar-
tim afonso e mandou a Diogo pi-
rez deça / e Runo fernandez frey-
re / e a outros dous que fossem en-
cher dagoa hũa jarra martabana
que leuaria dous almudes. E está-
do tomando agoa acertarão dous
homens da terra de chegar ao ri-
beiro com hũa panela darroz co-
zido que ainda leuauão quente / e
Runo fernandez lho comprou e le-
uou a com a agoa a Martim a fon-
so: e querendo ele partir ho arroz

por todos lhe pedirão que ho co-
messe soo, porque pera todos não
era nada e pera ele soo seria algũa
couza / e não quis se não partilo
e a cada hum coube hum bocado.
E porque na agoa era necessaria
grande prouisam se fartarão ali de
la / e leuarão a jarra chea / e por
lhes durar molhaua Martim a-
fonso a ponta dum lenço nagoa e
dauao a chupar a cada pessoa cer-
tas vezes no dia / e ho outro tem-
po tnhão na boca hum pelouro
despingarda pera não auerem se-
de / e comião algũs bocados de
biscoito pera se fosterem. E coesta
adieta tão trabalhosa nauegarão
cinco dias fostendo os nosso senhor
milagrosamente / e no cabo deles
chegarão aa barra Barracão.

**Capítulo. lxxvij. De como Mar-
tim afonso foy leuado com os
outros per hũs pescadores aa
cidade de çuquiria.**



Como a Mar-
tim afonso lhe pe-
sasse muyto de se
entregar aos mou-
ros / porque sabia
quão desleais e
falsos sam traba-
lhaua por bulcar todos os modos
que podia pera não se entregar. E
porque sentia nos mais dos Por-
tugueses enfadamento de tanta má
vida nã ouso de lhe dizer o q̄ temia
dos mouros por q̄ não cuydassem q̄
ele não queria desembarcar se não
trazelos na barquinha, e q̄ deslepe-

rados fizessem algum delatino / e por isso dissimulou coeles / dizendo lhes que antes que se fossem pera Arracão fossem ver a hūs ilheos que ali estauão perto se por ventura estarião hi algũs dos seus nauios / e quãdo não algũ fato se fossem perdidos / que bo mar ali lançasse / e depois se irião pera Arracão. E consentindo que fossem mandou remar pera lá / e começãdo da traueisar acalmou bo vento e bo mar ficou cauado / e era tão vanzeiro que metia a barquinha no fundo com a agoa que lhe entraua que vazauão com hum capacete e com hũa bacinica que leuauão / e aqui se virão de todo perdidos pelo que chamarão muyto deuotamête por sam Lourenço a quem prometerão suas esmolas / e nosso senhor por rogos do bem aueturado martir os liurou deste perigo / a cuja honrra depois mandou Martin afonso fazer hũa irmida em hũa sua quinta no termo Dobidos : e liures do mar chegarão ao ilheo / em cuja praya logo em desembarcãdo acharão dous sacos de bizcoito todo molhado e hũa arca de pao / e dentro algũs guingões de que depois fizeram arrombadas á barquinha. E nisto conhecerão que algum nauio dos que buscãuão era perdido / e virão que bo ilheo era quasi tudo praya pequeno e redondo e no meyo dele debaixo de hũas aruores altas estaua hum charco dagoa nadiuel em q andauão peixes / mas a agoa cheiraua mal e amargaua / e por ali auia hũas faueiras como

as nossas com fauas / hũas verdes e outras secas. Os Portugueses em as vendo arremessarãse a elas com a fome que leuauão comendo muytas : e parece que por terem esta propriedade os mais dos que as comião começarão logo darreuessar / e sair tudo juntamente como se comerão algũa peçonha e cayão no chão muyto fracos e desfacordados / pelo que os outros cessarão de as comer / e Martin afonso acodio muy triste cuydãdo que aquilo fosse peçonha e fez agasalhar os doentes ainda q não auia outras camas se não a area / e assi andou ate que anoyteceo / e quis lhe nosso senhor bem que fazia lũar pera os alomear. E andãdo passeando Munõ fernandez freyre e Frãçisco mendez ao longo do mar por não poderem dormir com bo cuydado do perigo em que se vião virão sair dagoa hũa tartaruga / e indo apos ela ate onde tinha perto de duzentos ouos tomarãna coeles e leuarãna a Martin afonso que a mandou logo fazer em pedaços pera comerem e fizeram muytos por ser mayor que hũa grande rodela / e as gemas dos ouos deitou em hũa bacinica e coalhados ao fogo os deu por sua mão aos doentes com que os efforçou / e assi comerão todos da tartaruga assada e do bizcoito e almeirões cozidos q auia ali muytos e cozãnos em agoa em hum capacete que ainda que era ferrugêto e os almeirões sabião a ferrugem sabião bẽcom a fome. E ao ou

tro dia tomarão outra tartaruga a que acharão mais de duzentos ovos / e coeste refresco sararão os doentes e esforçarão os sãos algum tanto em tres dias que ali estiverão. E vendo Martim afonso a gente contête, rogou lhes que não fossem a Arração, porque tinha grande duvida no senhor da quella cidade por royndades que sabia que fizera a Portugueses que ali forão mais prosperos do que eles yão, mas que fossem a Chetigão outra cidade del rey de Bengala que hũ Portugues dos da companhia que ja fora nela lhe dizia que era perto, e que ali os agasalharião bem por amor que nauegavão / e tinham necessidade da amizade dos Portugueses / e todos disserão que fossem. E atravesando a costa / chegarão a hũa praya onde virão muytos palmitos / e vendo Martim afonso a terra despouada desembarcou ali com todos / e mandou tirar a barquinha em terra / e com pedaços das tartarugas que ainda leuava e algũs ovos, e cõ ho biscoito ajudarão os palmitos e refrescarão, e com boa agoa que acharão deixarã se estar tres dias, e õ noyte dormião dous marinheiros na barquinha / e de quando em quando se levantava Martim afonso e a vigiava: e isto fez porque algũs Portugueses lha não podessem furtar como determinarão para fugirem nela e deixarẽ os outros. E na derradeyra noyte indo a Martim afonso visitar achou duas almadias pegadas cõ terra / e cuydando que a querião tomar bradou aos Portugueses que acodis-

sem. E sentindo hũs pescadores da terra que estauão nas almadias que acodião / afastarãse de terra e falarão / e Martim afonso lhes mandou perguntar por hũ Portugues que ja esteuera em Bengala e sabia a lingua quanto era dali a Chetigão / e dizêdo que perto concertou coeles que os leuassem lá por dez pardaos que lhes derão / e os pescadores mentião / e a cidade que dizião não era Chetigão se não outra chamada Luqueriã de que era senhor hũ mancebo mouro chamado Codauaz e por dinidade cão, e ficava ho nome todo Codauazcão, e era vassallo del rey de Bengala. E tomãdo os pescadores a barquinha õ toa tirarão a força õ remo qnto mais poderão e em amanhecendo achouse Martim afonso dentro em hũ rio / que ho Portugues que esteuera em Bengala disse que não era aquele ho rio de Chetigão / por em que bem podia sair por ali ao mar, porque sabia que aquele rio cercava aquella terra como ilha, e forão por aquele rio ate que anoyteceo: e nisto saltarão os pescadores supitamente em terra, dizêdo que yão levar recado ao lascar de Chetigão como estauã ali: e dizêdo lhe ho Portugues que porque metião se a quele não era ho rio de Chetigão / disserão que si era / e forãse. E Martim afonso disse que esperassem ate verem que recado leuãdo os pescadores, mas eles não tornarão mais / por em forão dizer a Codauazcão que estauão ali tãtos Portugueses que andauão perdidos / e que não leuãdo armas. E ele folgou muyto cõ aq̃las novas

porque os tinha por valentes ho-
mês e sabedores na guerra / e fol-
gou coeles pera bo ajudarem em
bũa que tinha com bũ seu vezinho,
porque esperaua de bo vêcer cõ sua
ajuda, e porque era noyte não quis
que deisembarcassem, e mãdoulhes
dizer per bũ homem que sabia a lin-
goa Portuguesa que não se agastaf
sem porque ele era grãde amigo del
Rey de Portugal / e assi lho disse
ho homem em voz alta sem ho verẽ
por amor do grande escuro que fa-
zia. E ouuindo Martim afonso es-
tas palauras em Portugues e em
lugar onde tão pouco esperauão ou-
uir falar sua lingua nem palauras
tão fauorauẽs a eles ficarão muy-
to consolados, e esperarão bõ reme-
dio pera a saluação das vidas, pelo
que derão muytos lououres a nos-
so senhor.

Capit. lxxviii. De como Marti
afonso e os outros ficarão e po-
der de Codauazção.



Codauazção que esta-
na muyto aluoraza-
do pera auer os Por-
tugueses / levantouse
como foy manhaã e
caualgou acompanhado de muyta
gente de guerra que tinha junta / e
ido coele todos a pé se foy a ribeira
leuando diante seus instrumẽtos de
guerra que yão tocando por festa /
mas os Portugueses não lhes pa-
receo assi: e quando virão tanta gê-
te daquela maneyra cuydarão que

os yão prender / e disserão que não
era siso esperar mais, que se fossem /
porque ho recado que lhes derão
de noyte da parte do goazil foy pe-
ra os deterem que não fugissem / e
a Martim afonso lhe pareceo bem
e foyse pelo rio abaixopera ir sair
ao mar: a gête de Codauazção quã-
do os virão fugir lançarão a pos-
eles ao longo do rio apelidando a
terra, e tirãdolhes muytas frecha-
das e pedradas / e da outra banda
do rio acodião trabalhadores / e
suas molheres e filhos: e todos cõ
tamanha furia que parecia que os
querião meter no fũdo, e valeolhes
que indo assi deu a barca em seco / o
que vendo Martim afonso leuan-
tou bũ lenço em sinal de paz porque
os não matassem e bradou a gente
que estuesse queda: e ela ho fez assi /
e porque a barca estaua bũ pouco a-
fastada foy necessario desembarcar
Martim afonso e os outros a nado:
e ele foy logo falar a Codauazção
que quando ho vio lhe fez muyto
galhado / e disselhe que não se a-
gastasse polo desastre que lhe acon-
tecera, e que fizesse cõta que estaua
em Portugal, porqẽ ele e os outros
Portugueses assi auião de ser tra-
tados como lá / e que ele os deixa-
ria ir pera a India dentro na mou-
ção / ou os mandaria quando não
teuesse embarcação por isso que des-
cansasse: o que lhe Martim afonso
agardeceo muyto, e ele ho mandou
apouentar com todos os outros
em bũas grandes casas / e lhes mã-
dou dar todo ho necessario, e pa-
nos pera vestidos dalgũs que dis-
so tinhão necessidade. E logo

ao outro dia chegarão aa barra del-
ta cidade Duarte mendez de vascō,
celos capitão de hũa galeota e Joã
coelho capitão dũ barganti ambos
da conserua de Bartim Afonso q̃
andauão em sua busca, e na barra
souberão dos mesmos pescadores
q̃ ali leuaraõ os Portugueses co-
mo estauão na cidade. E os capitã-
es mãdarão dizer a Bartim afonso
como estauão ali, q̃ determinasse o
q̃ queria: e ele pediu licẽça a Coda-
uazcãõ pera se ir lãbrando lhe o que
lhe tinha prometido. E ele lhe disse
q̃ era verdade, mas q̃ não lhe podia
logo dar licẽça, e cõtoulhe a causa
porq̃ q̃ era a guerra q̃ tinha, q̃ espe-
raua da cabarcõ sua ajuda dẽtrona
mouçãõ, e entãõ lhe daria licẽça,
e q̃ mãdasse dizer aos capitães que
estauão na barra q̃ ho esperassem, e
entre tanto lhes darião os manti-
mẽtos de q̃ teuessem necessidade, e
Bartim afonso ho fez assi.

Capit. lxxix. De como Bartim
afonso foy liure do catiueiro em
que estaua.



Como Codauazcãõ
tinha sua gente pres-
tes pera ir sobre seu
inimigo, partio se logo
leuãdo Bartim afonso
coõigo, q̃ y a a caualo e os outros
Portugueses a pé, e todos leua-
uão armas q̃ lhes Codauazcãõ de-
ra, e forão cõ muyto trabalho por
ho caminho ser muyto roym e fra-
goso. E a gente de Codauazcãõ se
espantaua de como ho podião atu-
rar não sendo costumados a andar

por aquela terra, e tñhãõ os pera
muyto, e assi forão por suas jorna-
das ate chegarem aa cidade do im-
migo de Codauazcãõ que tinha dei-
tado fama que leuaua cem Portu-
gueses com espingardas a fora ho
grande poder de gente da terra, e
assi alifantes, pelo que seu inimigo
não ousou dẽ ho esperar e fugio dei-
xando a cidade despejada, e por isso
a tomou Codauazcãõ sem nũa re-
sistẽcia: e dali foy seguido seu inimigo
ate ho deitar fora da terra que nũca
ousou de lhe dar batalha com me-
do dos Portugueses que da gente
da terra não fazia conta ainda que
fora mais da que era: assi que ho me-
do dos Portugueses fez fugir ho
inimigo de Codauazcãõ que fican-
do senhor de toda a terra de seu im-
migo se tornou pa a cidade de Soré
onde staua sua mãy e dous seus ir-
mãos, e ho galardão que deu a
Bartim afonso e aos outros pola
ajuda que lhe derão, foy negar lhes
a licẽça que lhes tinha cõcedida e
pedir lhes resgate polos deixar ir,
o que lhes não derão polo não terẽ.
E quando Bartim afonso vio a pou-
ca verdade de Codauazcãõ, deter-
minou de fugir dando parte disso a
algũs dos q̃ estauão coele. E cõcer-
tado com os capitães que estauão
na barra, que pera hũ dia certo lhe
mandassem as almadias pos em o-
bra sua fugida hũa noyte despois
que sintio que os da cidade erãõ re-
colbidos, e mandou diante os ma-
is dos que estauão coele com quem
foy hũ portugues q̃ cõ hũ Dannel
dẽ caceres leuaua os recados dẽ Bar-
tim afonso aos capitães e sabia a terra

e o destauão as almadias q̄ era dali
 a q̄tro legoas: e partidos estes foise
 Martin afonso apos eles, indo coe
 le Manuel de caceres: e isto seria as
 onze horas da noite: e como ho ca-
 minho era muyto roym e cõpido/
 começãõ de cansar e algũs ficarã
 e estes querẽdo despois ir a pos os
 outros não sabẽdo a terra se perde-
 rãõ: e vẽdõse perdidos tomarã por
 remedio tornarẽse á cidade õde che-
 garãõ antes d'amanhecer / e deita-
 rãẽ em suas camas a dormir, e au-
 trestes foy Diogo pirez deça. Mar-
 tim afonso e os outros seguirãõ a-
 uante, e com ho roym caminho e cõ
 irem de vagar / e partirem tarde da
 cidade amanheceolhes antes q̄ che-
 gassem aas almadias, e por nã serẽ
 descubertos embrenharãse. E tan-
 to q̄ amanheceo soube logo Coda-
 uazcãõ q̄ Martin afonso e os ou-
 tros Portugueses erãõ fugidos/
 do que lhe pesou muyto / e mãdou
 chamar Diogo pirez deça e os que
 estauãõ coele / e preguntoulhes que
 como fugira Martin afonso e os
 outros e eles ficarãõ / disse que não
 sabia porque Martin afonso lhe
 não dera conta de nada / e q̄ acordã-
 do õ noyte ho acharã menos e aos
 outros. Codauazcãõ ho creio / e mã-
 dou logo hũ capitãõ cõ quatro cẽ-
 tos homẽs dar mas e busca de Mar-
 tim afonso e dos outros e q̄ traba-
 lhasse muyto polos achar: e ele os
 achou, e eã gẽte os vẽdo começãõ
 darremessar sobzeles pedradas / e
 frechadas sem conto: e os Portu-
 gueses se quizerãõ defender, e Mar-
 tim afonso não quis / dizẽdo q̄ não
 era tẽpo. porq̄ se ho fora ele começa-

ra primeyro, e q̄ quanto se mais de-
 fendessem tãto mais aluozãriãõ
 a terra / e se ajuntaria mais gente e
 os matariãõ mais asinha, e por isso
 era melhor entregarẽse sem escãda-
 lo. E bradãdo aa gẽte q̄ não tirasse
 foise parela, e disse ao capitãõ q̄ os
 Portugueses erãõ tãõ obedientes
 a quem tinhãõ por capitãõ q̄ fazião
 quãto lhes mandaua, e porq̄ ele mã
 dara aq̄les q̄ ali vinhãõ q̄ fugissem
 que por isso fugirãõ: e se se auia de
 dar algũa pena por aq̄la culpa que
 fosse a ele somente porq̄ ele a tinha.
 Ho capitãõ lhe disse q̄ não era cul-
 pado e fugir, e q̄ pelara disso a Co-
 dauazcãõ / porq̄ folgaua coele e cõ
 os outros Portugueses / q̄ se fosse
 pera a cidade e q̄ lhe faria merce / e
 assi forã. E primeiro q̄ dali abalassẽ
 bũs Bramenes dos gẽtios pedirã
 ao capitãõ q̄ lhes mandasse dar hũ
 daq̄les Portugueses pera sacrifi-
 carẽ aos seus pagodes a quẽ roga-
 rãõ q̄ lhe deparasse aq̄les portu-
 gueses, e pois lhos deparara q̄ lhes des-
 se hũ pera lhes fazerẽ festa: e ele lhes
 deu a hũ Bõçalo vaz de melo, a que
 queria mal porq̄ quando forãõ aa
 guerra lhe chamara cãõ perro, e ele
 não se vingou cõ medo / e vingouse
 ali porque vio a sua. E ali foy logo
 degolado, sem Martin afonso nẽ
 nhũ dos outros oufarẽ de falar por
 não poderẽ mais. E leuado Marti-
 afonso a Codauazcãõ, ele se lhe quei-
 rou porq̄ lhe fugia dãdolhe tã boa
 vida, e tornouho a sua graça como
 dantes / e fazilhe merce e hõrra e
 porẽ não ho quis deixar ir nẽ a nhũ
 dos outros, pelo q̄ Martin afon-
 so escreveu tudo o que passaua aos

capitães que ho estauão esperando na barra/ escreuendolhes que se fossem/ e escreueo hũa carta pera ho governador em que lhe daua relação de sua desauentura/ pedindolhe que ho mandasse resgatar/ e os capitães se partirão e derão esta carta a Lopo vaz de sam Payo q̄ ainda governaua a Índia/ q̄ rogou a hũ mouro Dornuz chamado Cozebadim que ya a Bengala/ que resgatasse Martim afonso/ e os que a achasse viuos, e ele os resgatou por tres mil cruzados que deu a Cochuação/ e os mandou á Índia em hũa fusta sua governando humo da cunha/ logo no primeyro anno de sua governança.

Capit. lxxx. De como Simão de souza galuão com tormenta foy ter a Dacem.



Dartidos Pero de faria e Simão de souza de Cochim pera Malaca como entrarão no golfão da ilha de Ceilão pera a deçaimatra/ por ser sempre perigoso ainda que seia na moução e porque a gale era rasteira mādou Simão de souza abater quanta artelbaria leuaua assi grossa como miuda: e q̄si no cabo do golfão lhe sobreueo hũa braua tormenta com que se apartarão/ e Pero de faria foy ter a Malaca õde foy entregue da capitania da fortaleza por Jorge cabral que a seruia/ e Simão de souza com ho mesmo temporal foy ter á ilha de çamatra á barra õ Dacem quasi perdido/ e cõ a artelba

ria toda abatida e a gente enjoada e cansada. E sabendo ele polos da terra õdestaua/ quiserase logo ir se ho deixara ho tẽpo por saber camanho inimigo dos Portugueses era el rey Dacẽ/ mas ho tẽpo não lhe daua lugar. El rey sabẽdo da gale q̄ estaua na barra mādou pregutar q̄ gente era e pera õde ya, e sabendo q̄ erão Portugueses q̄ yão pa Malaca/ determinou de os tomar, e pera saber quantos erão/ e como yão apercebidos mādou visitar Simão de souza cõ muyto refresco/ dizẽdo q̄ folgaua muyto de ir ali ter pera fazer amizade cõ os Portugueses cõ que a desejava de ter auia dias/ ro-gãdolhe q̄ entrasse pera dẽtro q̄ lá estaria mais seguro e seria melhor prouido, e se quisesse q̄ ho mādaria rebocar per algũas lâcharas. E q̄ Simão de souza lhe agar de ceo, dizẽdo q̄ não ya pera dentro por se deter menos/ porq̄ na hora q̄ ho tempo desse lugar se auia õ partir. E receãdo el rey q̄ ho fizesse assi/ mādou fazer aquela noyte prestes mil homes dar mas q̄ se embarcarão em vinte lâcharas pera irẽ tomar Simão de souza q̄ polo seu q̄ lhe leuou o refresco soube a gẽte q̄ tinha, e q̄ não leuaua artelbaria pera se defender: e como foy manhaã os despedio, mādãdo ao capitão delas q̄ por força lhe leuasse Simão de souza quando não quisesse por sua võtade, e por dissimular mādoulhe diãte hũ recaado em hũm calaluz: que pois ali estaua que entrasse pera dentro porque lá estaria mais seguro/ e que mandaua algũas lancharas pera que ho rebocassem. E este recado lhe deu

do calaluz hũ mouro que não quis entrar na galé. E dandolhe Simão de souza a reposta yãose as lancharas chegando: e quando Simão de souza vio a muyta gente que ya nelas conbeceo ho engano, e disse ao mouro quelbes disse q se fossem quelbes não queria dar trabalho / e ele não se queria ir, pelo que Simão de souza pediu suas armas / e os outros tambem se armarão: e hũ fidalgo q se chamaua Manuel de souza pos ho fogo a hũ falcão e tirou ao calaluz pera que se fosse. Ho capitão das lancharas vendo que era descuberta sua treição mandou que a ferrassem a galé: e tangendo os mouros seus instrumetos de guerra / e dando grandes gritas remeterão á galé tirandolhe muytas bombardadas e espingardadas de que ferirão algũs Portugueses, e duas ou tres lancharas aferrarão a galé por popa, e saltarão muytos mouros dentro sem lho os Portugueses poderẽ defender: e a peleja se começou muyto braua / que com quanto os Portugueses erão poucos, e os mouros muytos pelejarã tam esforçadamete que matarão e ferirão muytos dos que entrarão e os outros fizeram tornar a suas lancharas, pelo que os das outras não oufarão mais dêtrar: e porem combatião os Portugueses brauissimamente com espingardadas, frechadas / zagüchadas e pedradas: e com tudo fazião mortal dãno por que como as lancharas erão alterofas e a galé rasteira ficauão muyto senhores dos Portugueses e tratauão os muy mal / porẽ não tanto

que não recebessem dobrado mal / mas como erão as noue partes mais que os Portugueses não selbes enxergaua tanto como neles q erão poucos. E desta maneyra durou a peleja ate as dez horas, em que Simão de souza e os outros se defenderão com efforço tão sobrenatural q auendo os mouros por impossivel vencerẽos e espantados de tal valentia domẽs / e dos muytos q da sua parte erão mortos e feridos se retirarão ficando corenta Portugueses mortos e feridos / e tornaráse pera a cidade.

Capit. lxxxj. De como Simão de souza galuão foy morto na barra de Dachein cõ quãtos yão coele.



Sabêdo el rey como a sua gente não leuaua a gale / ouue disso muyto grãde menencoria / e mandou logo ir diante de si os capitães e preguntoulhes como não leuauão a gale, e eles lho contarão fazendolhe grande espãto da valentia dos Portugueses: do q el rey se agastou muyto mais do q estaua, e caualgãdo em hũ alifante mandou chamar ho seu capitão geral com a gête de guerra que tinha a cargo, e mandoulhes que lhe fossem por a gale de Simão de souza / jurãdolhes por Dafamede que os que tornassem sem ela q os auia de mandar matar com a mão daquele alifante, e logo os mandou embarcar em cincoenta lancharas / o que fizeram com bê mã vôtade por auer

rê grãde medo aos Portugueses pela valêtia q̄ neles virão na peleja passada. Ho capitão mór dos mouros depois q̄ chegou á gale fez q̄ nã ya pa pelejar / z leuãtãdo hũa bãdeira d' paz disse q̄ queria falar a Simão de souza q̄ chegou a bordo a saber o q̄ queria. Ele lhe disse da parte del rey q̄ estava muyto agastado, porq̄ sendo tamanho amigo dos Portugueses z desejãdo de lhe fazer hõrra z gafalhado receberã de seus vassallos tamanha offêsa como lhes fora feyta, z q̄ logo mãdara prêder todos aq̄ies q̄ lha fizerão / z pera ver bo castigo q̄ lhes daua / lherogaua muyto q̄ entrasse pera dêtro / z q̄ ficaria louuado. Os q̄ ouuido polos q̄ estauão cõ Simão d' souza, muytos começaram de dizer q̄ se êtregassem porq̄ ja não podião pelejar: o q̄ ouuido Simão de souza ouue medo que se amotinasse a gente / z por isso lhes quis falar / z disse ao capitão dos mouros q̄ aueria conselho com sua gente, z se eles quisessem ir pera dêtro. E como bo capitão receaua muyto a peleja com os Portugueses foy contente de Simão de souza auer bo conselho que dizia pera ver se podia escusar a peleja z afastouse. E Simão de souza pregũtou á gête da galé que dizia, z muytos lhe disserão que faria bem de fazer o que el rey de Dachê queria pois por força bo auião de fazer por não serẽ poderosos pera se defêder posto q̄ todos os q̄ ali chegarão forão viuos z sãos q̄nto mais sendo a mayor parte mortos z feridos: z poderia ser que vêdo el rey q̄ se punhão em seu poder q̄ lhes goardaria sua palaura z

faria o que dizia / z q̄ se tiraria da lãgũ mao pensamêto se bo tinha, o q̄ mais asinha poeria em obra vêdo q̄ não se fiaua dele. Ao que Simão de souza respõdeo, q̄ claro estava q̄ quẽ era tão mortal inimigo dos Portugueses como el rey Dachê que se os acolbesse q̄ os auia de matar d' muy cruas mortes: z pois auião de morrer sem as vingar, q̄ melhor morrerião vingãdo as / z farião o q̄ deuã a Chriãtos z a caualeryros / z entre tãto q̄ fazião o q̄ deuãdo lhes daria nosso senhor maneyra pera se salvarẽ: z quando não podessem salvar as vidas q̄ lhes saluaria as almas por sua misericordia pois morrião por seu seruiço. E animados todos coestas palauras / disserão q̄ fizesse o q̄ lhe bem parecesse / z q̄ eles bo seguerião: o q̄ lhes agardeceo muyto, z disse ao capitão dos mouros que não auia d'êtrar pera dêtro q̄ se podia ir ebõra: z ele por estar ameaçado del rey nã ousou dese ir, z mãdou aos seus q̄ cometessem a galé z trabalhasssem muyto porq̄ tomassẽ os Portugueses viuos, q̄ assi lho enco mẽdara el rey / z q̄ lhes lêbrasse como os ameaçara se fossẽ sem a galé / por isso q̄ fizesssem por salvar as vidas. Os mouros remeterão á gale cõ tamanhos alaridos q̄ eles somente abastarão pa desatinar os Portugueses / q̄nto mais tãtas nuuẽs defrechbas q̄ tolhião a claridade do sol: tãta soma despigardadas q̄ escurecião bo ár / pedradas, zagũchadas, azagayadas z outros arremessos tão espesos q̄ parecião hũa grossa chuua. E nesta reuolta se chegarã tãto certas lâcharas á galé q̄ sal

tarão algũs mouros d'entro / q logo forão somidos pelos Portugueies q cada hũ pelejava por vinte, e não descanfauão momêto e fizerão afastar as lancharas dos mouros / que como erão muytos se ebaraçauão hũs com os outros porque todos querião ser os dianteiros que pelejassem, e cõ a fadiga q nisto tinhão podião os Portugueies aprouetar-se deles / assi cõ os tiros miudos como cõ as espingardas e outras armas offensiuas com que derribauão hũs sem pernas, outros partidos em pedaços. Era cousa espantosa de ver como os Portugueies se podião defender de tanta multidão de mouros / quanto mais offêdelos com tamanha destruição. E por em eles não estauão sem ela que erão algũs mortos e os outros q si todos feridos / e os mortos q ho não sabião mas cuydãdo q estauão em todas suas forças por passar de tres horas que duraua a peleja / e q nem somêto os poderão nũca abalaroar / começarão de se alargar da peleja ainda que os capitães lhes lembrauão ho ameaço q lhes el rey fizera, pelo que lhes não daua espantados de tã braua defensão domês. E vêdo hũ mouro q andaua na galé de por força / como os mouros se afastauã lâcouse a nado por ningué atêtar nele, e foy dizer aos mouros que nã se fossem, porq os portugueies erão mortos os mais deles, e os outros tão feridos e cansados q nã se podião defender, e se os cõbatesse mais hũ pouco q lhes tomariã a galé / e ho capitão mãdou este mouro a el rey per a quelhe disse aquilo, e

assi os feridos q tinha, pa q lhe mãdasse gête de refresco, e munições q logo mandou. E chegada esta gête tornarã os mouros a cometer a galé q entrarã muytos, por ja os Portugueies que auia viuos lhes nã poderem resistir: porq não pelejaão mais q Simão de souza, Manuel de souza, dõ Antonio de crasto, Antonio caldeira / Forge dabreu / e outros tres ou quatro: e cõ quanto fazião façanhas / os mouros os fizerão retirar ate ho pé do masto, e pregarão duas frechas a dõ Antonio de crasto na aste d'ua chuça com que pelejava / e ficarão lhe as mãos pregadas, e assi pelejou ainda hũ pouco, e foy selhe tãto sangue das muytas feridas que tinha que cay o morto, e Simão de souza, e Manuel de souza com os outros fizerão ali cousas tão milagrosas que não se podê contar, e bẽ vingarão suas mortes assi os que ali morrerão / como os q depois acabarão suas vidas e poder dos mouros. E na furia desta peleja deu hũ zaguncho darremeso a Simão de souza sobre ho coração, e com a força que leuaua lhe rõpeo as coiraças e ho coraçã e caio morto / e os que ficarão viuos que serã vinte cinco, em que entrão Antonio caldeira, e Forge dabreu / se entregarão, prometendolhes os mouros as vidas / e eles se derão por nã terem forças nem folego pera se defenderem, e com este Simão de souza acabarão d' morrer quatro filhos de Duarte galuão. s. Forge galuão, Manuel galuão / e Ruy galuã que todos falecerão nestas partes feruindo os Reys de Portugal como

seu pay e ante passados seruirão. Tomada a galé pelos mouros não qrião goardar ho segaro q derão aos Portugueses / e queriãnos matar se os capitães não acodirão quelhos tolberão : e eles vêdo que nã podião vingarse deles dos muytos parentes e amigos q lhes matarão / vingarse em Simão de souza q feyto em pedaços ho deitarão ao mar. Tomada assi a galé foy leuada a el rey com os Portugueses que escaparão viuos , a q el rey fez muyto gasalhado por dissimular sua maldade / e fez q lhe pesaua muyto da morte de Simão d souza e dos outros q ele mãdaua chamar pera lhes fazer gasalhado e hõrra como desejava de fazer a todos os Portugueses de que era grande amigo : e como eles fossem sãos q escolhem antre si algũ que fosse dizer da sua parte ao capitão de Malaca / q mãdasse por eles , e pola galé e artilharia / e polo mais que lá tenesse que fora dos Portugueses , porque tudo daria de boa vontade. E isto fazia com tenção que ho capitão de Malaca mandasse algũ nauio / e q ho tomaria com a gente que fosse nele : e pera mais enganar os Portugueses mandoulhes dar muyto boas pousadas e curalos cõ grãde diligencia / e darlhe todo ho necessario tão largamete como se esteuerão antre Chriistãos.

Cap. lxxxij. De como dõ Garcia anrriqz chegou a Malaca.

Dõ Garcia anriquez q ficou na ilha de Banda despois que foy tempo partiose pera Malaca, e

no caminbo tomou hũ sũgo d mouros Jaos. E auido seguro d Pero de faria que ho não prendesse nẽ a nhũ dos q forão na prisam de dom Jorge , se foy a Malaca / onde lhe Pero de faria mandou embargar toda sua fazenda , dizẽdo q lhe não dera seguro mais q pera ho nã prender. E despois estando em Malaca hũs embaixadores del rey de Panaruca, que he na ilha da Jaoa que yão assẽtar paz e amizade cõ Pero de faria / se leuãtou hũ arroido antre os criados destes ebaixadores e os Malayos, que foy causa de se desembargar a fazẽda de dõ Garcia, e foy desta maneyra. Pousauã estes embaixadores e hũa cerca de taipa junto da pouoação dos Quelis / e passando hũ dia hũ homẽ da terra per junto desta cerca com hũ pouco de dinheiro virãlho hũs criados do ebaixador e tomarãlho por força, ao que acodirão algũs da cidade : e estando em rezões com os q tomarão ho dinheiro q ho tornassẽ passou ho meirinho da fortaleza / a q requererão que ho fizesse tornar, e querẽdo ho fazer foy sobriisso morto pelos Jaos. E os da cidade vendo isto se acolberão cõ medo / e comecasse hũ rumor que os Jaos de Panaruca e quãtos morauão em Malaca erão feytos amoucos , e porq atras disse q cousa sam amoucos ho não digo : e este rumor chegou á fortaleza / e acodio logo Pero de faria com gente armada cuidãdo q era treicã, e qndo foy achouja dõ Garcia anrriqz q cõ sete ou cyto Portugueses da sua companhia acodio ao arroido cõ suas ar-

mas e fez deter os Jaos quenã passassem auante e matou doze deles, pelo que quando chegou Pero de faria ouue pouco que fazer em os fazer e recolher / e tudo se logo apacificou. E porque dom Garcia acodio a tão bõ tempo lhe mãdou Pero de faria desembargar sua fazêda dando fiança dũs tantos mil cruzados / pera se dom Jorge de meneses quisesse dele algũa cousa / e assi escapou dom Garcia em Malaca.

Capit. lxxiiij. De como el rey de Dacheim mandou cõ engano dizer a Pero de faria que lhe daria os Portugueses e a galé.



Este tpo auia guerra antre el rey de Dacheim / e el rey dauru seu vezinho. E sabendo el rey dauru a muyta razão q os Portugueses tinhão pera serem inimigos del rey Dacheim / mãdou pedir ajuda a Pero de faria capitão de Malaca / mandãdo lhe dizer por seu embaixador como tinha guerra cõ el rey Dacheim, e q confiado na amizade q tinha cõ os Portugueses do tempo q Jorge dalbuquerque q fora capitão de Malaca lhe mandaua pedir ajuda contra el rey de Dacheim que sabia que era inimigo dos Portugueses / e q lha auia de dar por mar pera coela pelejar a sua armada com a del rey de Dacheim em quãto eles pelejassem por terra, e q esperaua dese vingar dele e vingar aos Portugueses das offensas

q lhes tinha feytas. E partido este embaixador del rey dauru, foy logo sabido del rey de Dacheim: do q ele ficou muyto agastado / porque a fora recear muyto el rey dauru por ser poderoso de gente / e gẽte efforçada e guerreyra, auia grande medo de lhe ho capitão de Malaca dar ajuda, porq dandolha era sem nhũa redenção destruido: e estava certo darlha assi por os males q os Portugueses tinhão dele recebidos como porque naqõla conjunção auia muytos Portugueses e Malaca / assi os q estauão dantes / como os que forão cõ Francisco de sa a çũda: e os q leuara Pero de faria da Índia / e os que auia de leuar Martiãfonso de melo iusarte q ainda não sabia que era perdido / por em sober a dos Portugueses q tinha catiuos q auia dir a ter a Malaca. E tẽdo por certo dar se a ajuda a el rey dauru / determinou de lhe atalhar com manha que lha não dessem: fazendo como dizẽ da necessidade virtude, e requerer amizade ao capitão de Malaca cõ offrecimento de dar os catiuos e a galé / e todo ho mais q tinha tomado aos Portugueses. E porq não aueturasse nhũ dos seus nesta embaixada, e tambẽ porq parecesse ao capitão de Malaca q tinha võtade de cõprir o q dizia / mandou coela Antonio caldeira / e em sua cõpanhia outro Portugues, e primeyro q ho mandasse lhe fez muytas mostras de amizade a fora as q tinha feytas a todos em os agasalhar e curar / e disse lhe a causa porq ho mãdaua e não a nhũ seu, e q se o capitão de Malaca q fesse

q̄ mādasse logo pelos outros Portugueses, e pola galé e arrelharia/ assi dela como de bũa nao q̄ se perdera na sua barra, e a que tomara na fortaleza de Pacem: e que não queria outra cousa se não sua amizade e a dos Portugueses. E ao tempo que Antonio caldeira chegou a Malaca tinha Pero de faria prometida sua ajuda ao ebaixador del rey Dauru, e quando vio Antonio caldeira e soube ho recado q̄ leuaua ficou muyto ledo parecêdolhe que cobraria os Portugueses que esta uão catiuos, e a gale e arrelharia, e que nisto ganhaua mais q̄ em dar ajuda a el rey Dauru: e não ele só, mête estaua coisto muyto ledo mas os mais dos principais da fortaleza, e dõde Pero de faria tinha prestes Diogo de macedo capitão mór do mar de Malaca pera ir por mar com outros capitães ajudar el rey Dauru começou de ho ter. E q̄ não parecendo bem a Martim correa por ser seu amigo e ter coele credito lhe disse que visse bem o q̄ fazia/ por q̄ toda aq̄la amizade del rey Dachê lhe parecia fingida, e q̄ não era pera outro fim senão pera saber se daua ajuda a el rey Dauru, ou se fazia armada prestes pera ir vingar a tomada da gale assi como auia pouco q̄ se fizera em longú/ porq̄ bem deuia ele de saber que auia muyta gente e Malaca. E a razão por onde lhe parecia q̄ el rey Dachê mandaua mais Antonio caldeira pa saber aq̄las duas cousas que cõ determinação de fazer amizade/ era conhecer ele por experiencia que os mouros não cometião amizade se não q̄ndo vião

q̄ lhes era muyto necessaria, e que el rey Dachê ainda nã se vira a presado dos Portugueses pera cõ necessidade desejar sua amizade/ antes ele lhes tinba feytas muytas e muy graues offensas, na morte de Forge de brito/ na tomada da fortaleza de Pacem, na da galé de Simão de souza e outras, porq̄ nunca ouuera castigo: pelo q̄ auia de estar muyto soberbo/ e não pedir amizade com offrecer tâtas cousas a que lhe não pedia nhũa/ o que lhe fazia sospeitar o que suspeitaua. E parecêdo isto bê a Pero de faria/ mandou chamar Antonio caldeira, e lhe resumio perâte Martim correa quanto lhe ele tinba dito/ rogando lhe muyto que atenta se bê se poderia ter aquela sospeita del rey Dachem. Ao que ele respõdeo que não abonado ho muyto, e dâdo ho por amigo muy fiel dos Portugueses/ e acreditando ho tanto, que disse q̄ por nhũ preço deixaria de lhe tornar com qualquer resposta que lhe dessem pola confiança q̄ nele tinba. E q̄ visto por Pero de faria, teue por sem duuida q̄ el rey Dachê falaua verdade pois Antonio caldeira fiaua tâto dele/ q̄ estãdo liure se que ria tornar lá sem receo de ho catiuare: e mais porq̄ dilatãdo ele a resposta a el rey de Dachê/ lhe disse Antonio caldeira q̄ se a mais dilatasse e ho não quisesse mandar a Dachê q̄ ele se iria, porq̄ auia de cõpir o q̄ prometera a el rey de Dachê e aos Portugueses que ficauão coele de tornar com a resposta. E quãdo Pero de faria vio sua determinação, acabou de todo crer q̄ ele tinba por

verdadeyro o que el rey de Dachê lhe mandaua dizer, e despachou logo escreuendo a el rey de Dachê que folgaua muyto com sua amizade/ e q̄ a aceitaua em nome del Rey de Portugal, e dali por diante teria nele hũ bõ amigo, e receberia de le fauor e ajuda quando lhe fosse necessario/ e que logo mãdaria pelos Portugueses e polo mais q̄ dizia/ e com a confiança que tinba de sua amizade, não queria dar ajuda a el rey Dauru que lha mandaua pedir contrele, e que disso poderia estar seguro/ e mandaua hũ Portugues casado em Malaca que sabia bem a terra e a lingua dela que leuasse Antonio caldeira em hũ balanco e ho possesse no reyno de Pacem onde estava el rey de Dachem e lho entregasse. E partidos d Malaca forão ter a hũa ilha/ onde fazêdo agoada forão mortos polos moradores de la que erão mouros, pelo que el rey de Dachem não ouue resposta.

Capit. lxxxiii. Do q̄ passou entre Pero de faria e el rey Dauru/ e el rey de Dachem.



Espedido Antonio caldeira pa Dachê, como de Pero de faria tinha assêrado de nã dar ajuda a el rey Dauru despedio ho seu embaixador respõdendo que não podia ajudar a el rey Dauru contra el rey de Dachem por amor dauer aqueles Portugueses que tinba catiuos/ e por cobrar a muyta artelbaria q̄ tinba del Rey d Portugal que se isso não fora que ho ajudara de muyto boa

võtade/ e ajudaria cõtra qualquer outro rey. E ouuindo ho embaixador esta resposta tão fora do que esperana, e depois de ho deterem tanto tempo como ho deteuerão ouue muyto grande menencõia posto q̄ ho dissimulou. E sem mais se despedir de Pero de faria se partio hũa noyte muyto secretamente, do que pesou muyto a Pero de faria/ parecendo-lhe que ya agrauado/ e que el rey Dauru ho ficaria dele: o q̄ ele não queria porque sabia que el rey Dauru era leal amigo dos Portugueses, e grande seruidor del Rey de Portugal, e por isso desejava de ho poupar: e pera ho temperar de seu agrauo, mandou lá a hũ Fernão de morais capitão dũ galeão como que ho mandaua em seu fauor/ e cõ grandes desculpas de lhe não dar logo ajuda. E chegado ho embaixador del rey Dauru a ele antes que Fernão de morais lá chegasse/ lhe deu a resposta de Pero de faria/ de que el rey ficou muyto agastado/ e porque se temeo que desse ajuda a el rey de Dachê, despachou logo sua armada que tinba prestes que fosse pelejar com a del rey de Dachê que estava no porto de Pacem: e indo pa lá topou no caminho hũ paraõ em que ya hũ Portugues daq̄les q̄ el rey de Dachê tinba catiuos por quẽ ho mesmo rey mandaua dizer a Pero d faria q̄ mãdasse logo polos outros Portugueses/ e pola galé e artelbaria: e isto porq̄ Antonio caldeira tardaua cõ a resposta/ e parecia-lhe q̄ Pero de faria nã queria sua amizade/ por amor dos dãos q̄ tinha feytos aos Portugueses/

e q̄ria antes a amizade del rey Dau-
 ru e dar lhe ajuda pera ho destruirẽ
 ambos. E coesta sospeita feruia / e
 pera se tirar dela tornou a mandar
 aquele Portugues, q̄ topando ho
 os Zurus / como sabião que ho seu
 rey não estava bẽ com os Portu-
 gueses tomarão este e mandarão
 a el rey Dauru / que sabẽdo dele ao
 que ya não ho quis deixar ir / porq̄
 Pero de faria coeste recado não se
 apressasse a socorrer el rey Dachẽ.
 E nisto chegou Fernão de morais
 ao porto dondestava el rey Dauru:
 que como não era amigo dos Por-
 tugueses não quis mandar recado
 a Fernão de morais, atẽs defendeo
 que ninguem fosse ao galeão. E pas-
 sando quatro dias que Fernão de
 morais estava no porto sem pessoa
 nhũa da terra ir a bordo, determi-
 nou com quãto lhe aquilo pareceo
 mal se auenturar e ir falar a el rey /
 o qual he foy contrariado, dizendo
 que poderia ser que el rey estaria a-
 gravado de Pero de faria pola aju-
 da que lhe não quis dar / e por isso
 não quereria que os Portugueses
 fossem a sua terra nẽ conuersalos /
 e que indo a terra sem seu recado lã-
 çaria mão dele, e ho prenderia por
 isso que não fosse. E como Fernão
 de morais era muyto esforçado e a-
 uentureyro não quis deixar dir: e
 chegado diante del rey / foy dele
 muyto bẽ recebido e agasalhado, e
 mostrou receber bem as desculpas
 de Pero de faria / e que não lhe pe-
 sava de sua amizade com el rey Da-
 chem por amor das causas q̄ dizia,
 antes folgava muyto de cobrar por
 aquela via os Portugueses / galẽ

e artelharfa, e que nem por isso dei-
 xava de ser seu amigo e ho seria sem
 pre. E isto tudo era fingido, que co-
 mo vio Fernão de morais logo de-
 terminou de ho prẽder e tomar lhe
 ho galeão se a sua armada del bara-
 tasse a del rey de Dachem, e isto por
 se vingar da ajuda que lhe Pero de
 faria não deu. E com tudo quis es-
 perar se vicia a sua armada ou não,
 porque não vencendo queria ficar
 amigo com os Portugueses / porq̄
 ficando mal coeles receava q̄ se ajũ-
 tassem cõ os Dachẽs e ho destruis-
 sem / e detene Fernão de morais oy-
 to dias dando lhe a entender q̄ ho
 tinha pera se fauorecer coele contra
 seus inimigos / e a cabo dos oytos di-
 as lhe foy noua que a sua armada
 pelejara com a del rey Dachem / e
 q̄ nhũa vencera e se apartarão sem
 mais pelejarem e a sua se tornava, e
 logo deixou ir Fernão de morais e
 lhe deu ho Portugues que levava
 ho recado del rey de Dachem / que
 tinha reteudo ate tambem ver em q̄
 parauão aq̄les negocios, e por não
 serem a sua vôtade ho soltou / e mã-
 dou dizer a Pero de faria o que ja
 tinhadito a Fernão de morais que
 quãdo chegou ao galeão achou q̄
 homestrez a outra gẽte se querião
 ir desesperados de ele tornar / pare-
 cendolhe queera catiuo / e recean-
 do que fossem os mouros tomar
 ho galeão. E vendo el rey Dau-
 ru que sua armada não vencera a
 del rey de Dachem não quis pe-
 lejar coele por terra / nem menos
 el rey de Dachem quis coele guer-
 ra / parecendolhe que ho auião da-
 judar os Portugueses por não ter

ainda reposta de Pero de faria, e logo se concertarão ambos e se fizeram amigos. E como a amizade del rey de Dacem com Pero de faria era fingida por amor da guerra del rey Dauru como se vio dela desappareado/não quis mais amizade com Pero de faria nê darlhe nada, e pesoulhe dos Portugueses que tinha mandados: o que Pero de faria não soube porque por nã poder não mandou a Dacem / e por lhe parecer que tudo estava certo pera de cada vez quelã mandasse, e se então soubera a verdade e mãdara lá hũa armada el rey de Dacem com pira o que tinha prometido ou fora destruido.

¶ Capit. lxxxv. De como Runo da cunha partio pera a Índia por governador dela.



Este anno de mil e quinhentos e vinte e oito mandou el Rey dom João de Portugal por governador da Índia hũ fidalgo chamado Runo da cunha vedor da sua fazenda / q̃ por amor da grande inuernada que foy a quele anno não pode partir se não a dezoyto Dabril / e leuou hũa armada de nouenaos grossas e hum galeão / e hũ nauio redondo. Das naos forão capitães a fora ele, Simão da cunha seu irmão que ya por capitão mór do mar da Índia, Pero vaz da cunha também seu irmão q̃ leuaua a capitania de Soa / Garcia de sa q̃ leuaua a de Malaca / dõ fer

nãdo de lima de Sãtarem q̃ ya por capitã mór das tres naos do trato d̃ Baticalã pa Ormuz, dõ Frãçisco deça / Frãçisco de medoça, João de freytas e Antonio de saldanha: do galeão Bernaldi da silueira / do nauio afonso vaz azãbujo. E nesta armada forã tres mil homens d'armas em que entrão muytos fidalgos e criados del Rey a mais luzida gente que ate aq̃le tempo fora á Índia. Partida esta armada antes de chegar ás ilhas das Canarias átreas noue horas e as dez do dia se foy a nao de João de freitas ao fũdo por q̃ abrio da popa ate a proa de duas pancadas que lhe deu a nao de Simão da cunha, e isto por culpa do piloto da nao de João de freitas, e em obra de hũa hora se êcheo d'agoa que não se pode lancar ho batel fora e ho esquife escassamente, em que se meteo João de freitas com algũs, e sob isto e sob se tomarem arcos e tauoas pera cada hũ se salvar ou ne muytas cutiladas, de q̃ muytos morrerão: e foy piedosa cousa d̃ ver hũ homẽ casado que leuaua sua mulher e tres filhas moças / que vendose sem esperança de saluação se abraçarão todos cinco: e dãdo gritos que chegauão ao ceo se forão com a nao ao fundo: o q̃ os das outras naos entenderão quando a virão meter debaixo d'agoa que ateli não sabião nada do que passaua por irem hũa legoa dela ou pouco menos. E entendendo o que era acodirão os capitães em os esquifes com q̃ salvarão bem cincoenta pessoas q̃ andauão pegadas e arcos e tauoas, e afogarãse na nao cento e cincoen-

ta, e Muno da cunha nã castigou ho piloto da nao de João de Freitas q̄ escapou porque nã soube a verdade de como aquilo foza que lhe foy encuberta. E prosseguindo em sua via gẽ foy fazer agoada na ilha de Santiago/ õde achou menos ho galeão de Bernaldim da silueira que cuydou que achasse ali porque desappareceo logo ao sair da barra de Lisboa, e indo por sua rota foy ter ao parcel de çofala onde deu em seco, e foy morta a gente pelos cafres. E fazendo Muno da cunha agoada na ilha de Santiago / e tomados os mantimẽtos que lhe leuauão duas carauelas que ateli forão coele tornou a sua viagem / e na costa de guiné deixou a nao Dantonio de saldanha por singlar menos que todas as outras e perderem viagem por esperarẽ por ela: e disse lhe pelo seu piloto que se ficasse com a bẽção de Deos / porque bem via quão tarde era / e que perdião viagem por sua causa / e que melhor seria perderse hũa nao que todas: e coisso deu os traquetes que leuaua amainados e ho mesmo fizeram as outras / o que vendo os que yão com Antonio de saldanha ficarão muyto tristes de serem ficar / o que eu vi por ir na nao. E dãdo ho governador os traquetes com as outras desaparecerão em pouco espaço / e Antonio de saldanha mandou tantas vezes mudar a carrega da nao da popa a proa / e assi pelo contrairo que lhe acertou ho cõpasso: e singrou dali por diante muyto bẽ. E nisto e em vigiar a nao sem dormir de noyte nẽ se despir / e em a fazer andar ma-

is do que ho piloto e mestre fazlão e em a legurar / e em ter muyto grã de cuydado de curar os doẽtes foy tão singular capitão que mais nã podia ser. E despois da ajuda õ nollo senhor por sua diligencia foy esta nao a quele anno a India segũdo os estoruos que teue pera nã ir. E seguindo Muno da cunha sua rota nã leuãdo õ sua conserua mais q̄ Pero vaz da cunha e dõ Fernãdo delima e Alfõso vaz ido na volta do cabo õ boa Esperança lhe deu hũ temporal de sul q̄ durou hũa noyte e hũ dia ate vespera, e em acabando forão ter coele Antonio de saldanha e dõ Francisco de çã / que auia dias que yão em companhia, e forão recebidos com grande festa. E indo assi em conserua lhe deu aos seys dias de Julho na paragem do cabo outro temporal de sul que durou vinte e quatro horas, e poderão as naos sofrer ho paio ate ho quarto da lua / em q̄ ho vẽto foy em tanto crescimento q̄ a Muno da cunha lhe foy forçado arribar porq̄ era ho mar tão grosso que ho comia / e assi arribarão as outras naos saluo a Dãtonio de saldanha, que como era no ua quis nollo senhor q̄ pode sofrer ho paio / e isso foy tambẽ causa de passar a India. E arribando Muno da cunha foy correndo com aquele temporal ate que acalmou e achou se com Pero vaz da cunha e com dom Fernãdo delima. E os outros capitães forão por esse mar ate que tornarão a fazer viagem. E achãdõse Muno da cunha cõ seu irmão e com dõ Fernãdo / acordou coeles que por quanto era tarde e yão em

risco de não passar á India / q̄ por pouparê caminho fossem por fora da ilha de sam Lourenço, e assi ho fizeram: e do Francisco deça e Francisco de mendoça e Afonso vaz que fizeram seu caminho por dentro forão ter a Moçâbiq̄ / saluo Afonso vaz q̄ se perdeu nos ilheos de Moçambique e saluouse toda a gente / e dom Francisco deça e Francisco de mendoça acharão em Moçambique a Simão da cunha / e por ser passada a moução não poderão passar aa India, e inuernerão hi. E Garcia de sa que antes do primeyro temporal se apartou da cõserua / depois de se ver quasi perdido cõ a segunda tormenta seguiu sua rota / e passando muyto trabalho de fome e de sede cõ que lhe morreo muyta gente chegou aa costa da India hũ sabado dezaete de outubro com tanta necessidade de agoa que não le uaua mais que hũa pipadela. E depois dele oyto dias chegou Antonio de saldanha que tambẽ passou assaz de trabalho com fome e sede / de q̄ lhe adoeceo quasi quanta gente leuaua e lhe morrerão perto de sessenta pessoas, e foy por fora / e por fazer prouisam na agoa que leuaua pouca / bem hũ mes senão deu a cada pessoa mais q̄ hũ quartilho de agoa cada dia, e por passar aa India não tomou nhũa agoada por se não deter: e chegou a Baticala hũ sabado vinte quatro de outubro / e dali foy ter a Cochim.



Assada a tormenta que disse com que se as naos espalharã, Anno da cunha cõ pero vaz da cunha e dom fernão de lima seguirão por sua rota / e com muyto roym viagem de ventos cõ trairos e calmarias foy ter aa ilha de sam Lourenço quasi na fim de outubro / e surgio na barra do rio de Santiago pera fazer agoada, e ali foy ter coele hum portugues q̄ lhe contou como escapara da nao de Manuel de lacerda que se perdera ali em hũ baixo por culpa do seu piloto / e a gente se saluara na terra por ser perto / e Manuel de lacerda se deteuera hũ anno esperando que fossem ali ter algũas naos que os tomassem: e q̄ aueria dous meses que andara hi hũa nao oyto dias / de dia a terra e de noyte ao mar, e que cada noyte lhe fazião fogos em cruz pera que soubesse que estauão ali Christãos, e nunca chegou a terra / e depois desaparecera. Esta era a nao de Antonio de saldanha, e não quis chegar posto que vio os fogos, porque sabia que tambẽ os mouros os fazião pera enganarem os Christãos e os fazerem chegar a terra / e se perderem em muytos baixos e restingas que ha ao longo dela. E disse mais a q̄le portugues que desaparecida esta nao ficarão Manuel de lacerda e todos muyto tristes / por não esperarem tão cedo por outra nao. E porque a terra era muy pobre de mantimentos / e não se podião manter: e tambem por q̄ ho mais certo caminho das naos

Capitolo. lxxxvi. De como se perdeu a nao de Anno da cunha.

Portuguesas era pola outra bãda da ilha acordarão de se passarê lá / e feytos em duas quadrilhas foy cada bũa por seu cabo: e ele por estar doente se deixara ali ficar, e que a gente da terra lhe fazia muyto boa companhia / e dela soubera como cbegarão aquelas tres naos. E fazendo Muno da cunha e os outros capitães agoada / em bũa terça fey ra que auia quatro dias que ali esta ua / estando os bateis dêtro no rio / levantouse hũ trauessam com que a nao de Muno da cunha começou de caçar pera terra, e por estar sobre bũa só ancoralã çarão outra / e despois outras ate seys que não auia mais e todos os austes delas trincarão, e era por se roçarem por pedregalhos que estauão debaixo, e com a grande força que leuauão pelo peso das âcoras trincauão logo. E não auêdo âncoras que teuessem a nao, caçou tanto pera terra / que deu sobre bũa area ôde fez assento e abrio, encheose d'agoa / e ho mesmo ouue ra dacontecer á nao de dom fernãdo delima se não teuera hũ auste de cairo que teue mão, e porque també outros de linho trincarão, e os esquifes que erão por agoa dêtro ao rio nunca poderão acodir por ho vêtto ser trauessam e na boca do rio fazer ho mar tamanho escarceo que não poderão sair / nê sairão ate não acalmar ho vento, e a nao por a restinga ser baixa não ficou cuberta d'agoa mais que ate a ponte / e dali pera baixo tudo se perdeu, e a gente se saluou toda / e Muno da cunha se passou com parte dela pera a nao de Pero vaz da cunha, e a outra se a-

pousentou na de dom fernando, e tirados os mastos e vergas a esta nao / e queymado quanto parecia sobelagoa / Muno da cunha se paratio caminbo da India a dez de novembro e foy ter antre as ilhas de Zanzibar / e bũa noyte entrou em bũa enseada grande que se fazia antre a ilha de Zanzibar e outra. E quando veo pola manbaã nem os pilotos poderão entender por onde entrarão / nê por ôde auião de sair: porque os canais por ôde entrarão e por ôde auião de sair erão tão estreitos que não se enxergauão com ho mar que arrebetava em frol. E despois de desesperarem de não poderem dali sair e estarem em muyto risco de se perder, mādou Muno da cunha a Manuel machado capitão dos seus alabardeiros que fosse a terra com algũs deles a tomar lingua pera saber onde estava, e ele foy no esquife da nao e quisera sair em hũa pouoação de q logo os negros acodirão bem armados de frechas e paos tostados, e pelejando coelho fizeram recolher por força / e sobriço lhe matarão hũ gormete e ferirão outros homens: o que sabêdo Muno da cunha / fez conselbo sobre o que faria / e seu irmão Pero vaz se conuidou pera ir a terra / ôde foy no batel com certos fidalgos e outros homens todos armados. E vêdo os a gente da terra daquela maneira fugirão e despouarão ho lugar: do q Pero vaz se agastou muyto / e disse a todos que bem vião ho perigo em q as naos estauão, e quãta necessidade tinhão de tomar quẽ as tirasse dali / e pois os negros

não querião esperar era necessario tomarênos por manha: e esta seria ficarem em terra embranhados alguns dos nossos / e os outros fizelhem que se tornauão no batel á nao, porque como fosse noyte os negros auião de tornar á pouoação / e os q̄ ficassem embranhados poderião tomar algũ que lhes dissesse onde estavaõ / ou lhes desse maneyra pera se tirarem dali. E a isto não respondeo ninguẽ / salvo hũ macebo fidalgo chamado Diogo de melo filho de João de melo abade de pobeiro q̄ disse ele ficaria com hũ seu irmão chamado Tristão de melo / e com hũ seu criado que auia nome João rodriguez. O qual he Pero vaz teue muyto em merce / louuando ho por isso grandemente, e prometendolhe de ho dizer a Ruuoda cunha pera lhe fazer merce: e Diogo de melo lhe disse que visse como ficaua / e tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação onde estavaõ pera ele ter õde se saluasse / que bem sabia que se auia de ver em perigo, porq̄ não auia de vir de terra sem tomar lingoa: e coisto se foy embranhar com seu irmão e cõ ho outro / e Pero vaz mandou remar ho batel pera as naos. E vendo ho os da terra ir cuydarão que se tornauão / e por isso em anoyte cõdo se forão pera a pouoação: e sintindo Diogo de melo que tornauão sayo do mato cõ Tristão de melo e João rodriguez / e apanhou hũ mouro q̄ ya só, que vendo os nossos ouue tamanho medo que se calou, porque eles tambem ho ameaçarão com as espadas nos peitos q̄ ho matarião

sebradasse ou não quisesse andar. E coisto derão muytinha coele na praya onde a borda da goa acharão Pero vaz no batel. E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos / porque disse a Pero vaz pelo lingoa despois que perdeu ho medo / que se ho não tomarão q̄ nunca as naos ouuerão de sair dali ainda que tomarão outro / porque ele era piloto daquela costa, e q̄ as auia de tirar / e ho mesmo disse a Ruuoda da cunha despois q̄ foy coele que deu a Diogo de melo muytos agardcimentos pelo que fizera / e lhe prometeo que como gouernasse a India lhe daria a primeyra coufa que vagasse que coubesse nele / porq̄ fizera hũ muyto grande seruiço a Deos e a el Rey em lhe trazer aq̄le piloto: do que os q̄ forão cõ Pero vaz ouuerão grande enueja, e lhes pesou muyto de não se offercerem a embranhar se como se ele offerceo. E certo q̄ despois de nosso senhor ele foy causa de se as naos saluarem em tomar aquele piloto, e ao outro dia ho piloto mouro tirou as naos daquela enseada por hũ canal tão estreito que todos se espantauão de como podião por ali sair / e dali forão ter ao porto de Zanzibar / onde estiverão alguns dias refrescando por ser a terra muyto pera isso como disse atras. E desesperando Ruuoda da cunha de poder passar á India por ser vinda a moução dos leuantes que era contraira pera sua nauegação / e lhe era forçado inuernar em algũ lugar daq̄la costa, determinou de ser em Bombaça por ter muyto bõ rio pera estarem as

naos o que não podia ser em Abelinde por ser costa brava, e as naos correrẽ muyto perigo, e por isso não podia hi ter ho inuerno. E assentado nisto/ deixou em Zanzibar bem duzentos doctes que leuaua por ir mais despejado / e por ser a terra muyto sadia e abastada pa eles alficarem. E pediu a hũ fidalgo chamado Aleixo de soula chichorro q̃ ficasse por seu capitão, o que ele fez de muyto boa vôtade por seruir el rey. E Muno da cunha se partio pera Abelinde, onde foy muyto bẽ recebido del rey / e bi achou Diogo botelho pereyra capitão de hũa naueta em que fora buscar dõ Luis de meneses se parecia por aq̃la costa/ porque auia sospeita q̃ não era perdido e estava ali com a gente da sua nao, e daqui mandou Muno da cunha pedir licença a el rey de Bombaça pera inuernar no seu porto dã dolbe a rezão porque não podia ser em Abelinde, e fazendolhe muytos offrecimentos. Mas el rey de Bombaça parecendolhe que aquilo era manha pera lhe tomarẽ a cidade nã a quis dar/ pelo que ele determinou delha tomar e ter hi ho inuerno.

Capit. lxxvij. De como Muno da cunha tomou a cidade de Bombaça.



Dãdo parte desta de terminação a seu irmão e a dõ Fernãdo a que pareceo bem/ assentou em conselho que ho deuia de fazer. E feyto alarado da gente que tinha achou oyto

centos Portugueses e bem duzentos mouros da India nossos amigos que inuernauão em Abelinde que forão coele/ e seys centos com que ho ajudou el rey de Abelinde: e partio hũ dia atarde com quatro velas: a capitaina/ a de dom Fernãdo delima/ a de Diogo botelho pereyra e a dos mouros. E chegãdo ao outro dia pola manhaã a barra de Bombaça surgio, e furto mandou sondar a barra por Pero vaz da cunha q̃ foy no batel da nao bem artilhado e forão coele cozena ho mēs de que algũs erão fidalgos. f. Anrique de souza chichorro/ Diogo botelho pereyra e outros: e na entrada da barra que era ho mais estreito dela acharão que estava hũ baluarte de pedra / e q̃ tinha oyto bombardas que os mouros que estavam nele despararão logo em vẽdo ho nosso batel que por ser rasteiro, e passar muyto rijo ho não poderão pescar: e passando auãte foy surgir no lugar onde as naos auião de surgir que era perto da cidade, e este final auia de ter Muno da cunha pera entrar sem Pero vaz tornar a darlhe recado, porq̃ das naos podião ver onde surgia/ pelo que Muno da cunha começando de ventar a viração disfirio as velas leuadas as ancoras/ e ho mesmo fizerão os outros e entrarão pera dentro / e tirarãlhe do baluarte mas não lhe fizerão nhũ dãno, e Muno da cunha não mãdou tomar ho baluarte por mostrar aos mouros q̃ ho não tinha em conta/ e lhe fazer crer q̃ lhe não queria fazer guerra e consentisse el rey por bem que inuernasse ali/

e por isso esperou a q̃le dia a tenoyte
 sem mandar tirar a cidade pera ver
 se lhe mandaua algũ recado / mas
 ele estaua bem fora d'isso / e assi lho
 aconselhauão os seus, e dizião q̃
 quando se não podesse defender que
 melhor era deixar a cidade que dar
 lha por sua vontade / e que hi lhe fi-
 caua passado ho inuerno q̃ os Por-
 tugueses se auião dir. E coeste pro-
 posito despejarão a cidade da fazê-
 da e da gente que não ficou mais q̃
 a de peleja. E vêdo Runo da cunha
 que el rey estaua em seu ser e não lhe
 mandaua recado desenganouse que
 queria guerra / e pera saber o de te-
 ria melhor desembarcação / como
 foy noyte mandou a Pero vaz que
 ho fosse ver. E chegando ele diante
 da cidade q̃ os mouros ho sintirão
 sairão muytos a praya e tirauão
 muytas frechadas cõ frechas ber-
 uadas q̃ ferirão algũs Portugueses
 / e Pero vaz se tornou a Runo
 da cunha / a que disse que auia hũa
 praya em q̃ podia bẽ desembarcar
 posto q̃ auia de sair a gẽte por agoa
 que varia pola cinta / e dali a duas
 horas chegou a capitãina hũ mou-
 ro de Belinde que vinha da cidade
 e disse a Runo da cunha que se goar-
 dasse de desembarcar na praya que
 auia de ser cousa perigosa pola dete-
 ça que a gente auia de fazer em che-
 gar a terra / e que entre tanto a fre-
 charão os mouros porque assi ho
 tinhão determinado: por isso q̃ de-
 uião de desembarcar junto de hũa
 mezquita q̃staua abaixo da praya
 em q̃ desembarcaria sên hũ perigo
 por ser ali alcantilado / e que ele mo-
 straria este lugar. E disse mais que

os mouros serião tres mil e peleja,
 e que não tinhão mais que hũa es-
 tancia de fora de hũa das portas da
 cidade com quatro ou cinco bom-
 bardas de ferro / e que ho bombar-
 deiro era hũ Portugues / e q̃ auia
 antreles algũs espingardeiros, e q̃
 estauão com grande medo q̃ lhe pa-
 recia que auião logo de fugir. Sa-
 bido isto por Runo da cunha, cõcer-
 tou cõ seus capitães de dar ao ou-
 tro dia na cidade e deu a diãteira a
 Pero vaz da cunha com seyscẽtos
 Portugueses e trezẽtos mouros,
 e muytos destes Portugueses erã
 espingardeiros / e era seu capitão
 hũ fidalgo chamado Fernão conti-
 nho que despois foy por terra da
 India a Portugal, e Runo da cu-
 nha com os outros capitães e resto
 da gẽte lhe auião dir na retro goar-
 da. E ao outro dia em amanhecẽdo
 desembarcarão na mezquita onde
 os guiou ho mouro de Belinde /
 que feria da cidade hũ tiro de bêsta
 ou pouco mais, e sem acharem ali
 resistencia (porque os mouros os es-
 perauão na praya) seguirão pera a
 cidade que era cercada de muro bai-
 ro, e forão contra a porta onde de
 fora estaua a estancia que ho mou-
 ro dissera / em que estauão duas bõ
 bardas de ferro que tirarão algũs
 tiros. E vendo ho bombardeiro q̃
 os nossos se chegauão, fugio cõ me-
 do e assi os mouros que estauão na
 estãcia se recolherão a cidade. E vê-
 do el rey que contra os Portugueses
 nã auia defensa fugio da cidade
 cõ toda a gente, e como a pressa foy
 grande que não podião levar o que
 tinhão deixarão muyta parte dele

foterrado, e outra lenarão e lhes ficou por hi. E el rey se pos na mesma ilha mea legoa da cidade cõ seu arrayal bẽ fortalecido. E não achãdo Aluno da cunha nãua resistencia nos mouros / não os quis seguir e mandou roubar a cidade em que ho mais que se achou forão mantimentos / porẽ algũs acharão dinheiro com q̃ se tornarão dali pera Portugal no nauio de Diogo botelho. E tomada assi a cidade s̃e morrer ninguem dũa parte e da outra / fez Aluno da cunha algũs caualeiros, e despois mandou fortalecer algũa parte dela atrauessando as ruas cõ tranqueiras: porq̃ pera quão poucos os nossos erãõ ficaua ela muyto grande / e não a podião defender toda: e temia se Aluno da cunha que os mouros lhe corressem por quãõ perto estauão. E fortalecida aquela parte da banda do mar com suas estancias e gente que as goardasse / apouentouse nos paços del rey / e dahi a algũs dias mandou tomar ho baluarte da barra em que ainda estauão mouros / e mandou a isso dom Rodrigo de lima irmão de dõ Fernando de lima, que com os que leuaua tomou ho baluarte matãdo e catiuando a mór parte dos mouros q̃ ho goardauão, e tomandolhe sua artelbaria / e foy ferido dõ Rodrigo de hũa frechada e assi algũs outros: e ele morreu despois da ferida por ser a frecha heruada. E dali por diante como os mouros estauão tão perto da cidade / e a mayor parte dela esteuesse despejada, vinhão correr lhe de dia e de noyte / e como não achauão resistẽcia da par

tedo sertão defauer gonbauãse tanto que entrãõ dentro / e hũs leuauão o que lhes ficara escondido, outros chegauão ate as tranqueiras q̃ os nossos tĩhãõ feytas nas ruas: e querião passar por elas / e assi ho fizerão se pelos nossos lhe não fora defendido q̃ lhes resistião fortemẽte: e se os nossos não teuerãõ necessidade de pelejar na tomada da cidade aqui teuerãõ tanta q̃ os mais dos dias e das noytes ho fazião, porq̃ os mouros erãõ tão sobejos que continuamẽte vinhão, e muytas vezes tomauão os Portugueses comendo e erãõ feridos muytos de hũa parte e doutra. E hũa vez sayo dõ Fernando de lima com tamanha pressa que foy sem capacete cõ hũ chapeo de frisa, e passãdolho com hũa frecha ho ferirão na testa: ao que ele disse muyto alto. A mores de minha molher por mostrar que não sentia a ferida / e pelezou tambem com os q̃ ho ajudauão que fez fugir os mouros de que ficarão algũs mortos. E sendo os Portugueses tão perseguidos coestes continos rebates / afrontauasse Aluno da cunha disso / e tinhao por grande injuria, e porque não sabia quantos os mouros erãõ e os nossos serẽ poucos não oustaua de mãdar dar no arrayal pera os fazer afastar dali: e desejãdo de tomar linguoa pera que soubesse o q̃ digo, encomendou a Diogo de melo de que disse atras que lha tomasse, porque tinha nele confiança que ho faria, e ele lho prometeo / e forão coele Tristão de melo e outros dous homes e hũa noyte se deitarão em cilada

perto do arrayal. E estando assi forão ter coeles dous mouros de que tomarão hũ / z em no tomando deu tamanhos brados antes quelhe podessẽ rapar a boca q̃ foy ouuido no arrayal, õde ho aluoroço foy muyto grande / z começarão todos de se reboluer pera acodir: o que sentin do Diogo d' melo quifera tomar ho mouro às costas z leualo: mas era tão gordo que nunca ele nẽnhũ dos outros ho poderão levantar. E vêdo ele isto / z que dali a cidade era mea legoa / z que ho não auia de poder leuar contra sua vontade porq̃ os mouros vinhão matou ho z cortoulhe hũ braço que leuou pera testamunho do que fizera / z perto da mea noyte chegou aa cidade coele z por Muno da cunha dormir deu ho braço ao seu camareyro / z ao outro dia lhe contou o que fizera: z querêdo laa tornar pera ver se podia tomar lingoa não ouue disso necessidade. porque os mouros não tornarão mais / que vendo que os Portugueses chegauão de noyte ao seu arrayal pareceolhes que lhes punhãõ cilada / z ouuerão tamanho medo que dali por diante não yão a cidade se não com muyto tento / z se dauão rebates era poucas vezes / de modo que os Portugueses ficarão liures da afronta em que dâtes estauão polo bõ efforço de Diogo demelo. E auendo ja dias que Muno da cunha ali estava começarão os nossos da doecer z morrer por ser a terra doentia / z em todo ho inuernõ que durou ate fim de março morrerão trezentos z setenta Portugueses antre os quaes morreo

Pero vaz da cunha z outros muytos fidalgos z caualeyros.

Capit. lxxxviii. Do q̃ ho gouernador fez este inuernõ em Goa, z de como se perdeu hũa armada no rio de Chatua.



Muernãdo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo este iuernõ do año de vintoyto na cidade de Goa não quis prouer a fortaleza de capitão / z ele mesmo ho foy pera tirar algũas tiranias que sabia q̃ fazião os capitães, assi como dar sentenças por dinheiro / porq̃ os iuyzes não podião despachar os feytos se não coeles / leuar hũa tãga de todos os caualos que yão Dormuz: z iriãõ sempre hũs años pelos outros passante de dous mil caualos. õ todos os seguros q̃ dauão às naos Dormuz quando se tornauão hũ pardo por cada vinte candis / z auia nao q̃ pagaua cincoeta pardaos / z mais hũa tanga de cada pessoa, z nã auia anno que não fossem a Goa sessenta seteta naos z leuaua cada hũa muyta gente. E estes tributos que os mouros sentiãõ muyto mais q̃ os que pagauão a elrey na alfandega tirou ho gouernador / de q̃ os mouros folgarão tanto que no anno seguinte forão a Goa muyto mais naos que ateli z a renda da alfandega teue muyto grande crescimento, z assi concertou outras miudezas que erão muy necessarias pera bõ regimento da cidade z nobreza dela. E porque auia algũa falta dos manti

mentos q̄ yão do Salagate por os Tanadares do Hidalcão os antreterê/ mãdoulhe sobriſſo hũa embaixada per Tristão de gá/ cõ hũ presẽte dũ arnes inteiro laurado d'roma no cõmedalbas z folhasẽ, duas maças de torneio de prata douradas z hũa soma de corzal grosso/ mãdãdo lhe offrecer sua ajuda selhe fosse necessaria. Do q̄ o Hidalcã se mostrou muyto cõtẽte/ z despachou ho com muytos agardecimẽtos: z puiffões pera os tanadares q̄ deixassem pafar pa Goa q̄ntos mãtimẽtos lhe leuassẽ z cortar na terra firme toda a madeira q̄ quisesse: cõ o q̄ foi a cidadẽ bẽ prouida. E porq̄ não sayſſe d' Calicut nẽ de seu señozio nhũa pĩmẽra, mãdou o governador Simão d' melo cõ hũ galeã z cinco bargãtis agoardar a costa, z ele ficou esperando por Antonio d' mirãda q̄ chegou na fim de setẽbro. E foy lhe recado de dõ João deça capitão de Cananoz/ q̄ a vinte de setẽbro se perdera hũa armada q̄ sayra de Cochĩ d' treze bargãtis z catures z hũa galeota: z cõ hũ supito traueſſã vera toda á costa na boca do rio d' Chatuã na costa d' calicut z se espedaçara, z a gẽte fora toda morta z catiua pelos mouros: pelo q̄ el rey ficara muyto soberbo z fazia hũa grossa armada: cõ cuo fauoz os mouros d' Cananoz andauã muito aluoraçados: por isso q̄ fuisse de Goa ho mais cedo q̄ podesse.

Cap. lxxxix. como o governador desbaratou Lutiale de Lanor.



Sabido isto pelo governador e seis dias se acabou d' fazer p̄stes: z partio d' goa

ho. i. d' outubro deixãdo por capitã Antonio de mirãda q̄ deicãcaile do trabalho q̄ leuara no estreito. Forã coele estes capitães nos seus galeões Fernã rodriguez barba, lopo d' mezquita, Anriq̄ de macedo, Antonio delemos a q̄ deu ho galeão Dantonio da silua: leuou mais e sua conferua ate sete bargãtis q̄ não auia mais e Goa, z ele foy no galeão sam Dinis. E chegãdo antre mõte Deli achou Simão de melo seu sobrinho q̄ lhe disse q̄ tinha auiso de dõ João deça capitão de Cananoz/ q̄ estaua em Termapatão hũa frota de Calicut de. cxxx. velas. i. sessenta para os bẽ armados z artilhados z as outras pagueres z naos de carga q̄ leuauã especiaria a meca: z os paraos yão e sua goarda ate serẽ fora da costa da India: de q̄ era capitão mõz Lutiale de Lanor valẽte caualeyzo q̄ tinhã por setõ por chegar entã da casa de Beça. E sabẽdo ho governador esta noua disse q̄ se fossem lâçar ao mar da baya d' cananoz q̄ ali q̄ria pelejar: porq̄ dãdolhe noſſo senhor vitoria como esperaua/ queria q̄ a vissem os mouros. E fez se alamar cõ os galeões: z os bargantins mãdou que fossem ao longo da costa: z assi foy surgir onde digo á boca da noyte: z logo mãdou Siq̄ira ho malabar capitão dũ catur a saber noua da armada dos mouros se ya/ ou q̄ fazia pera a ir buscar se não viesse logo. Ele a achou no caminbo: por que sabendo Lutiale que Simão de melo andaua a monte Deli com tão poucas velas/ determinou de ho ir tomar parecendolhe q̄ ho podia fazer cõ tamanba armada, z depois de ho tomar esperaua de ir cõ-

bater a fortaleza de Cananor: e coesta determinação se fez á vela de madrugada, e passado a vísitado governador cuydou q̄ era Simão de melo e por isso virou sobre ele. Era fermo la cousa de ver tãta multidão de nauos todos cõ as velas infunadas e muyto pera espãtar a quẽ auia de pelejar coeles. a soma d'artelbaria d̄ q̄ yãõ armados/ a gẽte sem cõto de q̄ yãõ fornecidos/ abastada de spingardas/ darcos e frechas/ de zagũchos/ de spadas e doutras armas offensiuas e defensiuas: e dãdo gritos q̄ parecia q̄ fendiãõ ho ceo com prazer de lbes parecer q̄ tomariãõ os nossos, e coisso tanta diuersidades de tãgeres q̄ reteniãõ q̄ quebrãõ os ouuidos d̄ quẽ os ouuia. E cõ tudo o governador como os vio armou se logo e fez final de conselho a q̄ forãõ os capitães e fidalgos e acharãõ ainda armados e/ e sem se assentar assi em pẽ como estaua lbes disse q̄ determinaua d̄ pelejar cõ os mouros. Logo da zenedo, dõ Tristãõ de noronha e Eytor da silueira disserãõ logo q̄ pareceria doudice q̄rer pelejar cõ armada tãõ grossa q̄ ho nãõ deuiãõ de cometer, mas q̄ se apionhassem e fizessem fortes pe se defenderẽ dos inimigos se os cometessẽ. E coestes se forãõ a mayor parte dos do conselho: e algũs q̄ forãõ bẽ poucos diziãõ como a medo q̄ seria melhor pelejar q̄ apinhoarẽse/ porq̄ os mouros nos seus nauios q̄ erãõ rasteiros os rodeariãõ e matriãõ ás espigardadas e frechadas sem lbe eles poderẽ fazer nhũ nojo dos galeões/ por isso ho melhor seria pelejar coeles e cometelos logo nos bargãtins, porq̄ por serẽ ligei-

ros poderiãõ êtrar e sair q̄ndo quillessem/ e os galeões iriãõ á vela em sua cõpanbia pera seruirẽ cõ a artelbaria como fortaleza. E debatẽdo hũs e outr os sobre fazerẽ boas suas rezões/ chegou Siqueira/ e como era muyto esforçado e sabia bem a guerra do mar por auer dias q̄ a viuua, disse ao governador q̄ fazia por q̄ estaua tãõ deuagar/ q̄ se os mouros chegãõ a eles q̄ lbes auiãõ de fazer muyto mal estãdo daq̄la maneyra/ q̄ nãõ tĩhãõ outro remedio se nãõ cometelos nos bargãtins somete e nãõ no meyo em q̄ auia grande forza se nã per qlquer dos cabos q̄ auiãõ de star fracos e nã se auiãõ d̄ poder ajudar tãõ asinha q̄ eles nã leuassẽ na mão cada hũ seu parao: e q̄ esperaua ênõisso senhoz q̄ os auia da iudar como fizera outras vezes/ e q̄ entretãto q̄ cometessem nos bargãtis os galeões fariãõ seu officio cõ a artelbaria. Ao governador lbe pareceo bẽ este conselho mas nã ou sou de ho tomar por tãtos capitães e fidalgos lbe serẽ cõtrairos e calauasse, e Joãõ de soire ouuidor geral que era do parecer do governador/ e por q̄ ho via calar nã ou sau de falar/ pos lberitio hũ pẽ sobre ho seu oulbãdo parele como q̄ lbe conselbaua q̄ tomasse ho parecer de Siqueira. Ele parece q̄ inspirado de nõisso senhoz pera auer a victoria q̄ ouue/ disse muyto ledo e esforçado. Ora sus que ey de pelejar, e eles com ho nome de Jesu: quẽ quiser acompãnar ho seu governador e a bandeira real de sua Alteza sigame. E coisto tomou hũa espigarda ás costas e saltou em hũa fusta de que era capitãõ Joãõ ho taful, e nã ho segui

rão outros fidalgos senão os que
yão no seu galeão/que forão estes/
Ruy diaz pereyra / dom Sancho
Manuel, João rodriguez pereyra
ho passaro/dõ Francisco de crasto,
João pereyra/ Bras da silua daze-
nedo/ Garcia de melo / Duarte coe-
lho, Fernão da silua/ Munopereyra
Lionel de souza/ Andre casco, Ma-
nuel de buito cabral, Francisco de
barros depaiva. Porque os mais
dos que forão de voto que não sepe-
leasse se deixarão ficar / e não com
medo mas com pesar da honrra q̃
o governador ali poderta ganbar/
que ainda não podião apagar ho
odio que lhe tinhão por parte de
Pero mazarrenbas. Embarcado
ele, achouse com treze ou quatorze
bargantins e catures que tambem
acodirão algũs de Cananoz / de q̃
forão capitães Francisco mēdez de
Braga, Martin da silua e Jorge
vaz / e de todos fez dous escoadrõ-
es: e ho diãteiro deu a Simão de me-
lo com quẽ foy Lopo de mezquita
em hũ bargantim, e ho outro lhe fi-
cou, e foy hũ dos capitães Fernão
rodriguez barba. Isto ordenado re-
meterão aos inimigos q̃ estauão a ti-
ro de berço bradado por Sãtiago/
e dão por hũ cabo tirando muytas
bombaradas e espingardadas cõ
que os romperão deixando arrõba-
dos algũs paraõs sem receberẽ de-
les dano, e ho mesino foy doutra
vez que os tornarão a romper: e des-
ta vez sete bargantins nossos aferrã-
rão sete paraõs dos inimigos, de
que dos primeyros tres que abal-
roarão erão capitães Siq̃ira/ Frã-
cisco mēdes de Braga, Martin da

silua de Cananoz. E em aferrando
lhes lançarão dentro muytas pane-
las de poluora com que os quey ma-
rão e aos mais dos que yão neles: e
ho governador com os outros tam-
bẽ pelejarão tão esforçamente que
poderão os inimigos em tal aperto
que se desbaratarão em menos de
duas horas q̃ durou a força da pele-
ja / e fugirão a remo hũs pera Ca-
nanz, outros por esse mar que an-
dana bem cuberto deles que se lan-
çauã a ele por escapar dos nossos/
q̃ matarão muytos e outros ca-
tiuarão. E durou isto ate ho meyo
dia que começou a viração de q̃ os
inimigos se ajudarão e derão a vela
pera fugirẽ a todo tira: o q̃ vido ho
governador os não quis mais se-
guir por os seus estarẽ muy cansa-
dos e recolheo os paraõs q̃ estauã
rédidos q̃ forã, xxxv. cõ os metidos
no fũdo em q̃ forão tomadas quasi
cincoẽta peças de artelbaria / e forã
mortos e catiuos bẽ dous mil mou-
ros, sem dos nossos nã morrer nã
o q̃ foy milagre por quã poucos erã
e os inimigos tantos de cujo sangue
o mar em q̃ foy a batalha se tornou
de cor de sangue q̃ foy a vista de Ca-
nanz: e por isso os mouros dele a
virão muy bem q̃ todos estueirão
na praya cuy dãdo q̃ os nossos auã
õ ser tomados e ficarão muyto tris-
tes q̃ndo virão ho cõtrairo / e fize-
rão grandes prãtos / porq̃ muytos
dos mortos erão naturais d̃ Cana-
noz. E reccãdo el rey de Calicut q̃
por amor desta vitoria lhentregasse
ho governador a terra por Crãga-
noz mandou laa ho príncibe com
muyta gẽte: e sabido istoẽ Cochim

mandou ho vedor da fazenda hũa armada ao passo de Cranganor.

Capit. xc. De como ho governador correu a costa d Calicut e desfruyo a vila de Porquã.



Viada esta tamanha victoria ho governador setou nou ao galeões e achou do Tristão de noronha, e opo dazeuedo e Eytos da siluetra: que despois do governador partido pera dar a batalha se correrão de ho não ajudar e yão pera isso em hũ batel / mas chegarão a tempo q tudo era acabado: e ele e os outros que contrariarão ao governador q não pelesse ficarão muyto corridos: e muyto mais de ho não acompanharem na peleja e ficarem nos galeões. E parecendo a algũs que o governador ho esereueria a el rey fizeram capitulos dele por se vingarem que prouarão por seus parêtes e os mandarão a el Rey no anno seguinte: mas ho governador q não tinha tal pensamẽto posto q ho nã acõpanharã na batalha, lhes fez tãta hõrra e gasalhado como se a eles veeirão. E porq poderia ser q a armada dos mouros se tornaria a reformar nã quis ho governador desẽbarcar e Lananz e dous dias esteue esperando no mar. E vedo q nã tomauã parecẽdolhe q auã destar metidos por esses rios, partio a buscalos cõ conselho dos capitães e fidalgos, e mādou diãte a Simão de melo por capitão mór dos bargãtis, e ele ya ao mar cõ os galeões. E indo assi etrou Simão de melo cõ noue bargãtis / õde soube que estauão va-

rados doze paraõs e queimouos cõ parte do lugar sem em seus moradores auer resistencia / porque fugirão como virão os nossos / q depois de queimados os paraõs cortarão quantas palmeiras auia ao derredor do lugar que era a mayor destruição que se lhes podia fazer: e despois disto sayo em Chatuã õde queimou dezasete paraõs / e ho lugar com morte de muytos dos seus moradores em vingãça dos nossos que ali forão mortos quando se a frota perdeu. E assi sayo em outros lugares que todos forão destruidos estando ho governador no mar a vista de tudo / e assi foy ate Cranganor onde achou a nossa armada que hi estava como disse. E sendo certo que ho príncipe de Calicut não estava ali se nã pera defensam leuouha em sua companhia / porque leuouha determinado de ir dar em Porquã pera destruir ho Arel pola imizade que tomara com os Portugueses por amor del rey de Calicut. Este nome Darel he titulo de senhorio / e assi era ho Arel senhor daqle lugar, e grande cossairo de toda roupa pera o q trazia muytos catures bẽ artilhados, e coisto tinha aqui rido grãde tesouro / e tinha muyta artelharã e bõ quinhão de gẽte de peleja. E porq ho governador isto sabia dterminou de o destruir e dar ho lugar a sacopa q os Portugueses enriqcessem, e isto disse secretamente a algũs capitães porq se não rompesse e desse supitamente no lugar. E partido de Cranganor tarde / fez que ya pera Cochim / e em anoytecendo fez volta sobre Po: q

onde surgio em amanhecêdo, e em surgindo saltou em terra cõ sua gente/a que fez saber que lhe daua ho lugar a escala franca/ com q̃ todos ficarão tão ledos que posto q̃ a sua êtrada era muyto perigosa por ser por esteiros de maré, e por muyta vasa que chegaua ao golbo/ passãrão tudo prestemente leuando Simão de melo a dianteira/ mas não acharão com quem pelear por ho Arel ser fora com sua gente de pelesja. E os moradores que erão fracos e sem armas em vêdo os nossos fugirão e deixarãlho lugar/ em que ele entrando se forão dereytos aos paços do Arel e meterãnos a sacco, e tomou se muy grosso dinheiro, porque eu vi hũ caldeirão de cobre que leuaría hũ cantaro dagoa q̃ tomou Francisco mêdez de Braga cheo de pardaos douro, e outros tomarão dez mil/ oyto mil/ cinco mil, e ho geral de cêtoz duzêtos paçima e erão mil homês. E a fora ho dinheiro amoedado douro se tomou outro muyto de prata e peças ricas d'pedraria, e muytos panos ricos da Persia, Choramandel e das ilhas de Baldiua/ e camara-bãdos da Persia: e forão tomadas sua mulher do Arel e hũa sua irmãa que não poderão fugir/ ferosamête arrayadas douro/ aljofar e pedraria, assi nas orelhas como no pescoco/mãos, braços e pernas e tudo lhes foy tomado e elas ficarã catiuas. E roubado ho lugar foy destruido com seu sitio em redondo a fogo e a ferro q̃ não escapou nhũa coufa/ e forão tomadas oytenta peças d'artelbaria de ferro e de metal

e oyto paraços e dous catures. E coesta vitorio se foy ho governador a Cochim: e ho Arel ficou tão quebrado desta destruição que nunca mais ousou de ser cõtra os nossos/ e daqui naceo fazer despois paz cõ Muno da cunha, e não ousou de a fazer com ho governador por saber que aquele anno se esperaua na Índia que fosse outro de Portugal, e auia medo que desfizesse o que este uesse assentado/ e resgatou sua mulher e irmãa por muyto dinheiro.

Capit. xcj. De como soube ho governador que as fustas de Diu corrião a Chaul: e do q̃ fez.



Stãdo ho governador em Cochim chegou Barcia d'Isaa, e despois Antonio de saldanha/ que como disse se apartarã de Muno da cunha com a tormenta que lhes deu: e contarão ao governador o que passarão na viagem. E Antonio de saldanha lhe disse q̃ segundo ho tempo que auia q̃ se apartara de Muno da cunha, q̃ pois não era na Índia q̃ não passaria aquele ãno/ e assi pareceo a todos. E assentado q̃ não passaria aquele anno, tornou ho governador a fazer guerra a Calicut/ pa o q̃ se foy a Cananoz cõ toda a armada, e surgido ao mar mãdou a Simão d' melo q̃ fosse quem mar q̃toze paraços de Calicut q̃ estauão no lugar de Barauia ao pé do môte Delli: e Simão de melo foy lá cõ cinco bargatís em q̃ leuou sesseta homês e pelejou cõ os mouros que erão trezentos/ e despois de pelear em hũ pedaço os de ba-

ratou e os fez fugir e queimou os paraos. E feyto isto tornou-se Simão de melo a Cananor e desembarcou com o governador / que determinando de mandar Antonio de Miranda á costa do Malabar, deu a capitania de Goa a dō João deça capitão dō Cananor: e a de Cananor a Simão de melo, a que deixou nove bargantins da armada ate a vinda dō Antonio de Miranda, q̄ despachou depois de chegar a Goa pera onde se partio de Cananor: e depois de le partido partio-se dom João deça pera Goa / e em chegando se partio Antonio de Miranda pera a costa do Malabar com hũa armada de duzētos homens. Estando o governador em Goa lhe foy dado hũ recado muyto apressado de Francisco pereyra de berredo capitão de Chaul em que lhe dizia q̄ as fustas de Diu que erão cincoenta e tantas chegauão á boca da barra de Chaul e lhe corrião cada dia / q̄ se temia segũdo trazião muyta gente que entrassem no rio e tomassem a fortaleza que tinha pouca gente: por isso que socorresse logo se não quelha écampaua. Pelo que o governador assentou de ir a Chaul como traziã determinado de ir por outro recado como aquele que lhe Francisco pereyra mandara a Cananor. E partio-se de Goa a cinco de Janeiro de mil e quinhētos e vinte e nove bem contra vontade de Antonio de Saldanha e de Garcia de lá que forão coele que com outros muytos fidalgos lhe contrariarão sua ida / dizēdo que a pessoa do governador da India não auia de ir a cousa tão pouca a seu respeito como as fustas de Diu, que abas-

taria mandar hũ fidalgo. E o governador que sabia que era hũa armada muyto poderosa / e que se a desbaratasse faria grande seruiço a el Rey seu senhor não quis se não ir e leuou hũa armada de cincoenta e duas velas, galeões / galēs, galeotas / bargantins e catures, e nela dous mil homens Portugueses e dos da terra. E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ida / do que os que lhe contrariarão zombarão muyto e dizialhe que as fosse buscar / e logo o governador despedio hũ capitão dũ catur q̄ lhe fosse buscar ate certas legoas pola costa: e ele as achou no rio de Malim, e vio que erão sessenta e tres cheas de gēte e muyto bem armadas de artelbaria / e que andaua por capitão mōr delas hũ valēte mouro chamado Malixa / e assi ho disse ao governador que achou na barra de Chaul. E sabendo ele esta noua entrou no rio e foy desembarcar na fortaleza / e depois de desembarcado chegarão no mesmo dia á barra treze fustas de Malixa que ele mandaua a saber nouas do que o governador determinaua, e deu lhe por final q̄ se lhe saíssem de Chaul q̄ era final que o governador ya pelear coele e se não não. E os mouros chegarão á boca da barra posto que os nossos galeões estauão hĩ furtos e não lhes ouuerão medo porque ventaua a viração que era contraira pera sairem de dentro, e começarão de bombardear: o que sabido pelo governador mandou logo a Eytor da silueira que lhe saísse com doze bargantins q̄ foy a remos ate a boca da barra com a decēte da

maré mas não pode sair por amor da montante que começava. E com tudo os mouros fugirão e forã dar esta noua a Malixa.

Capit. xcij. De como ho governador disse aos capitães da armada que queria ir tomar Diu e de como foy contrariado.



Sabêdo ho governador ôde as fustas estauão / e q̄ nã corrião a Chaul como dantes determinou de as ir buscar pera pelejar coe las: e primeyro q̄ partisse descobrio aos capitães e fidalgos hũa cousa q̄ ia de Goa trazia na vōtrade. E iūtos todos em conselho lhes disse. **S**ê sabeis señores q̄ Diu he a mais forte cousa de toda a costa de Cambaya / e chauce de toda a India porq̄ dali a pode el rey de Lambaya conquistar, e ali he a certa colheita dos rumes se vierê a India: e por isto a fora ser tão inao vezinho como he pola guerra q̄ nos faz importa muito ao seruiço del Rey meu senhor to mar se, o q̄ agora prazêdo a nosso senhor se poder a fazer cõ muyto pouco perigo de seus vassallos e muyto pouco gasto de sua fazêda / porque eu sey certo q̄ a principal gente de Diu anda nestas fustas / e a mayor parte de sua artilharia, e q̄ **A**belli q̄ tocão q̄ agora he capitão he ainda nouo na guerra e sabe pouco dela q̄ sam cousas euidêtes na se poder tomar facilmête: e esta foy a causa principal de minha vinda e nã buscar as fustas q̄ pera isso abastara hũ capitão. E porq̄ eu sey certo q̄ Diu esta desta maneyra, e sey q̄ cõ ajuda de

nosso señor ho poderemos tomar / me parece q̄ deuemos de deixar as fustas e engolfar monos no mar, como queimos a Diu / e engolfados fazer volta sobre Diu onde vêdonos de supito hão de cuydar que deixamos sua armada desbaratada de que hão dauer tamanho medo q̄ ou senos hão de dar ou nã hão de poder resistir pera os tomarmos: e isto me crede como a homem que de idade de deza seys annos andey sempre na guerra ategora. E preguntado a Antonio d'Alcaldia e a Garcia de sa que lhes parecia, disserão que lhes não parecia bem ir primeyro a Diu que pelejar com as fustas, porque segundo a gente delas andaua soberba vêdo que ele se partia de Chaul e as não ya buscar creião q̄ lhes fugia e terião atreuímento de ir a Chaul e destruir a cidade e a fortaleza: e quanto a ir a Diu tambem lhes parecia mal porque não crião que estaua despejado nê se deua de crer se se não visse pelo olho, porque como auião os mouros de ser tão descuidados que estando ele tão perto auião de ter Diu desapercebido pera se defender importandolhe tanto: e aparecendo ele no seu porto e não ho tomando seria hũa grande deshonrra: por isso não era bẽ que fosse / nem menos as fustas porque era muyto pequena empresa pera ho governador da India. E cõ ho parecer destes dous se forão os mais dos que ali estauão / somente Eytoria da silueira foy do parecer do governador, assi em ir a Diu como em ir pelejar cõ as fustas, e por ser hũ só não aproueitou, mas ho gover-

nador disse que ainda que parecesse mal a todos, que auia vir pelejar cõ as fustas, e que fosse coele que quissesse. E logo se partio com toda a armada, e deu a capitania mór dos nauios de remo a Eytor da silueira pera que fosse ao longo da costa / e ele com os nauios grossos ya bum pouco amarado pera que as fustas lhe não escapassem. E quando ho governador partio appareceo no ceo hũ final branco feyto como barra e atraueffaua de noroeste a sueste e tinha hũa ponta sobre Diu / de q̄ depois se soube que os mouros tomamão muyto mau pronostico / e este final durou ate ho dia e hora em q̄ as fustas forão desbaratadas.

Capit. xciiij. De como ho governador pelejou com a armada de Diu e a desbaratou.



Endo ho governador nesta ordem dia de trudo atarde apparecerão ao longo de terra hũas treze fustas que yão pera Chaul / e em auendo vista da nossa armada voltarão fugindo: ho governador como vio estas cuydou q̄ vinha toda a armada: metose logo em hũ bargantim cõ determinação de pelejar coela. E vendo que não erão mais foyse ao bargantim Deitor da silueira / e disselhe que ao outro dia prazendo a nosso senhor esperaua que pelejassem com as fustas, e deu lhe ho regimento do que auia de fazer: porque ele auia de estar nos galeões fauorecêdo a batalha: e pa mais animar os

capitães na peleja mādou apregoar por toda a frota / que daria cẽ cruzados ao capitão q̄ primeyro afferasse fusta. E sabido pela frota que auião de pelejar confessarãse todos aquella noyte: e ao outro dia q̄ era quarta feyza de cinza seys de feueyzo em rōpendo a alua ebegarão a Bombaim õde as fustas estauão pegadas cõ hũa ponta / e erão por todas sessenta e quatro. Eytor da silueira como foy ho dia claro que as vio correo todos os bargantins e catures d̄ sua capitania e mādou a todos os capitães que não tirassẽ nhũ tiro aos inimigos se não despois de desesperarem de os aferrar que assi hotinha mandado ho governador / porque não fugissem com medo da nossa artelbaria. E receando Eytor da silueira q̄ os mouros se se vissem em apertada se acolhessem a hũ rio que lhes ficaua da bāda do norte, mādou a hũs oyto capitães de bargantins que em ele rompêdo com os mouros tomassem a boca do rio e lha defendessem / e abalou pera os mouros com os outros cujos capitães erão a fora ele, Diogo coelho, Gaspar paez / Francisco aluarez / João rodriguez bo chatim / Pedraluarez de mezquita / Antonio correa de Goa / Lourêço boteelho / Christouão Lourenço carracão / ho calafate de Chaul / Diogo coresmas malu / Pero barriga, Antonio colaço / Christouão correa / Jorge diaz / e Antonio fernandez: com quẽ yão estes fidalgos, Christouão de melo e Diogo de sã Payo sobrinhos do governador / dõ Francisco de crasto, João pereyra / Da-

mel rodriguez coutinho, Andre
 casco/ Francisco de Barros de pay-
 ua/ Luys coutinho/ Duarte coe-
 lbo/ João de melo, Garcia d' melo,
 Antonio barbudo, João da siluei-
 ra, Manuel do carualbal/ Ruy pe-
 reyra, Açarote dalpõem e outros
 a quem não soube os nomes. Malixa
 estava com suas sessenta e quatro
 fustas feytas e tres batalhas e ele
 na da retroguarda: e como vio que
 os nossos abalauão deu final aos
 seus que tirassem com a artelharía/
 e começou de tirar tãtos pelouros
 que era cousa despanto, e tudo foy
 cuberto d' fumo, e por mais bastos
 que os pelouros erãos os nossos ti-
 rãuão auante quanto podião sem
 nhũ tirar. E que visto por Malixa,
 e q' chegauão a aferrar não ousou
 d'aguardar mais com medo e fezse
 á vela pera dobrar a pòta que digo
 e acolherse pelorio acima, e por bo
 vento ser escasso pera isso mandou
 meter os remos de q' tão pouco se
 pode ajudar por ser contra agoa q'
 vazaua a maré, e por isso se mudou
 a outra fusta peqna e deixou a sua q'
 era grãde, o que foy causa de escapar
 da peleia que a este tempo se começa
 ua a atacar brauamente, porque os
 nossos chegarão aos inimigos, e
 bo primeyro bargantim q' aferrou
 cõ hũa das fustas q' era como hũa
 boa galeota foy bo Antonio fer-
 nãdez em q' yão os fidalgos q' disse/
 e com a grande pancada q' bo bar-
 gantim deu em aferrando tornou a
 desaferrar e afastouse hũ pouco fi-
 cando dentro na fusta Francisco de
 Barros de payua q' foy bo primey-
 ro que saltou nela e ficou na postiga

onde ho espaço que ho bargantim
 esteue sem tornar a abalrroar cor-
 reo muyto grande perigo e soffreo
 trabalho immenso em se defender
 dos inimigos que trabalhauão quã-
 to podião por lhe tirar a vida. E to-
 nando ho bargantim a aferrar foy
 socorrido dos outros a q' os mou-
 ros defendião quem não e'trassem na
 fusta. Estãdo nesta perfia cayo da
 gauia da fusta hũa panela de poluo-
 ra que quebrou na mesma fusta do
 masto pera a popa, e tomando fogo
 a poluora que ali estava arrebentou
 com hũ medonho estouro, e toda a
 cuberta daquela parte lançou ao
 mar com quantos estauão nela, e
 Francisco de Barros que hi estava
 cayo no bargantim ferido em hum
 hombro dũ zaguncho, e forão feri-
 dos João pereyra de hũa frechada
 no rosto, e dom Francisco de crasto
 na cabeça com hũa pedra, e como a
 fusta arrebentou ficou rãdida, e en-
 tre tanto chegou Eytor da silueira
 com os outros capitães, e aferrã-
 do os inimigos apertarãnos tã riço
 que fizerão saltar muytos ao mar
 e outros matarão, e os desbarata-
 rão de maneyra que todos fugirão
 e os Portugueses os seguirã e por
 se não poderem acolher ao rio que
 cuydauão, forão tomadas corêta e
 seys fustas com toda sua artelharía
 e queimadas tres de q' não escapou
 ninguem que todos forão mortos
 nelas e no mar: sem dos Portugue-
 ses morrer nhũ, somente forão al-
 gũs feridos, e das onze fustas que
 escaparão recolheo Malixa sete cõ a
 sua e fugio pera hũ lugar grande
 chamado Lanã donde se foy a B. 1.

çaim, e as quatro fugirão pelo rio de Magotane onde forão tomadas pelos gentios de Chaul/ e assi não escaparão mais que as sete q̄ leuou Malixa. E desbaratados os mouros/ recolheose ho governador cō os nauios grossos aa enseada de Bombaim no proprio dia/ no q̄l e na noyte seguinte os dos nauios de remo que pelejarão cō os mouros os acabarão de matar na agoa. E isto feyto ajuntou Eytos da silueira sua armada, e as fustas que tomou aos inimigos e foyle pera ho governador que ho recebeu cō muyto prazer/ e laa armou canaleiros a muytos fidalgos e a outros que ho quiserão ser por se acharẽ em hũ feyto tão hõrrado como aquele foy, e de que os mouros ficarão muyto debelitados: porq̄ toda sua esperança esta na naçla armada. E juntos todos os nossos/ tornou ho governador a propoer em cõselho sua ida a Diu, dando por rezão muyto principal ho desbarato das fustas com q̄ Diu ficou desbaratado e se tomaria facilmente ou se daria, mas não lhe aproueitou porq̄ Antonio de saldanha e Garcia de salhe forão muyto cõtrairos, e por sua causa outros muytos como da primeyra. E veo a cousa a tãto q̄ lhe disse Garcia de sa que não roubasse a honrra a Muno da cunha que elrey não mandaua aa Índia a outra cousa senão a tomar Diu: por isso q̄ lho deixasse/ se não q̄ pedia dele hũ estozmẽto, e ho mesmo dizia Antonio de saldanha. E por ho governador não ter da sua parte mais que Eytos da silueira/ e andar muyto acanhado cō a vinda

de Muno da cunha q̄ quasi nũs hũem ho queria ver, não ousou dir cõtra os requerimẽtos que lhe fazião. E segundo se despos soube foy cousa muyto errada não ir a Diu porq̄ se lhe entregara se la fora e não custar a tãto como despos custou assi de sangue como de dinheiro, e pa sua desculpa com elrey pedia ho governador ao secretario hũ estozmẽto de certidão do que proposera naquele cõselho e no outro antes de pelejar com as fustas/ pera q̄ elrey soubesse que se não deixara de tomar Diu por sua culpa. Este estozmẽto foy tirado de hũ auto que ho secretario fez dambos os cõselhos que foy assinado pelos que forão neles.

Capit. cxliii. De como ho governador quisera ir sobre a cidade de Lanã/ e a causa por que não foy.



Vendo ho governador q̄ não podia ir a Diu, determinou de dar em Lanã hũa cidade de mouros quatro legoas por dentro do rio de Bahaim/ cidade grande e rica, e em q̄ se faz muyta roupa de Cambaya, e era senhor dela hũ Reque: e porq̄ ho governador sabia que estava rica a queria tomar pera a dar a saca aos soldados q̄ leuassem de comer pa ho inuerno: e pera q̄ ho fizesse tributario a elrey d Portugal. E proposto isto em cõselho/ e acordado que ho fizesse embarcouse na fustalha e nos bateis dos galeões com toda a gente da armada, e Antonio de saldanha foy hũ galẽ muyto contra võtade do governador e de

todos / porque ya em risco de ficar
 em seco: e aquele dia á tarde que foy
 ho primeyro de Março entrou pe-
 lo rio de Baim com determinação
 de cbegar a Taná em amanhecêdo
 porque tomasse os inimigos mais
 desapercebidos. E indo todos a re-
 mo com a maré que enchia ja perto
 da cidade / soube ho comitre da ga-
 lé Antonio de saldanha tão mal
 atinar ho canal do rio que se meteo
 por hũ esteiro / em que ficou em seco
 quádo vazou a maré que foy quasi
 em amanhecendo, e assi ficou toda
 a armada em seco / e foy cousa espã-
 tosa quando foy manhaã clara ver
 como ficarão os bargantins e ca-
 tures / porque hũs ficauão como es-
 porões fincados no chão e as po-
 pas pera cima / outros com os espo-
 rões pera cima e as popas pera bai-
 xo que parecia que os estueirão or-
 denando daquela maneyra: do que
 ho governador ficou bem agastado
 porque não auia outro remedio se
 não esperar pola maré: e os capitã-
 es assi como ho nauio de cada bum
 podia nadar / assi tiraua pera a cida-
 de por mais mandados que ho go-
 uernador fazia que ho nã fizessẽ /
 e deixauãno só / e ate Antonio d sal-
 danha deixou a sua galé em seco e
 foyse em hũ fusta / e a gale ficou e
 risco de não poder sair / porque as
 agoas yão quebrando como que as
 mares da noyte sam mōzes que as
 do dia, e por isso ficou a gale e muy-
 to pouca agoa / e não podia nadar /
 nẽ podera sair sem ajuda: e esta deu
 ho governador que por se não per-
 der nã se quis dali irate a não tirar,
 e ele por sua pessoa se meteo na vasa

ate a cinta e ajudaua a tirar pelos
 cabos e aportar ancoras porq̃ os
 fidalgos que yão coele tirassem tâ-
 bem / o q̃ eles fizerão e forão Chris-
 touão de melo, Diogo de sam Pa-
 yo / dom Francisco de crasto / Frã-
 cisco de Barros de payua / João pe-
 reyra, Manuel rodriguez coutinho
 Andre casco / Luys coutinho / Du-
 arte coelho / João de melo / Garcia
 de melo, João da silueira / Manuel
 do carualhal / Antonio barbudo /
 e Lançarote dalpõem. E ajudarão
 tambem Lourenço botelho com a
 gēte da sua fusta e ho colaço com a
 do seu catur: e leuando todos tanta
 fadiga e trabalho que lhe saya ho
 sangue das mãos de puxarẽ polos
 cabos tirarão a gale pera ho alto
 das oyto horas da manhaã ate a
 hũa despois de meyo dia, sem nhũ
 dos outros capitães querer ajudar
 se não tirar pera a cidade posto que
 vião ho trabalho em q̃ ho governa-
 dor ficaua. E vendo ele tão pouca
 obediência aos seus mandados não
 quis dar em Taná porque receou q̃
 tão pouco lhe obedecessem lá e que
 recrecesse disso algũ desastre / e tor-
 nouse pera a frota que deixaua no
 mar. E vendo os que estauão diãte
 da cidade partir a bandeira forão a
 posela: e ho governador não quis
 castigar tamanho desacatamēto co-
 mo aquele foy por os culpados se-
 rem muytos mas reprendeos brã-
 damente: e perdeose hũ bõ sacco na
 quella cidade porque estaua muy rí-
 ca. E por ser ja perto do inuerno e
 ho governador auer dinuernar em
 Boa e não ter mais q̃ fazer naq̃la
 costa que não fizesse hũ capitão mōz

z deixou hũa armada de vinte bargantins z duas galeotas com trezentos homês a Eytor da silueira pera que fizesse a guerranaçla costa ate ho cabo do verão em que se recolheria a Chaul/ z ele partiose pera Soa onde cbegou em Março.

Capit. xcvi. Do que fez Antonio de miranda na costa do Malabar cõtra os mouros de Calicut cõ ajuda de Christouão de melo.

Chegado ho governador a Soa despois do desbarato das fustas mādou a Duz tres galeões carregados do mercadoria del rey, cuja capitania mōz deu a dom fernando deça seu cunhado/ z forão seus capitães Antonio de lemos z Lopo de mezquita, z mandoulhe que da volta fosse fazer presas á ponta de Diu/ z despachou pera Malaca a Garcia de lá que tinha a capitania/ z encomẽdoulhe muyto ho resgate de Martim afonso de melo jularte que estava catiuo em Bégala, z mandou ao Malabar Christouão de melo seu sobrinho em hũa gale z seys bargantins de baixo de sua bandeira pera que se ajuntasse com Antonio de miranda z lhe obedecesse. E chegado laa foy coele ao rio de Chale õde sabia que estava hũa grande nao del rey de Calicut carregada de pimẽta pera Meca z doze paraõs pera irem em sua companhia em que aueria oyto centos mouros frecheiros z espingardeiros a fora outros despadas z lâças q̃ erão muytos, z

Antonio de miranda entrou no rio com os bargãtis z catures leuãdo os a fio por ambas as partes do rio quel benão fizesse nojo a artelbaria dos mouros, que tinhão os paraõs diante da nao na metade do rio encadeados de quatro em quatro com bombardas nas proas z per ambos os bordos. E por mais bombardadas q̃ tirarão, os Portugueses remãdo a todo tira/ z desparando sua artelbaria lhe chegarão/ z aferrando cõ os quatro diãteiros pelearão tão rijo cõ os mouros que estauão neles q̃ os fizeram fugir saltãdo hũs ao mar z outros recolhendose pera os paraõs traseros que logo forão cercados dos Portugueses, z pera se despacharẽ mais asinha lhe lançarão dẽtro panelas de poluora com que os queimarão, z coisso se deitarão todos os mouros ao mar/ z deles forão mortos nagoa outros fugirão pera terra a na do cõ tamanho medo que nem na pouoação se atreuerão a saluar se/ z os Portugueses a q̃imarão z destruirão tudo ao redor. E destruida a terra tornou se Antonio de miranda sem pder nhũ dos seus de q̃ forão feridos algũs/ z leuou consigo a nao carregada como estava z oyto paraõs q̃ os quatro forão queimados/ z mādou ha coeles a Cochim onde ho vedor da fazenda mandou fazer deles bargãtins, z a pimẽta foy descarregada na feytozia. Despois disto andãdo Antonio de miranda z Christouão de melo a monte fermoso hũ da bãda do sul z outro da do norte/ teue Christouão de melo vista da arma-

da de Calicut hũ dia a tarde / e sabendo que era de cincoenta paraõs ajuntouse com Antonio de miranda (que ainda não sabia parte dela) e disse-lho e por ser tarde não pelejarão coela aquele dia e deixarão pera ho outro dia. E cõcertado da maneyra q̃ auia de ser / em amanhecendo foy se Christouão de melo em busca dos inimigos indo abolinãdo ao longo de terra com ho terreinho, e Antonio de miranda se empegou. E ido assi ouue Christouão de melo vista dos inimigos que tambem ho buscavão / e sendo perto deles tiroulhe algũs tiros / e como q̃ auia medo deles polos ver muytos viroulhe a popa com os outros e fez na volta do mar. E em os mouros vendo que fugia forão apos ele obra de trinta paraõs que ho seguirão ate auer vista d'Antonio de miranda, que indo de auiso do q̃ auia de fazer em vendo Christouão de melo fez volta / e passando a sota vêto dele meteose por atre os inimigos, que vêdo-se assi cometer de sobre salto amainarão pera fugir a remos porque não podião pola bolina. E nesta detença oyto dos nossos bargantins aferrarão oyto paraõs / e começarão de pelejar: e querêdo os outros fugir sayolbes ao encontro Christouão de melo, e seys dos seus bargantins abalroarão cõ outros seys paraõs, e os dezaseys q̃ ficarão por aferrar fugirão ate se ajuntar com ho seu capitão mór seguindo os Antonio de miranda as bombardadas e espingardadas: e nisto estenerão hũ pouco coeles / q̃ posto que os quiserão aferrar eles

se goardarão bem disso: tanto que apertando os nossos pera ho fazer lbes fugirão ao longo de terra metendose por rios e esteiros cõ muyta gente ferida e algũs paraos arrombados / e Antonio de miranda e Christouão de melo os não quiserão seguir, e forão ajudar os seus q̃ ficarão aferrados com os inimigos que ja os tinbão desbaratados, e os matarão todos sem ficar nhũ / e os quatorze paraos lbes ficarão em poder que Antonio de miranda mandou a Cananor pera os fazer bargantins: e correrão a costa de pois, e deixãdo a limpa meado Abril se recolheo Christouão de melo pera Goa e Antonio de miranda pera Cochim por amor do inuerno.

Capit. xcvi. Da guerra que Eytor da silueira fez em Lambaya.



Quando Eytor da silueira por capitão moor na costa de Lambaya, determinou de tomar hũa fortaleza duas legoas do mar pelo rio de Magotane / em que soube que estava hũ capitão del rey de Lambaya com seys centos de caualo e dous mil de pé: e deixou dir porque obra de hũa legoa da fortaleza era ho rio tão baixo que não podião nadar os catures / e queimou seys pouoações grandes de lauroas que estauão quasi na entrada do rio de hũa parte e doutra / e fez espantosa destruição: o que sabêdo ho capitão da fortaleza foy ho bus-

car com sua gête pera pelejar coele,
e topoubo na derradeira pouoação
que andaua destruindo. E sabendo
Eytos da silueira quão grossa gête
trazia não quis pelejar coele no câ-
popor ter tão pouca gête como erã
trezêtos homens / porque muyto ya
de pelejar coeles no câpo a pelejar
na fortaleza onde determinana dir
pelejar, que no campo auião destar
espalhados e tirar aos nossos co-
mo a barreira / e na fortaleza não a
uião de pelejar mais que aqueles q̃
coubessem no muro / e no primeyro
impeto q̃ era bo mais forte ficauão
com os nossos quasi tantos por tã-
tos / e por isso não quis Eytos da
silueira pelejar, e assi ho disse aos
seus que fez recolher aos bargâtis
ficando ele na traseira / porque os
mouros q̃ chegauão ja sobrele asso-
berbauão muyto dando grandes
apupadas, e chamando nomes aos
nossos e os de caualo remetião esca-
ramuçado: e Eytos da silueira lbes
fez rosto com a gente que estava por
embarcar tirãdo muytas espingar-
dadas, e hũ dos nossos que tinha
hũ lâça com hũa rodela se afastou
do corpo dos outros / e hũ dos de
caualo que ho vio só remeo a ele pe-
ra ho ferir a mão tente com hũ za-
guncho, e ho soldado ho esperou /
e em querêdo chegar a ele q̃ alcança
ho braço pera ho ferir meteo lbe a
lança polo sobaco do braço e deu
coele no chão ferido mortalmente /
e ainda não foy no chão quando lbe
ho soldado tomou ho zaguncho / e
caualgãdo no caualo, leuou outro
mouro decontro que ya pera ho fe-
rir / e passou ho polos peitos posto

q̃ bo laudel era forrado de malha:
ao que os nossos derão grãde grita
e dessecharão hũa grãde curriada
despingardadas, e coisto se teuerão
os mouros e se retirarão. E ho sol-
dado tomando ho caualo do segũ-
do mouro pela redea se foy cõ muy-
to affessego pera Eytos da silueira
pedindolhe que ho fizesse caualeyro
quando fosse tempo: e ele ho fez. E
não ponbo ho nome deste soldado
por não ser conhecido: porê ganhou
aliesta honrra / e Eytos da silueira
lha fez dali por diante / e assi ho go-
vernador q̃ lbe chamaua ho seu ca-
ualeyro, e na igreja estaua jũto coe-
le / e eu ho vi muytas vezes. E em-
barcado Eytos da silueira foyse ao
lõgo da costa caminho de Baçaim
dalia cico legoas: mea legoa por hũ
rio acima / mandando diante saber
sua disposição per hũ Christouão
correa capitão dũ bargâtim: e este
lbe disse que quasi pegado cõ ho lu-
gar estaua hũa trãqueira de madei-
ra de duas faces entulhada que ti-
nha tres baluartes do mesmo com
sessenta peças d'artelbaria grossa,
e estaua em sua goarda e do lugar
Malixa (q̃ fora capitão das fustias)
cõ tres mil homens de pé e quinhẽ-
tos de caualo acubertados. E com
quanto isto se soube era ho desejo
dos nossos tamanbo de pelejar cõ
os mouros, que em quanto Eytos
da silueira fazia cõselho como auã
de cometer ho lugar bradauão to-
dos que acabassem. E assêtado por
todos que se cometesse / e repõtado
a maré entrarão pelo rio acima cõ
grãdes alegrias: e ao outro dia às
nove horas chegarão defronte da

tranqueira que estava na borda do rio que não avia outro desembarcadouro se não nas bocas das bõbardas q logo despararão nos nossos, que sendo tão poucos era cousa medonha velos antre tãtos pelouros como vinhão da tranqueira q pera cada hũ dos nossos avia muytos q os matassem / mas nosso senhor os goardou quetodos escaparão e tomarão terra / e os primeyros forão duzentos piães Lanarins que yão cõ Balumocadão dos remeiros q Eytos da silueira deitou diante pera quebrar neles a primeyra curria da da tranqueira / e també estes forão saluos. E desembarcado Eytos da silueira, remeteo á tranqueira que muytos dos nossos têmão aferrada / e pelearão muyto valentemente com os inimigos que se defendião muy bem, e dauão q fazer aos nossos por serem muytos: e se os nossos não teuerão tãtas espingardas virãse e assaz de trabalho / porque as frechadas dos inimigos não têmão conto / nem os arremessos e pedradas que lançauão / e lançadas que dauão a mão tente mas as espingardadas dos nossos podião mais e derribarão tantos que fizeram caminho pera entrar sem lhe os mouros poderem resistir, posto que trabalharão nisso quanto poderão. E vêdo que os nossos os entrão fugirão / e eles os seguirão ate ho lugar onde se meterão todos: e aqui fizeram os inimigos rosto aos nossos defendendose. E isto porque sabêdo Halixã q Eytos da silueira ya sobre a tranqueira, receãdo que a entrasse deixou nela a gente q lhe

pareceo que abastaria pera a defender e com a outra de pé e de caualo sepos em Cilada com tẽção de darnos nossos despois de andarem no lugar, e com os inimigos terẽ esta certeza fizeram rosto aos nossos e se defendião. E estando nisso say o Halixã da cilada com os de caualo diante e os de pé detras / o que sintido Eytos da silueira recolheo os nossos e sayose ao campo / e feytos em hũa pinha esperou os inimigos que ho forão cometer cuidando q lhe fugia. E chegãdo oo dianteiros q erão os de caualo / desfechão os nossos as espingardas tirando em roda viua porq os mouros os não entrassem e derribarão muytos deles / e os caualos cõ medo do estrôdo das espingardadas começãdo de fugir, e metese por antre os de pé derribando os com os peitos, e trilhando os com os pes os desbaratarão e fizeram fugir e coeles Halixã: e os nossos por estarem muy cansados os não seguirão / e forão roubar ho lugar a que derão fogo despois do roubado e ardeo a parte da quele dia e quasi todo ho seguinte sem ficar cousa q não fosse queimada, e cortadas as hortas e palmares derredor. E foy cousa espãtosa a destruição que foy feyta por tão pouca gente. E isto acabado q foy hũa cousa muy grande sayose Eytos da silueira pera ho mar com sua armada carregada de muyta fazenda / artelbaria e catiuos que se tomarão em Baçaim, e com tres taforeas carregadas de madeira, e foyse por essa costa a destruir muytas pouoações: de que a gẽte fugia

cō medo, e os nossos quei maão os lugares e destruyão tudo. E era ho medo tamanho nos da terra q̃a seys legoas por dentro do sertão não oulaua ninguem de parecer. E coeste medo mandou ho Reque da villa de Laná pedir paz a Eytor da silueira com lhe offrecer que pagaria cadãno quatro mil pardaos de pareas / e daq̃le deu logo dous mil e por não poder pagar os outros dous mil deu arrefens. E de tudo isto foy feyto hũ contrato assinado por ambos / e por ser no cabo do verão se foy Eytor da silueira a Chaul onde auia diuerner / e dahi mandou as tafozeas da madeira ao gouernador.

Capit. xviij. Do que passou dõ Jorge de menezes cõ Fernão de la torre.



Tras fica d̃sto quão pouca ajuda deu Bõçalo gomez dazeuedo a dom Jorge de menezes cõ a gente q̃ leuou de Malaca. e como nã queria mais que estar na fortaleza fazẽdo sua fazenda: porem hũ só bem lhe fez que com sua estada enfreaua os castelhanos e os mouros pera que não fizel sem a guerra tão aptada como dantes, e tĩndã muytas vezes tregoas e yão folgar hũs cõ os outros sem terem necessidade de pedirẽ seguro senão quando chegauão ou leuantauão hũa bandeira branca, no que parecia que aueria paz antreles. E com tudo nunca a ouue / nẽ Fernão de la torre quis dar a dõ Jorge os

Portugueses que tinha catiuos por mais vezes que lhos pediu do que dom Jorge estava muyto agastado. E corrédo assi ho tempo hũa noyte quasi no fim do quarto da prima forão ter aa fortaleza dous castelhanos, que tomados pelas viçias forão leuados a dom Jorge q̃ os mandou prender cuydando que yão pera dano da fortaleza por não pedirem seguro / nem leuarem recado do seu capitão. E sabendo Fernão de la torre a prisão destes Castelhanos com seguro de dõ Jorge lhe mandou hũ embaixador que foy com tamanho aparato como que fora de hũ grande príncipe / porque alẽ de leuar muyto ricos vestidos / leuaua diãte trombetas / e frantas e dous reys d'armas: e ya acompanhado de gente muytuzida. E a cõcrusam de sua embaixada foy espantarse Fernão de la torre muyto de dom Jorge, prender os dous Castelhanos sendo tão costumado antreles, e os Portugueses a irẽ folgar hũs com os outros, pedindolhe q̃ lhos desse: e dom Jorge disse q̃ ele responderia, e mandou apouentar ho embaixador que deteu algũs dias, e neles lhe fez muyta bõrra comendo às vezes ambos / e outras lhe mandaua de comer a sua pouçada. E hũ dia estãdo ho embaixador no cabo do comer lhe mandou dom Jorge como por zõbaria hũ pastel em que yão hũ cão e hũ gato pequenos viuos com hũ recado, que pois aqueles dous que erão tão cõtrairos de sua natureza / e estauão tão pacíficos / que porque ho não estauão assi os Castelhanos cõ os Por

tugueſes ; pois que auia tanta re-
 zão pera iſſo / aſſi por ſerem todos
 Chriſtãos e eſpanhoes / como tam-
 bem por ſerem vaſſallos de dous
 príncipes tão liados per parenteſ-
 co e amizade. E viſto pelo emba-
 xador ho recado e ho preſente, mã-
 dou perguntar a dom Jorge per
 qual daquelas alimarias entendia
 os caſtelhanos. E ele reſpondeo q̃
 polo gato / por ho terem ate então
 muyto arranhado / e ele auia de
 ſer ho cão que os auia dapanhar
 dum bocado / e q̃ diſſe a Fernão
 dela torre que lhe pedia muyto q̃
 lhe deſſe os Portugueſes que lhe
 la tinha / ſe não q̃ lhe não auia de
 dar os caſtelhanos / que pera iſſo
 os tomara. E iſto reſpondeo ao
 embaixador por derradeyro quan-
 do ſe tornou : porem Fernão dela
 torre não quis dar os portugueſes
 E daqui a dias a quatro de Deze-
 bro chegou a Ternate hum fidal-
 go chamado dom Jorge de craſto
 em hum jungo de que ya por ca-
 pitão e de caminho foy por Bor-
 neo , leuando em ſua conſerua hum
 Jorge de britto por capitão de hũa
 fuſta que ſe perdeo de ſua compa-
 nhia e tornouſe pera Banda, e dõ
 Jorge leuou muyta roupa pera a
 feytoria e munições pera a forta-
 leza que então era tudo muyto ne-
 ceſſario. E com a vinda de dom
 Jorge de craſto ſe fauoreceo dom
 Jorge algũa couſa / e mandou ho
 darmada ao morro, onde chegou
 pelejou com a armada dos immi-
 gos e os deſbaratou e ſe tornou a
 Ternate : e ſendo ja em Janeyro
 de mil e quinhentos e vinte noue /

Bonçalo gomez dazeuedo come-
 çou de querer entender em ſua par-
 tida pera Malaca : o q̃ vendo dom
 Jorge de meneses, lhe requeo muy-
 to eſtreitamete que ho não fizeſſe,
 e aſſi ho requereo a Lionel de li-
 ma, a quem tinha dada a alcaйда-
 ria mór da fortaleza / e capitania
 mór do mar / poendolhe diante a
 neceſſidade que tinha deles por a-
 mor da guerra que lhe fazião os
 mouros e os Caſtelhanos / e em
 quanto apreto ficaria por lhe leua-
 rem a gente. E com tudo nunca
 quiſerão ſe não irſe / prometendo
 lhe de lhe não leuar a gente , que
 dom Jorge deteuue com muytos
 rogos e dadiuas de ſua fazenda /
 e prometendolhes que no anno ſe-
 guinte lhes ajudaria a fazer crauo.
 E coiſto que lhes prometeo fica-
 rão : e pola ida de Lionel de lima
 deu os ſeus officios a hũ Gomez
 aires criado do meſtre de Santia-
 go / e mandou na conſerua de Bon-
 çalo gomez dazeuedo a dom For-
 ge de craſto que foſſe pedir ſoco-
 ro a quaíſquer capitães ou merca-
 dores que achaffe em Banda / aſſi
 de gente como de mercadorias pe-
 ra a feytoria. E partio Bonçalo
 gomez e os outros a dez dias de
 Feuereyro / e Bonçalo gomez foy
 por Sachão pera tomar hi Ma-
 nuel ſalcão que deixou em Sachão
 ate ſaber ſe dom Jorge queria que
 ele foſſe pera a fortaleza / o que ele
 não quis conſentir por eſtar mal
 coele / como ja diſſe.

Capit. cviiij. De como Garcia de
 ſá ſe partio pera Malaca.



Entrado ho mes de Janeiro deste anno de mil e quinhentos e vinte nove que era a moução pera ir de Malaca pera a India / partiose Jorge cabral que fora capitão da fortaleza de Malaca / e dom Garcia anriquez cada hũ em seu jungo / e assi outros fidalgos que laa estauão e chegarão aa barra de Cochim / e com quanto yão com determinação de passarem a Goa não oulou Jorge cabral por ser ja na fim de Março e ventarem os noroestes que correm ao longo da costa e lbe erão por dauante / e por isso se acolheo Jorge cabral a Cochim. E dom Garcia não quis acolherse coele / e disse que auia de passar a Goa em que pes ao vento e ao mar : e polo vento ser por dauante / e ho jungo em que ele ya ser mao de bolina e ir muyto carregado / chegou a Batecalá com muyto grande trabalho e perfia : e estado hi vio que ho tempo auia de ser de cada vez mais forte por ser meado Abril que entrava ho Inuerno / e por isso ouue por seu acordo que era melhor tornarse a Cochim : como tornou / e com grã de tormenta chegou aa sua barra onde durando a tormenta surgio, porque por ho jungo ser grande e ir muyto carregado não pode entrar no rio de Cochim. E deixando dom Garcia ho jungo surto sobre hũa ancoza foyle a terra / e depois de ido creceo ho vento tanto que durou tres dias e tres noytes e andaua ho mar tão grosso que

ho jungo sefoy ao fundo cõ a muyta agoa que lbe entrou dentro / em que se perderão cincoenta mil cruzados que tanto valia a carrega q̄ tinha : e dom Garcia não ficou cõ mais que com ho vestido com que foy a terra / e depois ho prendeo Munio da cunha pelo que fizera em Maluco e ho mādou preso a Portugal no anno seguinte. E depois de passada esta tormenta / Garcia de saa que estava então em Cochim separtio pera Malaca / e ya em hũa nao , e leuaua em sua companhia hum jungo que comprara pera leuar sua fazenda : e ho jungo se perdeu ao sair da barra. E chegado Garcia de saa a Malaca , lbe entregou Pero de faria a capitania de fortaleza / e ficou em Malaca ate ho Setembro seguinte que se partio pera a India onde chegou em Novembro.

Capitolo. xcix. De como el rey Dachen tomou por engano hũ galeão a Manuel pacheco.



O rey de Dachen polos recados que tinha mandado a Pero de faria que mandasse pola galé como atras fica dito estene esperando que fossem por ela. E quando vio que não yão / nem Pero de faria lbe mandaua reposta ficou espantado / e determinou de saber porque lbe não mandaua recado : e mandandopreguntar a causa disso ao Sédara de Malaca q̄ auia nome Sanaya de raja cõ

quem tinha grande amizade / e lhe peitaua grossamente por lhe dar a uiso do que sabia q os Portugueses determinauão e quantos erão, porque todo seu pensamento era diminuirlos tanto com ardis e manhas que podesse tomar a fortaleza sem perigo. E como pera isto tinha este trato com Sanaya / foy por ele auisado de como Pero de faria recebera bem a embaixada que lhe leuara Antonio caldeira, e como ho mandara com resposta: e por amor da sua amizade que tinha por muyto certa não deu socorro a el rey Dauru / e que se Garcia de saa não entrara na capitania naquele tempo / que sempre Pero de faria mandara pola galé. E el rey de Dacheim que isto soube, determinou logo de cometer paz a Garcia de sa pera ver se lhe podia acolher algus Portugueses pera os matar, e mandou lhe hum embaixador, que auído seguro de Garcia de sa entrou em Malaca, e primeyro que desse a embaixada correo toda a cidade sobre hum alfante levando nas mãos hum bacio douro em que ya húa carta del rey de Dacheim pera Garcia de sa e rodeado de muyta gente de pé / leuaua hum homem diante tangendo em húa bacía, e de quando em quando dizia em voz alta como pregão que el rey de Dacheim queria fazer amizade com el rey de Portugal: e isto fez por ser assi ho costume daquelas partes. E corrida a cidade deu a embaixada a Garcia de sa, cuja concursum foy desculparse do que fora feyto a Si-

mão de souza galuão / e como estaua prestes pera dar a galé, artelharia e Portugueses, sobre que mandara tres a Malaca per duas vezes pedir ao capitão que mandasse por tudo hum homem honrado pera assentar coele amizade / porque deseia uana que os Portugueses teuessem trato em sua terra, e que nunca vira resposta: pedindo a Garcia de saa que lhe quisesse responder com fazer o que pedidia. E parecendo Garcia de saa que era aquilo verdade, fez muyta honra ao embaixador / e despedio logo mandando coele outro com resposta como el rey queria, que fez grande recebimento ao embaixador Portugues / e por lhe fazer honrra que antreles he muyto grã de lhe deu duas manilhas douro pera que trouesses no braço de rey to como caualeyro, e aos que yão coele deu a cada hum sua. E partido ho embaixador pera Malaca foy morto com quantos yão coele na barra de Dacheim por mandado del rey / e isto tão secretamente que ho não souberão mais que aqueles que ho fizerão / e por isso ho não soube Garcia de saa, mas soube a honrra que lhe el rey de Dacheim fez pelo que não teue nenhúa sospetta daquela maldade / mas vendo que ho embaixador não tornaua cuidou que se perdera no mar. E sabendo isto el rey por Sanaya de raja / tornou a mandar outro embaixador a Garcia de saa / espantandose muyto como não mandaua confirmar a paz como lhe mandara dizer / q a mandasse logo

confirmar per algum homem honrrado. E cuidando Garcia de Sá que era assi, sem bo praticar em conselho escolheo pera mandar a Dacchem hũ Manuel pacheco q̃ sabia bem a lingua Malaya, e porque se ganhaua muyto na mercadoria q̃ se lá leuasse dũhe hũ galeão nouo carregado dela e a mais sua, e a outra doytenta Portugueses que auião dir com Manuel pacheco, que por aida ser de proueito ouuerão licença pera irem, com grãde adherença. E disto deu logo Sanaya auiso a el rey de Dacchem conelhadolhe que tomasse aquele galeão, affirmando que se bo tomaua que ele lhe tomaria logo a fortaleza de Malaca, por que a gente que ya no galeão era a principal da fortaleza, e a q̃ ficaua era doente e pobre. E tendo el rey este recado quando Manuel pacheco chegou á barra de Dacchẽ determinando el rey de bo tomar mandou muytas lancharas darmada pera isso, que andando bo galeão balrrauenteando de fora da barra sayrãõ poucas e poucas, e quando os Portugueses virãõ tanta gente comotrazião as lancharas, disserãõ a Manuel Pacheco que lhe parecia aquilo treição, que seria bõ armarêse pera se defenderem: do que se ele agastou muyto dizendo que e el rey não auia treição que não fizel sem aluoroço. E como ia esteuessem muytas lancharas ao derrador do galeão, entra por ele hũ frecha que sayo dantre os mouros, ao q̃ Manuel pacheco pediu muyto apressado hũa saya de malha, e em a metêdo pela cabeça vem outra frecha e

atruessalhe bo pescoço, e apos isto êtrãõ os mouros bo galeão por todas as partes dando grãdes gritas, e sem se os Portugueses podem armar nem defender forãõ tomados ás mãos sem escapar nhũ, e leuados a el rey os mādou matar com os outros q̃ tinha da galé de Simão de souza, e ficou lhe bo galeão que era nouo e muyto bem artilhado, e coesta artilharia ficou muyto mais abastado dela do que estaua a fortaleza de Malaca: cõtra quem mandou logo hũa armada, mandando dizer a Garcia de Sá que lhe agardecia muyto bo galeão que lhe não falecia mais que hũ bargãtim, que lhe rogaua que lho mandasse senão que ele bo tomaria cedo. E el rey ficou tão soberbo que não tinha em conta os Portugueses, e determinou de lhes tomar a fortaleza de Malaca.

Capit. c. De como foy descuberta a treição de Sanaya de raja, e foy morto por isso.



Espos da tomada deste galeão mādou Sanaya de raja dizer a el rey de Dacchẽ que pois bo tomara que ele compriria com lhe dar a fortaleza pera que dali por diante buscava tẽpo. E quasi q̃ bo ouuera de fazer se bo nosso senhor não descobrira, e assi foy que andando muytos mouros Dacchem darmada ao longo da costa de Malaca, ajuntarãse com algũs dela onde chamãõ

botãque del rey z hi fizeção hũ bã-
quete em que os Daches despois
de bebados cõtaraõ aos Malayos
como por instruçãõ de Sanaya el
rey de Dacheim tomara ho galeão,
z como mandara matar ho embai-
xador de Garcia de sa pera mais dis-
simulaçãõ, z como tinha ordenado
de tomar a fortaleza em hũ tal dia
que Garcia de sa estivesse na igreja
com toda a gente que auia de tirar
dentro com hum camelo que estava
cenuado defronte aa porta da fortaleza,
z matar a mais da gente que estivesse
dentro tomar a fortaleza cõ
gente que auia de ter pera isso: do q̃
logo Garcia de sa foy auisado por
algũs dos Malayos que erãõ seus
amigos: z ouue logo conselho sobre
matar Sanaya / z que fosse com ho
menos aluoroço que podesse ser. E
estando neste conselho chegou Sa-
naya q̃ era fora com outro mouro
seu enteado que auia nome Tuam
mafamede / z Garcia de sa ho man-
dou chamar: z ele foy logo lá bẽ des-
cuydado do pera q̃ ho chamauãõ
que não cuydaua que se sabia / z ya
coele Tuã mafamede / a que Garcia
de sa disse q̃ queria prender Sanaya
por treição que fazia: o q̃ Sanaya
não entendeu por não entẽder a lin-
goa Portuguesa. A que Tuam res-
pondeo / que se Sanaya fizera treição
que a pagasse. E logo Sanaya
foy preso / z atadas as mãos atras
foy deitado do terrado da torre q̃
era de cinco sobrados / z assi foy
morto. E Tuam mafamede que as-
si ho vio matar ficou fora de si com
medo / z Garcia de sa lhe disse que
não ouuesse medo / porque Sanaya

pagara ho mal que fizera: z a ele q̃
era leal faria sempre muyta honrra
z merce / z mandou ho leuar pera
sua casa muyto acompanhado: z as-
si liurou nosso senhor a fortaleza cõ
a morte de Sanaya de rãsa que fez
muyto grande espanto nos Ma-
layos / z feziẽbrar a morte de Tuã
timuterãsa em tempo Dafonso dal
buquerque / z dizião que os Por-
tugueses sabião muyto que não se
lhes escondia nada. E el rey de Da-
cheim ficou muyto triste pola mor-
te de Sanaya / porque perdeu nele
grande perda / z a molher de Sa-
naya fugio logo / z foyle coela Tuã
mafamede pera el rey Dugentana,
hũ rey comarcãõ de Malaca.

C Capit. c. j. De como Runo da cu-
nha chegou a Ormuz, z de como
foy prelo Raix parafo.



Ruernãdo Runo da
cunha em Bomba-
ça forãõ ter coele no
cabo do inuerno Si
mãõ da cunha / dom
Francisco deça, z Francisco de mẽ-
doça que inuernarãõ em Moçam-
biq̃ onde lhe morrerãõ q̃troçetos
homẽs / z assi ho disserãõ a Runo
da cunha / z a perdição Dafonso
vaz azambuio, z de Bernaldim da
silueira: do que ele ficou muyto tris-
te z receou que tambem Garcia de
sa z Antonio de saldanha fossem
perdidos / z porque era no cabo do
verãõ da India / z a nauegação
pera laa auia de ser muy perigosa

por amor das naos que erão grandes / acordou cõ aqueles capitães que pera segurança delas fosse ter ho inuerno da Índia a Ormuz. E estado pera partir foy hí ter em hũ nauio hũ Bastião ferreyra cidadão de Soa que por mandado do gouernador foy buscar Munõ da cunha a Moçambique cuy dãdo que inuernaua lá e não ho achando foy a Beilinde, e porque auia de ir inuernar na Índia escreueo Munõ da cunha por ele ao gouernador como tomara Bombaça, e a causa porque ya a Ormuz / pedindo lhe muyto que tenesse a armada da Índia concertada porque auia de ter necessidade dela em chegando. E partido Bastião ferreyra, partio se ele pera Ormuz, e estando na agoada de teiue foy ter coele dom fernãdo deça cõ os outros dous capitães de sua cõserua que yão da Índia como disse atras, e dabi se foy a Bazcate õde deixou os doentes da armada que erão muytos / e as naos de dõ frãcisco deça e de francisco de mendoça, e por capitão a dom fernãdo de lima, e foy se na sua nao a Ormuz indo coele Simão da cunha e dom fernando deça com seus capitães, e el rey lhe fez grande recebimento: e com sua chegada ficou Raix xarafa muy assombrado que castigasse suas tiranias, porque como vinha nouamente auia medo de entender nele. E auêdo poucos dias que ho gouernador estaua em Ormuz / chegou de Portugal Manuel de macedo por capitão de hũ galeão com prouisam del Rey de Portugal pera prèder Raix xarafa por muytas

culpas que tinha dele / e que lhe fosse entregue / e no mesmo galeão ho leuasse preso a Portugal. E el Rey deu este cargo a Manuel d macedo por confiar dele / q ho faria melhor que outrem e não se peruerteria cõ peitas. E chegando ele á agoada de Teiue que he sessenta legoas de Ormuz soube como Munõ da cunha estava em Ormuz: e porque se receou que se soubesse ao que ya lhe tiraria a honrra que speraua de ganhar em prender Raix xarafa (por ser cousa muy desejada) quis êcobrir sua ida a Ormuz, e foy se e hũa terrada cõ algũs de que se confiou mandando ao q deixou no galeão por capitão que dali a tantos dias fosse ter a Ormuz que era ho tempo que lhe pareceo que teria feyto seu negocio. E chegando a Ormuz na terrada que era hũ dia pola manhaã desembarcou muyto secretamete e foy se a casa de Raix xarafa que pousaua nos paços del rey, mãdando primeyro a hũ criado seu que como ho visse falar com Raix xarafa lhe leuasse hũa carta a Munõ da cunha em q dizia q lhe requeria da parte del Rey de Portugal que tanto que aquela visse mandasse gente a casa de Raix xarafa porque cõpria muyto a seu seruiço. E chegando a casa de Raix xarafa foy dele muyto bem recebido porque ho conhecia e tinha coele amizade de quãdo ho leuara da Índia pa Ormuz despois de se liurar das culpas que lhe punhão como disse atras. E ho homem que tinha a carta pera Munõ da cunha como os vio falar foy lha leuar. E lendo Munõ da cunha a carta chegou Si-

mão da cunha muyto de pressa z disselhe que fazia/ que Manuel de macedo tinha preso Raix xaraso: z assi era que ja a noua andaua pola cidade. E ficando Muno da cunha muyto salteado coesta noua mandou logo a Simão da cunha que fosse prender Raix xaraso, z ele foy com muyta gente: z chegando la achou que ja Manuel de macedo tinha preso Raix xaraso, z Simão da cunha lho tomou z lhe mandou logo escrever sua fazenda, z ho leuou consigo a casa de Muno da cunha sem na cidade auer por isso nhũ aluoroço cõ quanto Xaraso tinha nela muyto poder z muyta valia, z era muyto aparentado / z isto por medo dos nossos. E Muno da cunha ficou tão agastado de Manuel de macedo prender Raix xaraso sem lhe dar conta disso/ que ho mandou prender com quanto lhe ele mostrou a prouisam que trazia del Rey pera ho prender: z tambem ho porque Muno da cunha fez isto foy por abrandar el rey Dormuz q̃ mostrou sentir muyto a prisam de Raix xaraso por ser em sua casa, z dauasse por muyto injuria do disso. E despois da prisã de Raix xaraso em Agosto, ordenãdo Muno da cunha sua partida pera a India veyo noua certa a el rey Dormuz que Raix bardadim governador de Babarẽ por el rey Dormuz se lhe reebalara z lhe não q̃ria pagar coarenta mil xarafins que lhe pagaua de rãda, z isto por amor da prisã de Raix xaraso de q̃ era cunhado dizẽdo q̃ el rey ho fizera prender pois cõsentira q̃ fosse em sua casa, pelo q̃ lhe auia de fazer todo ho mal q̃ po-

desse. O q̃ sabido por el rey deu cõta a Muno da cunha, dizẽdo q̃ pois ele era vassalo del Rey de Portugal z lhe pagaua pareas q̃ ele como seu governador lhe auia de restituir Baharem z tornar a sua obediencia a Raix Bardadim/ z mais pois a prisam de Xaraso fora causa de seu auantamento/ z se isto não fazia que não podia deixar de descontar nas pareas del Rey de Portugal a q̃les coarenta mil xarafins q̃ lhe rãdia Baharẽ: a q̃ Muno da cunha respõdeo q̃ não tinha naquilo rezão/ porque se Xaraso fora preso fora por suas culpas z el Rey de Portugal ho podia castigar como seu superior / z por isso não era aquilo escusa pera não pagar as pareas. E daqui praticarão tanto sobre esta cousa q̃ Muno da cunha fez cõ el rey q̃ pagasse mais de pareas a el Rey de Portugal os coarenta mil xarafins q̃ lhe rãdia Baharem z quelho someteria a sua obediencia. E isto pos Muno da cunha em cõselho com os capitães z fidalgos de sua armada: z algũs disserão q̃ ele ya dirigido de Portugal pera tomar Diu: z Diu importaua mais tomar se que se acrecẽtarem mais coarẽta mil xarafins às pareas Dormuz/ porque auia de rãder mais/ z auia de ser mais hõrra del Rey de Portugal tomar se / z que se agora fosse sobrelecõ ho destroço que Lopo vaz de sam Dayo tinha feyto nas fustas/ z com ir de nouo de Portugal q̃ ho tomaria, z indo sobre Baharem ou mandãdo lá q̃ auia dauer muyta detença por ser fora de moução/ z perderia tempo de chegar aa India tão cedo co-

mo era necessario pera ir sobre Diu; por isso que deixasse Babarê. E outros disserão que não porque bê se podia fugigar Babarem e tomar-se Diu, e coestes foy Auno da cunha. E isto se assentou, e q fosse Simão da cunha a Babarem: a que Auno da cunha deu por regimento q por quanto era fora da moução / e os ventos lhe auião deser por dauante q andasse ás voltas ate trinta dias e quando neste tempo ho não podesse aferrar que se tornasse. E coeste regimento se partio Simão da cunha na entrada de Setembro / e ele foy em hū nauio redondo dū Jorge gomez mercador da India Portugues, que eu conheci / e forão por seus capitães dom Francisco deça no nauio em q Manuel de macedo fora de Portugal, que não chegou a Babarem por ser roim de vela / e Manuel dalbuquerque em outro, e dom fernão deça no seu galeão, e Aleixo de souza em outro, e Lopo de mezquita no camorim pequeno, e Tristão dataide em hūa fusta / e a gente q ya nestes nauios forão trezentos dos nossos todos fidalgos e caualeyros criados del Rey, gēte toda limpa e bem armada de coltraças de seda, e armas brancas. E fazendo sua viagē acharão os vētos contrarios e tenerão assaz de trabalho / e andando assi deuihes nosso senhor hū vento que os pos em Babarê / salvo a dom Francisco deça que ficou atras e Aleixo de souza que no caminho tomou algūas terradas de mouros, e despois foy ter a Babarem estando os outros surtos.

Capit. clj. Do q aconteceu a Simão da cunha em Babarem / e de como morreu e outros muytos.



Chegado Simão da cunha ao porto d' Babarem achou hí Belchior de souza taureres capitão mór do mar Romuz com obra de seys bargantis e catures q estava goardando ho porto, junto do qual estava hūa boa fortaleza cō cobelos e torres cercada de muro e caua onde Raix Bardadim estava com suas molheres / filhos e muyta gente de armas. E vendo ele surta a nossa frota / e parecendo lhe ao q ya / pos hūa bandeira branca aruozada na fortaleza: e vista por Simão da cunha mādou a terra saber o que queria por hū lingo: por quē Raix bardadim lhe mandou dizer que ele não se leuātara se não por amor da prisam de Raix xaraso seu cunhado: e pois os nossos interuinhão nisso que ele nã queria coeles nada por ser muyto grãde seruidor del Rey de Portugal, e pois ele queria aquela fortaleza lha queria dar em paz / e se iria cō suas molheres / filhos / gente e quanto estava nela / e coesta condição lha daria. Ouuido isto por Simão da cunha, quísera aceitar a fortaleza com aq̃la condição, mas foy cōtrariado dos capitães e fidalgos / dizendolhe q com medo a tomava daq̃la maneyra, e q não era bê que aq̃le mouro ficasse castigado polo q fizera / e quando a ouesse d' tomar sem peleja fosse cō lhes ficar a fazēda: e que Raix

bardadim se fosse com suas molhe-
 res / filhos e gente / porque sem fa-
 zenda ficaria bẽ castigado, e não da-
 ria mais toruação nẽ desaflego a el
 rey Dormuz. E com quanto isto pa-
 receo muyto mal a Simão da cu-
 nha por parecer assia a todos ho ou-
 ue por bẽ, mas muyto contra sua
 vontade / e isso respondeu a Raix
 bardadim: que como homẽ esforça-
 do não reprimou mais se não man-
 dou aruozar no muro duas bandei-
 ras / hũa brãca outra vermelha co-
 mo quẽ dizia aos nossos q̃ vissem se
 querião paz ou guerra. E q̃ vendo
 os capitães disserão a Simão da
 cunha q̃ quisesse guerra / e por isso
 ele mandou desembarcar a gente / e
 algũa artelbaria q̃ leuaua pa bater
 a fortaleza. E feytas suas estâncias /
 e ordenados seus capitães e gente
 q̃ auia de star nelas / começou se de-
 dar bateria á fortaleza / e em come-
 çando mandou Raix bardadim ti-
 rar a bandeira branca e ficou a ver-
 melha como quem não estimaua a
 guerra dos nossos: e bem parecia q̃
 era assia / porq̃ como os nossos fazia
 algũ buraco no muro cõ a artelba-
 ria logo era tapado e tão depressa q̃
 quasi q̃ não se enxergaua / do q̃ Si-
 mão da cunha andaua muyto agas-
 tado vendo q̃ não fazia nada, prin-
 cipalmẽte porq̃ lhe faleceo a poluo-
 ra tambẽ apercebido ya dela: e en-
 tãõ vio ele camanho erro fizera em
 não tomar a fortaleza q̃ lhe dauão
 em paz. E como não tinha outro re-
 medio de poluoza se não mãdar por
 ela a Dormuz / mandou logo lá hum
 bargatim q̃ foy epoucos dias / por
 ho vento ser a popa, mas á tornada

foy hó vagar muyto. E vendo os
 mouros a dilação que auia na bate-
 ria da fortaleza zombauão dos nos-
 sos de cima do muro como eranoy-
 te, e diziaõ beq̃ pois os nã quiserão
 veitar ir q̃ ali auião todos de ficar.
 E parece q̃ adiunhanão ou fizerão
 por onde fosse assia segundo se presu-
 mio q̃ veitarão peçonbanas agoas
 de que os nossos auião de beber, ou
 por elas ferẽ peçonhentas naquele
 tẽpo / e nele mesmo ser a terra muy-
 to doentia / e os nossos estarẽ des-
 postos pera doenças com hó muy-
 to grande trabalho q̃ tinhão come-
 çado dadoecer e tanto que não se
 podião levantar. E Raix bardadi-
 mandou dizer a Simão da cunha q̃
 pola amizade q̃ tinha cõ os nossos
 lhe aconselhaua q̃ se fosse. porque se
 ali esteuẽsse mais lhe auia dadoecer
 a gente de maneyra que quando se
 quisesse ir não auia de poder: e os
 nossos zombauão daquilo e diziaõ
 a Simão da cunha q̃ ho mouro di-
 zia aquilo com medo, e por isso Si-
 mão da cunha não tomou seu conse-
 lho que fora muyto bõ / porq̃ despois
 nã succedera a desauentura q̃ succedeo:
 e foy a doença dos nossos em tanto
 crescimento que quando a poluoza
 chegou Dormuz estauão quasi to-
 das doẽtes e algũs mortos / e por
 q̃ ele via assia doecer a gente mudou
 as estâncias pera perto do mar, por
 q̃ ho teueẽsse mais a mão se se visse a-
 pertado dos mouros que fossem so-
 brele / o que temia muyto que fosse
 se Raix bardadim soubesse como tí-
 nha a gente: o q̃ ele sabia muyto bẽ po-
 la experiecia q̃ tinha da terra / mas
 como não queria se não amizade cõ

os nossos porque se fizesse algũ dã-
no sabia que Raix xaraso ho auia
de pagar nunca quis bolir consigo
nem sair aos nossos / que se saira cõ
pouco trabalho os matara a todos.
E despois de Simão da cunha re-
colher os seus pera mais perto do
mar, fez hũa estãcia em que os pos-
todos / e tornou outra vez a bater
a fortaleza de que derribou hũ lâço
do muro por estar abalado dantes,
e quisera por ali entrar a fortaleza
se teuera quem ho acompanhara /
mas não achou sãos mais de trinta
e cinco homens, e todos os outros
tão doentes e fracos que não se po-
dião bolir: e de muyto agastado le-
uantou as mãos ao ceo, dizêdo. Se-
nhor quã pouco te custara darelme
cem homens sãos / Que cõ tãtos se
atreuera a entrar a fortaleza se os te-
uera: e vendo que os não tinha dei-
xou de ho fazer com muyto grande
magoa assi por isso como por ver
quão bem acertaua em tomar a for-
taleza que lhe dauão em paz / e quã
mal aconselhado fora em a não to-
mar e em se não ir quando tinha tẽ-
po. Eãtes que ho não teuesse de to-
do determinou de fazer embarcar
a artelbaria e os doentes porq̃ os
saluassem / o que fez cõ immenso tra-
balho assi seu como dos trinta e cin-
co que estauão sãos / que saindo lhe
muyto sanguedas mãos embarca-
rão a artelbaria, e despois os doen-
tes com q̃ ja não podião de cãfados
e por isso lhes atauão cordas nos
pés e os leuauã arasto ate ho mar.
E foy hũa muy piedosa cousa de
ver esta embarcação, assi do ma-
trato que se daua aos doentes por

se mais não poder fazer, como dos
gimidos e gritos que dauão e ma-
goas que dizião. E neste trabalho
ajudou muyto bẽ aos nossos hum
mouro Dormuz q̃ foy com Simão
da cunha que era Xequeda ilha Dã
gão e ya em hũa terrada com corê-
ta mouros tambẽ Dormuz com q̃
fez muyta ajuda aos nossos assi no
cerco passado como nesta embarca-
ção. E embarcados todos os doẽ-
tes e artelbaria / se embarcou Si-
mão da cunha morto de paixão, e
de tamanha desauentura a que ele
quisera atalhar em tomar a fortale-
za se ho deixarão / do que ele tinha
mayor magoa / e coela disse ao mes-
tre do seu nauio em se embarcando.
Mestre quando ounerdes de fazer
algũa cousa de vossa honrra não to-
meis ho conselho de ninguẽ se não
ho vosso. E coisto fez dar às velas
e se partio e assi os outros nauios:
e logo nos primeyros tres dias de
sua nauegação começarão de mor-
rer muytos dos doentes q̃ leuaua
q̃ lhe renouauão de cadavez mais
sua tristeza de que ele adoeceo, e tão
auozrecido ya da vida e de tudo q̃
se meteo na camara do nauio sem
querer ver ninguem nẽ falar / e dã-
do muyto grandes ays e sospiros
durou noue dias despois q̃ adoeceo
e morreo de tristeza, e no seu nauio
morrerão bẽ setenta doentes a fora
os dos outros nauios: e ficou ho
nauio tão deseparado de quẽ ho
mareasse que se ounera de perder se
lhe nosso senhor não socorrera com
ir ter coele Fernandaluarez çarna-
che em hũa terrada que com sua gẽ-
te ho ajudou a levar a Dormuz, õde

Simão da cunha q̄ ya morto nele foy enterrado/ e assi Francisco gomez filho do bispo do Fúchal, e todos os nauios da armada chegarã muy destruçados/ hús diante outros despois: e os mais dos q̄ forão a Baharê morrerão que muy poucos escaparão e isto foy o q̄ ganhou de ir lá: e mais coesta ida não pode Runo da cunha partir pera a Índia em Agosto pera chegar em Setembro e fazer prestes a armada pera ir a Índia naquele anno e não foy. E vêdo Runo da cunha como nã tinha mais que fazer em Ormuz/ determinou dese partir pera a Índia/ e arrecadou as pareas del rey D. Ormuz/ e soltou Manuel de macedo e pos em seu poder a Raixarafo porque ho auia de leuar pera Portugal por mandado del Rey. E tẽdo tudo prestes, partio se caminho da Índia, e forão coele dõ Fernãdo delima/ dom Francisco deça/ Francisco de mendoça/ Manuel de macedo e outro todos capitães de nauos/ e Jorge gomez no seu nauio.

Capit. ciiij. De como ho governador se partio de Goa pera Cochim.



Endo ho governador Ropo vaz desam Mayo ho inuerno e Goa, chegou hi Balciã ferreyra na entrada dele com cartas de Runo da cunha, que tomara aos mouros Bombaça õde teuera ho inuerno, e ficaua em Belinde dõde auia dir a Ormuz pa no verão seguinte passar á Índia, pedindolhe que lhe te-

uesse a armada prestes porque auia de ter necessidade dela e chegãdo/ e por esta noua mandou ho governador hũa solene procissam/ em que com todos foy dar graças a nosso senhor por a noua da armada de Portugal/ q̄ os mouros querião adiuinhar que não auia de vir/ e andauão por isso muyto ledos dizẽdo q̄ ja não auia Portugal. E dadas graças ao eterno Deos/ ho governador se pos com muyta diligẽcia a mandar concertar a armada, e a fazer de nouo algũs nauios a fora muytos que mandara fazer em diuersos tempos. s. seys galeões e a tafoea de Cochim que era nao de quinhẽtos toneis, seys galês reais cinco galeotas/ quatro carauelas/ e cincoenta bargantins/ e muytos outros q̄ mandou fazer de paraõs Malabares/ de que no tempo q̄ gouernou a Índia se achou por certeza que se tomarão a inimigos bẽ cento e cincoenta com fustas e outros nauios, e todos bẽ artilhados e de boa artilharia: e destes forão leuados muytos pera diuersas partes do senhorio que el Rey de Portugal tem na Índia, e outros se gastarão de velhos: e com tudo ficou a mais grossa e melhor armada que tinha nhũ principe Christão de çento e trinta e seys velas. s. quatorze galeões, seys galês reais, oyto galeotas, seys carauelas, e çeto e duas fustas e bargantins. E assi como acrecẽto a armada, assi tambẽ teue cuidado de reparar as fortalezas da terra do necessario: na Ormuz mandou fazer hũ baluarte de frente da porta, e mandou acabar

hūs cobelos q̄ estauão começados, z enmadeirar os terrados da fortaleza / z argamassar ho muro, z concertar a igreja q̄ estaua dāneficada, z na d̄ Chaul mādou leuātār mais hū sobrado na torre da menagē, z acabar ho cobelo do alcaide mōr / z fazer hū cais d̄ pedra, z duas casas pera almazēs d'artelbaria z de mātīmētos. Na cidade de Goa hū pedaço de chapa no muro da banda do mar z hū cobelo, z acabar a sé q̄ estaua começada z telhar de nouo ho mosteiro d̄ sam Frâncisco. Na fortaleza de Cananor mandou fazer hūa caua ao derredor do arrabalde pera q̄ ficasse d̄etro ho poço da goa / q̄ estaua fora da fortaleza q̄ era parela muy grāde perjuizo por nã ter agoa: z na mesma caua hū baluarte q̄ varejasse ho mar dūa bāda z da outra cō a artelbaria z mādou refazer ho muro da cerca da fortaleza q̄ estaua desfeyto em muytas partes z derribar o q̄ cercaua a torre da menagē por ser fraco z fazelo mais forte / z fazer hūa casa pa feytoria, z hūa sala do apousentamēto do capitão. Em Cochim mādou fazer a parede grande q̄ vay da fortaleza ao lōgo da praya ate o caluete / z acabar todos os cobelos q̄ estauā da bāda do mar: z assi outras obras miudas de q̄ a fortaleza tinha necessidade. E a fora tudo isto mādou pagar trezētos mil cruzados d̄ soldo, q̄ foy coufa em q̄ fez grande seruiço a el Rey seu senhor. E assi como foy esforçada na guerra / foy cōstāte na justiça q̄ sempre folgou muyto de fazer / posto q̄ algūs quiserā dizer ho cōtrairo por odio q̄ lhe tinhāo: po-

rē ele castigou sempre os crimes asperamēte como se vïo no mulato q̄ foy enforcado em Goa por tirar de noyte em Cochi cō hūa espingarda a Frâncisco perey: a pestana / z os oytto aleuātados da cōpanhia dos q̄ se aleuātārão cō hūa fusta z cō hum bargantim, q̄ em pessoa foy prēder hūa noyte a terra firme / z eu ho vi partir q̄ estaua em Goa a esse tēpo. Foy sēpre muyto deuoto z temeroso de nosso senhor: / z tão casto q̄ nũcalhe sentir āo molher em quāto andou na India: z foy fora de vaidades nē presunções / z cō todos era companheiro assi na paz como na guerra / z pera todos muyto bē ensinado. Foy homē grande de corpo mēbrudo z bē apelloado z de rosto alegre. E no cabo deste inuerno que teue ē Goa / em dia de sam Bertolameu de madrugada surgio na sua barra a armada q̄ aquele anno foy de Portugal de q̄tro naos em q̄ ya por capitão mōr Diogo da silueira z por seus capitães Ruy gomez da grā, Ruy mendez de mezquita / z Anriq̄ moniz que morreo no mar, pay Daires moniz z Dantonio moniz q̄ forão coele meninos: z esta armada leuou tão boa viagē que quādo chegou a Goa yāo os homēs de la q̄ erāo quinhētos tão sãos z tão gordos q̄ parecia q̄ auia quize dias q̄ partirāo de Lisboa, z nũca despois eu vi outros tais. E detendose Diogo da silueira poucos dias em Goa se partio pa Cochi: z despois dele o gouernador a fazerse prestes pera a partida d̄ Portugal / pa d̄de esperaua de partir pola vida de Anno da cunha, como direy a diante.

finis.